



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

**A VIOLÊNCIA E O MEDO EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA E SEUS REFLEXOS
NAS FORMAS DE USO E PERCEPÇÕES DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
(ELP's) PELA JUVENTUDE.**

RECIFE

2016

FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

**A VIOLÊNCIA E O MEDO EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA E SEUS REFLEXOS
NAS FORMAS DE USO E CONSUMO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS (ELP's)
PELA JUVENTUDE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal
de Pernambuco (UFPE), como requisito para
obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alcindo José de Sá

RECIFE

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

L732v Lima, Francisco Denílson Santos de.
A violência e o medo em Teixeira de Freitas-BA e seus reflexos nas formas de uso e consumo dos espaços livres públicos (ELP's) pela juventude. / Francisco Denílson Santos de Lima. – 2016.
213 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Alcindo José de Sá.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2016.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Geografia. 2. Violência. 3. Violência urbana. 4. Medo. 5. Jovens e violência. 6. Cidadania. 7. Espaços públicos. 8. Juventude. I. Sá, Alcindo José de (Orientador). II. Título.

918 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-188)

FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

**A VIOLÊNCIA E O MEDO EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA E SEUS REFLEXOS
NAS FORMAS DE USO E CONSUMO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
(ELP'S) PELA JUVENTUDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Aprovada em: 04/07/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Luciana Maria da Cruz (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias (Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico este trabalho a Deus, mestre por excelência, que me capacitou a concluir este curso e, conseqüentemente, realizar o sonho de tornar-me "doutor", por ter me dado força e coragem nos momentos de angústia, fé e esperança nos momentos de solidão e incerteza, e paciência e equilíbrio nos momentos de desespero. Obrigado senhor pela força e crença que tudo é possível!

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho reflete um processo construtivo de amadurecimento e crescimento pessoal e profissional, dedicação, abnegação e, acima de tudo, a concretização de um sonho. Foram muitos desafios enfrentados ao longo dele.

O início deste ciclo deu-se concomitantemente com as minhas primeiras atividades no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), Campus Teixeira de Freitas. Efetivar-me em um cargo público federal na área da docência, assim como fazer doutorado eram grandes sonhos projetados e, para conciliá-los, não medi esforços. A Geografia, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que era ponte de união entre mim e essas atividades, também agia de maneira desafiadora, separando as cidades do Recife e Teixeira de Freitas por mais de mil quilômetros. Porém, de todos os desafios enfrentados, o maior foi a perda do meu pai, no início de 2014. Sua ausência foi sentida na construção de cada texto, na leitura de cada livro, e, principalmente, em cada retorno que fiz à minha terra, meu amado "Piauí". Pai, a cada conquista alcançada em minha vida o senhor vibrava, sendo o meu maior torcedor. Lamento a sua ausência, pois sei o quanto te faria feliz a realização deste sonho. Pai, você foi o meu melhor trabalho acadêmico! Não há artigo, monografia, dissertação nem tese que supere os seus ensinamentos! As suas palavras e atitudes fizeram-me o homem que sou hoje. A sua gentileza, simplicidade, humildade, honestidade e otimismo serviram-me de inspiração para buscar o humanismo além da racionalidade, a compaixão além da inteligência, a solidariedade além de recursos materiais.

Deus, com sua incomensurável compaixão e infinita misericórdia, ajudou-me vencer essas batalhas e presenteou-me com dois amores na vida: Ademir Francisco e Lindalva Maria (meus cachorros). Eles me deram ânimo para virar madrugadas em claro. E quando a vontade de chorar se manifestava, com simples gestos, eles me acalmavam. E quando a vontade era rir, depois da construção de cada etapa desta pesquisa, eles também vibravam nas proximidades da rede, da cama, da mesa. Ajudaram-me a entender que a felicidade está nas coisas simples da vida. E com esse ensinamento relembra-me da importância de continuar apostando na humildade e não cair nas armadilhas que um título de "doutor" pode "trazer" à vida das pessoas, com a exacerbação de "egos" e " vaidades".

Agradeço a minha família, pelo amor e torcida incondicional. De igual modo, aos alunos, professores, técnicos e terceirizados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), Campus Teixeira de Freitas. Vocês foram a extensão da minha família na Bahia! As madrugadas em claro (estudando em casa) eram compensadas nas

energias positivas, apoio, carinho e receptividade de muitos daqueles/daquelas que, assim como eu, fizeram/fazem deste Campus, a sua segunda morada.

Aos meus professores do programa de pós-graduação da UFPE, em especial a Alcindo José de Sá, meu orientador, por ter aceitado me orientar pela segunda vez (a primeira foi no mestrado), pela liberdade e confiança que me deu. Agradeço aos meus amigos e amigas, pelo carinho e torcida de sempre. Por fim, agradeço a todos aqueles que torceram e acreditaram neste sonho comigo. Que Deus os abençoe sempre!

Que este trabalho seja muito mais que uma tese. Que além de instrumento de pesquisa, contribua para mobilização de uma nova sociedade, em que o amor, a solidariedade e o respeito se sobreponham ao egoísmo, ao desrespeito e a competitividade que assolam o mundo.

“O admirável é que o homem continue lutando apesar de tudo e que, desiludido ou triste, cansado ou doente, continue traçando caminhos, arando a terra, lutando contra os elementos e até mesmo criando obras de beleza em meio a um mundo bárbaro e hostil. Isso deveria bastar para provar-nos que o mundo tem algum misterioso sentido e para convencer-nos de que, embora mortais e perversos, homens, podemos alcançar de alguma forma a grandeza e a eternidade. E que, se é certo que Satanás é o senhor da terra, em alguma parte do céu ou em algum canto do nosso ser reside um Espírito Divino que incessantemente luta contra ele, para erguer-nos acima do barro de nossa desesperança.” (Ernest Sábato)

RESUMO

A violência é um fenômeno histórico no Brasil e atualmente constitui-se em um dos maiores desafios para o exercício da cidadania. Em um contexto internacional, o Brasil ocupa um dos primeiros lugares em taxas de homicídios, sendo o primeiro em números absolutos. Em escala nacional, o crescimento da violência tem se arrastado por cidades médias e pequenas do interior e, neste sentido, Teixeira de Freitas encontra-se na lista dos mais violentos do país, atingindo, sobretudo os jovens. Diante deste contexto de criminalidade bastante presente na no espaço teixeirense, este trabalho objetiva analisar os usos e percepções do espaço público pela juventude e sua relação com o medo e a violência na cidade de Teixeira de Freitas-BA. Para o alcance dos objetivos propostos, foram aplicados questionários e entrevistas com 416 jovens de quatro instituições de ensino. Além disso, recorremos à revisão de literatura, pesquisas de campo, com visitas e registro fotográfico dos principais Espaços Livres Públicos (ELP's) da cidade e entrevistas com cidadãos que residem no entorno das praças e com servidores públicos municipais. A pesquisa revelou que o crescimento da criminalidade repercutiu diretamente nas formas de uso e percepção dos espaços públicos pela juventude teixeirense, alimentando ainda mais a sensação de medo e insegurança. De acordo com os dados obtidos nos questionários, a internet e o celular são os principais passatempos e meios de diversão dos entrevistados, enquanto as praças ocupam o último lugar na lista tanto de passatempo, como meio de diversão e lugar utilizado à prática da construção de amizades e relacionamentos com outras pessoas. O aumento da criminalidade na cidade é acompanhado pelo descrédito da juventude em relação à eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade e à cidadania. Por fim, a pesquisa aponta a mobilização social como uma ferramenta importante na busca da cidadania e de espaços públicos democráticos propícios à promoção do encontro, da tolerância e do respeito. Acredita-se que o enfrentamento da violência deve considerar a educação como um dos seus pilares, por ser ela a principal formadora de pessoas instruídas e capazes de transformar o seu espaço e ser base de integração de forças do poder público e da sociedade civil.

Palavras-chave: Teixeira de Freitas-BA. Violência. Medo. Espaços Públicos. Juventude.

ABSTRACT

Violence is a historical phenomenon in Brazil and currently constitutes one of the biggest challenges to the exercise of citizenship. In an international context, Brazil has one of the highest homicide rates in the world, and the highest in absolute numbers. On a national scale, cases of violence have been increasing in cities and country towns. Teixeira de Freitas in Bahia, is one of the most violent cities in the country, where crime affects young people in particular. This paper seeks to analyze the uses and perceptions of public spaces for youth and the relationship of these spaces to fear and violence in the city of Teixeira de Freitas. My research methods have included interviews and questionnaires with young people from four educational institutions (416 respondents). I have also carried out a literature review and field research with visits to the principal Free Public Spaces (FPS), and relevant city and public agencies. As well as this, I have conducted interviews and questionnaires with people living in the vicinity of the squares and the staff of city and public agencies, and I have used photographic materials. The growth in crime is reflected directly to how the Teixeirense population use public places and the facilities in them. Leisure has become increasingly private. The intensive use of technology coupled with the diminishing use of public spaces have made public areas increasingly dangerous. The field survey revealed that respondents' main hobby and source of amusement were the internet and mobile phones, while the squares occupy the last place in the list of both hobby and amusement and places that can be used to build friendships and relationships with others. This low frequency use is related to the sense of insecurity and fear of young people in relation to the city and the Free Public Spaces, which is reinforced by local media and the victimization of a significant number of young people and their acquaintances. The increase in crime in the city is accompanied by youth disrepute in relation to the efficiency of public policies to combat crime and citizenship. To conclude, we believe that social mobilization is an indispensable tool in the search for effective citizenship. Democratic public spaces are conducive to the promotion of social interaction, tolerance and respect. Education is the main tool in the fight against violence. It is education that is the active agent behind well-informed and capable citizens who are able to use space effectively and be the link between the public authorities and a civil and civilized society.

Key words: Teixeira de Freitas-BA. Violence. Fear. Free Public Spaces. Youth

RESUMEN

La violencia es un fenómeno histórico en Brasil y actualmente se constituye como uno de los grandes desafíos para el ejercicio de la ciudadanía. En el contexto internacional, Brasil ocupa uno de las primeras posiciones en índices de homicidios y en números absolutos, el primer lugar. En escala nacional, el crecimiento de la violencia en las ciudades medianas y pequeñas del interior también presenta porcentajes asustadoras. En ese contexto, Teixeira de Freitas se encuentra, destacadamente, entre los violentos de Brasil, sobre todo, para los jóvenes. En un contexto internacional, o Brasil ocupa uno de los primeros lugares en índices de homicidios, siendo el primero en números absolutos. De esa manera, además de aplicación de encuestas y cuestionarios a los jóvenes de cuatro instituciones escolares, que contabilizan 416 participantes, se utiliza como metodología para la realización de este trabajo, la revisión de la literatura, pesquisa de campo, con visitas a los principales Espacios Libres Públicos de la ciudad y al poder público, y la realización de encuestas, con la aplicación de cuestionario, a personas que viven cerca de las plazas seleccionadas para la pesquisa, así como a funcionarios de instituciones públicas y registro fotográfico. Este crecimiento de la criminalidad reverbera directamente en las formas de uso y consumo de los espacios públicos por la población teixeirense. La pesquisa de campo ha revelado que la internet y el uso de móviles son los principales pasatiempos y medios de diversión de los encuestados, mientras las plazas ocupan el último lugar entre las opciones y formas de ocio y sitio utilizado para la práctica de construirse nuevas amistades. La poca frecuencia en los espacios públicos se debe al sentimiento de inseguridad y miedo de los jóvenes en relación a la ciudad y a estos locales, que, a su vez, son reforzados por los medios de comunicación y por la victimización de un número significativo de ciudadanos. El aumento de la criminalidad en la ciudad es acompañado por el descrédito de la juventud en relación a la eficiencia de las políticas públicas de combate a la criminalidad y de promoción de la ciudadanía. Se acredita, por fin, la movilización social es una herramienta indispensable a la lucha por la ciudadanía efectiva y por espacios públicos democráticos y propios para la promoción de los encuentros entre las personas, para la tolerancia y el respeto. El enfrentamiento de la violencia debe considerar la educación como uno de sus pilares, por ser ella la principal formadora de personas instruidas y capaces de transformar su espacio y ser el punto de integración entre las fuerzas del poder público y de la sociedad civil.

Palabras-clave: Teixeira de Freitas-BA. Violencia. Miedo. Espacios Libres Públicos. Juventud.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem de satélite da cidade de Teixeira de Freitas – Bahia.....	76
Figura 2 - A Praça Jardim dos Pássaros (bairro Urbis) como estacionamento privativo.....	88
Figura 3 - A Praça da Urbis como estacionamento privativo.....	89
Figura 4 - A praça como espaço para secar roupas.....	89
Figura 5 - Lixo em praça da Urbis.....	90
Foto 6 - Avenida Marechal Castelo Branco.....	91
Figura 7 - Praça da Bíblia.....	94
Figura 8 - Praça dos Leões.....	94
Figura 9 - Praça Hilton de Chicon.....	95
Figura 10 - As casas da Vila do Noel na Praça Hilton de Chicon.....	96
Figura 11 - Praça da Bíblia lotada durante partida da seleção brasileira na Copa do Mundo 2014.....	96
Figura 12 - Manifestantes no primeiro movimento “Vem pra Rua”, de Teixeira de Freitas-BA.....	150
Figura 13 - Manifestantes com bandeiras no primeiro movimento “Vem pra Rua”, de Teixeira de Freitas- BA.....	151
Figura 14 - Manifestantes no segundo movimento “ Vem pra Rua”, em Teixeira de Freitas.....	151
Figura 15 - Manifestantes no segundo movimento “Vem pra Rua”, na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas.....	152
Figura 16 - Manifestantes no segundo movimento “Vem pra Rua”, na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas.....	152
Figura 17 - Manifestantes na “Caminhada da Paz”, pelas ruas de Teixeira de Freitas-BA.....	153
Figura 18 - Manifestantes na “Caminhada da Paz”, pelas ruas de Teixeira de Freitas-BA.....	153
Figura 19 - Manifestantes na passeata “Teixeira Pede Socorro! ”.....	154
Figura 20 - Manifestantes na concentração final do movimento, na Praça de Bíblia.....	155
Figura 21 - Movimento “Flashmob”, nas ruas de Teixeira de Freitas.....	155
Figura 22 - Movimento “Flashmob”, nas ruas de Teixeira de Freitas (2)	156

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de homicídios dolosos por ano em Teixeira de Freitas (2006-2015).....	83
Gráfico 2 - Renda familiar dos alunos da Rede Pública (em salário-mínimo).....	102
Gráfico 3 - Renda familiar dos alunos da Rede Privada (em salário-mínimo).....	103
Gráfico 4 - Idade dos alunos da Rede Pública.....	104
Gráfico 5 - Idade dos alunos da Rede Privada.....	105
Gráfico 6 - Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede pública.....	107
Gráfico 7 - Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede privada.....	108
Gráfico 8 - Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede pública.....	109
Gráfico 9 - Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede Privada.....	110
Gráfico 10 - Principal meio de diversão – Rede pública.....	111
Gráfico 11 - Principal meio de diversão – Rede privada.....	112
Gráfico 12 - Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político - Rede pública.....	114
Gráfico 13 - Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político - Rede privada.....	115
Gráfico 14 - Modalidade do grupo social que participa – Rede pública.....	116
Gráfico 15 - Modalidade do grupo social que participa – Rede privada.....	117
Gráfico 16 - Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede pública.....	118
Gráfico 17 - Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede privada.....	119
Gráfico 18 - Uso de redes sociais – Rede pública.....	120
Gráfico 19 - Uso de redes sociais – Rede privada.....	121
Gráfico 20 - Redes sociais utilizadas – Rede pública.....	122

Gráfico 21 - Redes sociais utilizadas – Rede privada.....	123
Gráfico 22 - Tempo médio diário na utilização de redes sociais– Rede pública.....	124
Gráfico 23 - Tempo médio diário na utilização de redes sociais - Rede privada.....	125
Gráfico 24 - Frequência no uso das praças da cidade – Rede pública.....	127
Gráfico 25 - Frequência no uso das praças da cidade – Rede privada.....	128
Gráfico 26 - Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede pública.....	130
Gráfico 27 - Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede privada.....	131
Gráfico 28 - Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede pública.....	132
Gráfico 29 - Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede privada.....	133
Gráfico 30 - Vitimismo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede pública.....	135
Gráfico 31 - Vitimíssimo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede privada.....	136
Gráfico 32 - Tipo de violência sofrida – Rede pública.....	137
Gráfico 33 - Tipo de violência sofrida – Rede privada.....	138
Gráfico 34 - Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede pública.....	139
Gráfico 35 - Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede privada.....	140
Gráfico 36 - Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede pública.....	141
Gráfico 37 - Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede privada.....	142
Gráfico 38 - Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede pública.....	143
Gráfico 39 - Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede privada.....	144

Gráfico 40 - Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede pública.....	146
Gráfico 41 - Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede privada.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de homicídios por Unidade da Federação – Brasil, 2004-2014.....	49
Tabela 2 - Taxa de homicídios por Unidade da Federação – Brasil, 2004-2014.....	50
Tabela 3 - Número de homicídios por faixa etária de 15 a 29 anos de idade por Unidade da Federação – Brasil, 2004 a 2014.....	51
Tabela 4 - Número de homicídios por faixa etária de 15 a 29 anos de idade por Unidade da Federação – Brasil, 2004 a 2014.....	52
Tabela 5 - Número de homicídios dolosos por ano em Teixeira de Freitas (2006-2015).....	82
Tabela 6 - Distribuição de entrevistados por bairros - Rede pública.....	100
Tabela 7 - Distribuição de entrevistados por bairros - Rede privada.....	101
Tabela 8 - Renda familiar dos alunos da Rede Pública (em salário-mínimo).....	102
Tabela 9 - Renda familiar dos alunos da Rede Privada (em salário-mínimo).....	102
Tabela 10 - Idade dos alunos da Rede Pública.....	104
Tabela 11 - Idade dos alunos da Rede Privada.....	105
Tabela 12 - Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede pública.....	106
Tabela 13 - Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede privada.....	107
Tabela 14: Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede pública....	109
Tabela 15 - Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede privada...	110
Tabela 16: Principal meio de diversão – Rede pública.....	111
Tabela 17 - Principal meio de diversão – Rede privada.....	112
Tabela 18 - Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político – Rede pública.....	113
Tabela 19 - Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político- Rede privada.....	114
Tabela 20 - Modalidade do grupo social que participa – Rede pública.....	115
Tabela 21 - Modalidade do grupo social que participa – Rede privada.....	116

Tabela 22 - Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede pública.....	117
Tabela 23 - Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede privada.....	118
Tabela 24 - Uso de redes sociais – Rede pública.....	120
Tabela 25 - Uso de redes sociais – Rede privada.....	121
Tabela 26 - Redes sociais utilizadas – Rede pública.....	122
Tabela 27 - Redes sociais utilizadas – Rede privada.....	122
Tabela 28 - Tempo médio diário na utilização de redes sociais– Rede pública.....	123
Tabela 29 - Tempo médio diário na utilização de redes sociais - Rede privada.....	124
Tabela 30 - Frequência no uso das praças da cidade – Rede pública.....	126
Tabela 31 - Frequência no uso das praças da cidade – Rede privada.....	127
Tabela 32 - Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede pública.....	129
Tabela 33 - Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede privada.....	130
Tabela 34 - Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede pública.....	131
Tabela 35 - Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede privada.....	132
Tabela 36 - Vitimismo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede pública.....	134
Tabela 37 - Vitimismo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede privada.....	135
Tabela 38 - Tipo de violência sofrida – Rede pública.....	136
Tabela 39 - Tipo de violência sofrida – Rede privada.....	137
Tabela 40 - Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede pública.....	138
Tabela 41 - Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede privada.....	139
Tabela 42 - Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede pública.....	141
Tabela 43 - Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede privada.....	142

Tabela 44 - Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede pública.....	142
Tabela 45 - Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede privada.....	143
Tabela 46 - Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede pública.....	145
Tabela 47 - Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede privada.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COELBA - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

COORPIN - Coordenadoria Regional de Polícia do Interior

ECT – Empresa de Correios e Telégrafos

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBAIANO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MS – Ministério da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

SIM – Sistema de Informação Municipal

SVS – Secretaria de Vigilância em Saúde

UMADETEF - União de Mocidade de Teixeira de Freitas

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Localização do Município de Teixeira de Freitas-BA.....	79
Mapa 02 - Croqui da cidade de Teixeira de Freitas elaborado pela empresa Lado B Marketing e Eventos.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
2 MEDO, VIOLÊNCIA, ESPAÇOS PÚBLICOS E CIDADANIA NO BRASIL: CONCEITOS E QUESTÕES RELEVANTES.....	24
2.1 A Geografia e sua relação com o medo e a violência.....	24
2.2 O espaço geográfico.....	25
2.3 O espaço público.....	26
2.4 Os Espaços Livres Públicos e as praças.....	31
2.5 Violência e medo: conceitos relevantes.....	34
2.6 A violência e o medo no Brasil	45
2.7 Violência, medo e espaços públicos: a busca da cidadania no Brasil.....	53
3 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO TEIXEIRENSE.....	70
3.1 Formação histórico-espacial.....	70
3.2 Caracterização da violência e do medo em Teixeira de Freitas.....	76
4 AS DIFERENTES FORMAS DE VER E VIVER A CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS PELA JUVENTUDE.....	99
4.1 Os protestos sociais e a busca da cidadania.....	149
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS.....	164
APÊNDICES.....	171
ANEXOS.....	175

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência e o medo ultrapassam muros, atingindo todas as classes sociais e lugares. Quando nos referimos à violência nestes espaços, os números reforçam que ela “e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só do Brasil, como também nas Américas e no mundo todo”. (WAISELFISH, 2015, p. 07).

No Brasil, a violência é um fenômeno histórico, verificado claramente através da escravidão, colonização mercantilista, das desigualdades sociais, da corrupção política, das oligarquias regionais e ao Estado autoritário e burocrático, que serviu/serve aos interesses de uma minoria. Em todas as listas de países mais violentos do mundo o Brasil ocupa um dos primeiros lugares. Em um contexto de criminalidade nacional, o município de Teixeira de Freitas é apontado como um dos mais violentos, principalmente em relação à violência juvenil, fato evidenciado no “Mapa da Violência 2015”, que o classificou como o 13º município do país com a maior taxa média de homicídio (por 100 mil) de jovens de 16 e 17 anos de idade.

A urbanização acelerada em Teixeira de Freitas, sem planejamento, a serviço das madeiras e indústrias, somadas às dificuldades no acesso aos serviços, a emprego e infraestrutura contribuíram para o alargamento das desigualdades sociais, para a formação de periferias e conseqüentemente para o aumento do tráfico e consumo de drogas, um dos principais fatores que provocaram o aumento da violência na cidade. A incapacidade das políticas públicas, seja por meio do pequeno quantitativo de policiais, viaturas ou equipamentos técnicos, no combate à violência reproduz ainda mais a problemática, aumentando o medo na vida dos cidadãos e a sensação de insegurança nos espaços, sobretudo os públicos.

Diante deste contexto de criminalidade bastante presente no espaço teixeirense, este trabalho busca analisar os usos e percepções do espaço público pela juventude e sua relação com o medo e a violência na cidade de Teixeira de Freitas-BA. Por ser o público mais vulnerável às práticas das violências na cidade, a juventude foi o alvo da pesquisa e a escola o espaço principal para aplicação de questionários e entrevistas, pelo forte poder exercido por ela sobre as práticas de sociabilidade entre os jovens. 416 jovens, de 47 bairros da cidade, com faixas etárias variando entre 13 e 19 anos, participaram do estudo, sendo eles distribuídos em quatro instituições de ensino: Uma da rede pública, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), no qual participaram 211 jovens, e três da rede privada, o

Colégio Miguel Afonso, Colégio Anchieta Objetivo e Centro Educacional Integração, que juntas totalizaram 205 estudantes (70, 67 e 68, respectivamente).

Além da aplicação de questionários e entrevistas junto à juventude, utilizamos como técnicas de pesquisa para realização deste estudo a revisão de literatura, na ótica de autores que enfocam, em seus trabalhos, conceitos e temas relacionados ao espaço público, medo, violência e cidadania, pesquisas de campo; visitas e registro fotográfico nos principais Espaços Livres Públicos (ELP's) da cidade; levantamento de dados e entrevistas junto a alguns servidores de instituições públicas da cidade (como a 8ª Coordenadoria Regional da Polícia do Interior, o Conjunto Penal de Teixeira de Freitas e a Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Gestão municipal) e com pessoas que residem no entorno das praças.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos (além da introdução e das considerações finais):

Capítulo I: Este capítulo, de abordagem teórica, apresenta uma discussão sobre a relação da Geografia com a violência e o medo e discute os conceitos de espaço geográfico, espaço públicos, Espaços Livres Públicos e as praças, violência, medo e cidadania. Além disso, aborda o Brasil no contexto da criminalidade internacional e relaciona a violência e o medo às formas de uso dos espaços públicos e a cidadania no país.

Capítulo II: Faz uma abordagem histórico-espacial da cidade de Teixeira de Freitas e uma caracterização desta no contexto urbano, com ênfase na criminalidade.

Capítulo III: Apresenta os resultados da pesquisa realizada com 416 jovens da rede pública e privada de ensino e explicita a importância dos protestos sociais no combate à criminalidade e na busca da cidadania.

Por fim, acredita-se que vários fatores que contribuem para o aumento da violência na cidade e o medo dos cidadãos em frequentar Espaços Livres Públicos (ELP'S) (desestruturação familiar, desigualdade social, educação escolar insuficiente/precária, ausência de princípios morais e éticos, desemprego, papel exercido pela mídia no aumento do medo e negligência e/ou incompetência do Estado em se fazer valer os direitos básicos do cidadão, como o de ir e vir e a segurança) e que o enfrentamento da violência deve considerar a educação como um dos seus pilares, por ser ela a principal fonte formadora de pessoas instruídas e capazes de transformar

o seu espaço e a integração de forças do poder público e a sociedade civil.

2 MEDO, VIOLÊNCIA, ESPAÇOS PÚBLICOS E CIDADANIA NO BRASIL: CONCEITOS E QUESTÕES RELEVANTES

2.1 – A Geografia e sua relação com o medo e a violência

No período atual, o espaço geográfico (produzido e modificado pela ação humana), objeto de estudo da Geografia, tornou-se ainda mais complexo. Entendemos que grandes são os desafios impostos para sua compreensão, pois, além do entendimento do espaço/tempo atual demandar uma análise de diferentes processos, há sucessivas transformações temporais e espaciais em curso, nas quais “a totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo para voltar a se refazer”. (SANTOS, 1997, p.94). Além disso, para compreensão do espaço geográfico, há uma necessidade de uma análise conjunta de escalas e o estabelecimento de nexos entre as diferentes esferas e processos que o compõe, pois os elementos de transformação do espaço mundial se fazem presentes no espaço local, e “o todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes só podem ser conhecidas através do todo”. (SANTOS, 1997, p. 96).

Neste sentido, compreender os espaços públicos na atualidade tornou-se um grande desafio para muitos estudiosos, inclusive para o geógrafo. Isso porque, dentre outros fatores, podemos mencionar a complexidade do espaço urbano atual, resultado das contradições do sistema capitalista, marcado por diferentes processos espaciais, onde a criminalidade, a violência e o medo ultrapassam muros, atingindo todas as classes sociais e lugares.

Mesmo diante dos desafios impostos, entendemos que é dever do cientista social buscar o entendimento da problemática citada, pois a violência e o medo constituem-se em grandes problemas a serem enfrentados por essa sociedade capitalista globalizada, cuja barbárie se difundiu em diversos aspectos da cultura urbana, trazendo consigo riscos e perdas, inclusive nos Espaços Livres Públicos(ELP's).

Neste prisma, a Geografia ganha primazia enquanto ciência, pois, através dos estudos geográficos sobre a criminalidade e suas consequências no espaço geográfico, podemos localizar e delimitar os territórios/espaços do medo, violência e opressão e, posteriormente, traçar estratégias que direcionem à realização de políticas públicas de segurança em áreas específicas, que possam assegurar os direitos do cidadão à cidade e à cidadania. Quanto ao

geógrafo, é imprescindível o entendimento da psicofera do medo e da violência produzida no cotidiano dos cidadãos, pois (re) produzem formas e conteúdos no espaço geográfico, inclusive na paisagem urbana, seja por meio dos objetos ou das ações. Neste sentido, faz-se necessário o entendimento acerca dos fenômenos em destaque, para que, a partir deles, possamos estabelecer estratégias para a busca de novos caminhos, sobretudo, em direção à cidadania.

2.2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Para compreensão do conceito de espaço público e Espaços Livres Públicos (ELP's), acreditamos na necessidade inicial do entendimento daquilo que seja espaço geográfico, pois, em todos os âmbitos, os dois primeiros conceitos evidenciam (inclusive na terminologia da palavra) a existência de um espaço, um espaço não inerte nem vazio, mas dinâmico, resultado das/para ações humanas. Assim, cremos que a definição de espaço é imprescindível para compreendermos o sentido de espaço (livre) público. Não temos pretensões de estender ainda mais a discursão, mas sim de abrir caminhos que nos possibilite o entendimento da categoria espacial aqui selecionada como objeto de estudo do trabalho – o espaço público.

A história do ser humano sobre a Terra ao longo do tempo é marcada por um conflito contínuo deste e o seu entorno. Graves são os problemas de relacionamento entre a civilização material e a natureza. Percebemos que essa relação foi muitas vezes realizada através da construção e quebra de muros, junção, fragmentação, (re)integração e segregação. Ao longo da história o espaço geográfico sofreu profundas transformações nas suas formas, funções, estruturas e processos, resultado da complexidade das conjunturas econômicas, políticas, ambientais e socioculturais de diferentes tipos de organizações sociais. Assim, qualquer estudo geográfico demanda automaticamente uma análise e consideração do ser humano em sua dimensão espacial, pois “uma sociedade só se torna concreta através do seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade”. (SANTOS, 1977).

Ainda para Santos (1985) espaço é um fator da evolução social, não apenas uma condição e está em evolução permanente, resultante da ação de fatores internos e externos, e a depender da escala, alcança certo número de modernizações. Muito embora o conceito de espaço ainda seja objeto de discussão entre diferentes autores, de correntes de pensamento

geográfico distintas, concordamos com Santos quando ele afirma ser o espaço geográfico um produto social em constante processo de transformação, mediatizado pelo uso das técnicas e por meio do trabalho.

Nessa perspectiva, optamos pela definição do autor supracitado quando o mesmo afirma que o “espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 1997, p.51). Assim, o “espaço deve ser considerado um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. (SANTOS, 1997, p.26).

Concordamos também com o autor quando em sua obra “Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional (2006), propõe o estudo do espaço a partir da tecnosfera e psicosfera que, juntas, formam o meio técnico-científico-informacional. A tecnosfera é compreendida como resultado da crescente artificialização do meio ambiente, na qual a esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo, enquanto a psicosfera é resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticas, as relações interpessoais e a comunhão com o universo. Ou seja, a tecnosfera é o mundo dos objetos enquanto a psicosfera é a esfera da ação. Ainda para Santos (2006), o meio geográfico, que já foi “meio natural” e meio técnico é, hoje, tendencialmente “um meio técnico científico-informacional”. Nele, as técnicas, a ciência e a informação estão presentes em todos os lugares, muito embora com dimensões e densidades variadas de acordo com os continentes, países e regiões, em que o espaço se converte num dado de regulação, seja pelo processo direto da produção, as horizontalidades ou pelo processo de circulação, as verticalidades, onde a globalização e o meio técnico-científico-informacional geram a mundialização do espaço geográfico. Assim esclarecido o conceito de (espaço geográfico), buscaremos entender o que vem a ser considerado espaço público.

2.3 O espaço público

Assim como o conceito de espaço geográfico, há diferentes formas de conceituar o espaço público. Uma das grandes referências da Geografia no estudo dessa categoria espacial é Paulo César Costa Gomes, que afirma:

Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas. Essa acessibilidade é física, mas também diz respeito ao fato de que não deve estar condicionada à força de quaisquer outros critérios senão daqueles impostos pela lei que regula os comportamentos em áreas comuns. Por isso esse espaço é o *locus* da lei. Poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade. (GOMES, 2012, p. 162).

Ainda segundo o autor

Um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ela passa então a ser vista como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais. É justamente sob este ângulo que a noção de espaço público pode vir a constituir em uma categoria de análise geográfica. (GOMES, 2006, p. 172)

E continua:

Da mesma forma, Sennet nos diz que a cidade deveria ser o lugar da possibilidade do encontro sem que isso nos induzisse à compulsão da intimidade ou de uma suposta identidade profunda. Trata-se, portanto, essencialmente de uma área onde se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo. Sobre esse espaço se constitui e se desenvolve assim um certo código de conduta, código este que é estabelecido pelo relacionamento, na co-presença e na coabitação. Não se trata de tomar essa sociabilidade como um valor em si ou um percurso predeterminado, mas de reconhecer nessas práticas comportamentos socialmente significativos. Como nos diz Agulhon, se este comportamento, a sociabilidade, apresenta-se de forma variada no espaço e no tempo, ela pode e deve se transformar em um objeto de análise. No caso do espaço público a sociabilidade se transforma em civilidade, em comportamento que extrapola a simples maneira convencional que uma sociedade atribui ao homem educado de se apresentar e se conduzir, a “etiqueta”. Ela ganha uma dimensão nova nesse espaço, que é um universo de trocas e de encontros que reafirmam o estatuto de uma sociedade civil fundada em relações do tipo contratual. Civilidade, urbanidade ou polidez. Estas denominações não deixam dúvidas a propósito da origem espacial desse tipo de comportamento, a cidade, este universo de trocas cotidianas e reguladas. É por intermédio da civilidade, seu emprego ou uso que surge a possibilidade de diálogo e que se opera a transformação desse lugar de contato e de mistura em espaço público, terreno fundamental da vida social democrática. O espaço público é assim a *mise-em-scène* da vida pública, desfile variado de cenas comuns onde nos exercitamos na arte da convivência. O lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e este por sua vez reafirmam o estatuto público desse espaço, e dessa dinâmica surge uma forma-conteúdo, núcleo de uma sociabilidade normatizada, o espaço público. (GOMES, 2012, p. 163-164).

O espaço público é também, na visão do autor:

Um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas sobretudo é o terreno onde esses problemas são assinalados e significados. Por um lado, ele é uma arena onde há debates e diálogo; por outro, é um lugar das inscrições e do reconhecimento do interesse público sobre determinadas dinâmicas e transformações da vida social. Todas as cidades dispõem de lugares públicos excepcionais que correspondem à imagem da cidade e sua sociabilidade. Por meio desses lugares de encontro e comunicação, produz-se uma espécie de resumo físico da diversidade socioespacial

daquela população. Sobre esse espaço se desenrola a cena pública, que é composta de uma multiplicidade de manifestações que variam bastante, segundo a localização espacial e o período de tempo no qual ocorrem. De fato essa cena é uma espécie de discurso que se constrói por meio de certos gestos, pela maneira de se apresentar (em grupo, sozinho, com a família etc), pelas atividades desenvolvidas; pelas imagens criadas e lidas a partir de certos elementos, como roupas e acessórios; e pelos comportamentos, a maneira de falar e se conduzir em face da diversidade de circunstâncias oferecidas nesse espaço. Os itinerários, os percursos, as paradas são igualmente significativas, demonstrando uma escolha, uma forma de particularizar e valorizar diferencialmente esse espaço. Em suma, essas manifestações são formas de ser nesse espaço. (GOMES, 2012, p. 164-165).

Com pensamento parecido, Casella (2006, p.1) afirma que “os espaços públicos compreendem todas as áreas de uso comum da coletividade, muitas vezes sob os cuidados do poder público, não eximindo a responsabilidade que a sociedade, como um todo, deve ter para com eles”.

Já para Serpa:

O espaço público é compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade. Ele também é analisado sob a perspectiva crítica de sua incorporação como mercadoria para o consumo de poucos, dentro da lógica de produção e reprodução do sistema capitalista na escala mundial. Ou seja, ainda que seja público, poucos se beneficiam desse espaço teoricamente comum a todos. É visto ainda como espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, de intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos. (SERPA, 2013, p. 9)

Uma autora que também se dedicou nos estudos sobre o conceito de espaços públicos foi Albuquerque (2006). Para ela “a definição de espaço público, no urbanismo, é dada aos espaços de uso comum, apropriados livremente pelo conjunto das pessoas que vivem numa cidade”. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 39).

Nesta perspectiva, a autora acrescenta:

GOMES (2002), identifica que Camillo Sitte, importante urbanista, foi um grande admirador do modelo urbano das cidades medievais e, que inspirado nele concebia o espaço público das cidades medievais como um lugar de festas, mercado e manifestações culturais, louvando a irregularidade do desenho das ruas e recomendando uma composição do espaço quase teatral. Para algumas correntes do pensamento urbanista, o espaço público aparece como a estrutura fundamental sobre a qual se apoia a grande duração que assegura a permanência da cidade. P. PANERAÍ (1994) afirma que além de sua justificativa funcional como espaço de circulação (não apenas de veículos), o espaço público se define primeiramente como espaço do público. Aberto e acessível a todos, a todo momento, ele pertence à coletividade, ele é, para retomar a expressão latina, coisa pública (*res publica*). Seus traçados se confundem com o plano da cidade. O espaço público, com efeito, se define pelo seu estatuto de domínio público, diferente daquele das propriedades disponíveis para a edificação. Nesse sentido o espaço público não se confunde com os edifícios abertos ao público, como lojas, casas de espetáculos etc. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 39-40)

E continua:

Segundo CAMPOS (1995), entende-se por espaço público todo tipo de espaço intermediário entre edifícios em áreas urbanas, onde o acesso é em geral permitido ao público, podendo estar agrupados como abertos ou fechados. Já para NOGUEIRA (2003), a característica essencial dos espaços públicos é que configuram uma rede contínua que se estende em toda área urbana. Ele ainda afirma que esta rede de espaços públicos assume diferentes papéis: a) Estabelece relações espaciais de conectividade entre a área urbana e o entorno territorial; b) É o suporte funcional básico para a mobilidade urbana interna; c) Constitui a referência do parcelamento do solo para a edificação e os usos primários, enquanto que serve de acesso e fachada independente de cada parcela; d) Torna possível a expressão e a percepção interna da forma da cidade; e) Provêm de espaços de representação e identificação social, assim como para o ócio do cidadão; f) Facilita a obtenção das redes de serviços urbanos (água, eletricidade, gás, telefone etc.). (ALBUQUERQUE, 2006, p. 40-41).

Colaborando com a discussão, Bauman afirma que:

Um espaço é público à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum *passé* é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos para os empregados da manutenção. Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e, por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos. (BAUMAN, 2009, p.70).

Outra autora que se dedicou ao estudo de espaços públicos foi Erika Audet de Almeida. Em sua dissertação de mestrado intitulada “A articulação dos espaços públicos no Recife do século XIX”, ela destaca que:

A atual fragmentação e o conseqüente desequilíbrio da estrutura urbana, onde se incluem os espaços públicos, reflete um planejamento urbano que privilegia muito mais o sistema viário, estando este dissociado de um sistema de espaços públicos capaz de fortalecer a circulação de pedestres e a conexão entre os demais elementos urbanos. [...]Por outro lado, os espaços públicos não atendem mais à vida pública como antes, frente à proliferação de shopping-centers e o crescimento da marginalidade, que entre outros fatores, contribuíram para que os espaços públicos se tornassem locais vulneráveis e de difícil apropriação por parte da população local (ALMEIDA, 2001, p. 13-14)

Portanto,

O atual conceito espaço público, caracteriza-se por serem espaços predominantemente livres de edificação, podendo ou não conter vegetação, seja em maior ou menor proporção, sendo de acesso aberto ao público sem restrições, possuindo características físicas e funcionais variadas e exercendo funções de recreação e amenização [...]. O espaço público é definido como espaço urbano de todos os cidadãos, de uso e domínio comum do povo, sendo utilizado para designar todos os espaços predominantemente livres de edificação, de uso público. (ALMEIDA, 2001, p.35).

Sobre o uso inadequado dos espaços públicos, aliado aos problemas sociais vivenciados nas cidades, sobretudo nas grandes, Almeida afirma que juntos:

Revelam a divergência entre as necessidades e as ofertas em termos de espaços públicos. Portanto, para que os espaços públicos retomem seu caráter significativo e permitam desenvolver ligações entre si e com as pessoas, precisam estar visíveis e comunicar que estão abertos ao uso, indicando suas possibilidades. Isto ocorre quando os espaços públicos estão bem localizados física e socialmente, atendendo às atividades desejadas pelos usuários e oferecendo sentimento de conforto e segurança, conectando-se a outros lugares e pessoas, isto é, quando estão articulados e fazendo parte da estrutura da cidade. (CARR *et all apud* ALMEIDA, 2001, p. 37)

E continua:

A supressão do espaço público no seu sentido mais amplo, o restringe a funções eventuais ligadas à circulação. E no momento e, que o espaço público se torna apenas um espaço de passagem e não de permanência, traduz-se em relações semelhantes àquelas travadas entre o espaço urbano e o automóvel, limitando-se a uma simples derivação do movimento. E, enquanto o desenho das cidades privilegia hoje o sistema de transportes, o espaço público perde seu sentido próprio e independente (SENNET, 1998, p. 28). No entanto, a acessibilidade dos espaços públicos implica ainda numa estreita relação do sistema de espaços públicos com o sistema de circulação da cidade, além de suas qualidades e variedades plásticas, devendo assim ser pensados através de sistemas que se relacionam em movimento para que integrem à cidade (Lynch, 1996, p. 400) (ALMEIDA, 2001, p. 37)

Referência fundamental no campo dos estudos urbanos, Jane Jacobs, em sua obra “Morte e Vida de Grandes Cidades” também discute o espaço público, com ênfase no uso das calçadas. Relacionando o uso das ruas à violência e ao medo nas cidades a autora indaga e esclarece:

Ao pensar numa cidade, o que vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecem monótonas, a cidade parecerá monótona. Mais do que isso, e retornando ao primeiro problema, se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas. (JACOBS, 2011, p.29)

Em seu pensar:

O principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos. Não devem se sentir ameaçadas por eles de antemão. O distrito que falha nesse aspecto também fracassa em outros e passa a criar para si mesmo, e para a cidade como um todo, um monte de problemas. A barbárie hoje tomou conta de várias ruas, ou as pessoas sentem dessa maneira, o que dá no mesmo. “eu moro num bairro residencial maravilhoso, tranquilo”, me diz um amigo que está procurando outro local para morar. “o único barulho desagradável durante a noite, de vez em quando, são os gritos de alguém sendo assaltado.” Não é preciso haver muitos casos de violência numa rua ou num distrito para que as pessoas temam as ruas, as pessoas as usam menos, o que torna as ruas ainda mais inseguras. Para se sentirem seguras, algumas pessoas criam fantasmas na cabeça e nunca se sentirão seguras independente das circunstâncias reais. Mas essa é uma questão diferente do medo que persegue as pessoas normalmente prudentes, tolerantes e alegres, que demonstram nada mais do que o bom-senso de evitar, depois de escurecer

– ou, certos lugares, de dia-, ruas onde possam ser assaltadas, sem que ninguém as veja ou socorra. (JACOBS, 2011, p. 30-31).

No contexto brasileiro, de um lado, o público, seja ele serviço ou espaço físico, é visto com apatia, sobretudo pelos que podem consumir, diante da fragilidade da incapacidade do Estado de se fazer valer as suas normas e leis. Direitos básicos do cidadão, como o da liberdade, individualidade, são descaradamente desrespeitados. Se por um lado poderosas redes de comunicação ligam pontos distantes do planeta às diferentes escalas espaciais do país, por outro, grupos sociais são marginalizados e seus deslocamentos, muitas vezes, se limitam aos cômodos da casa.

2.4 Os Espaços Livres Públicos e as praças

Carneiro e Mesquita (2000) se dedicaram também a estudos voltados para compreensão dos espaços livres públicos, sobretudo tratando-se daqueles da cidade do Recife. Segundo as autoras, a ideia de livre está apoiada na condição de oferecer livre acesso às pessoas, permitindo-lhes agirem livremente, no sentido de obterem o seu bem estar. Os espaços livres podem ser públicos (nacional, estadual e municipal) ou de domínio privado (pessoa física ou jurídica). Assim, enquanto os espaços livres públicos são abertos à população em geral, sobre condições pré-estabelecidas pelo poder público (parques, praças, etc), os espaços livres privados se limitam, muitas vezes, ao uso familiar ou a uma coletividade específica (por exemplo, quintais residenciais, condomínios residenciais, clubes sociais, pátios de escola, de hospitais, etc).

As autoras definem praças, diferenciando-as de pátios e largos:

Praças são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública, com área equivalente à da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos. Pátios são espaços livres públicos definidos a partir de uma igreja ou outro elemento arquitetônico expressivo, além do casario antigo aos quais dá acesso, quase sempre pavimentados e exercendo a função de respiradouros, de propiciadores do encontro social e eventualmente destinados a atividades lúdicas temporárias. Largos são espaços livres públicos definidos a partir de um equipamento geralmente comercial, com o fim de valorizar ou complementar alguma edificação como mercado público. Podendo também ser destinados a atividades lúdicas temporárias (CARNEIRO; MESQUITA, 2000, p.29).

Carneiro e Mesquita também trabalham o conceito de parques que são entendidos como:

espaços livres públicos com função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior à da quadra típica urbana, em geral apresentando componentes da paisagem natural – vegetação, topografia, elemento aquático – como também edificações destinadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas. (CARNEIRO & MESQUITA, 2000, p. 28).

Já nos estudos sobre a revitalização de praças na cidade de João Pessoa-PB, Mónica Franch & Teresa Queiroz(2010) afirmam que as praças podem ser consideradas:

como espaços públicos urbanos destinados à convivência e ao lazer dos cidadãos, acessíveis a todos e livre de veículos. Embora elas tenham sofrido modificações ao longo do tempo, seu caráter social permaneceu como sua principal qualidade intrínseca (Robba e Macedo, 2003). Elas podem ser vistas como espaços públicos privilegiados nos quais se encenam as relações sociais e se exercita a sociabilidade humana. Os espaços públicos são espaços de convívio, de encontro com o outro, com a alteridade, onde se confrontam as diferenças, se explicitam os conflitos e se praticam também a urbanidade e a política. Nesse sentido, o espaço urbano apenas se torna público quando é investido de significação pelos seus moradores (Proença, 2002). São a apropriação e o uso continuado por parte da população que transformam os equipamentos urbanos em espaços vivos e cheios de sentidos. (FRANCH & QUEIRÓZ, 2010, p. 21).

Para as autoras, no contexto atual, as praças assumem feições diversificadas, podendo designar desde pequenas áreas destinadas ao esporte em bairros habitacionais, até os complexos que articulam grandes artérias em áreas centrais da cidade. A praças são alvos das políticas urbanas que buscam, controlar os índices de violência urbana, mediante sua modernização e requalificações, “respondendo simultaneamente a determinadas dinâmicas da população que demanda espaços de lazer, equipamentos de esportes, embelezamento dos bairros e outras”. (FRANCH & QUEIRÓZ, 2010, p. 31). E:

Em função do espaço em que estão situadas, as praças podem assumir funções diferenciadas (Robba e Macedo, 2003): nas áreas centrais elas devem amenizar as condições climáticas, melhorando a qualidade do ar e o conforto térmico, e servindo também para organizar o fluxo de pedestres; em áreas habitacionais elas são utilizadas como espaço de sociabilidade e servem também para a prática de esportes e lazer contemplativo: incluem ainda a recreação infantil e o consumo cultural. (FRANCH & QUEIRÓZ, 2010, p. 32).

Assim,

A intensificação dos processos de urbanização vem sendo acompanhada no Brasil por uma ampliação de problemas sociais, que se configuram na ocupação do espaço urbano pela informalidade, pela ampliação dos índices de violência urbana e pelo aumento das favelas. São questões a que os gestores das cidades procuram responder através de um leque de políticas que atentam para os diferentes problemas. (FRANCH & QUEIRÓZ, 2010, p. 32).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Lamas (1990), afirma que a praça é entendida como um “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”. (LAMAS, 1990, p. 102). Já para Robba e Macedo (2002, p. 17) as praças são compreendidas como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Para Nogueira (2003 *apud* Albuquerque 2006), o espaço de uma cidade está dividido em duas categorias de solos que estão articuladas entre si: a rede de espaços livres e os espaços parcelados. No segundo grupo se situam as habitações, as atividades econômicas, o comércio e os equipamentos enquanto Nas redes dos espaços livres se desenvolvem três sistemas funcionais básicos: O de espaços cívicos, o de espaços verdes e os de espaços para a mobilidade.

Desse modo,

A cada um desses sistemas corresponde algum tipo de espaço específico, mas o mais frequente é que os espaços livres públicos participem de alguma forma dos três sistemas funcionais citados. Com isso se faz necessário definir esses três tipos de sistemas funcionais. Entende-se por espaço cívico aqueles que fundamentalmente possuem lugar de encontro e relações entre os cidadãos, ainda que sejam ocasionais ou motivados, pertençam à esfera das relações interpessoais ou se dê como marco de convocatórias coletivas. É o espaço onde o pedestre tem a utilização prioritária ou exclusiva. Os espaços verdes têm como função principal dotar a área urbana de uma certa proporção de vegetação com objetivos de melhoras do microclima urbano, neutralização da contaminação atmosférica e criação de paisagem que incorpore alguns componentes da natureza, entre outros. Os espaços principais do sistema de mobilidade são os especificamente destinados ao tráfego de rodas, por onde circulam os veículos privados e públicos. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 50 -51).

Sobre o conceito de espaços livre públicos o autor supracitado afirma que eles:

[...] podem ser encontrados no espaço urbano apresentando diferentes funções e formas, mas estes têm em comum características que os definem. Estes espaços primeiramente devem ser acessíveis a toda a população, não havendo barreira impedindo a circulação, é também um espaço de materialização das relações sociais através das práticas espaciais. Estes espaços encontram-se distribuídos ao longo da cidade e muitas vezes estão relacionados com o bem-estar social, com o verde e com o lazer. São nos espaços livres públicos que a vida social se manifesta. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 54).

Compreendemos por espaços livres públicos, aqueles que podem ser caracterizados como espaços acessíveis, espaços onde é possível a materialização das relações sociais, o encontro entre as diferenças e o desenvolvimento de diferentes práticas, que os tornam dinâmicos, espaços onde a vida social se materializa. Os espaços livres públicos, em especial as praças e os parques, são, a nosso ver, aqueles que desempenham funções diversas para a sociedade, a depender das intencionalidades da sociedade civil e do poder público, por meio

das especificidades do local e do tempo, seja como base para realização de eventos festivos, atividades esportivas, apresentações culturais, passagem rápida dos transeuntes, namoros, comunicação social, contemplação, descanso ou meio para adquirir renda.

Os espaços livres públicos, com destaque para as praças e os parques, devem receber atenção frequente do poder público e zelo pela população. Na medida em que os poderes públicos os abandonam e a população não os zelam, tais espaços podem se tornar cada vez menos atrativos e tais fatores condicionam a disseminação da violência e do medo. Dos vários espaços livres públicos, selecionamos a praça como objeto central de análise espacial da nossa pesquisa, não negligenciando, contudo, a influência de outros espaços na sua dinâmica, mas sim considerando as diversas relações entre os espaços de uma cidade, pois só através das relações estabelecidas entre os diferentes espaços podemos compreendê-la em sua complexidade.

No contexto atual, a indústria de lazer tornou-se cada vez mais atraente e diversificada, ao passo em que o Estado abandona sua função enquanto promotor de lazer, abandonando parques, praças e ruas. Em um paradoxo semelhante, enquanto os consumidores ativos da sociedade capitalista globalizada se dispersam por diferentes redes de supermercados, lojas, *shoppings centers*, *pubs*, restaurantes, etc. na busca pelo ideal de felicidade propagado pela mídia, “consumir”, para as camadas mais pobres da sociedade individualizada restaram o isolamento, a incapacidade de se locomover e/ou o trancamento involuntário em suas residências. Soma-se a isso, o fato de que a opção dos espaços públicos serem vistos como desinteressantes pelas classes sociais média e alta, à medida em que a violência se prolifera. A falta de cidadania no Brasil, sobretudo nos espaços públicos, não se limita a ausência de políticas de segurança pública que dificultam ou impedem o direito à liberdade, mas é reforçado com o abandono do poder público na esfera social.

2.5 Violência e medo: conceitos relevantes

“Somos assim. Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.” (Rubem Alves)

Neste início de século, a presença de líderes da política, de empresários e da sociedade civil em fóruns que discutem alternativas socioeconômicas e ambientais para as cidades no

mundo tornou-se obrigatória. O planejamento urbano passou a ser objeto constante de interrogações e debates, diante das incertezas da contemporaneidade, sobretudo com o aumento da violência e do medo, em diferentes escalas espaciais. E são muitos os desafios enfrentados por quem se propõe estudar tais fenômenos nos espaços urbanos em sua essência, pois:

Partindo do entendimento em que as cidades, enquanto *locus* de reprodução do modo de vida moderno, tendem a revelar práticas socioespaciais em constante transformação, pode-se acrescentar que o quadro de crise enredado pela violência urbana prenuncia uma conjuntura mista que implica percebermos os detalhes que compõem os níveis de articulações desenvolvidas no espaço entre seus agentes produtores, a fim de identificar, com maior precisão, os pontos nodais (estruturais e simbólicos, geográficos e políticos) de uma crise que, embora atinja em larga medida a sociedade, as informações coletadas seriam insuficientes para alguma conclusão. Assim, evidenciando a urgência de investigações abrangentes capazes de esclarecer ou, ao menos, democratizar aspectos peculiares, não desvendados, particularmente entre a dinâmica intraurbana e os fluxos da violência no espaço, pois os mesmos revelariam, “ as estratégias políticas econômicas catastróficas, porque elas não paralisam o desastre, não evitam a morte; ao contrário, supõe a ambos, desencadeia-os. (OLIVEIRA, 2013, p. 2013).

O contexto urbano atual é complexo, marcado por relações sociais fragmentadas e pela materialização do medo e da violência nas diferentes paisagens. Em escala nacional, residências se fortificam, cidadãos se isolam e os valores comunitários se corroem, constituindo assim um panorama assustadoramente preocupante e hostil. Em outras palavras, estamos submersos em uma “profunda crise de racionalidade que atravessa a sociedade contemporânea de alto a baixo e que coloca sob suspeição todas as apostas nas virtudes do progresso técnico, da modernização e do bem-estar proporcionado pela sociedade industrial”. (ADORNO, 1998, p.42), Assim, compreender o quadro social e urbano complexo e preocupante em que estamos submersos exige um esforço conjunto, portanto um entendimento de cunho interdisciplinar, na qual a geografia desempenha um papel de grande importância.

Neste panorama social de violência e medo, os meios de comunicação diariamente revelam notícias estarrecedoras, ao divulgar matérias que expressam a crescente intolerância entre os indivíduos e os distúrbios de ordem social ou psicossocial reveladores de demência e responsáveis pela banalização da barbárie:

Moral, ética, contato social, acordos, regulações, normas, limites, fronteiras, são códigos sintagmáticos visíveis e invisíveis que estruturam um território em maior ou menor grau dentro de parâmetros civis, civilizados. Para Ortega & Gasset (2002), quando nos deparamos com um espaço no qual não há regras, normas, leis respeitadas, ou seja, um Estado de Direito, vislumbramos a selvageria e primitivismo, já que, segundo ele, toda selva é primitiva e todo primitivo é selvagem. Neste sentido, não podemos ter meias palavras para definir o nosso quadro político/institucional reinante no Brasil: ele é primitivo e selvagem, fato que deságua na barbárie de suas ‘massas’. (SÁ, 2007, p. 13-14)

O padrão funcional contemporâneo, cuja violência é um de seus marcos, se materializa no espaço por diversos enclaves territoriais, ordinariamente expressos nas diferentes paisagens urbanas, seja por meio de grades, câmeras de vigilância, cadeados, portões de ferro, guardas particulares, cercas elétricas, etc, atrelando assim a própria condição da vida humana, tirando dela um dos direitos fundamentais ao exercício da cidadania: O direito à liberdade. Assim:

O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido, numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros (CALDEIRA, 2003, p.27).

O que significa violência e medo? Como supera-los? Buscar respostas precisas para perguntas tão complexas seria uma grande pretensão. Entretanto, tentaremos buscar respostas que se aproximem da realidade. Uma dessas tentativas vem do historiador francês Robert Muchembled, que tem se dedicado ao longo dos anos a estudos voltados para a violência no curso da história.

Segundo o autor supracitado, tendo surgido no início do século XIII em francês, a palavra “violência”, que deriva do latim *vis*, designando a “força” ou o “vigor”, caracteriza um ser humano com um caráter colérico e brutal. Ele define, também, uma relação de força visando a submeter ou a constranger outrem. Assim,

Em termos legais, a violência designa os crimes contra as pessoas, dos quais fazem parte o homicídio, os golpes e ferimentos, os estupros etc. A classificação desses fenômenos não é idêntica, segundo os países e as épocas, o que complica a tarefa dos historiadores.[...][...] Em nossa época, os principais autores de violências mortais são sempre homens jovens, que se revelam pouco diplomados e, principalmente, originários de meios populares ou pobres. Isso revela não somente uma clivagem econômica e social, mas também uma grande diferença cultural, porque os comportamentos violentos foram mais rápida e facilmente erradicados pela educação, a moral e a pressão ambiente entre os herdeiros das camadas superiores. Essas observações autorizam a pensar que a violência não é um fenômeno puramente inato. Ela se distingue da agressividade, que é uma potencialidade de violência cujo poder destrutivo pode ser inibido pelas civilizações – se assim decidirem, e quando encontram uma adesão suficiente dos interessados para impor suas visões. No início do século XXI, por exemplo, os jovens de condição humilde têm muito menos a perder que os filhos de família cuja reputação e o plano de carreira podem ser arruinados se eles forem processados na justiça por terem ferido ou matado alguém. Para os primeiros, ao contrário, um sentimento de injustiça ou de vivas frustrações enfraquece as obrigações morais e éticas relativas à proibição de derramar o sangue humano, que as instâncias de socialização inculcam em todos. Nossa civilização resolveu essa contradição maior praticando um uso semântico muito vago do conceito de violência. Ao mesmo tempo, ela o marcava globalmente com o selo proibido. (MUCHEMBLED, 2012, p. 9-10).

Para o autor:

Os especialistas distinguem, com efeito, duas acepções antagonistas do termo. A primeira definição identifica a violência no centro da vida: todos os seres vivos são movidos por comportamentos predatórios e de defesa quando são ameaçados. Mas o homem não é um animal ordinário, e ele não teria a vontade consciente de destruir seu semelhante. Essa visão humanista, herdada, ao mesmo tempo, do cristianismo e das Luzes Filosóficas, não é compartilhada por todos os pesquisadores. Psicanalistas, psicólogos, etólogos, identificam no homem uma agressividade específica. Freud desenvolve a ideia opondo a pulsão de morte (Thanatos) à de vida (Eros). Ele fundamenta sua reflexão no complexo de Édipo ligado ao “assassinato” fantasmático do pai. Erich Fromm classifica as formas de violência em dois grupos, as ligadas ao normal, outras ao patológico. Entre as primeiras, figuram as que exprimem no jogo ou visam a garantir a conservação da existência, por medo, frustração, inveja ou ciúme, mas também, com uma dose de patologia, por desejo de vingança ou perda da esperança. Orientado por pulsões de morte, o segundo conjunto inclui a violência compensatória “nos indivíduos acometidos de impotência”, o sadismo, a sede de sangue “arcaica” produtora da embriaguez do assassinato. O autor afirma, sem rodeios, que o homem é o único primata capaz de matar e torturar membros de sua espécie, sem nenhuma razão, por puro prazer. Nossos semelhantes podem “gozar sendo violentos e massacrando-se”, acrescenta Daniel Sibony. O neurologista, psiquiatra e etólogo Boris Cyrulnik sustenta a teoria de uma violência específica no homem, porque este, diferentemente do animal, pode criar mundos imaginários, o que leva, às vezes, a cometer genocídios quando ele identifica “raças inferiores” para destruir. Mais sulfurosas quando são aplicadas aos humanos, algumas teorias etológicas derivadas da observação dos comportamentos animais, a exemplo do que fez Konrad Lorenz, reatam os mecanismos da agressão à defesa do “território” individual ou do território do grupo. Elas provocaram vibrantes rejeições por parte dos pesquisadores que julgam que o instinto agressivo não é o princípio organizador das sociedades humanas: ele teria, no caso, levado a um impasse biológico e à destruição da espécie. Ao contrário, as características essenciais da espécie seriam a cooperação e a solidariedade. As duas posições dependem de filosofias inconciliáveis. Elas opõem os herdeiros de Thomas Hobbes, segundo o qual “o homem é um lobo para o homem”, e deve, então, abandonar-se a um Estado absoluto, único capaz de protegê-lo, aos que sustentam a bondade natural do homem, representados por Rousseau e pelos filósofos das Luzes. Entre esses extremos se encontram os herdeiros de uma teologia pessimista da natureza humana, profundamente marcada pela agressividade, e que não veem salvação senão na fé: “o religioso visa sempre a apaziguar a violência, a impedi-lo de se irritar”; ele “diz realmente aos homens o que *se deve fazer e não fazer* para evitar o retorno da violência destruidora” e leva uma comunidade em crise a escolher uma “vítima expiatória”, cujo sacrifício permite restabelecer a ordem perturbada. Tal discussão não é nem da alçada nem das competências do historiador. Quando muito, ele pode observar que os séculos passados nos legaram uma dupla concepção da violência: legítima, quando é estabelecida por instituições, como os Estados decidindo sobre a guerra ou as igrejas decretando perseguições contra os “heréticos”; ilegítima, se ela se exerce individualmente de encontro às leis e à moral. Essa ambiguidade fundamental traduz o fato de que a violência humana depende, ao mesmo tempo, do biológico e do cultural. (MUCHEMBLED, 2012, p. 10 e 11)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência pode ser definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha

grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de movimento ou privação. (PINHEIRO & ALMEIDA, 2003, p.16)

Em uma linha de pensamento semelhante, Morais (1981, p. 25 *apud* Souza 2012, p. 25) define violência como aquela que “está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica.” Concordamos com Sennet quando afirma que o “sofrimento físico possui uma trajetória na experiência humana”. (SENNET, 2003, p. 305), e que a história do homem na Terra é marcada por diversos conflitos e guerras em nome do poder, como o emprego de métodos dolorosos nos ginásios espartanos, cuja banalidade era evidenciada, espetáculos sangrentos na civilização romana, atos criminosos passionais, estupros, roubos, assassinatos e outras agressões nas ruas de Paris na Idade Média, execução de judeus, negros, escravos e milhões de pessoas inocentes ao longo de várias guerras, etc. Grandes e complexos são os conflitos enfrentados e gerados na sociedade ao longo da História, embora muitos deles adquiriram peculiaridades no período atual

Uma das autoras que mais se dedicou ao estudo da violência humana, nas últimas décadas do século passado, sobretudo por meio de reflexões provocadas pelos acontecimentos e debates no calor da “Guerra Fria”, foi Hannah Arendt. Em uma de suas obras, “Da violência”, ela destacou o importante papel que a violência desempenhou nas atividades humanas, ao mesmo tempo em que ela raramente tenha sido objeto de consideração. Acrescentou também que quanto mais dúbio e incerto tornava-se o instrumento da violência nas relações internacionais mais ganhava em fama e atração na política interna, especificamente em se falando de revolução.

Para ela, o progresso tecnológico estarianos levando, em muitos casos, ao desastre; que as ciências, ensinadas e aprendidas por aquela geração pareciam incapazes de desfazer as desastrosas consequências de sua própria tecnologia e alcançaram um estágio em seu desenvolvimento onde não havia nada que se poderia fazer que não possa se transformar em guerra aquela geração, treinada como as suas predecessoras apenas em noções superficiais dos vários tipos de teorias sociais e políticas, ensinou-nos uma lição sobre a manipulação ou, melhor dizendo, os seus limites, que seria melhor não esquecermos. Os homens, para ela, podem ser “manipulados” através da coerção física, tortura, ou inanição, e suas opiniões podem ser formadas arbitrariamente por meio de informações falsas transmitidas. O progresso, ainda para ela, constituía-se na mercadoria mais séria e mais complexa em oferta na feira de superstições de nossa época e se encararmos a história em termos de um processo cronológico contínuo,

cujo progresso, ademais é inevitável, a violência’ na forma de guerras e revoluções constituía-se na única interrupção possível.

De encontro ao cenário dessas experiências, a autora propôs levantar a questão da violência nos domínios da política. O poder, segundo Arendt, é um instrumento de dominação, enquanto esta deve a sua existência ao “instinto de dominação.” O poder é parte essencial de todo governo, mas ele não se dá com a violência. Já a violência tende a se manifestar quando o poder está em perigo. Segundo seu pensamento, a violência é, por sua própria natureza, instrumental e, como todos os meios, está sempre à procura de orientação e justificativas pelo fim que busca. E aquilo que precisa de justificativas não é poder, pois ele não precisa de explicações, mas sim, de legitimidade: “O poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos. Onde quer que se combinem, o poder é, conforme verificamos, o fator fundamental e predominante”.(ARENDT, 1970, p.33).

Neste prisma:

politicamente falando, é insuficiente dizer não serem o poder e a violência a mesma coisa. O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder. Tal coisa ‘significa que não é correto pensar na não-violência como o oposto da violência; falar do poder não-violento é realmente uma redundância. A violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo. (ARENDT, 1970,p.35)

Em outra obra, “A Condição Humana”, a autora busca recuperar o sentido do espaço público como ação coletiva, plural, coexistindo política, ação e liberdade, pois para ela “ a política baseia-se na pluralidade dos homens e trata da convivência entre as diferenças, assim a política surge entre os homens e no intra-espaço estabelecido entre eles como relação” (ARENDT, 2002, p.21), já que “a esfera pública, enquanto mundo comum, reúne –nos na companhia uns dos outros”. (ARENT, 2002, p. 62) e ela e a política andam de mãos dadas. Sua interpretação sobre o fenômeno da violência se desenvolve, sobretudo no campo da política, ponderando que:

O único fator material indispensável para geração do poder é a convivência entre os homens. Estes só retêm poder quando vivem tão próximos uns dos outros que as potencialidades da ação estão sempre presentes; e, portanto, a fundação de cidades que, como cidades-estados, converteram-se em paradigmas para toda a organização política ocidental, foi na verdade a condição prévia material mais importante do poder” (ARENDT, 1987, p. 213)

Mesmo que o pensamento Arendtiano não contemple as categorias de análise espaciais, sua abordagem sobre violência atinge amplo desdobramento quanto aos aspectos do espaço

urbano em sua constituição, além de aprofundar o debate sobre temas extremamente importantes para a vida pública e a dignidade humana, como democracia, cidadania e direitos humanos.

Ainda sobre violência, um dos grandes autores brasileiros que se dedicou aos estudos da violência no território brasileiro foi Milton Santos, embora destacando o viés estrutural ou de base, ou seja, aquele responsável por todas as outras formas de violência sejam funcionais ou derivadas, sob o olhar da globalização e do meio técnico científico e informacional, destacando a perversidade sistêmica desses processos no espaço geográfico mundial, enfocando a realidade brasileira. Dentre muitas de suas obras importantes, destacamos o estudo da violência em um prisma global que fere a dignidade das pessoas e a eficácia da cidadania por meio das obras “O espaço do cidadão” (1987) e “Por uma outra globalização” (2000).

A primeira, escrita no calor dos debates sobre a nova Constituição Federal, discorre sobre a supressão sistemática e brutal da cidadania à maior parte da população brasileira, que se dá concomitantemente à evolução da sociedade de consumo, o verdadeiro ópio contemporâneo, regredindo na escala de valores. É um posicionamento crítico contra o consumismo que conduz o modelo de reprodução do capital, pondo a nu o processo de transformação do cidadão em simples consumidor insatisfeito, que, alienado, aceita ser chamado de usuário, servindo ao economicismo reinante, fato que mostra a vitória do consumo como fim em si mesmo e das empresas no comando do território:

Quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Até mesmo a política passa a ser uma função do consumo. Essa segunda natureza vai tomando lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até mesmo a vontade de se tornar cidadão por inteiro se reduz. (SANTOS, 1987, p.155)

Santos destaca também o papel da propaganda como fazedora de símbolos e o consumismo como regra de uma sociedade alienada aos interesses das grandes corporações internacionais. Evidencia a violência dos meios de comunicação sobre a população, enquanto a cidadania é suprimida de forma brutal e sistemática à maior parte da população brasileira, em especial as classes marginalizadas, devendo elas se mobilizarem para reverter ou minimizar o quadro.

Já no livro “Por uma outra Globalização” Milton Santos disserta sobre as bases da globalização e suas consequências sociais e territoriais, marcadas pela violência das grandes corporações internacionais sobre a sociedade, acobertada pelos representantes do poder público, onde se globalizam taxas de juros, exploração, exclusão social, desemprego, miséria

etc., ao mesmo tempo em que as técnicas, a ciência e a informação se expandem em um mundo tido com “sem fronteiras”.

O autor destaca, na obra, que o espaço geográfico é viabilizado pela globalização, permitindo uma unicidade técnica (ou seja, técnicas semelhantes em vários lugares), a convergência de momento (se efetivando com eventos compartilhados em várias escalas espaciais) e a unicidade motor. Analisa, também, o papel desempenhado pelas empresas na internacionalização do capital, os fluxos financeiros e suas implicações na cultura local, inclusive produzindo unificações e resistências ao mesmo tempo, dependendo do lugar, além de destacar o violento papel do dinheiro e da informação, em que a mídia não cumpre seu papel de informar e esclarecer, ao contrário, confunde.

A informação assume um papel despótico, por ser um instrumento de forte manipulação, por parte de um conjunto minoritário de atores hegemônicos, em função de interesses particulares. Junto à ditadura da informação, o dinheiro em estado puro, para ele, tornou-se tirânico, um fim em si mesmo nas relações sociais com a implementação de uma competitividade desenfreada, seguida de um consumo individualizado, sem ponderação de princípios morais nem éticos.

O autor esclarece a globalização em suas múltiplas faces: fábula (como aparece), como realidade (como é) e como possibilidade (como poderia ser). A globalização como fábula seria aquela em que os agentes hegemônicos do poder (as grandes corporações, nações desenvolvidas e blocos regionais) pregam, à medida que buscam expandir seus domínios, ao tentar difundir um pensamento único através de fábulas, mitos e ideias, como a de aldeia global (onde todos se conhecem graças aos meios técnicos científicos), de uma humanidade desterritorializada (com a abolição de fronteiras), de encurtamento das distâncias e aceleração do tempo e de cidadania universal, quando na realidade (a globalização como é) vivemos um momento histórico “em que as redes globais de riqueza e poder conectam pontos nodais e valorizam os indivíduos em todo o planeta, embora desconectem e excluem grandes segmentos das sociedades, regiões e até países inteiros”. (CASTELLS, 1999, p.78) e essas grandes alianças territoriais deixam de fora a maior parcela da população mundial, as técnicas avançam desvinculadas de valores humanos e as conquistas territoriais e tecnológicas só são acompanhadas por um grupo reduzido de pessoas, fatos que evidenciam que não há cidadania completa nem mesmo no interior de um Estado-nação (que serve cada vez mais aos interesses do grande capital).

Santos destaca a violência e a brutalidade da globalização ao afirmar que com ela há um contínuo retrocesso quanto às noções de coletividade, generosidade e solidariedade, que perderam progressivamente espaço para o individualismo, o egoísmo e a competitividade. Em outras palavras, “o dinheiro tornou-se o ponto de partida e o objetivo único das relações sociais, um grande influente na formação e no caráter das pessoas”.(LIMA, 2005, p. 16). Para Santos (2003), a causa essencial da perversidade sistêmica é a instituição, por lei geral da vida social, da competitividade como regra absoluta, que escorre sobre todo o edifício social. Dessa forma:

“O outro”, seja ele empresa, instituição ou indivíduo aparece como obstáculo à realização dos fins de cada um e deve ser removido, por isso, sendo considerado uma coisa. Decorrem daí a celebração dos egoísmos, o alastramento dos narcisismos, a banalização da guerra contra todos, com a utilização de qualquer que seja o meio para obter um fim colimado, isto é, competir e, se possível vencer. Daí a difusão, também generalizada, de outro subproduto da competitividade, isto é, a corrupção. (SANTOS, 2003, p. 60).

Neste prisma, a violência é global, sistêmica e também contraditória, vivemos em uma globalização de conquistas e retrocessos, de descobertas e riscos, inclusão e exclusão, luxo e pobreza, prosperidade e crise, que se expande de forma desigual entre países e indivíduos, condicionando e determinando as relações e impondo suas regras em todos os espaços, embora em graus diversos, a depender da peculiaridade de cada um.

A globalização, e com ela sua violência, é seletiva e excludente ao mesmo tempo. Com ela, o espaço geográfico ganha novos sentidos, significados e definições, e sua importância está estritamente relacionada à localização, ou seja, os atores hegemônicos agem sobre o espaço delimitando-o e selecionando-o conforme seus interesses e como resultado, o espaço tende a tornar-se cada vez mais segregado e/ou fragmentado em suas diferentes escalas (global, nacional, regional e local). A globalização e suas diferentes formas de violência criam um espaço geográfico opressivo, onde a desigualdade nas formas de acesso e participação de suas conquistas suscitam muitas vezes o surgimento de diversos tipos de violência, inclusive a física e moral.

Apesar dos acontecimentos e das mazelas inerentes ao processo de globalização, na sua ideia de futuro, traço marcante de sua personalidade, Santos ainda conserva consigo a esperança de uma outra globalização, ou seja, aquela que deveria de fato existir, ele conchama todos a buscarem uma globalização mais humana, onde os progressos técnicos, científicos e informacionais sejam de fato alcançados por todos, onde o uso da base técnica na circulação de capital seja vinculado a valores humanos e as lutas sociais e a ideia de união, solidariedade e cooperação ganhem força diante dos egoísmos, vaidades e competitividades presentes no

período, pois acredita que o mundo não é formado apenas pelo que existe, mas também por aquilo que efetivamente possa existir, em outras palavras, acredita em uma globalização onde a solidariedade horizontal substitua às verticalidades opressivas das empresas hegemônicas, quando a luta cotidiana do povo abrirá novos caminhos.

Com linha de pensamento parecida, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman vem se dedicando a estudos que tratam da problemática da violência e do medo em uma sociedade marcada pela liquidez dos fatos e relações. Em “Confiança e Medo na Cidade” o autor destaca que é nas áreas urbanas onde se concentram as funções mais avançadas do sistema capitalista e, enquanto os ricos tendem a tornar ainda mais ricos, desfrutando de oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, os mais pobres afundam na miséria, destituídos de sistemas de proteção social.

De igual modo, destaca que:

Enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo –se para áreas mais tranquilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo (BAUMAN, 2009, p. 8-9).

Em “Medo Líquido” (2008), o autor afirma que:

O medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva. Os seres humanos compartilham essa experiência com os animais. Os estudiosos do comportamento animal descrevem de modo altamente detalhado o rico repertório de reações dos animais à presença imediata de uma ameaça que ponha em risco suas vidas – que todos, como no caso de seres humanos ao enfrentar uma ameaça, oscilam entre as alternativas da fuga e da agressão. Os humanos, porém, conhecem algo mais além disso: uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado”, ou (como o chama Hunghees Lagrange em seu fundamental estudo do medo) um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente. O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade. O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser bem descrita como o sentimento de ser *suscetível* ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais). Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a

insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão. (BAUMAN, 2008, p.9)

Ainda em relação ao sentimento de insegurança, Koury (2012) destaca que o medo alimenta situações provocando ainda mais medo entre as pessoas, numa espécie de retroalimentação (um medo que gera medo), que transforma o espaço diante dos acontecimentos, como uma mudança nos padrões de sociabilidade:

O medo não apenas provoca o estado de paralisia frente a um outro agressor, mas também parece provocar atitudes que visam à transgressão, à simulação e a recriação de formas de sociabilidade. Formas de ação social, imperceptíveis ou não, que desmontam no cotidiano o ordenamento instituído e recriam ou refazem, permanentemente, uma nova possibilidade de viver socialmente no interior da ordem dada, pela forma assumida ou manifesta da relação. (KOURY, 2002, p. 122)

Por outro lado, a proliferação do medo na cultura do amedrontamento serve, na maioria dos casos, para fins lucrativos, como para aumentar os lucros do mercado de consumo de produtos de segurança, garantir a audiência de programas de TV, como jornais, expandir e vender apartamentos em condomínios fechados, dentre outros, conforme exemplifica melhor Lopes:

[...] a mídia, comumente, se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo. O crime rende boas manchetes, o medo do crime vende jornais e encontra ampla audiência – da mesma forma que, cada vez mais, o medo do crime rende bons negócios (de carros de passeio blindados a armas, de “condomínios exclusivos” aos serviços de firmas de segurança particular) e promete votos a cargos no Executivo e no Legislativo (SOUZA, 2008, p. 30).

Em 2009, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que quase metade da população com 10 anos ou mais de idade teme circular onde vivem. A pesquisa evidencia que o medo é uma realidade comprovada através de números:

Quase metade (47,2%) da população com dez anos ou mais de idade se sente insegura nas cidades onde vive, indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no estudo Características da Vitimização e do Acesso à Justiça, com dados de 2009. São 77 milhões de pessoas com medo de andar pelas ruas por causa da violência. A pesquisa mostra que a sensação de insegurança aumenta à medida que a população se afasta do local onde mora. Mas mesmo em casa um em cada cinco brasileiros (21,4%) se sentiam inseguro. Nos bairros de residência, a proporção era de 32,9%. (WERNECK E LEAL, 2010, p.01)

Ainda sobre a insegurança, os autores supracitados enfatizam que:

Segundo o levantamento do IBGE, o Estado do Pará apresentou o maior percentual de insegurança. No Estado, apenas 36,9% se sentiam seguros nas cidades onde moravam. Em seguida vêm Rio de Janeiro (42,3%) e Distrito Federal (43%). A situação nas regiões metropolitanas de capitais é ainda pior. No caso do entorno de Belém, apenas 14,6% se sentiam seguros. Os menores percentuais de sensação de segurança foram registrados na região Norte: 71,6% no domicílio, 59,8% no bairro e

48,2% na cidade. Já a região Sul apresentou as maiores proporções de sentimento de segurança: 81,9%, 72,6% e 60,5%, respectivamente. O estudo indica que quanto maior é a renda das famílias, maior é a sensação de segurança nos domicílios. Já para os bairros e as cidades, a relação se inverte, com maior sentimento de segurança entre as famílias com menores rendimentos. Moradores de áreas rurais se sentem mais seguros. Quando a referência é a cidade onde vivem, a diferença chega a quase vinte pontos percentuais em relação a moradores de áreas urbanas: 69,3% se sentem seguros em áreas rurais, ante 49,7%, segundo o IBGE. Os homens se declaram mais seguros do que as mulheres tanto em casa como no bairro e na cidade. Quanto maior a idade, menor o percentual de pessoas que declararam sentirem-se seguras, indica a pesquisa. A sensação de segurança era mais alta na faixa etária de 10 a 15 anos (81,4% no domicílio, 70,4% no bairro e 57,9% na cidade) (WERNECK E LEAL, 2010, p.01).

Outra pesquisa recente realizada pelo Data Folha, divulgada em 31 de setembro de 2015, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que oito a cada dez brasileiros, maiores de 16 anos, têm medo de ser assassinados. O problema se agrava quando, ainda segundo o instituto, mais da metade dos entrevistados (52% deles) têm parentes ou conhecidos vítimas de homicídios e que um a cada cinco entrevistados (20% do total de 1.307 pessoas entrevistadas, de 84 municípios com mais 100 mil habitantes) já sofreu ameaça de assassinado.

2.6 A violência e o medo no Brasil

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento fundamental para nortear a nossa convivência moderna, nos garante que:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade; que todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição; que todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal; que todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei; que todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação; que Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente Realizados; que ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. (ONU, 1948, p.05).

No âmbito jurídico brasileiro, o artigo 6º da Constituição Federal de 1988 esclarece que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. (BRASIL, 1988,p.07). Constituindo-se em uma das bases da estrutura do Estado Social Democrático de Direito, o brasileiro, em conformidade com o Preâmbulo da

Carta Magna, a liberdade e a segurança são assim mencionados como direitos do cidadão brasileiro:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p.13).

Já no artigo 5º, “caput”, da Constituição Federal, o direito à segurança é despontado como autêntico direito fundamental de primeira geração, sendo a sua inviolabilidade protegida: “Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.” (BRASIL, 1988,p.13).

Apesar da clareza dos direitos postulados na declaração internacional e na principal referência documental do país, a Constituição Federal, percebemos diariamente um abismo entre esses direitos fundamentais proclamados e a sua ação concreta. Os diferentes tipos de violência, a corrupção generalizada, os elevados índices de homicídios, roubos, furtos, as diversas tentativas e ações que proíbem o direito à liberdade, à vida e à dignidade, somadas as graves violações aos direitos humanos, não só refletem um sofrimento generalizado entre pessoas e grupos sociais, sobretudo os de menor poder aquisitivo, como também refletem a grave crise de convivência humana que estamos submersos e as dificuldades de alcançarmos a cidadania no país.

Uma das maiores referências nos estudos da violência no Brasil, o “Mapa da Violência”, produzido anualmente desde 1998, tendo como principal responsável pela análise dos dados o sociólogo argentino radicado no Brasil Julio Jacobo Waselfisz, evidencia a negação de vários dos nossos direitos, como a liberdade, a segurança e o principal de todos: a vida. O mapa aponta um crescimento exagerado da violência no país, alertando-nos sobre riscos e consequências do avanço da criminalidade. Tal estudo utiliza o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS) como fonte básica para análise no país, já que:

Pela legislação vigente (Lei nº 6.015 de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei Nº 6.216 de 30/06/1975), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de declaração de óbito atestado por médico ou, na falta de médico, por duas pessoas qualificadas

que tenham presenciado ou constatado a morte. Essas declarações são posteriormente coletadas pelas secretarias municipais de saúde, transferidas para as secretarias estaduais de saúde e centralizadas posteriormente no SIM/MS. A declaração de óbito, instrumento padronizado nacionalmente, fornece dados relativos a idade, sexo, estado civil, profissão e local de residência da vítima. Também fornece o local da ocorrência da morte, dado utilizado para desenvolver o presente estudo. (WAISELFISHZ, 2015, p. 10).

Anualmente os números reforçam que a “questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só do Brasil, como também nas Américas e no mundo todo”. (WAISELFISHZ, 2015, p. 07).

A edição 2014 do estudo - “Os jovens no Brasil”, revelou que, entre os anos de 1980 e 2012, morreram no Brasil “1.202.245 pessoas vítimas de homicídio. 1.041.335 vítimas de acidentes de transporte. 216.211 suicidaram-se. As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas”. (WAISELFISHZ, 2014, p.26). Nesse período, segundo o estudo, enquanto as taxas de mortalidade para o conjunto da população caem 3,7, as taxas por causas externas (homicídios, suicídios e acidentes de trânsito) têm um aumento de 32,8% , sendo o número de homicídios o maior responsável pelo aumento dessas taxas, tendo um crescimento de 148,5%.

Neste contexto,

os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/Datasus do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 56.337 mortos por homicídios , em 2012, no Brasil, eram jovens (30.072, equivalente a 53,37%), dos quais 77,0% negros (pretos e pardos) e 93,30% do sexo masculino.(WAISELFISHZ, 2014, p. 9).

Na década analisada (2002/2012), a taxa de homicídios da população brasileira subiu de 28,5 para 29 para 100 mil (aumento de 2,1%) e o número de homicídios subiu 13,4% (passando de 49.695 para 56.337). Considerando apenas a população jovem (15-29 anos), além da taxa, o crescimento dela também é maior: pula de 56,1 para 57,3 (aumento de 2,7%). Em número de homicídios, salta de 27.655 para 30.072. (crescimento de 8,7%). Neste período, foram vítimas de homicídios no país, segundo o estudo, 556 mil pessoas, sendo 303.187 jovens (54,5% do total), quantitativo superior ao número de mortes da maioria dos conflitos armados registrados no mundo. Em um contexto internacional, segundo dados do Whosis Mortality Databases apud Waiselfisz (2014), dentre 90 países, o Brasil ocupou a 7ª posição no ranking dos mais violentos do mundo, aqueles que apresentam as maiores taxas de homicídio (por 100 mil) na população total. Com taxa de 27,4, o país ficou atrás apenas de El Salvador (62,4), Guatemala (46,4), Trinidad E Tobago (46,1), Colômbia (45,0), Venezuela (36,9) e Guadalupe (29,3). Em relação às taxas referentes à população jovem, o país (taxa: 54,5), ocupou a 8ª posição, atrás apenas de

El Salvador (119,6), Trinidad e Tobago (89,7), Venezuela(83,7), Colômbia(82,2), Guatemala(79,5), Porto Rico(70,6) e Ilhas Cayman.(65,3).

Na versão 2015 do Mapa da Violência, intitulada “Adolescentes de 16 a 17 anos do Brasil”(ano 2015), a situação do país foi ainda mais preocupante: Apresentando uma taxa de 54,9 homicídios para cada 100 mil adolescentes de 15 a 19 anos, ocupou o terceiro lugar entre 85 países da lista, sendo superado apenas pelo México (95,6) e por El Salvador (55,8). Entre crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade a situação foi semelhante: 3º lugar (taxa de 16,9), superado novamente pelo México (26,7) e El Salvador (17,5). As taxas referem-se ao ano de 2013, quando foram registrados no país 3.561 mortes de adolescentes com 16 anos de idade (de causas naturais ou externas), das quais 1.534 delas foram vítimas de homicídio (equivalendo a 43,1% do total) e 4.592 mortes de jovens com 17 anos, sendo 2.215 homicídios (48,2% do total).

Outro estudo de grande respaldo para o entendimento da violência no país é o “Atlas da Violência 2016”, realizado pela parceria do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), cujas análises também foram feitas com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde (MS). Ele apontou que em 2014, 59.627 pessoas foram vítimas de homicídio no Brasil, equivalendo a uma taxa de 29,1 por 100 mil pessoas (conforme detalha a tabela 01):

essas mortes representam mais de 10% dos homicídios registrados no mundo e colocam o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios. Numa comparação com uma lista de 154 países com dados disponíveis para 2012, o Brasil, com estes números de 2014, estaria entre os 12 com as maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes. (CERQUEIRA et all, 2006, p.6).

Dentre outras consequências, “tal tragédia traz implicações na saúde, na dinâmica demográfica e, por conseguinte, no processo de desenvolvimento econômico e social, uma vez que 46,4% dos óbitos de homens na faixa etária de 15 a 29 anos são ocasionados por homicídios. (CERQUEIRA et all, 2006, p.6).

O estudo aponta que,

Ao analisar a evolução dos homicídios por unidade federativa de ocorrência, verificamos que houve situações bastante distintas, sendo que no período entre 2004 e 2014 a variação das taxas de homicídios por 100 mil habitantes se inseriu no intervalo entre +308,1% (Rio Grande do Norte) e -52,4% (São Paulo). Enquanto seis unidades federativas sofreram aumento nesse indicador superior a 100%, oito estados tiveram aumento entre 50% e 100%, cinco estados sofreram aumento de até 50% e oito unidades federativas tiveram diminuição das taxas de homicídios.(CERQUEIRA et all, 2006, p.7).

Tabela 1 - Número de homicídios por Unidade da Federação – Brasil, 2004-2014

	Número de Homicídios											Variação %	
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2004 a 2014	2013 a 2014
Brasil	48.909	48.136	49.704	48.219	50.659	52.043	53.016	52.807	57.045	57.396	59.627	21,9%	3,9%
Acre	115	126	155	135	133	152	165	168	209	241	232	101,7%	-3,7%
Alagoas	1.034	1.211	1.619	1.840	1.887	1.872	2.086	2.268	2.046	2.162	2.093	102,4%	-3,2%
Amapá	173	196	203	173	211	191	258	208	251	219	247	42,8%	12,8%
Amazonas	523	598	697	711	827	915	1.076	1.289	1.317	1.183	1.226	134,4%	3,6%
Bahia	2.256	2.890	3.301	3.645	4.797	5.431	5.852	5.536	6.146	5.687	5.733	154,1%	0,8%
Ceará	1.576	1.694	1.793	1.937	2.031	2.169	2.693	2.790	3.840	4.465	4.620	193,1%	3,5%
Distrito Federal	815	745	769	815	873	1.005	882	978	1.033	922	946	16,1%	2,6%
Espírito Santo	1.630	1.600	1.774	1.885	1.948	1.996	1.794	1.681	1.693	1.627	1.608	-1,3%	-1,2%
Goiás	1.427	1.400	1.411	1.426	1.754	1.793	1.896	2.214	2.725	2.913	2.783	95,0%	-4,5%
Maranhão	699	903	931	1.093	1.247	1.388	1.495	1.573	1.751	2.136	2.407	244,3%	12,7%
Mato Grosso	867	908	900	893	943	1.002	979	1.013	1.084	1.174	1.352	55,9%	15,2%
Mato Grosso do Sul	654	631	684	709	694	729	648	673	680	623	692	5,8%	11,1%
Minas Gerais	4.244	4.211	4.157	4.108	3.878	3.715	3.631	4.237	4.539	4.694	4.682	10,3%	-0,3%
Pará	1.522	1.926	2.074	2.205	2.871	2.997	3.545	3.082	3.261	3.442	3.447	126,5%	0,1%
Paraíba	659	740	819	864	1.023	1.269	1.457	1.619	1.528	1.550	1.542	134,0%	-0,5%
Paraná	2.835	2.993	3.101	3.119	3.458	3.713	3.617	3.387	3.499	2.955	2.964	4,6%	0,3%
Pernambuco	4.173	4.307	4.481	4.561	4.433	3.955	3.448	3.468	3.314	3.121	3.315	-20,6%	6,2%
Piauí	347	386	437	406	388	399	432	466	544	612	716	106,3%	17,0%
Rio de Janeiro	7.749	7.422	7.412	6.560	5.674	5.377	5.681	4.786	4.775	5.120	5.522	-28,7%	7,9%
Rio Grande do Norte	342	408	450	594	720	791	815	1.042	1.122	1.453	1.576	360,8%	8,5%
Rio Grande do Sul	1.964	2.015	1.976	2.192	2.375	2.239	2.081	2.073	2.381	2.318	2.716	38,3%	17,2%
Rondônia	562	552	590	435	480	536	545	449	525	479	558	-0,7%	16,5%
Roraima	83	96	110	116	106	118	123	95	167	214	159	91,6%	-25,7%
Santa Catarina	641	619	658	633	797	805	815	807	826	784	901	40,6%	14,9%
São Paulo	11.348	8.865	8.366	6.410	6.305	6.538	5.997	5.807	6.535	6.002	6.131	-46,0%	2,1%
Sergipe	464	492	598	526	574	663	690	739	883	958	1.096	136,2%	14,4%
Tocantins	207	202	238	228	232	285	315	359	371	342	363	75,4%	6,1%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade *apud* Atlas da Violência 2016.

A análise da tabela acima permite-nos afirmar que o grupo dos estados que alcançaram êxito na diminuição do número de homicídios do país é composto pelos estados: São Paulo (-46%), Rio de Janeiro (-28,7%), Pernambuco (-20,6%), Rondônia (-0,7%) e Espírito Santo (-1,3%) e que, em situação oposta, apresentaram um crescimento exagerado (acima de 100%) no número de homicídios os estados do Rio Grande do Norte (+360,8%), Maranhão (244,3%), Ceará (+193,1%), Bahia (+154,1%), Sergipe (+136,2%), Amazonas (+134,4%), Paraíba (+134%), Pará (+126,5%), Piauí (+106,3%), Alagoas (+102,4%) e Acre (+101,7%).

Já em relação às taxas de homicídios, das vinte e sete unidades federativas, apenas oito apresentaram redução: São Paulo (-52,4%), Rio de Janeiro (-33,3%), Pernambuco (-27,3%), Rondônia (-14,1%), Espírito Santo (-13,8%), Distrito Federal (-7,4%), Mato Grosso do Sul (-7,7%), Paraná (-4,3%). Das 19 restantes, seis delas apresentou um crescimento preocupante:

Rio Grande do Norte (+308,1%), Maranhão (+209,4%), Ceará (+166,5) Bahia (+132,6%), Paraíba (+114,4%) e Sergipe (107,7%), conforme destaca a tabela 02.

Tabela 2 - Taxa de homicídios por Unidade da Federação – Brasil, 2004-2014

	Taxa de Homicídios por 100 mil Habitantes											Variação %		
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2004 a 2014	2013 a 2014	2010 a 2014
Brasil	26,5	25,7	26,2	25,2	26,2	26,6	26,7	26,4	28,3	28,3	29,1	10,0%	3,0%	8,9%
Alagoas	33,9	39,3	51,9	58,4	59,4	58,4	64,6	69,7	62,4	65,5	63,0	85,8%	-3,8%	-2,4%
Ceará	19,6	20,8	21,8	23,3	24,1	25,5	31,4	32,3	44,1	50,9	52,2	166,5%	2,7%	66,3%
Sergipe	23,8	24,8	29,7	25,8	27,8	31,7	32,6	34,4	40,7	43,6	49,4	107,7%	13,2%	51,7%
Rio Grande do Norte	11,3	13,3	14,5	18,9	22,6	24,5	25,0	31,6	33,6	43,0	46,2	308,1%	7,4%	85,3%
Goiás	25,8	24,8	24,5	24,4	29,4	29,6	30,8	35,4	43,0	45,2	42,7	65,4%	-5,7%	38,5%
Pará	22,0	27,4	29,0	30,3	38,7	39,8	46,4	39,7	41,5	43,2	42,6	93,5%	-1,2%	-8,0%
Mato Grosso	31,4	32,3	31,4	30,7	31,9	33,3	32,1	32,2	34,1	36,8	41,9	33,4%	13,8%	30,6%
Espírito Santo	48,0	46,4	50,7	53,1	54,1	54,7	48,5	44,9	44,6	42,4	41,4	-13,8%	-2,3%	-14,8%
Paraíba	18,2	20,3	22,2	23,2	27,2	33,5	38,2	42,0	39,3	39,6	39,1	114,4%	-1,3%	2,5%
Bahia	16,0	19,9	22,9	25,0	32,7	36,7	39,0	36,7	39,7	36,8	37,3	132,6%	1,1%	-4,5%
Pernambuco	49,2	50,2	51,7	52,2	50,2	44,4	38,3	38,2	36,3	33,9	35,7	-27,3%	5,4%	-6,8%
Maranhão	11,3	14,5	14,7	17,1	19,3	21,2	22,6	23,6	26,0	31,4	35,1	209,4%	11,6%	55,2%
Distrito Federal	35,8	32,0	32,4	33,6	35,2	39,5	33,9	36,7	37,8	32,9	33,1	-7,4%	0,5%	-2,4%
Amapá	29,9	32,8	33,0	27,0	32,4	28,5	37,6	29,6	34,9	29,8	32,9	9,9%	10,4%	-12,5%
Rio de Janeiro	48,1	45,8	45,6	40,1	34,0	31,8	32,8	28,2	28,2	29,9	32,1	-33,3%	7,2%	-2,2%
Roraima	21,2	23,2	26,3	27,0	23,8	25,9	26,7	20,2	34,7	43,9	32,0	51,3%	-27,0%	19,9%
Rondônia	37,1	35,8	37,6	27,3	29,7	32,7	32,7	26,5	30,6	27,6	31,9	-14,1%	15,4%	-2,6%
Amazonas	16,5	18,4	21,0	21,0	23,9	25,9	29,9	35,1	35,2	31,1	31,7	91,9%	1,9%	6,0%
Acre	17,8	18,9	22,9	19,3	18,9	21,1	22,5	22,4	27,4	31,0	29,4	65,0%	-5,4%	30,7%
Paraná	27,8	29,1	29,9	29,8	32,8	34,7	33,6	30,8	31,8	26,6	26,6	-4,3%	-0,2%	-20,9%
Mato Grosso do Sul	28,6	27,2	28,9	29,3	28,5	29,7	25,7	26,5	26,6	24,0	26,4	-7,7%	9,9%	2,8%
Tocantins	16,0	15,4	17,7	16,5	16,9	20,3	22,1	24,8	25,4	23,1	24,2	51,6%	4,5%	9,6%
Rio Grande do Sul	18,5	18,8	18,2	20,1	21,7	20,3	18,7	18,6	21,3	20,7	24,1	30,5%	16,5%	28,7%
Minas Gerais	22,3	21,9	21,4	20,9	19,6	18,6	18,0	20,9	22,2	22,8	22,5	1,0%	-1,2%	24,9%
Piauí	11,5	12,7	14,3	13,2	12,5	12,7	13,7	14,6	17,2	19,1	22,4	93,7%	16,8%	63,4%
São Paulo	28,2	21,7	20,0	15,1	14,7	15,0	13,7	13,1	14,6	13,4	13,4	-52,4%	0,1%	-1,9%
Santa Catarina	10,9	10,5	11,0	10,4	12,8	12,8	12,8	12,4	12,5	11,6	12,7	16,7%	9,4%	-0,5%

Fonte: IBGE/ Coordenação de população e Indicadores sociais. Gerência de Estudos e Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM *apud* Atlas da Violência 2016.

A situação torna-se ainda mais grave quando consideramos as estatísticas juvenis. No mesmo período (2004-2014) foram assassinados 289.806 jovens de 15 a 29 anos. Ainda segundo o Atlas da Violência 2016, houve um crescimento de 16,4% no número de homicídios, um salto de 27.003(2004) para 31.419 (2014) vítimas. 10 estados apresentaram um crescimento explosivo: Rio Grande do Norte (+450,8), Ceará (+244,1%), Maranhão (+244%), Sergipe (+162%), Paraíba (152,6%), Bahia (+151,1%), Pará (+122,7%), Amazonas (+118,5%), Piauí (+107,5%) e Alagoas (+100,6%). Em contrapartida, apenas seis estados apresentaram redução: São Paulo (-59,7%), Rio de Janeiro (-33,1%), Pernambuco (-26%), Rondônia (-21,9%), Paraná (-5,8%) e Minas Gerais (-0,2%):

Tabela 3 - Número de homicídios por faixa etária de 15 a 29 anos de idade por Unidade da Federação – Brasil, 2004 a 2014

Brasil	Número de Homicídios											Variação %	
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2004 a 2014	2013 a 2014
	27.003	26.331	26.814	26.102	27.467	27.801	9.113	27.471	30.072	30.213	31.419	16,4%	4,0%
Acre	75	68	86	70	75	77	73	74	102	124	112	49,3%	-9,7%
Alagoas	620	694	976	1.100	1.147	1.113	1.294	1.332	1.228	1.320	1.244	100,6%	-5,8%
Amapá	118	123	129	114	142	108	167	121	164	142	155	31,4%	9,2%
Amazonas	308	356	425	432	481	538	631	791	728	655	673	118,5%	2,7%
Bahia	1.304	1.652	1.921	2.131	2.965	3.386	3.505	3.149	3.484	3.208	3.274	151,1%	2,1%
Ceará	823	939	941	1.067	1.137	1.199	1.491	1.568	2.325	2.698	2.832	244,1%	5,0%
Distrito Federal	508	456	467	500	527	596	509	530	564	527	521	2,6%	-1,1%
Espírito Santo	941	903	987	1.011	1.111	1.172	1.034	1.007	981	985	952	1,2%	-3,4%
Goiás	755	784	767	777	949	909	1.038	1.171	1.476	1.547	1.501	98,8%	-3,0%
Maranhão	375	489	508	608	699	775	822	810	945	1.154	1.290	244,0%	11,8%
Mato Grosso	407	405	421	375	428	468	466	457	531	542	628	54,3%	15,9%
Mato Grosso do Sul	316	303	310	333	340	356	280	304	287	263	318	0,6%	20,9%
Minas Gerais	2.549	2.455	2.403	2.342	2.195	2.050	1.950	2.238	2.503	2.577	2.545	-0,2%	-1,2%
Pará	815	1.087	1.177	1.258	1.637	1.721	1.948	1.756	1.803	1.801	1.815	122,7%	0,8%
Paraíba	342	408	452	464	555	714	834	916	906	892	864	152,6%	-3,1%
Paraná	1.558	1.663	1.709	1.767	1.928	2.070	1.974	1.761	1.850	1.526	1.468	-5,8%	-3,8%
Pernambuco	2.496	2.598	2.618	2.698	2.612	2.279	1.959	1.925	1.808	1.707	1.847	-26,0%	8,2%
Piauí	187	220	251	199	203	211	207	232	276	335	388	107,5%	15,8%
Rio de Janeiro	4.039	3.907	3.844	3.470	2.870	2.606	2.703	2.244	2.260	2.519	2.703	-33,1%	7,3%
Rio Grande do Norte	179	237	233	317	408	451	445	591	643	890	986	450,8%	10,8%
Rio Grande do Sul	1.010	1.030	968	1.124	1.192	1.076	966	1.002	1.137	1.072	1.308	29,5%	22,0%
Rondônia	278	246	257	210	211	230	227	187	228	209	217	-21,9%	3,8%
Roraima	43	40	46	47	37	52	53	39	69	79	57	32,6%	-27,8%
Santa Catarina	281	316	319	325	397	423	376	386	408	358	373	32,7%	4,2%
São Paulo	6.336	4.606	4.136	2.970	2.790	2.767	2.500	2.344	2.712	2.423	2.551	-59,7%	5,3%
Sergipe	237	252	339	298	315	329	357	376	477	512	621	162,0%	21,3%
Tocantins	103	94	124	95	116	125	168	160	177	148	176	70,9%	18,9%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade *apud* Atlas da Violência 2016.

Neste contexto, a taxa de homicídios (por 100 mil jovens) tem um crescimento de 15,6%, subindo de 52,7, em 2004, para 61, em 2014. Neste quadro, apenas seis estados apresentaram redução de taxa: São Paulo (-59%), Rio de Janeiro (-32,4%), Rondônia (-28%), Pernambuco (-24,5%), Mato Grosso do Sul (-5,7%) e Espírito Santo (-1,1%). Taxas abusivas de crescimento são verificadas em nove estados: Rio Grande do Norte (431,1%), Maranhão (241,7%), Ceará (171,9%), Bahia (+ 171,9%), Paraíba (+162,4%), Sergipe (+149,9%), Piauí (+128,2%), Alagoas (+102,2%) e Pará (+100,9%), conforme revela a tabela a seguir.

Tabela 4 – Taxa de homicídios por 100 mil jovens na faixa etária de 15-29 anos de idade, por Unidade da Federação - Brasil, 2003 a 2014.

	Taxa de Homicídios por 100 Mil Jovens											Variação %	
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2004 a 2014	2013 a 2014
Brasil	52,7	51,0	51,7	50,1	52,6	53,1	53,5	52,7	57,8	58,4	61,0	15,6%	4,4%
Acre	39,1	34,8	43,2	34,5	36,4	36,8	34,3	34,3	46,7	56,0	50,0	27,7%	-10,9%
Alagoas	69,5	77,3	108,2	121,6	126,6	123,0	143,5	148,3	137,5	148,6	140,6	102,2%	-5,4%
Amapá	68,2	69,3	70,7	60,9	74,0	54,9	83,0	58,9	78,1	66,3	70,8	3,8%	6,9%
Amazonas	32,2	36,4	42,7	42,6	46,5	51,1	59,0	72,9	66,1	58,8	59,7	85,5%	1,5%
Bahia	30,7	38,8	45,0	50,0	69,8	80,3	84,0	76,5	86,0	80,6	83,6	171,9%	3,7%
Ceará	35,8	40,2	39,8	44,6	47,1	49,4	61,3	64,4	95,7	111,4	117,4	227,9%	5,3%
Distrito Federal	72,5	64,5	65,3	69,2	72,1	80,4	67,6	69,3	72,8	67,1	65,6	-9,5%	-2,3%
Espírito Santo	97,3	92,5	100,3	102,2	111,9	117,8	103,9	101,2	98,7	99,4	96,2	-1,1%	-3,2%
Goiás	47,5	48,7	47,1	47,3	57,2	54,4	61,7	69,1	86,7	90,4	87,4	84,1%	-3,4%
Maranhão	20,1	25,9	26,6	31,6	36,2	40,1	42,6	42,3	49,7	61,1	68,8	241,7%	12,5%
Mato Grosso	50,4	49,6	50,9	44,9	50,8	55,1	54,6	53,3	61,8	63,1	73,2	45,2%	16,1%
Mato Grosso do Sul	49,9	47,3	47,8	50,8	51,3	53,3	41,6	45,0	42,4	38,9	47,1	-5,7%	21,1%
Minas Gerais	48,3	46,2	45,1	43,9	41,2	38,5	36,8	42,5	48,0	49,8	49,7	2,8%	-0,3%
Pará	39,5	51,8	55,2	58,1	74,7	77,6	87,0	77,8	79,4	79,0	79,3	100,9%	0,4%
Paraíba	32,6	38,5	42,5	43,5	52,0	67,1	78,9	87,5	87,5	87,2	85,5	162,4%	-1,9%
Paraná	57,3	60,8	62,2	64,0	69,6	74,5	71,0	63,3	66,6	55,1	53,3	-7,0%	-3,4%
Pernambuco	102,1	105,7	106,2	109,3	105,9	92,6	79,9	78,9	74,6	70,9	77,1	-24,5%	8,8%
Piauí	20,5	23,9	27,2	21,6	22,2	23,3	23,2	26,5	32,1	39,8	46,8	128,2%	17,7%
Rio de Janeiro	103,5	100,3	98,8	89,3	74,0	67,3	69,8	58,0	58,5	65,3	70,0	-32,4%	7,3%
Rio Grande do Norte	20,6	26,8	26,0	35,1	44,9	49,4	48,6	64,7	70,6	98,1	109,1	431,1%	11,3%
Rio Grande do Sul	37,5	38,0	35,6	41,2	43,7	39,5	35,6	37,1	42,5	40,4	49,9	33,1%	23,3%
Rondônia	61,5	53,5	55,0	44,4	44,1	47,6	46,6	38,2	46,5	42,6	44,3	-28,0%	4,0%
Roraima	37,4	33,7	37,6	37,3	28,6	39,1	39,0	28,1	48,8	54,9	39,0	4,2%	-29,0%
Santa Catarina	17,9	19,8	19,7	19,8	23,8	25,0	22,4	22,4	23,5	20,6	21,4	19,7%	4,0%
São Paulo	58,3	42,3	37,9	27,2	25,6	25,4	23,1	21,7	25,2	22,6	23,9	-59,0%	5,7%
Sergipe	41,1	43,2	57,5	50,1	52,6	54,7	59,2	62,2	78,9	84,7	102,7	149,9%	21,2%
Tocantins	27,0	24,2	31,4	23,8	28,7	30,7	41,0	38,9	42,9	35,8	42,5	57,7%	18,7%

Fonte: IBGE/ Coordenação de população e Indicadores sociais. Gerência de Estudos e Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM *apud* Atlas da Violência 2016.

Este crescimento da violência no Brasil está diretamente ligado às condições sociais, não somente pela miséria e o desemprego, mas também a uma sociedade que a cada dia perde referenciais morais e éticos, busca o consumo como objetivo de vida faz do “status” uma forma de realização pessoal, mesmo que apenas aparentemente e perde a noção de solidariedade e compaixão com o outro, pois a competitividade e o consumismo levaram ao “emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão de mundo, convidando também a esquecer a oposição fundamental entre consumidor e a figura do cidadão.” (SANTOS, 2000b, p. 49). Nesta crise de convivência humana e de valores:

Em nome da segurança (privada), fecham-se ruas, cercam-se praças, constroem-se shoppings, condomínios e centros empresariais cujos princípios básicos são autossuficiência (concentrar o máximo de serviços no seu interior, depender o mínimo possível da “rua”) e exclusão (afastar potenciais desordeiros e criminosos, mas também indivíduos e grupos “indesejáveis”); garantir a homogeneidade de classe e de estilos de vida na convivência intramuros. (CALDEIRA, 2003, p.7).

Em meio a este caos, “distanciamos-nos cada vez mais de um movimento marcante em direção ao ser humano, à medida que a solidariedade, a moral, a ética e a cidadania são relegadas”. (LIMA & SÁ, 2009, p. 68). Em outras palavras,

Vivemos na sociedade das regras: regras de conduta, de bem viver, de comportamento, de tolerância e respeito com o “cidadão”, com o consumidor, com o trabalhador, com o meio ecológico, com a família, a comunidade, o Estado-nação, etc. Apesar disso, vivemos uma guerra bárbara, fruto da carência efetiva de normas, princípios de legalidade a que se recorrer. A realidade da sociedade moderna é moldada por relações sociais mediadas por grades, portões, cercas elétricas, muros altos, câmeras, guaritas, cães de guarda, pregos, vidros e outros símbolos de imobilidade, que representam busca por segurança e proteção frente à fragilidade, incapacidade ou negligência do poder público para o cumprimento de seus deveres, diante de uma onda de violência e barbárie que assola e se difunde em todo o mundo. (LIMA & SÁ, 2009, p. 70 – 71)

Nessa onda de barbarie difundida em todo o mundo, e em especial no Brasil, aumenta a insegurança, que para Bauman(2009), é caracterizada pelo medo dos crimes e criminosos, em suas várias manifestações, pois suspeitamos dos outros e de suas intenções, assim como nos recusamos a confiar na constância e na regularidade da solidariedade humana, já que a insegurança e a ideia de perigo, presentes em toda parte, são inerentes a essa sociedade, onde a mensagem a ser seguida é “não falar com estranhos ao sair de casa”.

2.7. Violência, medo e espaços públicos: a busca da cidadania no Brasil

Historicamente, o Brasil é marcado por problemas estruturais complexos, com desigualdade social agressiva, fruto de um sistema político-econômico corrompido. Isso ajuda-nos a entender a problemática da violência e do medo em seus múltiplos espaços, em especial nos centros urbanos. Roubos, corrupção, assassinatos, furtos, sequestros e diversos tipos de violência, reforçaram a segregação de classes sociais, trazendo reflexos nas formas de uso e consumo dos espaços públicos, comprometendo ainda mais o exercício da cidadania, entendida como:

representação universal do homem emancipado, fazendo emergir a autonomia de cada sujeito histórico, o que significa um processo de luta por espaços políticos na sociedade a partir da identidade de cada sujeito. Dito de outra forma, a cidadania significa a realização democrática de uma sociedade, compartilhada pelos indivíduos a ponto de garantir a todos o acesso ao espaço público e condições de sobrevivência digna, tendo como valor-fonte a plenitude da vida. O status da cidadania, nos termos em que foi anteriormente delineado, caracteriza-se primeiramente por uma dimensão jurídica, usualmente expressa enquanto nacionalidade: cidadão é aquele formalmente reconhecido como um sujeito de direitos e deveres, socialmente incluído e juridicamente qualificado por um ordenamento político específico. Celso Lafer (1988, p.154) expressa essa dimensão com base em Hannah Arendt ao afirmar que a condição humana básica – o direito a ter direito – “significa pertencer, pelo vínculo da cidadania, a algum tipo de comunidade juridicamente organizada e viver numa estrutura onde se é julgado por ações e opiniões, por obra do princípio da legalidade”. A cidadania, por isso, tem a ver fundamentalmente com a participação na comunidade política na qual o cidadão é inserido pelo vínculo jurídico. A igualdade humana básica

referida por Marshall significa essa pertença integral e participativa como membro da comunidade política. A postura arendtiana de considerar a cidadania enquanto direito a ter direitos implica necessariamente o acesso ao espaço público da convivência coletiva, no qual a igualdade em dignidade e direitos precisa ser politicamente construída, sob o pressuposto de que os seres humanos, no chão duro da vida real, não nascem livres, muito menos iguais. (CORRÊA, 2010, p. 24-25).

Apesar dos direitos conquistados na forma de lei, com a redemocratização no país, após promulgação da Constituição Federal de 1988, o processo de mudanças que se processaram com as políticas neoliberais, sobretudo a partir dos anos 1990 ocasionaram significativas transformações relacionadas à questão social. Déficits em diferentes aspectos (sociais, econômicos e civis) no que tange à cidadania brasileira se apresentaram de maneira gritante.

A vulnerabilidade social tornou-se inquestionável quando relacionamos os postulados à ação concreta, seja por meio da ineficiência/precarização de serviços públicos, desemprego, forte desigualdades de oportunidades entre gêneros, classes, etnias, etc, ou pela exacerbação de diversos tipos de violência e corrupção e negligência e/ou incapacidade do Estado de atender as demandas sociais diante dos mercados globais de consumo, fatos que evidenciam uma fragilidade da cidadania no país e, no contexto urbano, em alguns casos a evidência da negação do direito à cidade. Em outras palavras, no Brasil, as proclamações solenes de direitos, como o lazer e a segurança, sofrem um desgaste contínuo, pois percebemos claramente o abismo entre os postulados e a situação concreta. As leis são claras, as normas nítidas, mas a aplicação ainda é deficiente. E se tratando da violência, atualmente ela ocorre

não apenas por uma vazão humana de sentimentos raivosos ou de defesa, mas em consonância com as condições socioeconômicas, à formação do indivíduo, o sistema que não pune, o cárcere que não ensina, o individualismo que se acentua, às desigualdades que se alargam, o consumo que seleciona e à cidadania que não se iguala. A relação das motivações é imensa, mas acredita-se, que extraído o ser da ira que há em todos, alguns aspectos poderiam ser atenuados. (SOUZA, 2012, p. 14).

Diante do contexto urbano brasileiro marcado pelo medo e a violência que toma conta das ruas e dos diversos espaços livres públicos no país, a população cada vez mais se refugia em suas residências, construindo muros, materiais ou simbólicos, que limitam ou impedem qualquer forma de comunicação com o mundo de fora, resultando em imobilidades e isolamentos forçados, em que as pessoas veem na moradia o mundo da sociabilidade privada, e a transforma em abrigo contra as mazelas do sistema econômico, onde se projetam estratégias de sobrevivência:

A organização familiar arquitetada em torno da casa própria é vista como um resguardo contra os desrespeitos, medos e violências que caracterizam as vidas nas ruas. O espaço público de nossas cidades – a rua – é visto como espaço da violência, enquanto o espaço privado – a casa – constituiria um abrigo de segurança. Mas o que

se constata no Brasil das últimas décadas é que a cidadania continua extremamente precária para a maioria da população pobre. O crescimento do crime, as intervenções ilegais da polícia nos bairros pobres, a prática disseminada da tortura e mesmo execução sumária dos suspeitos, a impunidade no comércio de drogas e o grande número de crianças abandonadas nas ruas, tudo isso reflete não apenas um processo de decadência urbana, mas também a incapacidade do Estado para fazer cumprir as suas normas e leis. De um lado, as incontáveis humilhações, agressões, extorsões, espancamentos e torturas, furtos e roubos realizados por policiais e bandidos, que atingem particularmente as populações pobres que moram nas favelas, cortiços ou nas periferias da metrópole. De outro, as camadas médias e altas, encapsuladas nos seus automóveis com vidros fechados e em condomínios onde alarmes, circuitos internos de televisão e parafernália eletrônica de última geração se espalham nos corredores e abrigos. Neles a entrada e a saída de moradores, empregados ou visitantes é controlada por vigias, responsáveis pela segurança das famílias na sua privacidade, originando uma forma de segregação socioespacial. (KOWARICK, 2000, p. 34).

Neste sentido, é oportuno destacar que:

...a questão social é o ângulo pelo qual as sociedades podem ser descritas, lidas, problematizadas em sua história, seus dilemas e suas perspectivas de futuro. [...] Essas diferenciações e segmentações [sociais, econômicas e civis] podem ser tomadas [...] como a contraface de uma destituição de direitos [...]. Trata-se de uma destituição [...] que, ao mesmo tempo que gera fragmentação e exclusão, ocorre em um cenário de encolhimento de legitimidade dos direitos sociais. (TELLES, 1996, pp. 85 – 90 apud KOWARICK, 2002, p. 15).

Para caminhar ao ponto que interessa sublinhar, vale a citação:

[...] Todos nós já vivenciamos inúmeras microcenas que revelam a banalidade com que o autoritarismo se manifesta no cotidiano das relações sociais. [...] O passo seguinte é a autodefesa da segregação socioespacial em recintos fechados e protegidos. O lema é evitar o diferente, pois a mistura social é vivenciada como confusão, desarmonia ou desordem: são os enclaves fortificados organizados na "segurança total [do] novo conceito de moradia" e cuja relação "com o resto da cidade e sua vida pública é de evitação" Trata-se de uma sociabilidade enclausurada e defensiva, alicerçada no retraimento da vida privada — a casa —, que rejeita as esferas públicas — a rua, tida como o espaço da adversidade por excelência, o espaço social do anonimato, do imponderável e imprevisível, local portanto do perigo e da violência. (KOWARICK, 2002, p.23).

Neste contexto,

Todos os exemplos analisados mostram que a crise da modernidade acontece nos domínios público e privado: A erosão do equilíbrio entre a vida pública e a vida privada destrói o pilar que sustentava a sociedade nos primórdios do capitalismo (Sennet, 1998). Caminhamos para a consagração do individualismo como modo de vida real, em detrimento de um coletivo cada vez mais decadente. Para que os conflitos sejam minimizados e para que se preserve uma certa "soberania" sob condições de proximidade física, fazemos questão de manter alguma distância psicológica, mesmo nas relações mais íntimas. Nossas relações de vizinhança são condicionadas de uma forma determinante pela densidade populacional do local que habitamos, pelo nível econômico e pelo grau de cooperação dos seus habitantes, bem como pela distância entre as unidades de habitação (Keller, 1979). As relações de vizinhança na cidade contemporânea são ainda muito condicionadas pelas diferenças entre classes sociais. Nos bairros de classe média, as relações entre os vizinhos são mais seletivas e pessoais, já que o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar a necessidade individual de espaço. Sofrem as metrópoles

contemporâneas, especialmente no Brasil, com a fragmentação do tecido sociopolítico espacial e a formação de enclaves territoriais no tecido urbano, sofisticando as formas de autoss segregação. dos habitantes. Esses enclaves formam, nos bairros de urbanização de *status*, circuitos exclusivos, cada vez mais restritos, de residências (condomínios), lazer (parques temáticos) e consumo (*shopping centers*), constituindo o processo que Souza (1999) denomina de “involução metropolitana”. A lógica dos novos bairros de classe média baseia-se na acessibilidade (física) e na valorização da segurança. São as chamadas *edge cities*, que se originam em função de um entroncamento viário, ancoradas por um *shopping center* regional, ao qual acrescentam-se bancos, postos de gasolina e centros de serviços especializados (Del Rio, 1997). Na escala local ampliada, assiste-se a um evidente espraiamento da suburbanização; na escala nacional há sinais que apontam para uma desmetropolização relativa, uma “desconcentração centralizada” das metrópoles, com o crescimento das cidades médias. (SERPA, 2013, p.35-36).

A rua, frequentemente, tornou-se sinônimo de perigo. Nela, conforme alertou-nos Da Matta (1998) não há amor, consideração, respeito e nem amizade: “que insegurança nos possui quando um pedaço de nosso sangue e de nossa casa vai ao encontro desse oceano de maldade e insegurança que é a rua brasileira”. (DA MATTA, 1998, p. 29). Este quadro de inclusão-exclusão social, que coloca a cidadania em jogo, a rejeição daqueles que são percebidos como inferiores e diferentes, que para Kowarick (2002, p.23-24) “constitui uma questão social que atravessa nossa história e continua a ser elemento constitutivo das relações sociais fortemente hierarquizadas e estigmatizadas imperantes na nossa sociedade”.

Ele acrescenta:

... o que mais imprime força e sentido à própria ideia de exclusão tem a ver com o fato de que sobre eles (os outros, diferentes, subalternos, ameaçadores, perigosos) se abate um estigma, cuja consequência mais dramática seria a sua expulsão da própria "órbita de humanidade", isso na medida em que os excluídos [levam] muitas vezes uma vida considerada subumana em relação aos padrões normais de sociabilidade. (OLIVEIRA, 1997, p. 51 apud KOWARICK, 2002, p. 24).

E vai além:

Acentua-se um imaginário social que associa as camadas pobres a um modo e uma condição de vida que estariam nas raízes da crescente violência que impregna o cenário das grandes cidades brasileiras. Essa associação é uma marca das representações que sempre se fizeram acerca da pobreza, a qual precisaria ser domesticada e moralizada nos seus hábitos, costumes e comportamentos. Em contrapartida, há uma forte matriz discursiva que opõe os "trabalhadores pobres" aos "bandidos". A entonação dessas percepções variou no tempo e no espaço, mas penso ser correto afirmar que fundamentalmente a partir da década de 1990, com o aumento do desemprego e subemprego, da favelização e da própria criminalidade, estruturou-se um conjunto de discursos e práticas que operou uma assemelhação da situação de pauperismo com o comportamento delinquente. (KOWARICK, 2002, p. 24).

Cabe destacar, aqui, o pensamento de Darcísio Corrêa, da sua obra “Estado, Cidadania e Direito – As contradições da trajetória Humana”. Ao abordar a relação entre cidadania e o espaço público, o autor destaca que:

Nessa definição percebe-se de imediato a relevância da expressão *espaço público* a ser, por isso, adequadamente conceituada. Destaque-se primeiramente que não se trata de um espaço meramente geográfico, nem se reduz às instituições políticas, usualmente (e de forma equivocada) contrapostas ao campo das condições materiais de existência, ou seja, ao campo privado das relações econômicas. A concepção aqui proposta define *espaço público* como um espaço *vital*, necessário para cada indivíduo construir, consciente e criativamente, sua identidade, seus projetos e seus sonhos, enfim, sua dignidade de sujeito racional, a partir de direitos fundamentais socialmente reconhecidos. O público diz respeito às condições externas, comuns a todas as pessoas, e que permitem a efetivação da trajetória de cada ser humano, respeitadas as diferenças e as especificidades constitutivas da personalidade individualizada. De forma abrangente, portanto, essa concepção valoriza a política como dimensão público-estatal, mas incluindo nela as condições materiais de existência. As condições econômicas das quais depende a realização plena do ser humano integram, sob esse entendimento, o conteúdo do referente *espaço público*. A cidadania, com isso, passa a ser entendida como um processo, dinâmico e conflitivo, de construção desse espaço público anterior citado. Tal formulação inclui o termo conflitivo em virtude das próprias contradições presentes no desenrolar histórico da complexa trajetória humana. Além da cidadania ter como base formal a dimensão jurídica, segundo a qual o cidadão é reconhecido como um sujeito com direito a ter direitos ou como um eleitor apto a votar e ser votado, ela possui igualmente uma dimensão política, caracterizada como um processo de constante invenção democrática, num esforço compartilhado por todos os indivíduos em favor do acesso ao espaço público do qual depende a realização da dignidade humana. (CORRÊA, 2010, p. 27-28).

Neste contexto de cidadania defasada, guiada sob os interesses de um mundo neoliberal, as ondens práticas individualistas incitam as pessoas a se comportarem cada vez mais como consumidoras. Sobre a questão Corrêa frisa que:

A cidadania moderna, formulada em bases nacionais, representou um avanço histórico altamente significativo, uma vez que reconheceu formalmente a igualdade humana básica dos integrantes da comunidade política: a todos cabe o direito a ter direitos, todos são iguais perante a lei. Constatou –se, por outro lado, que o mero reconhecimento jurídico da cidadania não é suficiente para produzir a universalização da dignidade humana, especialmente num sistema de mercado em que o valor central passa a ser a mercadoria, o objeto de consumo e não o homem enquanto sujeito histórico, restando-lhe transformar-se também em mercadoria sob pena de ser excluído das relações do sistema. O cidadão juridicamente qualificado precisa, por isso, *agir politicamente* para que a cidadania se efetive.[...] O que se pretende mostrar é que a cidadania passa a construir um processo de construção dos espaços públicos necessários para a vivência da dignidade humana. E este processo de efetivação das condições de vida digna não é pacífico num sistema caracterizado por profundas e crescentes desigualdades socioeconômicas. Os privilegiados detentores das condições materiais de existência numa sociedade mercantilizada não cedem gratuitamente aos apelos e demandas por inclusão social. Aceitam, no máximo, a cidadania do consumidor, uma vez que este representa um elo indispensável na cadeia da acumulação de capital. É esta a razão maior de se definir a cidadania como um

processo conflitivo de construção do espaço público, privilegiando a ótica dos segmentos mais excluídos do sistema. (CORRÊA, 2010, p.15).

O autor ainda acrescenta que disse:

Decorre uma questão extremamente preocupante: como construir coletivamente a cidadania no globalizado contexto do século 21? Infelizmente nem todas as forças do universo conspiram em seu favor. Os Estados nacionais, encarregados de comandar o processo coletivo de construção das solidariedades de seus cidadãos, passam por uma crise sem precedentes. Territorialmente delimitados, veem diluir-se fronteiras geográficas e politicamente construídas, dado que o capital financeiro transnacionalizado não respeita fronteiras para se reproduzir, carregando consigo as condições materiais necessárias para a concretização da cidadania. Resulta daí o paradoxo dos atuais Estados nacionais: cabe lhes ainda a tarefa de gerir as demandas dos cidadãos, ao mesmo tempo em que os recursos necessários para tal fogem de seu controle. E as poucas e grandes corporações que ditam os destinos do planeta não estão nada preocupadas com as necessidades sociais das populações excluídas. Basta-lhes o “saber cínico”, que consiste em utilizar as regras do mundo para tirar o máximo vantagem, seja de forma justa ou injusta. A crise, no entanto, não se reduz ao enfraquecimento das condições funcionais do Estado-nação. Vive-se igualmente uma crise de identidade social, em que os laços da convivência humana estão cada vez mais estremecidos. A partir de uma análise sociológica pode-se afirmar que o contexto da pós-modernidade, apesar de inovações tecnológicas fantásticas, vem acompanhado de um extraordinário aumento da liberdade individual, mas, contraditoriamente, tal liberdade relega cada vez mais os indivíduos a sua própria sorte. Livre, sim, mas cada qual se defende sozinho. Num mundo globalizado que ao mesmo tempo homogeneiza e fragmenta, no qual se embotam as referências éticas e se rotinizam os dramas humanos, as pessoas necessitam cada vez mais de um porto seguro para (re) construir sua identidade e (re) encontrar o sentido de sua vida. Na falta de soluções globais para as misérias do mundo, os indivíduos e os próprios grupos sociais sentem-se impotentes para transformá-lo como um todo, dedicando-se, no máximo, ao enfrentamento dos problemas imediatos do seu entorno. Fragmentados e desenraizados, refugiam-se frequentemente em guetos fechados, muitos deles de caráter religioso e fundamentalista, enquanto outros se lançam em movimentos humanitários nem sempre devidamente articulados. Uma das consequências maiores dessa perda de identidade e de enraizamentos culturais historicamente construídos traduz-se no conformismo fatalista segundo o qual não adianta lutar por soluções coletivas. A ideologia do atual discurso neoliberal consiste em afirmar que este, embora não seja o melhor dos mundos imagináveis, é o único mundo real, em contraposição ao qual “não há alternativa”. Dessa premissa justificadora de um sistema excludente decorre a postura conformista, em compasso de espera resignada do que pode resultar das consequências da globalização. Ou seja, a espera conformista passa a substituir a dinâmica emancipatória. (CORRÊA, 2010, p.15-16).

Todavia, apesar das incertezas e do quadro caótico que a cidadania enfrenta, o referido autor não desanima:

Apesar, entretanto, do realismo dessa análise da atualidade planetária, hoje dominante sob o signo da pós-modernidade, lutar é preciso. Em termos de direitos humanos e de cidadania há também sinais e estímulos de grupos que ainda acreditam em soluções globalizantes a partir de frentes locais e regionais com potencial de se espriarem sob a forma de posturas contra-hegemônicas. Se o sistema dominante, despreocupado com

a inclusão social dos que não têm assento à mesa do banquete, dilui e sonega os espaços públicos de debates povoados pela reciprocidade e pela solidariedade, cabe aos agentes da emancipação construir translocais de mudança social a partir do agir específico de cada um. De outra parte, o grande desafio a brotar desse processo de privatização e de mercantilização dos espaços públicos de debates voltados para a constituição de uma normatividade inclusiva em termos de dignidade humana pode ser assim delineado: como reavivar espaços de interlocução e de construção de saberes socialmente comprometidos numa época em que se apregoa o fim da História, o pensamento único e a rotinização das referências éticas, fragilizadas por um sentimento de conformismo e de fatalidade diante de um mundo globalizado que os indivíduos já não controlam? (CORRÊA, 2010, p. 17).

Em um contexto marcado pela individualidade e medo do outro,

Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos. “A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformam, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos *de jure* (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos *de facto* (de fato). (BAUMAN, 2009, p.35).

E em tempos de incertezas, onde o medo faz parte da rotina de todos, independente da escala, o espaço urbano parece viver uma guerra, pois:

Analisada em seus conteúdos de sentido mais essenciais, a representação da violência urbana seleciona e indica um complexo de práticas que são consideradas ameaças a duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costuma acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial. Ela aponta para o crime comum, mas o foco de atenção é a força nele incrustada, a qual é definida como responsável pelo rompimento da "normalidade" das rotinas cotidianas, isto é, de seu caráter cognitivo e axiologicamente não problemático e moralmente lícito. Esta é a razão pela qual violência urbana não é simples sinônimo de crime comum nem de violência em geral. Trata-se, portanto, de uma construção simbólica que destaca e recorta aspectos das relações sociais que os agentes consideram relevantes, em função dos quais constroem o sentido e orientam suas ações. (SILVA, 2004, p.57-58)

Essabanalização da violência urbana, aliada a perda de valores morais e éticos da sociedade atual levaram Bifo a afirmar que:

As experiências do século XX nos ensinaram que o capital não é uma passagem histórica insuperável, mas uma modalidade de semiotização definitivamente inserida na bagagem cognitiva da humanidade. Por outro lado, a própria noção de humano, historicamente determinada e culturalmente indissociável do contexto do humanismo moderno, deveria ser redefinida radicalmente, uma vez que os automatismos técnicos, lingüísticos, comportamentais, inseridos no circuito social digitalizado, transformam os organismos conscientes de tal maneira que muitas das características que definem o humano desapareceram irreparavelmente. (BIFO, 2005, p. 161).

No panorama social, econômico e geográfico descrito, a expansão dos “enclaves fechados” (espaços monitorados, privatizados e fechados, como shoppings centers e

condomínios residenciais) se dá em diferentes espaços urbanos, onde em busca por segurança e proteção, as pessoas vivem, trabalham, se divertem etc:

A ocorrência de espaços residenciais fechados em muitos países do mundo e em diferentes continentes pode indicar a existência de processos globais que levam os produtores do espaço urbano a considerar que esse tipo de *habitat* urbano é uma “opção com sentido”, como ressaltam Janoschka e Glasze (2003, p. 13-14). Eles identificam algumas consequências políticas, econômicas e culturais das relações entre globalização e esses tipos de empreendimentos, que aumentam a atração por esses espaços: a) redução da prestação de serviços públicos; b) a desregulamentação do mercado imobiliário; c) a transformação do ideal de Estado hierárquico num Estado moderador e mínimo; d) o aumento significativo da insegurança; e) os espaços residenciais fechados como parte de uma “cultura global”; f) a difusão de um produto imobiliário exitoso. (SPOSITO & GÓES, 2013, p. 64-65).

Assim,

A sociedade moderna vive um impasse: em busca de segurança, diante de um mundo caótico e bárbaro, a elite e a classe média optaram pela imobilidade, com equipamentos modernos e uso intensivo de cães de guarda e seguranças particulares. Enquanto isso, as classes sociais desprovidas de dinheiro são relegadas e negligenciadas pelo Estado numa onda de violência, medo e desespero que caracterizam os lugares. (LIMA & SÁ, 2010, p. 511).

Com relação ao contexto de desregulamentação da economia com o neoliberalismo e sua influência direta nas políticas públicas, Correia acrescenta:

Um espaço público fragmentado é, em si, teatro de esperanças e decepções. As exigências ético-políticas com que os media se confrontam são cada vez maiores. A capacidade de estes responderem a essas exigências é relativamente pobre, especialmente quando, como é o caso, se verificam contextos de desregulação mercantil pouco prometedores. Porém, as forças que o Estado possa acrescer a uma regulamentação ético-político do papel dos *media* são forças que apelam à inegável vocação do político: a responsabilidade para decidir. (CORREIA, 2010, p. 12)

À medida que o neoliberalismo avança sobre a sociedade brasileira, maior é a tendência para a privatização do público, pois além do projeto neoliberal incentivar o consumo e suas práticas individualistas, ele sobrecarrega o cidadão de mais responsabilidade, ao passo em que seu papel de promotor de políticas públicas fica ainda mais reduzido, servindo sobretudo aos interesses do mercado, reforçando assim a estrutura social centrada no espaço privado, pois o neoliberalismo “é o projeto de encolhimento do espaço público e da ampliação do espaço privado – daí seu caráter essencialmente antidemocrático –, caindo como uma luva na sociedade brasileira”. (CHAUÍ, 2006, p. 357).

Neste sentido,

[...] o projeto neoliberal operaria não apenas com uma concepção de Estado mínimo, mas também com uma concepção minimalista tanto da política como da democracia. Minimalista porque restringe não apenas o espaço, a arena política, mas seus participantes, processos, agenda e campo de ação. Assim, o encolhimento das

responsabilidades sociais do Estado encontra sua contrapartida no encolhimento do espaço da política e da democracia. Ambas devem ser limitadas ao mínimo, esse encolhimento é seletivo e suas consequências são o aprofundamento da exclusão exatamente daqueles sujeitos, temas e processos que passam a ameaçar o avanço do projeto neoliberal. (DAGNINO, 2004, p. 108-109).

Ainda sobre a temática citada, segundo Anhucci & Sugihiro:

Verifica-se que, sob a égide do projeto neoliberal, são grandes os desafios para se efetivar o espaço público, e como consequência são enormes os obstáculos no que se refere à ampliação da política. Neste sentido, o papel dos conselhos enquanto *locus* capaz de democratizar o debate sobre o orçamento público tem ficado em segundo plano, o que significa a não disposição, por parte do Estado e da classe que o controla, em permitir que diferentes atores sociais possam ocupar os espaços de decisão com o objetivo de exercer o controle sobre coisa pública. (IDEM, 2010, p.04).

Para os autores supracitados o neoliberalismo tem contribuído para um espaço público “esvaziado de debate, em oposição ao projeto político participativo que pressupõe um espaço público enquanto *locus* do fazer política, onde deve prevalecer o confronto de ideias, capaz de possibilitar a construção de propostas coletivas”. (IDEM, 2010, p.07), pois:

Mesmo diante da Constituição Federal de 1988, que legitima o acesso dos diferentes atores sociais às decisões sobre o destino dos recursos públicos, a reflexão sobre a dimensão política dos conselhos no processo de gestão do orçamento público demonstra que esses espaços públicos sofrem influências de práticas autoritárias que não condizem com a consolidação de uma gestão pública democrática. A população, por sua vez, e os próprios conselheiros, dominados por uma visão individualista e egoísta, encontram dificuldades em reconhecer os conselhos como importante *locus* de debate e de decisão sobre as prioridades em torno dos recursos públicos. (ANHUCCI & SUGUIHIRO, 2010, p.8).

O espaço urbano globalizado é fruto de um sistema econômico avançado, porém desigual nas suas formas de acesso e participação das conquistas. São nas cidades contemporâneas que as identidades locais e os interesses globais se difundem e/ou se confrontam. Ao mesmo tempo em que as áreas urbanas concentram as atividades mais dinâmicas da economia, estruturando –se em redes, onde centros globais se ligam as áreas mais remotas da Terra, a cidade também é polo de pobreza, fragmentação e desigualdades sociais. Enquanto bairros tornam se objeto de desejo e realidade para as elites do capitalismo global, populações inteiras convivem com o desconforto, a criminalidade e a violência em bairros populares, com desprezo total do poder público frente às diferentes mazelas produzidas.

Em outras palavras,

os ricos tendem a se tornar cada vez mais ricos, desfrutando de oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, enquanto os mais pobres aprofundam na miséria, destituídos de sistemas de proteção social. Efeito desse duplo movimento é evidente na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: Enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando

verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aquelas que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo. (BAUMAN, 2009, p. 8- 9).

Entendendo então o espaço como um sistema de objetos e de ações, dotado de formas e conteúdos, um olhar sobre o espaço público em um prisma geográfico deve necessariamente levar em consideração as práticas e as dinâmicas sociais desenvolvidas na configuração física destes espaços, relação necessária para o entendimento desses espaços e do exercício da cidadania por meio de seus usos e formas de vivência:

A cidadania é um pacto social estabelecido simultaneamente como uma relação de pertencimento a um grupo e de pertencimento a um território. Esse pacto associativo é formal e pretende assegurar os direitos e deveres de cada indivíduo. A coabitação desses indivíduos ocorre assim sobre um espaço que é também objeto de um pacto formal, que instaura limites, indica usos, estabelece parâmetros e sinaliza as interdições. Esse tipo de espaço normatizado é a matriz do espaço público e o principal *locus* de reprodução da vida coletiva, e toda ação social que pretenda subverter a existência desse espaço ou transformar seu estatuto é necessariamente redefinidora dos termos e corresponde a um recuo do contrato inicial que funda a cidadania, recuo que é tanto da institucionalização das práticas sociais que compõem um quadro de vida democrático e cidadão quanto físico, do arranjo material que limita e qualifica as ações. Assim, podemos facilmente relacionar as mudanças na imagem da cidade, diferente daquela construída nos primeiros tempos da Modernidade, com esse tipo de recuo. Ela é hoje concebida como fragmentada, como soma de parcelas mais ou menos independentes, havendo uma multiplicação de espaços que são comuns, mas não públicos; há um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de nos extrairmos do espaço público (telefones celulares, fones de ouvido etc), os modelos de lugares se redefiniram, *shopping centers*, ruas fechadas, paredes “cegas” etc. (GOMES, 2012, p. 174).

E continua:

Podemos assim afirmar que há um recuo da ideia fundadora de cidadania que organizou a cidade e a convivência social nos primeiros anos da Modernidade. Não há nostalgia nesta constatação, mas há certeza de que esses signos de novos arranjos físicos resultam em novas formas de se construir a vida coletiva, novas imagens físicas e sociais da cidade. É nesse sentido que nos autorizamos a utilizar a expressão “recuo da cidadania”. Trata-se assim do recuo do projeto social e espacial que está em processo de “encolhimento”, muito embora ele ainda subsista como imagem mental em diversos segmentos pensantes da sociedade. Sinteticamente, a natureza da cidade está mudando, ou seja, seus sentidos e sua forma, e isso corresponde a um processo maior de redefinição das ideias que nos orientaram dentro de um projeto civilizatório, como diria alguns. Cidade e civilização, duas palavras de raízes comuns, nas quais podemos ver projetos associados, mas que são construções históricas e por isso também estão sujeitas a alterações. As categorias podem permanecer, mas as formas que associamos a elas estão nesse momento em profunda transformação. É a

observação desta transformação física que queremos descrever aqui. (GOMES, 2012, p. 174-175).

Para Souza (2012, p.185) “hoje, no Brasil, a ideia de coisa pública se confunde, em grande medida, com algo de baixa qualidade ou de uso exclusivo das camadas populares, como no caso de hospitais, escolas, parques, centros de lazer etc”. De igual modo, para ele, a mesma desvalorização acontece com o espaço público, uma vez que o acesso é livre, e a frequência majoritária é composta, em geral, de elementos oriundos dessas camadas populares:

A enorme desigualdade social, na qual o Brasil tem a liderança mundial, tende a produzir uma vivência espacial do gênero apartheid, pois todas as possibilidades de mistura ou de se compartilhar um espaço comum são vistas com desconfiança e evitadas socialmente. Abandonados pelos poderes públicos e pela população que mais efetivamente dispõe dos meios de exercer e reclamar a cidadania, os espaços públicos se convertem em terra de ninguém, sem regras de uso, perdem sua característica fundamental, ou seja, a de terreno de convivência, associação social, encontro entre diferentes, ou, em uma palavra, espaço democrático. (GOMES, 2012, p. 185-186).

Segundo Richard Sennett (1988), os espaços públicos originalmente se constituiriam como o *locus* da democracia, servindo como os verdadeiros espaços de tolerância às alteridades e, principalmente, como um espaço de diálogo da própria coletividade na tentativa de solucionar os seus problemas. O autor destaca que os espaços públicos ganharam novos significados com a transformação do capitalismo e suas mudanças psicossociais, deixando de serem espaços de permanência para serem apenas simples vias de circulação, erodindo assim a vida pública. Tais transformações inverteram e corroeram as preocupações anteriormente ligadas aos espaços públicos e aos assuntos públicos em detrimento dos privados. Para ele, multidões de pessoas estão agora preocupadas apenas com as histórias de suas vidas e com suas emoções particulares e isto não se constitui em exercício de libertação, mas sim numa armadilha. Ou seja, os espaços públicos são cada vez mais vazios de questões públicas, perdendo suas funções originais, em detrimento da intimidade e da busca por soluções individualistas:

O espaço público equivalente ao espaço da liberdade dos cidadãos, no qual estes exerciam sua capacidade de participação crítica na gestão dos assuntos comuns, sob o princípio da deliberação; um espaço que se opunha, portanto, ao espaço privado regido pela dominação do poder. Hoje, as corporações apropriaram-se do espaço público e o transformaram em espaço publicitário; os cidadãos que o frequentam não fazem mais na qualidade de cidadãos, mas como consumidores de informação. Grandes avenidas de nossas metrópoles, e boa parte de suas ruas, transformaram-se em um imenso espaço de outdoors e placas de anúncios ou logomarcas. (DUPAS, 2005, p.7).

Sobre o uso da esfera pública pela privada, enfocando a sociedade brasileira, o antropólogo Roberto Da Matta (1997) destaca que essas duas categorias estariam diretamente ligadas às dimensões espaciais do público (rua) e do privado (casa):

Em casa somos todos, conforme tenho dito, “supercidadãos”. Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos paz, nem voz. Somos rigorosamente “subcidadãos” e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora da nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras do trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora da nossa casa é um “problema do governo”. (DA MATTA, 1997, p.20).

Neste prisma, Fernandes ressalta que:

O espaço privado se transforma em lugar da familiaridade e da intimidade, em contraposição ao espaço público que será o lugar da multidão, do anonimato e das massas (...) Enquanto um está exposto à publicidade, o outro é secreto. Um é fechado e reservado: o outro caracteriza-se pela acessibilidade e pela transparência. Nestas coordenadas se inscreve também a relação inclusão/exclusão e se exprime a forma como as pessoas regulam as relações. (IDEM, 1992, p.85).

Entendemos que “a cidade contemporânea é perigosa na medida em que a globalização a divide em fragmentos antagônicos, transformando-a em um conflito de forças e interesses”. (PEDRAZZINE, 2006, p. 70), considerando também que outros processos influenciam diretamente na violência e medo na cidade, inclusive de ordem subjetiva. O avanço da globalização e a decomposição do Estado Social, para Bauman (2009), contribuiu para o aumento do medo nas grandes cidades, pois o avanço do neoliberalismo na economia global e seus ideais de individualidade e competitividade colocam o indivíduo como o único responsável por seus atos e problemas, já que o Estado pouco ou nada interfere na resolução de conflitos e assim impera a lei do “salve-se quem puder” em um contexto em que “o dinheiro e a razão ortogaram o poder secular ao homem, não apesar da abstração, mas graças a ela”. (SÁBATO, 1993, p.45).

Com o neoliberalismo, o mercado – dominado pelas corporações transnacionais – reduz o papel do Estado, através de privatizações de empresas estatais, enxugamento da máquina pública e ampliação da territorialização do capital financeiro internacional. As funções inerentes ao Estado, como saúde, segurança, educação, habitação, entre outras, ao passarem para o controle do mercado, deixam de beneficiar aqueles que não podem pagar, aqueles que não participam ativamente da vida econômica da sociedade dos consumidores, pois o mercado é movido pelo lucro, destituído de qualquer obrigação social, ao contrário do Estado, que, na teoria, deve governar para a coletividade e assegurar o exercício da cidadania. Na busca pelo

progresso, “o homem conquistou um universo objetivo, mas ao preço de um total sacrifício do eu, da humilhação dos valores verdadeiramente humanos”. (SÁBATO, 1993, p. 94). Somos guiados por um sistema onde o econômico domina e:

Hoje, apenas uma linha sutil separa os desempregados, especialmente os crônicos, do precipício, do buraco negro da *underclass* (subclasse): gente que não se soma a qualquer categoria social legítima, indivíduos que ficaram fora das classes, que não desempenham alguma das funções reconhecidas, aprovadas, úteis, ou melhor, indispensáveis, em geral realizadas pelos membros “normais” da sociedade; gente que não contribui para a vida social. A sociedade abriria mão deles de bom grado e teria tudo a ganhar se o fizesse. Não menos sutil é a linha que separa os “supérfluos” dos criminosos; *underclass* e “criminosos” são duas subcategorias de “elementos anti-sociais” que diferem uma da outra mais pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem que por suas atitudes e comportamentos. (BAUMAN, 2009, p. 24).

Cabe, ainda, destacar o pensamento de Bauman, que afirma:

Paradoxalmente, as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo. Como diz Nan Ellin, “o fator medo [implícito na construção e reconstrução das cidades] aumentou, como demonstram o incremento dos mecanismos de tranca para automóveis; as portas blindadas e os sistemas de segurança; a popularidade *das gates and segure communitities* para pessoas de todas as idades e faixas de renda; e a vigilância crescente dos locais públicos, para não falar dos contínuos alertas de perigo por parte dos meios de comunicação de massa. As autênticas ou supostas ameaças à integridade pessoal e à propriedade privada convertem-se em questões de grande alcance cada vez que se consideram as vantagens e desvantagens de viver num determinado lugar. Elas aparecem em primeiro lugar nas estratégias de *marketing* imobiliário. A incerteza do futuro, a fragilidade da posição social e a insegurança da existência – que sempre e em toda parte acompanham a vida na modernidade líquida, mas têm raízes remotas e escapam ao controle dos indivíduos – tendem a convergir para objetivos mais próximos e a assumir a forma de questões referentes à segurança pessoal: situações desse tipo transformam-se facilmente em incitações à segregação-exclusão que levam – é inevitável – a guerras urbanas. (BAUMAN, 2009, p. 40-41).

Diante da complexidade do espaço geográfico atual, sobretudo o nosso, podemos perceber a problemática dos usos e percepções do espaço público, este entendido como espaço de sociabilidade e visibilidade coletiva/ pública, que se encontra diante de tensões fragmentárias. Quanto à violência e o medo, eles trazem para a cidade novas formas e funções. Nas paisagens urbanas, a população de maior poder aquisitivo se isola com muros e grades, enquanto bairros pobres passam a ser evitados, com a construção de “muros sociais” invisíveis. As mudanças materiais alternam também as ações sociais e a “cidade fragmenta-se em espaços constantemente vigiados e espaços estigmatizados como inseguros”. (CRUZ, 2010, p.14). Assim,

[...] A cidade parece viver um impasse: a “elite” e a classe média não cedem e se fecham nos seus condomínios; a outra parte da população (a maioria) se tranca nos “guedos” e suas “casas”. A convivência - quando há - agora é cada vez mais virtual e os vínculos de sociabilidade vão se esmaecendo. Enfim, depois da razão

(virtual) ter triunfado e vivermos em uma pós- modernidade na qual todas as “tribos” buscam comungar (pelo menos nas infovias, internet, celular), paradoxalmente, nunca fomos tão carentes de cavernas. Na disputa entre a liberdade e segurança, nossa(s) cidade(s) parece ter optado pela segunda (de preferência bem armada e treinada). (SÁ, 2009, p.17).

Vivemos em um mundo cuja flexibilidade, tecnologia, política neoliberal e a globalização são realidades entre países, economias e povos, e estes trazem fortes reflexos nos usos dos espaços e no seu consumo em todas as escalas, e consequências, das quais muitas delas se manifestam de forma negativa. A montagem do meio técnico-científico-informacional influenciou diretamente as relações pessoais, incentivando, em muitas ocasiões, o abandono da esfera pública, já que a tecnosfera possibilita o consumo e a diversão em espaços privados, mais seguros e privativos:

Foi a partir desse abandono das pessoas pelas ruas da cidade, que entendemos ser possível explicar a insegurança e o medo que os espaços públicos passaram a expressar, processo que entendemos como retroalimentado; na medida em que as pessoas se sentiram inseguras, passaram a evitar os espaços públicos que, sem a presença de pessoas, tornam-se ainda mais inseguros e conseqüentemente mais evitados. (COSTA, 2010, p. 26).

A ação do Estado muitas vezes direciona a reprodução do espaço urbano, interfere na vida e no comportamento das pessoas e transforma os usos e significados dos espaços públicos, tais como medidas de segurança, melhoria na estética dos espaços para atrair pessoas. Entretanto, a partir de sua complexa atuação viabiliza, conforme o pensamento de Corrêa,

o processo de acumulação e de reprodução das classes sociais, interferindo na segregação social e também residencial. A partir de seu planejamento, afirmamos também que o Estado pode alterar a rotina cotidiana das pessoas e viabilizar a segregação dos espaços públicos, tornando-os apáticos e desinteressantes. (CORRÊA, 1989, p.26).

Se por um lado, vivenciamos a crise da esfera pública, com a invasão dos problemas de ordem privada, tão presentes nos meios de comunicação, como *reality shows* e programas de autoajuda, presenciamos, concomitantemente, o fenômeno da violência, medo e abandono dos espaços públicos em muitos lugares, acarretando modificações diretas na esfera social, com ações que se materializam nas paisagens urbanas do presente.

A negligência do poder público frente ao abandono, medo e insegurança com os espaços públicos reforçam as novas formas e funções desses espaços. Assim, os espaços livres públicos muitas vezes são vistos como espaços mortos, com praças abandonadas e inexistência de políticas de segurança nos espaços públicos, que reforçam a falta de efervescência humana. Até os anos 1990 o medo e a insegurança, hoje tão presentes na vida real, mas também na psicofera da população brasileira não se faziam tão presentes. Entretanto, muitos desses espaços livres

públicos foram submetidos a sucessivas modificações que resultaram na deformação do projeto original e, sobretudo, na redução dos seus jardins.

O direito do consumidor, sua voz e importância no mercado constroem uma nova cidadania, baseada no consumo, ou melhor, no modo como o cidadão consome os diversos produtos no mercado e em como sua mediação contribui para a construção de novas práticas culturais, baseadas, segundo Bhabha *apud* Sousa (2006,p. 161) em “identidades políticas desiguais, não-uniformes, múltiplas e potencialmente antagônicas”.

Para o autor, “o espaço público se constrói no “mundo da vida” e se concretiza no ato comunicativo, dinâmico e mutável, que depende das interações e mediações possíveis de serem produzidas pelos indivíduos”. (Sousa, 2006, p.162). Dessas mediações estão àquelas estabelecidas por meio das novas tecnologias de comunicação. Assim, os novos aparatos tecnológicos e as novas formas de comunicação e “vêm contribuindo para complexificar esta realidade e proporcionando diferentes leituras e/ou interpretações de seu papel/importância para as relações sociais contemporâneas”. (IDEM,2006, p.162). Neste sentido, essas novas formas de percepção do mundo e do real, influenciadas agora pelas imagens, “exigem novos espaços de representação, novos modos de organização, um novo ímago, em quantidades suficientes para os mais diferentes grupos sociais e as mais diversas possibilidades culturais”. (SOUSA, 2006, p.164).

Habitamos o ciberespaço, em que,

Esse espaço, ainda não garantido pelas “leis históricas”, teria a capacidade de comandar os espaços anteriores de sua classificação: a terra, o território e os espaço das mercadorias. O que caracteriza esse novo espaço?Levy sugere que tal espaço é caracterizado por um novo nomadismo. Não é o do território, nem o das instituições ou dos estados, mas um espaço invisível de conhecimento, saberes, potências de pensamento, em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de construir sociedades. Não os organogramas do poder, nem as fronteiras das disciplinas, tampouco as estatísticas dos comerciantes, mas o espaço qualitativo, dinâmico, vivo de humanidades em via de se auto inventar, produzindo seu mundo.[...]estamos vivendo numa sociedade mediatizada e que necessita construir novos mecanismos de participação, subvertendo as limitações e aproveitando os recursos da sociedade da informação para redefinir espaços e ações, e ampliar a democracia. (SOUSA, 2006, p. 164-165).

O espaço público é cada vez mais virtual. Nele coabita o processo de globalização e o meio técnico científico informacional. Os usos das tecnologias no espaço público afetam diretamente as suas formas de sociabilização, com eliminação da fronteira entre público e privado, ao flexibilizar os limites entre o privado, íntimo e o público. A internet é um exemplo, conforme afirma Sousa:

A rede virtual e mundial da informação – internet- é um exemplo disso. Mesmo ainda indefinida, caracteriza-se pela multiplicidade e pluralidade de meios, opções e linguagens, que buscam contemplar as novas exigências do mercado e os novos desejos do cidadão. É o melhor e mais contemporâneo exemplo de uma sociedade onde as múltiplas identidades se articulam para desafiar caminhos, anarquizar regras já estruturadas, questionar a tradição. Estamos diante , portanto, de uma revolução silenciosa nos hábitos, costumes e, conseqüentemente, nas formas de a pessoa

estabelecer novos modelos de comunicação e interação social. Tais modelos podem reinventar espaços de interação, não mais diretos, face a face, mas mediados por suportes tecnológicos, construídos para este fim[...].[...]Esse contexto expressa o processo de virtualização do cotidiano, em que o Estado não pode dominar, nem legislar. Pode-se conversar em tempo real com câmeras que possibilitam ver o interlocutor e listas de discussões. Por outro lado, são inúmeras as possibilidades de negócios e comércio oferecidas a uma clientela, que cresce assustadoramente e que busca novos nichos virtuais e “domínios”. Da mesma forma que os *shopping centers* se tornaram um espaço de troca e de consumo de bens culturais, materiais ou espirituais para as cidades industrializadas, a rede virtualiza ainda mais a “Ágora”, que se torna também um espaço privilegiado de discussão e de consenso. A internet coloca-se como um espaço que pressupõe uma subjetividade intersubjetivamente estabelecida, é processual e se põe em permanente tematização e questionamento. É, portanto, um espaço público. Considerando-se a concepção de Lafer (1994) para tal conceito, é uma junção do público comum a todos, e do público acessível a todos, mesmo que este processo ainda não esteja de todo concretizado. Há, dessa forma, uma nova sociedade em construção e com ela um novo espaço público se constrói num processo de argumentação racional. Nesse espaço ocorrem enfrentamentos, conflitos, debates e oposições. (SOUSA, 2006, p. 169- 170).

Para Correia (2010), enquanto espaço de visibilidade pública, o espaço público, encontra-se diante de tensões fragmentárias, seja por contribuição do papel do consumo cada vez maior na sociedade capitalista global, por meio de modernos dispositivos tecnológicos de mediação, entre outros fatores sociais.

Com relação à luta e participação popular nas decisões políticas o autor afirma que:

Por um lado, as questões que dizem respeito à identidade e à forma de vida podem e devem ser objeto de debate público. Por outro lado, acredita-se que as sociedades multiculturais só conhecerão a coesão desejável se para além de proporcionarem uma cultura de cidadania em que imperem os direitos de liberdade e de participação, dinamizarem a fruição dos direitos sociais e culturais. Finalmente, a insistência na importância do Estado de Direito implica a manutenção de uma relação com os mecanismos informais de debate e de deliberação pública. (CORREIA, 2010, p.6).

Coaduna com o seu pensamento Habermas, quando afirma que:

O desenvolvimento e a consolidação de uma política deliberativa dependem não de uma cidadania coletivamente capaz de ação, mas da institucionalização dos correspondentes procedimentos e pressupostos comunicativos, assim como da interação entre deliberações institucionalizadas com opiniões públicas desenvolvidas informalmente. (HABERMAS, 1996, p. 298).

Sentir medo e buscar segurança e proteção tornou-se uma regra no contexto moderno, com destaque para as cidades brasileiras. O medo de crimes e criminosos faz de cada um de nós seres mais individualistas. O perigo está em toda parte, o outro é sempre suspeito e a solidariedade humana desacreditada, enquanto a sensação de insegurança toma conta das ruas das cidades e das vidas dos cidadãos. A cultura do consumo reforça a fragilidade e a vulnerabilidade dos indivíduos, em especial daqueles grupos desprovidos de poder aquisitivo,

que sem proteção do Estado e com redes de vínculos sociais fragilizados veem se entrar em labirintos “sem saídas”. Essa situação se agravou com o advento das novas tecnologias, pois através delas as empresas podem aumentar seu capital sem necessariamente empregar mais mão de obra, e, como resultado, aumenta o exército de excluídos ou redundantes em níveis assustadores.

No momento atual, este medo é reforçado, diante da atual conjuntura brasileira, marcada por uma crise econômica, política e sobretudo moral: O medo de perder o emprego, de perder seus direitos trabalhistas, de ser assaltado, violentado, assassinado. Em outras palavras, o medo do outro, do estranho, do diferente, do exército de redundantes se concretizam na psiquesfera do brasileiro. Este avanço do medo e da violência no país fragmenta cada vez mais os seus espaços, que são reforçados por muros, tecnologias e projetos que visam um distanciamento cada vez maior entre as pessoas e a comunidade a que pertencem. Enquanto os grupos privilegiados se desprendem do território, através de sistemas de comunicações globais, onde os fluxos ligam diversos pontos da rede, outros não têm sequer a opção do primeiro território de forma plena, estando condenados a permanecerem onde estão, presos à sua localidade.

3 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO TEIXEIRENSE

3.1 Formação histórico-espacial

A compreensão do espaço urbano atual de Teixeira de Freitas requer uma análise histórica, pois as sucessivas transformações que o município se submeteu trouxeram reflexos para o presente, constituindo-se em variáveis indispensáveis para sua análise, já que “se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir, entre as suas funções originais, aquelas que dela emergiram e aquelas que dela emergirão”. (MUNFORD, 2004, p.9).

Entendemos que a história da cidade é complexa, e que vários elementos de sua construção poderão ser esquecidos, mas a intenção é destacar pontos importantes, relacionados à construção de sua sociedade e espaço. Até porque comungamos do pensamento de Le Goff, quando este afirma que a História enquanto ciência é uma “sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões”. (LE GOFF, 1990, p. 29).

Além de revisão de literatura, é necessário destacar que para a realização dessa breve análise do desenvolvimento histórico da cidade, analisamos depoimentos de moradores do antigo povoado em jornais, informações de outras pesquisas, significativas para esta etapa do trabalho, pois, como afirma o historiador francês Jacques Le Goff (1990) o testemunho oral é importante, devendo este ser utilizado, pois “à história oral, às autobiografias, a história subjetiva, amplia a base do trabalho científico, modifica a imagem do passado, dá a palavra aos esquecidos da história.” (IDEM, 1990, p. 221).

Considerada o “berço do descobrimento do Brasil”, a região Extremo Sul da Bahia, da qual Teixeira de Freitas é parte integrante, possui uma grande importância histórica no processo de ocupação e povoamento do território brasileiro. Inicialmente, esta região era ocupada por povos de diferentes etnias: No interior viviam Botocudos, Pataxós, Maxacali, Puri, Camarã, entre outros, enquanto na faixa costeira a ocupação se dava por meio dos Tupis (Tupiniquins). Suas principais atividades econômicas eram a caça, a pesca e a coleta de frutos.

A chegada dos portugueses alterou significativamente as relações pessoais, os modos de viver desses grupos, os costumes, impondo mudanças culturais drásticas. Núcleos de ocupação do território, em caráter provisório, foram instalados, e os primeiros foram em Porto Seguro e

Caravelas. Neles, capelas, postos de armazenamento de madeira, centros de administração e fortificações (com intuito de proteger os portugueses dos ataques indígenas, de ataques holandeses e franceses), foram construídas.

Antes de se tornar município, Teixeira de Freitas era um povoado, pertencente aos municípios de Alcobaça e Caravelas. Seu processo de povoamento iniciou-se com um pequeno agrupamento de ex-escravos, que ocuparam o espaço da Praça Castro Alves, conhecida popularmente como Praça dos Leões. O pequeno e simples vilarejo Teixeira de Freitas, que recebera diversos nomes, até a década de 1970 era apenas referência para poucos moradores e habitantes das redondezas:

É que o humilde povoado, formado inicialmente por famílias negras, conhecido às vezes pelo nome de “Mandiocal” ou “Comércio dos Pretos”, não representava perspectivas de crescer. Erguidas, às margens de uma estrada aberta pela firma de madeira, no meio da mata, as quatro primeiras barracas, que marcaram o início da povoação, feitas de pedaço de madeira, palhas e taipa, não chegavam a merecer a atenção dos estatísticos. (BANCO DO NORDESTE, 1985, p. 05).

Somente no ano de 1957, o povoado conhecido no período por “Povoado São José do Itanhém” (substituto da denominação “Arrepiado”), que era considerado um dos mais importantes aglomerados urbanos e polos de desenvolvimento da Bahia, passou a ser chamado Teixeira de Freitas, por meio do ofício nº 91 da Prefeitura Municipal de Alcobaça, uma homenagem póstuma do prefeito de Alcobaça Manoel Euclides Medeiros ao professor de estatística, fundador do Instituto Nacional de Estatística (cujo nome foi modificado, em 1938, para Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) e licenciado em Direito sr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Na década de 1960 já existiam núcleos urbanos no povoado, dividindo-se entre os dois municípios: Alcobaça e Caravelas. Buraquinho, Monte Castelo e Bairro da Lagoa (onde se localiza o shopping Teixeira Mall Center) pertenciam ao primeiro município, enquanto os bairros São Lourenço, Jerusalém, Vila Vargas e o Duque de Caxias (localizado na zona rural) pertenciam ao segundo.

Segundo o Portal “Jornal Alerta”:

Até há pouco tempo, 1986, o núcleo urbano possuía uma situação muito singular. A sua subordinação administrativa era dividida entre dois municípios. A vila que deu origem a Teixeira de Freitas se localizava exatamente na linha divisória entre os municípios de Alcobaça e Caravelas. De tal modo que algumas ruas estavam em um município e outras no seu vizinho. Alcobaça, sede do município que dispensava uma atenção um pouco maior ao povoado pela simplicidade de sua organização administrativa e pela pouca importância da Vila de Teixeira de Freitas, não possuía nenhum mecanismo legal e constante para o acompanhamento e a fiscalização sobre

o que e como se construía. Assim, o núcleo urbano ia se estendendo, desorientado. (JORNAL ALERTA, 2005)

Apesar da falta de planejamento e um conseqüente um crescimento urbano desorientado,

A cidade de Teixeira de Freitas não surgiu por obra do acaso. Nasceu sim, de uma série de transformações na política do estado, do país e das rotas de comerciantes que tanto favoreceram a posição central da cidade. Este local onde se localiza a área urbana da cidade hoje, não passava de uma área coberta pela floresta atlântica, matas e brejos, só possível de alcançar através de trilhas por dentre as matas ou pelos trechos navegáveis do rio Itanhém, também conhecido pela alcunha Alcobaça. Navegar era a primeira opção dos moradores das pequenas comunidades rurais, em sua maioria negra, que habitavam a região. Na década de 1940, a fazenda Cascata ocupava uma posição central, porque ofertava meios para escoamento e abastecimento das fazendas vizinhas como a Nova América, Conceição, Água Limpa e a Japira. Na Cascata havia, além da farinha, a casa do proprietário Joaquim Muniz e outra mais distante próxima ao rio Itanhém. Também havia uma venda onde era possível adquirir os produtos industrializados, uma espécie de mercearia que vendia de tudo. Mesmo tendo a população rural se fixado primeiramente às margens do Itanhém, foi nos arredores da Praça dos Leões que a cidade desabrochou. (ROCHA, 2015,p.86).

A década de 1970 é marco de crescimento para o povoado, com a construção da BR 101. O desenvolvimento e crescimento do comércio de madeira de lei, que progressivamente derrubava a mata atlântica, a substituindo por pastagens, transformou o povoado em polo de atração populacional, com a chegada de imigrantes de diferentes estados, principalmente vindos do norte do Espírito Santo e de Minas Gerais, iniciando o movimento de formação do município, que ocorreria anos depois, reforçada com a chegada de muitos criadores de gado do interior do estado.

Sobre a chegada dos pecuaristas Reis e Araújo acrescentam que:

[...] na década de 60, as primeiras fazendas de gado foram instaladas no povoado, sendo a mais antiga a fazenda Cascata, que se constituía no ponto de referência da região, pertencente ao coronel Quincas Neto. Nessa época, os meios de transporte mais utilizados eram o cavalo e a canoa, vez que não existiam estradas que dessem acesso aos demais distritos. (REIS & ARAÚJO, 2006, p. 22).

Em outras palavras, o povoado, que inicialmente atendia por vários nomes (Comércio dos Pretos, Mandiocal, Arrepiado, Tira-Banha, São José do Itanhém) cresceu com base em uma ocupação desordenada da mata atlântica, por parte de serrarias que chegaram com força, sobretudo a partir do final da década de 1960, suscitando muitas vezes diferentes tipos de violência e conflitos, em um desenvolvimento orientado segundo os interesses da burguesia (mineira e capixaba), que buscava o lucro fácil e rápido por meio da exploração de um lugar que seria uma potência regional futura e oferecia condições e facilidades.

Segundo o Jornal Alerta (2009), a empresa madeireira Santa Luzia foi instalada em 1950, vinda de Viçosa/ MG, incentivando mineiros e capixabas na perspectiva de bons negócios, graças também a instalação de serrarias. A busca por oportunidades trouxe efervescência para o povoado, com fluxo de pessoas cada vez maior. Apesar disso,

a madeira, inicialmente, foi “exportada” legal ou ilegalmente para outros estados, sobretudo Minas e Espírito Santo, onde ia ser beneficiada. Assim, quase não trouxe “vantagens” para o Estado e o Município da região, além de criar poucos empregos. (KOOPMANS, 2005, p.55).

O povoado crescia, porém sem um registro digno de publicação. Assim Teixeira de Freitas

Surgia e crescia despercebida pelo mundo, mas não precisaria de muito tempo para se destacar no mapa econômico da Bahia. Transformou-se num dos mais importantes aglomerados urbanos e polos de desenvolvimento do estado, sem, no entanto, marcar presença nos censos demográficos de 1960, 1970 e 1980. Dividido entre dois municípios, o povoado gigante servia apenas para engordar a população classificada como rural dos distritos de Juerana, do município de Caravelas, e do distrito-sede de Alcobaça. No último Censo demográfico, por exemplo, Juerana, vila de 990 habitantes, aparece com uma população rural de 28.204 habitantes, enquanto o distrito sede de Alcobaça (cidade com 3.533 habitantes) registrava uma população rural inferior a 30 mil pessoas. (BANCO DO NORDESTE, 1985, p.05).

Em um contexto nacional, as décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela busca ávida pelo “progresso” no Brasil. O país recorreu a organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial, para alcançar crescimento, e como resultado, Teixeira de Freitas é agraciada com a construção da BR 101, que além de ligar a região Sul ao Norte e Nordeste do país, ligava o Extremo Sul da Bahia à capital do estado, Salvador. O governo de Juscelino Kubitschek, com o objetivo de acelerar o crescimento econômico voltado para as indústrias, dentre elas a automobilística, através do Plano de Metas (crescer o Brasil 50 anos em 5), realizou investimentos em infraestrutura, sobretudo nas áreas de transporte, energia e comunicação. Neste sentido, muitas ferrovias foram desativadas e, posteriormente, seu papel passou a ser desempenhado pelas rodovias, como a BR 101, objetivando a integração nacional. A desativação da Estrada de Ferro Bahia e Minas gerou uma diminuição da clientela dos dois maiores polos econômicos da região, Caravelas (BA) e Nanuque (MG), e um conseqüente enfraquecimento do comércio e das economias locais. Em contrapartida, a construção da BR 101 facilitava o acesso à Teixeira de Freitas, por estar localizada às margens da rodovia.

A inauguração da BR 101, construída no período militar, veio acompanhada de um crescimento significativo do número de serrarias às suas margens, que na visão de Koopmans

(2005), reforçou ainda mais a importância geográfica de Teixeira de Freitas, colocando-a não somente como elo entre várias cidades e capitais, como também elevando o seu espaço para facilidades no escoamento de produtos, desenvolvimento do comércio e fortalecimento da rede urbana regional, ao paralizar diversos municípios no seu entorno.

A segunda metade do século XX foi um período marcado por grandes transformações na região do Extremo Sul baiano. Influenciada pela política econômica no cenário nacional, houve grandes investimentos estrangeiros em reformas e construções na área de infraestrutura desta região. Até a década de 1970, a cidade de Nanuque, em Minas Gerais, que fica cerca de 110 quilômetros de Teixeira de Freitas, era considerada centro comercial para uma grande parte do Extremo Sul da Bahia, com suas lojas sortidas e bem instaladas e com agências bancárias, as calçadas quase sempre viviam lotadas de compradores. Mesmo com as ruas ainda esburacadas e empoeiradas, circulavam cavalos e jipes de fazendeiros de boa parte da região. Mais tarde a cidade de Teixeira de Freitas tomou esse lugar que Nanuque ocupava localmente. (KOOPMANS, 2005, p.41).

Além dos madeireiros e pecuaristas, os japoneses participaram decisivamente do processo de desenvolvimento de Teixeira de Freitas, sobretudo ligado às questões agrícolas, trazendo consigo diversos cultivos, como a melancia, o maracujá, o coco, o mamão, melão, abobora, tomate, etc. Em outros termos, o final da década de 1970 é marco também para as plantações de eucalipto na região do Extremo Sul da Bahia, fato evidenciado com a vinda de muitas empresas de celulose, atraídas por terras a baixo custo, facilidade para o escoamento da produção via porto de Vitória no estado do Espírito Santo, mão de obra barata e acessível, condições geográficas, além das grandes áreas de terras para o cultivo.

Segundo Silva (2002), as promessas de progresso, foram sentidas também no Povoado Teixeira de Freitas, realizadas pelo então governador do estado da Bahia o sr. Antônio Carlos Magalhães, em visita realizada dia 20 de maio de 1971, para inauguração de uma placa comemorativa na Praça São Pedro (atual Castro Alves), que afirmava: Este marco é o símbolo da redenção do Extremo Sul que o governo da Bahia com a ajuda de Deus e o esforço dos homens se compromete a realizar. (Antônio Carlos Magalhães – Teixeira de Freitas, 20 de maio de 1971).

De acordo com Silva (2002), na década de 1970, Teixeira também passou a sediar agências regionais de diferentes órgãos públicos, das esferas federal e estadual e a receber agências de diferentes bancos, públicos e privados. Em 1973 a cidade passou a possuir energia elétrica, por meio da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA). Um ano depois é construído o Terminal Rodoviário no centro do povoado e um aeroporto, também no mesmo local, sendo depois transferido para a BA-290. No mesmo ano são construídos o Parque de Exposições e o Club Jacarandá, ambos oferecendo opções de lazer e diversão à população.

Ainda segundo Silva (2002), na década de 1980 o setor de comunicação da cidade cresce, com a instalação da primeira emissora de rádio, a Difusora FM, em 1981. Posteriormente, as rádios Caraípe FM, a Alvorada FM e a TV Sul Bahia passam a executar e oferecer seus serviços no povoado. Os Jornais Alerta e Extremo Sul também expandem a área da comunicação e entretenimento no povoado, somados ao trabalho da revista Extremo Sul.

Neste contexto, Teixeira de Freitas crescia em um ritmo acelerado, seja motivado pela migração de pessoas de outros estados, sobretudo mineiros e capixabas, seja pelo êxodo rural, motivado pelo desejo de melhoria de condições de vida ou pela quantidade de empresas públicas e privadas que se instalavam no povoado, reunindo assim muitos aspectos para conseguir sua emancipação política.

Em 1985, a população estimada do povoado era de 63 mil pessoas. Em 15 de novembro do mesmo ano, após a realização de um plebiscito, pelo qual os moradores dos dois municípios expressaram o desejo de emancipação, Teixeira de Freitas finalmente adquire autonomia política e torna-se cidade. Em festa, um ano depois, a população elege seu primeiro prefeito, Temóteo Alves de Brito, que, em janeiro de 1986, foi empossado, no clube Jacarandá, na primeira sessão da câmara. O Brasil, neste período, vivia o processo de abertura política, resultado do desejo popular, acompanhado de lutas, objetivando o exercício da democracia. Em 1991, no primeiro Censo Demográfico como município, Teixeira de Freitas já possuía uma população superior a 85 mil habitantes (85.547 habitantes), saltando para 107.486 em 2002 e para 138.341 no Censo de 2010.

Com apenas três décadas de emancipação política, a cidade vivenciou profundas transformações. Ao lado do crescimento econômico, a precária infraestrutura compromete o seu desenvolvimento, suscitando dúvidas quanto à qualidade de vida de seus habitantes e quanto à criação de identidades, pois o processo migratório continua presente.

A cidade, conhecida por muitos como a “Capital do Extremo Sul da Bahia” continua sendo alternativa ou destino de muitas pessoas, sobretudo pelo viés do trabalho, constituindo-se em um lugar onde se carrega uma perspectiva de crescimento e de futuro, muito embora essas expectativas em muitos casos não sejam concretizadas. Cabe destacar, ainda, que ela cresceu de forma desordenada, sem planejamento urbano, com políticas sociais ineficientes, que não contemplava, em muitos casos, saneamento básico, habitação, nem acesso à serviços essenciais. Soma-se a isso, a crescente criminalidade que se deu de forma cocomitante à busca

pelo progresso, levando a cidade a configurar-se entre as mais violentas dos países, em diversos estudos.

3.2 Caracterização da violência e do medo em Teixeira de Freitas

Segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, Teixeira de Freitas tinha uma população de 138.341 pessoas, em 2010, sendo 68.077 mulheres (50,8%) e 70.264 homens (49,2%). Deste número, 93% da população total (129.263 pessoas) residia na zona urbana, enquanto 7% (9.078 pessoas) na zona rural. Para 2015, a população estimada no levantamento foi de 157.804 pessoas.

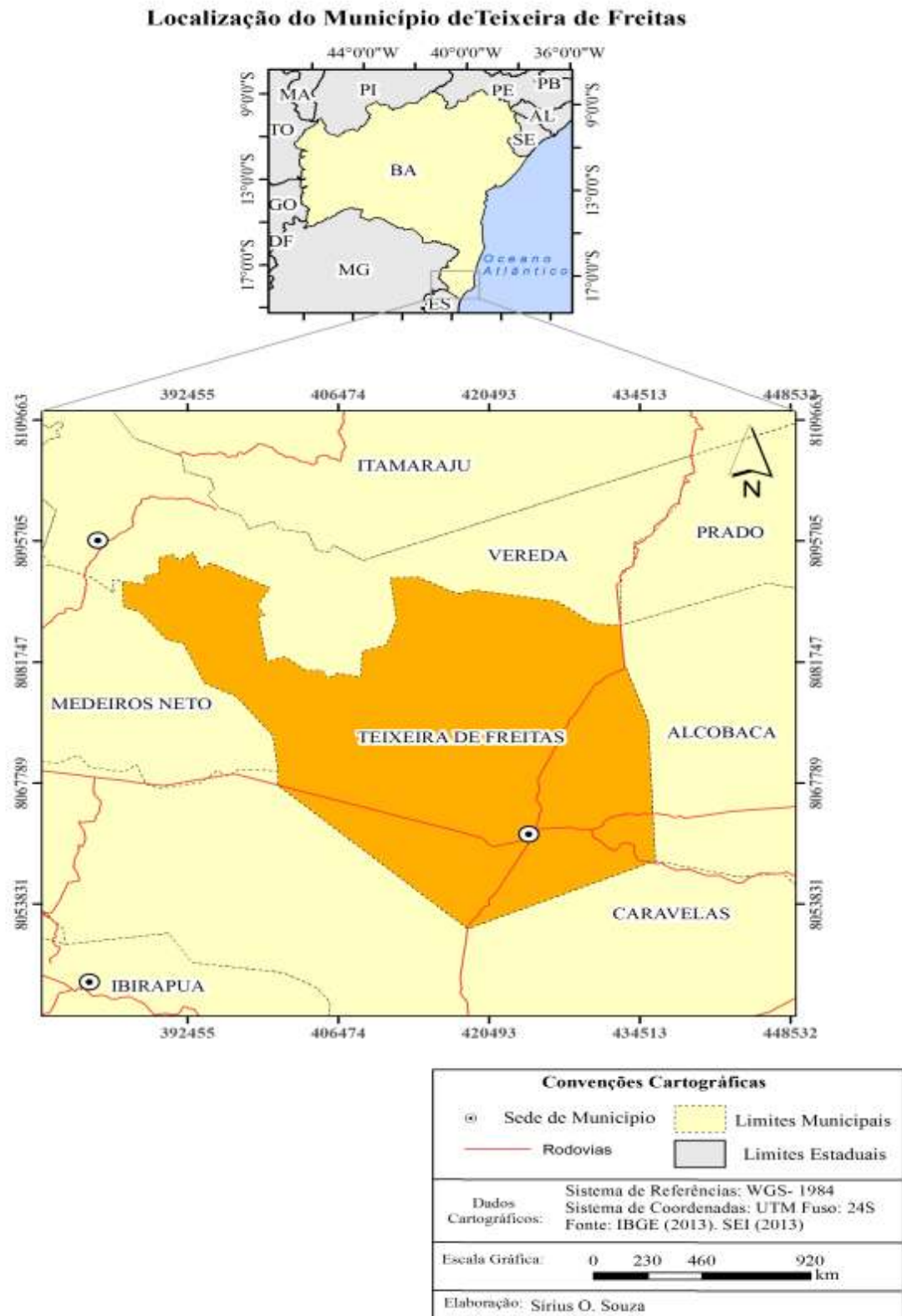
Figura 1 - Imagem de satélite da cidade de Teixeira de Freitas – Bahia



Fonte: Site Google Maps, 2016.

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, a cidade, em 2010, possuía um IDH médio, no valor de 0,685, número abaixo do valor médio nacional no período, 0,727. Com área territorial de 1.165,622 Km² e densidade demográfica de 118,87 habitantes/Km², a cidade se destaca como polo econômico do extremo sul da Bahia, exercendo grande influência sobre vários municípios do seu entorno. Distante da capital do estado (fica a 811 km), Teixeira de Freitas está localizada na microrregião de Porto Seguro e na Mesorregião Sul Baiano e possui uma relação mais próxima com a capital do Espírito Santo, Vitória (que se localiza a 314 km). Limita-se com os municípios baianos de Alcobaça, Caravelas, Prado, Medeiros Neto e Vereda (conforme demonstrado no mapa 01).

Mapa 01 – Localização do Município de Teixeira de Freitas-BA



Fonte: Sirius Souza *apud* Maria Soares Cunha, 2015.

Fazer um levantamento de informações sobre a referida cidade foi o nosso maior desafio. Além dos escassos trabalhos sobre a cidade em instituições de ensino, em sites de pesquisa na internet, encontramos uma série de dificuldades quando recorremos à essas informações junto ao poder público. Uma entrevista com o superintendente de desenvolvimento econômico da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, no dia 19/05/2015, evidenciou tais dificuldades, quando o entrevistado destacou que:

Conforme disposto no Art. 1º da Lei nº 8.159, de 8 de Janeiro de 1991, “É dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação”. Apesar da clareza da lei, infelizmente não vemos essa imposição legal ser usada como regra na maioria dos municípios do nosso país. A falta de registros documentais, intermediários e permanentes, principalmente a falta de registros históricos, acredito ser uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos estudantes e cidadãos que deles necessitam. A gestão documental, não está relacionada tão somente na guarda e proteção de documentos públicos, é algo ainda mais abrangente. Trata-se da organização dos documentos físicos e de sua disponibilização ao cidadão, de modo, a facilitar o acesso nos mais diversos meios, inclusive tecnológicos que estão ao nosso alcance nos últimos tempos. Digitalizar e codificar a documentação, para torna-la acessível a pessoas com deficiências já é uma realidade nos nossos dias, mas ainda distante dos nossos governos pela precarização de investimentos nessa área. Enfim, temos ainda muito pela frente para mudarmos essa realidade e transformar toda uma geração com uma nova cultura.

Até 2016, a cidade não dispunha de leis que regem os bairros e um dos principais documentos utilizados pela Prefeitura Municipal e demais órgãos públicos é um mapa elaborado, em 2014, para fins publicitários, pela empresa Lado B Marketing & Eventos Pereira & Figueiredo Ltda, conforme podemos observar abaixo.

Mapa 02 – Croqui da cidade de Teixeira de Freitas elaborado pela empresa Lado B Marketing e Eventos



Fonte: Lado B Marketing e Eventos, 2015.

Ao ser questionado sobre as perspectivas de avanços nesta área, e no fornecimento de informações da Prefeitura Municipal à estudos relacionados à cidade, o servidor foi otimista ao afirmar que:

A Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Gestão vem se empenhando na organização de informações, dados e estatísticas que possam subsidiar os gestores e os cidadãos, quanto à informações relevantes do nosso município. Porém acredito que o grande desafio seja, como traduzir essas informações, muitas vezes de caráter técnico em informações de simples compreensão e acesso fácil ao cidadão mais humilde da nossa comunidade. A elaboração de novas leis “municipais” que complementam o Plano Diretor do Município, é um importante passo para que outros governos que sucedam ao nosso, também se mantenham no caminho de desenvolvimento cultural e tecnológico que estamos construindo. Então, se temos hoje um veículo de comunicação com o cidadão como o Site Oficial do Município, o Diário Oficial Eletrônico, o SIC – Serviço de Informação ao Cidadão, o Portal do Cidadão e o Archive – Armazém Eletrônico de Documentos, são algumas das ferramentas que disponibilizamos ao munícipe e a todos os interessados para que esse ato de cidadania “Direito de Acesso à Informação” se concretize. Por fim, através da Superintendência de Participação Popular da Secretaria de Planejamento, estamos com um trabalho em andamento que visa, exclusivamente resgatar a identidade cultural do nosso município, através da divulgação da história do Estatístico do IBGE Mário Augusto Teixeira de Freitas, do qual deu-se origem ao nome do nosso município. Plano este que se materializará no hotsite da Secretaria de Planejamento que será publicado na web, nos próximos dias.

Por se tratar de uma cidade que cresceu sem planejamento urbano, permanecendo ainda com precárias condições de saúde e crise para fortalecimento de sua identidade, onde as promessas de progresso e o ideal economicista se sobrepuseram às políticas públicas includentes e à cidadania, a cidade convive diariamente com dilemas. Teixeira de Freitas conseguiu se destacar como polo regional, através de um comércio dinâmico e serviços diversificados, ao mesmo tempo em que seu crescimento se deu de forma desordenada, com políticas sociais ineficientes que não contemplaram/contempla, em muitos casos, saneamento básico, habitação, nem acesso a serviços essenciais, aspectos sociais que comprometem a qualidade de vida de sua população, conforme evidenciam as matérias jornalísticas dos anexos O,P e Q.

Conhecida como “capital do Extremo Sul”, Teixeira de Freitas tem se destacado como uma das cidades mais violentas do país. Como resultado, sua população tem se retraído em sua forma de usar e usufruir dos espaços livres públicos da cidade. Praças, ruas e calçadas permanecem vazias em quase todos os espaços como reflexo do medo e de uma sociedade cada vez mais fragmentada, onde a circulação de veículos, em muitos casos, são os grandes responsáveis pela dinâmica das ruas, enquanto o medo se instaura na psicofera dos cidadãos, conforme evidenciam seus depoimentos:

Não tenho nenhum meio de diversão. Fico em casa ou vou para roça. Não acho a cidade segura. É muita violência, não se pode nem sair com um celular bom na rua. Meu grau de preocupação com a violência é altíssimo. Quase nunca utilizo as praças de Teixeira. Não me sinto segura em frequentar praças e nem ruas da cidade. Tenho medo da violência. Ainda não sofri violência nas praças, mas sou bem cautelosa, vigio bastante. Conheço várias pessoas que sofreram. Clientes meus já falaram que foram assaltados aqui na praça. As pessoas não usam essa praça aqui da frente porque têm medo da violência. Vejo poucas mães trazendo filhos para brincar nessa praça de dia, só de dia. Chego 17h30, 18h00 horas, todo mundo sai fora e a praça fica um deserto. O poder público deveria colocar uns guardinhas, é o que todo mundo fala e eu também acho. Até para poder cuidar. Eles colocam umas plantinhas, mas o pessoal puxa, tira, então, tem que ter vigilância. Acredito sim na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade em Teixeira de Freitas, apesar das falhas. Falta cidadania em Teixeira de Freitas. (Entrevistado(a) A,).

Lazer em Teixeira tá difícil. Não existe lazer aqui. Não acho Teixeira segura. Com a violência não podemos sair para lugar algum. Só saio com meus parentes. Meu grau de preocupação com a violência da cidade é extremamente alto. Não utilizo as praças da cidade por causa da violência. Não sofri violência em praças, mas conheço muitas pessoas que já sofreram. Falta empregos na cidade, e onde não tem emprego aumenta a violência. Porque com emprego você pode pagar um colégio para o seu filho e assim sucessivamente. Começa pelo emprego. Não acredito na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade na cidade. A cidadania na cidade é precária. Aqui não tem lixeira, não tem nada, falta educação. (Entrevistado(a) B,).

Meu principal meio de diversão é o esporte. Já meu lugar preferido para lazer hoje é a casa, fico 24 horas ligado em televisão. Ainda aqui corre os roubos de celular. Vejo deficiência da polícia. Ontem mesmo ouvimos falar que teve rebelião no presídio e alguns presos fugiram. Isso é preocupante. Isso depende da sociedade e do Estado. A sociedade brasileira não tem aquela cultura europeia de se preocupar com causas sociais, se preocupa é com dinheiro. A sociedade brasileira é cruel. Ela olha o lado dela. Então nós temos que apelar para o estado, que é de direito. Hoje vou pouco as praças. A associação fez uma abaixo assinado para não construir um posto médico que o prefeito tinha plano de construir na praça. Entraram na justiça e o promotor barrou. Aí na praça nego fuma maconha, de vez em quando, algumas praças parecem que estão abandonadas, esta principalmente (refere-se a praça Ceará). Graças a Deus nunca sofri violência nas praças, mas conheço várias que já sofreram. Antes essas praças eram melhores, porque não tinha violência. Essa praça parecia um campo, as pessoas a utilizavam para jogar futebol. Não tinha roubo. Hoje tem violência, roubo de vez em quando, de motos. Uma duas ou três vezes já roubaram motos aí enquanto o dono estava namorando. E a tendência da violência é aumentar cada vez mais. O Brasil é rico em território, mas nossos governantes são péssimos. Para haver reavivamento dos espaços públicos depende de cultura e de uma campanha onde a ética e a transparência política tenham vez e a justiça fiscalize e seja mais seria e o povo participe. Você tem que acreditar em tudo. Se eu for dizer que não acredito na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade piora. O pessimismo é ruim. Por trás de tudo isso deve/tem pessoas serias. Acho a cidadania em Teixeira precária ainda. Acho que anda devagar, por enquanto. (Entrevistado(a) C).

Ultimamente fica um pouco difícil ter diversão na cidade, por conta da violência, que está grande. Mas quando tem uma festa, que a gente acha que tem uma segurança melhor, aí a gente vai. Geralmente gosto de ir na Lagoa João Barreto. É um lugar seguro, tem segurança, vão muitas famílias. Com o trabalho que a gestão municipal está fazendo, está melhorando bastante a segurança. Ela já foi pior. Acredito que deva melhorar mais, com esse índice de criminalidade que está grande, jovens morrendo precocemente, né? Então, eu acredito muito nos gestores, naquelas pessoas que administram a cidade de Teixeira de Freitas atualmente, as autoridades maiores. Nós temos que acreditar na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade. Acredito que vai melhorar daqui para a frente. Meu grau de preocupação com a violência na cidade continua alto. Ultimamente essas praças de Teixeira estavam abandonadas. Fiquei sabendo que futuramente vão colocar aparelhos nas praças, para que as pessoas possam fazer exercícios. Achei interessante a ideia. Acho que vai ficar muito bom. Acho que toda praça tinha que convidar a população, os moradores dos bairros para que cada um deles pudesse se unir e cuidar de suas próprias praças, com o apoio da administração pública. Tenho visto que em algumas cidades algumas pessoas têm aderido a esse projeto. Mas isso depende de uma série de coisas. Durante o dia até que não me sinto insegura em frequentar as ruas da cidade, mas à noite é bem mais complicado, não só em Teixeira, mas em várias cidades do país. Nunca sofri violência em espaços públicos, mas conheço alguns casos de pessoas que sofreram, acredito que vários fatores contribuem com a violência na cidade, como o desemprego, o tráfico de drogas, a desigualdade social, a ausência de valores morais e éticos, a deficiência na educação, etc. A cidadania na cidade cada um cuida de si. Tem que fazer uma campanha de conscientização, porque acho que tem muita gente que ainda não sabe o que é ser cidadão. Essa questão tem que ser trabalhada na mente das pessoas, tem gente, que até pelo grau de instrução não sabe nem o que é cidadania. (Entrevistado(a) D).

Segundo o portal de Notícias Teixeira no Ar, em 2006 foram vítimas de homicídios 68 pessoas, enquanto em 2007 este número subiu para 80, sendo reduzido no ano seguinte(2008) para 59 e voltando a subir em 2006, registrando 72. Em dados colhidos na 8ª COORPIN (Coordenadoria Regional de Polícia do Interior), em Teixeira de Freitas, constatamos que a cidade apresentou um crescimento no número de homicídios nos anos seguintes, a exceção de 2013 (ano em que a polícia local conseguiu bater a meta do governo estadual na redução do número de homicídios através do programa “Pacto pela Viva”, sendo inclusive premiado). Por meio de entrevista com o então delegado da polícia civil, constatamos que em 2010 foram registrados 95 homicídios. Em 2011, 121, enquanto em 2012 e 2013 os números foram respectivamente 132 e 87. Em 2014 o índice voltou a subir: 83, enquanto em 2015 atingiu a marca de 102 e tornou –se um dos anos mais preocupantes para a sociedade civil teixeirense. Em menos de 20 dias, no mês de janeiro, foram registrados 8 homicídios (ver anexo F). A situação tornou –se tão preocupante que:

As forças de segurança pública da região se integraram e ocuparam as ruas de Teixeira de Freitas na tarde desta quinta-feira (05/02), especialmente nos bairros com maiores incidências de crimes de morte. O bairro Liberdade está ocupado por brigadas e tropas de homens fardados objetivando restabelecer a ordem e a paz dos moradores, principalmente depois das ocorrências que vitimaram na localidade 5 das 8 pessoas

mortas por arma de fogo nas últimas horas em Teixeira de Freitas. O 13º Batalhão da Polícia Militar de Teixeira de Freitas convocou até seus policiais de férias e do administrativo para ocupar as ruas, além de ter recebido policiais de reforços da 44ª CIPM de Medeiros Neto, da 43ª CIPM de Itamaraju e tropas de Salvador. A CAEMA – Companhia de Ações Especiais da Mata Atlântica de Posto da Mata enviou 10 viaturas e 60 policiais que também ocuparam as ruas dos bairros teixeirenses. A 8ª coordenadoria Regional da Polícia Civil também convocou seus policiais das unidades vizinhas e formou duas equipes de agentes que estão participando das operações. Segundo o comandante do 13º Batalhão de Polícia Militar de Teixeira de Freitas, tenente-coronel Paulo Silveira, a finalidade é buscar a ordem e a paz da população e principalmente, prender nas próximas horas todos estes indivíduos que perpetraram tais crimes e espalharam terror na cidade por disputas de poder na comercialização de drogas e entorpecentes. (TEIXEIRA NEWS, acessado em: 10/02/2015).

Em 2016, até o mês de abril, foram registrados 36 casos de homicídios na Coordenadoria Regional de Polícia do Interior (COORPIN), 8 ocorridos no mês de janeiro, 8 em fevereiro, 07 em março e 13 em abril.

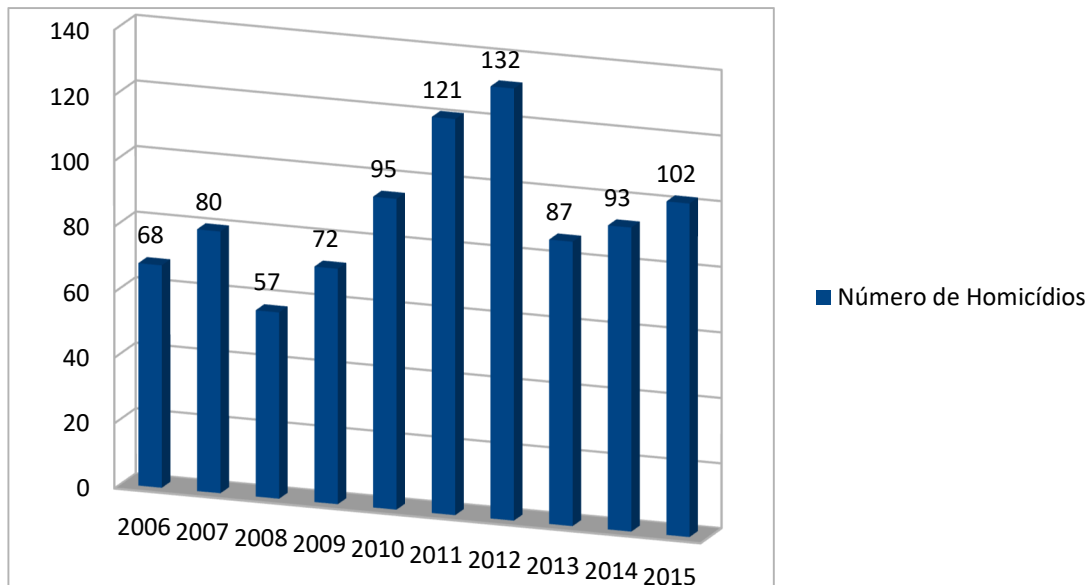
Tabela 5 – Número de homicídios dolosos por ano em Teixeira de Freitas (2006-2015)

Número de homicídios dolosos por ano em Teixeira de Freitas (2006-2015)

Ano	Número de Homicídios
2006	68
2007	80
2008	57
2009	72
2010	95
2011	121
2012	132
2013	87
2014	93
2015	102

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo, 2016.

Gráfico 1 – Número de homicídios dolosos por ano em Teixeira de Freitas (2006-2015)



Fonte: Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo, 2016.

Estes números são diferentes daqueles divulgados pelo "Mapa da Violência", estudo elaborado anualmente pelo elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz. Segundo este estudo, na versão 2014 (que conforme afirmado no primeiro capítulo deste estudo, utiliza como fonte básica para análise o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde (MS)), o número de homicídios na cidade, entre os anos de 2008 a 2012, correspondem respectivamente a: 73 (2008), 101 (2009), 121 (2010), 131 (2011) e 123 (2012). Neste último ano (2012), segundo o estudo, a taxa de homicídio foi de 86 por 100 mil habitantes, fato responsável por colocar a cidade na 11ª posição entre as cidades mais violentas do estado e na 42ª no ranking do número e taxas de homicídios nos municípios com mais de 10 mil habitantes da federação, sendo superada na Bahia apenas pelos municípios: Mata de São João (2º lugar), Simões Filho (3º lugar), Ibirapitanga (6º lugar), Itaparica (8º lugar), Porto Seguro (10º lugar), Itabuna (12º lugar), Lauro de Freitas (17º lugar), Eunápolis (19º lugar), Ilhéus (33º lugar) e Valença (41º lugar no ranking).

Em 2012, o "Mapa da Violência", apontou Teixeira de Freitas como uma das mais violentas da Bahia e do Brasil, permanecendo na lista nos anos seguintes. O estudo, realizado pelo Instituto Sangari, que aborda a evolução da mortalidade violenta nos municípios brasileiros, desde 1998, apontou Teixeira de Freitas como a 6.ª cidade mais violenta da Bahia,

e, dentre 5.565 municípios do país, como o 35.º mais violenta do país, registrando recorde de morte por homicídio: 132 homicídios registrados.

Considerando as taxas de homicídios por armas de fogo, o “Mapa da Violência 2013” também apontou Teixeira de Freitas como uma das mais violentas do país, ocupando 46ª posição, com taxa média de 58,2 homicídios por 100 mil habitantes, no período compreendido entre os anos 2008 e 2010. Em 2014 “O Mapa da Violência” colocou o município na 11ª posição do estado e na 42ª posição

O “Mapa da Violência 2015”, que teve como foco os homicídios de adolescentes do Brasil, apontou o Brasil como o terceiro país mais violento do mundo, em uma lista que incluiu 85 países, com taxa de homicídio entre crianças e jovens no Brasil equivalente a 54,9 para cada 100 mil adolescentes de 15 a 19 anos, sendo superada apenas pelo México e por El Salvador. A Bahia se destacou neste cenário, liderando o ranking, com dois dos três primeiros lugares, ocupados respectivamente pelos municípios Simões Filho (1º lugar) e Lauro de Freitas (3º lugar). Mata de São João ocupou o 5º lugar na lista e Porto Seguro ocupou o 7º. Somadas à essas estão Itabuna (11ª), Itaparica (14ª) e Valença (25ª). Neste cenário de violência, Teixeira de Freitas também se destaca, ocupando a 26ª posição, tal como aponta a reportagem do anexo G.

A versão 2015 do "Mapa da Violência", a intitulada "Adolescentes de 16 a 17 anos do Brasil", classificou Teixeira de Freitas como o 13º município do país com a maior taxa média de homicídio (por 100 mil) de jovens de 16 e 17 anos de idade, considerando 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes nesta faixa etária. Contando com uma população de 5.485 jovens (nessa faixa), morreram 9 jovens vítimas de homicídio em 2011, enquanto em 2012 e 2013 este número subiu para 16 e 10, respectivamente, resultando em uma taxa média de 212,7 por 100 mil. Os municípios baianos Simões Filho, Lauro de Freitas, Porto Seguro e Itabuna ocuparam respectivamente a 1ª, 2ª, 3ª e 8ª posição.

As crescentes taxas de homicídios no período de 10 anos (2006-2015), em Teixeira de Freitas, acompanharam uma tendência nacional, haja visto que

nesse período as taxas das capitais recuam de forma clara e sistemática, passando de 46,1 homicídios por 100 mil para 38,5 em 2012, o que representa uma queda de 16,4% no período. Já os índices no interior continuam crescendo a bom ritmo: 35,7%. Dessa forma, o interior assume claramente o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida, contrapondo-se às quedas substantivas nas taxas que as capitais estariam gerando. (WAISELFISZ, 2014, p.64).

Ao indagar os possíveis fatores que contribuíram para essa mudança (migração do aumento da violência das capitais para o interior), concordamos com o pensamento do autor e acreditamos na hipótese que estes se aplicam também ao crescimento da criminalidade em Teixeira de Freitas, já que:

Em primeiro lugar, a emergência de pólos de crescimento em municípios do interior de diversos estados do país torna-se atrativa para investimentos e migrações pela expansão do emprego e da renda. Mas convertem-se, também, em pólos atrativos, pelos mesmos motivos, para a criminalidade, em ausência de esquemas de proteção dos aparelhos do Estado. Em segundo lugar, investimentos nas capitais e nas grandes regiões metropolitanas declaradas prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança, instituído em janeiro de 2001, fizeram com que fossem canalizados recursos federais e estaduais, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para as áreas de menor risco e menor capacidade das estruturas de segurança. Em terceiro lugar, a melhor cobertura dos sistemas de coleta de dados de mortalidade no interior do país diminuiu a subnotificação nas áreas do interior. (WAISELFISZ, 2014, p.68).

Seja por meio de números ou pelos discursos proferidos pela população a cidade de Teixeira de Freitas apresenta um grave quadro de violência. Em entrevista, realizada em 10/01/2016, um servidor do presídio da cidade (Conjunto Penal de Teixeira de Freitas-BA), afirmou que o quadro atual de violência na Bahia e em Teixeira de Freitas é crítico e preocupante, pois o crime evoluiu, se organizou dentro das prisões e a polícia encontra dificuldades para se antecipar a certas ações, desse modo, a sociedade fica sendo vítima de um “exército” que cresce, as famílias se fragmentam e se reduzem, quando pais perdem filhos, além de muitos representantes do Estado se corromperem e se venderem para o crime.

Para o servidor, o quadro reduzido do efetivo policiais militares e civis, viaturas sucateadas rodando em condições precárias, armamento defasado, falta de capacitação dos poucos policiais militares e falta de aparelhamento tecnológico avançado são as principais dificuldades encontradas pela polícia no combate à violência. Em seu ponto de vista,

O Estado e o município têm se esforçado, mas ainda deixam a desejar. O número de policiais e viaturas nas ruas é pouco. Próximos as escolas não têm uma vigilância segura, o disque denúncia é pouco divulgado, porém, a união das inteligências da polícia civil, militar e agentes penitenciários, tem desarticulado algumas facções que vinham praticando vários homicídios para tomar áreas em prol do tráfico de drogas. Ao circular pelo centro da cidade e em alguns bairros, é perceptível a circulação de poucas viaturas e em pontos específicos nenhum policial militar. E para uma cidade como Teixeira de Freitas, que tem uma população média de 150.000 habitantes e geograficamente fazendo fronteira com dois Estados, o número de policiais militares é insuficiente para fazer a segurança da cidade.

Sobre as causas da violência na cidade ele é pragmático ao afirmar que a principal delas são as drogas, porém, devemos considerar a história da construção da cidade, pois existe

uma cadeia cronológica que vem desde o desmatamento da mata atlântica, a mudança da febre do plantio de mamão para a cultura do eucalipto, até a chegada da BR 101, quando a cidade cresceu desordenadamente e as pessoas que não acompanharam o seu progresso, o seu desenvolvimento. Com isso, surgiram as periferias, onde pessoas sem mão de obra qualificada e sem oportunidades, foram aliciadas ao tráfico de drogas, a base da violência. A educação sucateada já faz parte da geração dos filhos desses primeiros que pertenciam a mata atlântica e ao mamão, que infelizmente não tem um suporte maior com políticas públicas voltadas para essas crianças e jovens que residem nas periferias.

Como sugestão para o enfrentamento da violência na cidade e aumentar a sensação de segurança entre os cidadãos, o entrevistado acredita que é necessário:

Aumentar o número de policiais e viaturas nas ruas, nas duas fronteiras com os Estados vizinhos, aumentar o número de policiais civis nas delegacias para que as investigações possam ser realizadas, o compartilhamento de informações sobre os crimes entre as forças de inteligência do Estado e Município, Políticas públicas em ação para crianças e jovens, cursos profissionalizantes para adultos se capacitarem a mão de obras mais exigidas na região, atividades laborativas e cursos dentro das prisões na tentativa dos internos se profissionalizarem e ao saírem, não retornar mais para a vida criminal, além dos alunos nas escolas terem matérias ou orientações sobre as causas da violência e suas consequências. A educação que é a base para se livrar deste mundo criminal está sucateada e acaba sendo um dos alvos do crime para recrutar alunos, ao tempo que serve também de local específico para o comércio das drogas.

Um estudo recente realizado por Vieira (2015), envolvendo a população teixeirense, em um total de 383 entrevistados(as), revelou que a violência ocupa o segundo lugar no ranking dos principais problemas da cidade na opinião dos entrevistados, atrás apenas da infraestrutura urbana. A preocupação com a violência também é evidenciada no estudo quando este destaca que 80% dos entrevistados percebem o seu aumento e várias estratégias de proteção são adotadas, como pagamento de vigilantes noturnos, e redução de saídas na rua em determinados horários, sobretudo à noite.

O aumento da violência que tomou conta das ruas e dos diversos Espaços Livres Públicos (ELPs) em Teixeira de Freitas, provocando um distanciamento cada vez maior dos cidadãos com estes espaços. Muitos evitam frequentar praças, por se sentirem inseguros. Em busca de segurança, os teixeirenses se refugiam cada vez mais em suas residências, resultando numa imobilidade e isolamento forçados. O medo generalizado fez aumentar o número de pessoas à procura de viver em condomínios. A cidade já conta com dezenas deles, que ganharam força sobretudo depois dos anos 2000. As imobiliárias, neste prisma, se beneficiam com esta atmosfera de medo. Isso pode ser entendido, já que:

[...] Todos nós já vivenciamos inúmeras microcenas que revelam a banalidade com que o autoritarismo se manifesta no cotidiano das relações sociais. [...] O passo seguinte é a autodefesa da segregação socioespacial em recintos fechados e protegidos. O lema é evitar o diferente, pois a mistura social é vivenciada como confusão, desarmonia ou desordem: são os enclaves fortificados organizados na "segurança total [do] novo conceito de moradia" e cuja relação "com o resto da cidade e sua vida pública é de evitação" Trata-se de uma sociabilidade enclausurada e defensiva, alicerçada no retraimento da vida privada — a casa —, que rejeita as esferas públicas — a rua, tida como o espaço da adversidade por excelência, o espaço social do anonimato, do imponderável e imprevisível, local portanto do perigo e da violência. (KOWARICK, 2002, p.23).

Todos que têm condições adquirem seu apartamento num condomínio: trata-se de um lugar isolado que fisicamente se situa dentro da cidade, mas, social e idealmente, está fora dela. Presume-se que as comunidades fechadas sejam mundos separados. As mensagens publicitárias acenam com a promessa de 'viver plenamente' como uma alternativa à qualidade de vida que a cidade e seu deteriorado espaço público podem oferecer. Uma das características mais relevantes dos condomínios é "seu isolamento e sua distância da cidade... Isolamento quer dizer separação de todos os que são considerados socialmente inferiores", e — como os construtores e as imobiliárias insistem em dizer — "o fator-chave para obtê-lo é a segurança. Isso significa cercas e muros ao redor dos condomínios, guardas (24 horas por dia) vigiando os acessos e uma série de aparelhagens e serviços...que servem para manter os outros afastados". (BAUMAN, 2009, p. 39).

Assim, os moradores dos condomínios mantêm-se cada vez mais fora da vida urbana e da convivência direta com estranhos e optam, por assim dizer, para "conviver" ou pelo menos "tolerar" os semelhantes, os parecidos (aqueles que têm os mesmos gostos, as mesmas pretensões e perfil socioeconômico parecido). Para Bauman (2009), a segregação e exclusão proposital manifesta-se de forma brutal, arrogante e despudorada, nos espaços urbanos, adquirindo graus diversos. Assim, a mixofobia (medo de misturar-se) se sobrepõe a mixofilia (desejo de misturar-se e conviver com as diferenças). Enquanto isso, o espaço público, por ser "terra de ninguém" passa a ser evitado, pois é sinônimo de encontro de diferentes, de arquitetura de intimidação, insegurança e medo, lugar de encontro de estranhos, e são justamente os estranhos que devem ser evitados, segundo a mensagem da sociedade moderna. E na recusa pelo uso e consumo dos espaços públicos, em nome das "ilhas de uniformidade e proteção", estes passam a ser vistos apenas como espaços de interações humanas reduzidos a

um conflito entre automóveis e pedestres, possuidores e despossuídos, quer se trate de pedir esmolas e vender quinquilharias no sinal, de colisão entre veículos e pedestres indisciplinados, de furtos cometidos quebrando janelas ou de roubo de veículos.(MANNING, 2004 *apud* BAUMAN, 2009, p. 71-72).

A vida nas cidades está se convertendo em um estado de natureza caracterizado pela regra do terror e pelo medo onipresente que a acompanha. Podemos dizer as fontes do perigo atingiriam agora o coração da cidade. Os amigos e os inimigos — sobretudo os misteriosos e incompreensíveis estrangeiros que oscilam ameaçadoramente entre esses dois extremos — misturam-se, confundem-se nas ruas da cidade. A guerra e à insegurança, aos riscos e aos perigos está em curso dentro da cidade. Nela, os campos

de batalha são nitidamente delimitados, e as linhas de frente são “demarcadas”. Embora assumam formas muito diversas, e seus designers se esforcem para assimilá-las ao panorama das cidades – “normalizando” o estado de emergência no qual os moradores, viciados em segurança, vivem o dia-a-dia -, as trincheiras fortificadas e os *bunkers* destinados a separar e manter distantes os estrangeiros, barrando seu acesso, se transformam rapidamente num dos traços mais visíveis da cidade contemporânea. (BAUMAN, 2009, p.61- 62).

Este contexto de autosegração, isolamento e distanciamento dos cidadãos aos Espaços Livres Públicos (ELP's) é resposta às deficiências das políticas públicas desenvolvidas em Teixeira de Freitas e à precariedade da cidadania em diferentes aspectos da vida social, que se manifestam de diferentes formas no espaço público.

Constatamos através das diversas visitas que realizamos nas praças da cidade que, apesar das reformas realizadas em algumas delas, faltam árvores, bancos de jardim, serviços de segurança e grama na maioria. Nos bairros a situação se agrava. Nelas (praças), além da falta de estrutura e segurança, limpeza, coleta regular de lixo e bancos (a maioria encontra-se depredados ou em péssimas condições de uso). Faltam espaços para o desenvolvimento de atividades voltadas para a recreação/ lazer e a saúde, sobretudo para jovens e idosos. O público e o privado se confundem no espaço urbano da cidade, como reflexo de uma sociedade segregacionista e excludente. Não raro, muitas servem para satisfazer necessidades privativas, sendo usadas, em muitos casos, como estacionamento de veículos ou como espaço para estender roupas, como é o caso da Praça Jardim dos Pássaros, no bairro Urbis.

Figura 2 - A Praça Jardim dos Pássaros (bairro Urbis) como estacionamento privativo



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 3 - A Praça da Urbis como estacionamento privativo



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 4 - A praça como espaço para secar roupas



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 5 - Lixo em praça da Urbis



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Um simples olhar nas principais praças e ruas da cidade permite-nos perceber a grande quantidade de pessoas no setor informal da economia, como camelôs/vendedores ambulantes, flanelinhas, etc, trabalhando em precárias condições de vida, principalmente naquelas de maior circulação, como consequência do desemprego. Este setor informal, ao mesmo tempo que se constitui em alternativa para muitos, compromete muitas vezes o acesso das pessoas aos espaços públicos, pois, conforme apontou Gomes,

Praças transformam-se assim em grandes mercados, e as principais ruas da cidade tornam-se estreitas, pois restam apenas pequenas passagens para os transeuntes. Os lugares da vida pública, da deambulação, do passeio, do espetáculo da coabitação, da ideia da vida urbana, que construíram os grandes projetos urbanísticos do final do século XIX e começo do século XX, desaparecem, dando lugar a um emaranhado de balcões de mercadorias. A dimensão do homem público se estreita, restringindo-se à de um mero passante ou no máximo se limitando à de um eventual consumidor. (GOMES, 2012, p. 177-178).

Os trabalhadores de rua buscam se apropriar de determinados espaços como ruas e praças que se tornam um meio concreto de conseguir infraestruturas adequadas para a prática do comércio de que é facilitada pela circulação de indivíduos, condição essencial para realização de vendas de objetos de uso cotidiano e de baixo custo, favorecendo assim, a produção e a reprodução dos grupos sociais pauperizados. Nestes espaços públicos, são obtidos recursos materiais e imateriais e estruturadas redes sociais baseadas em sistemas de troca, de comercialização e de prestação de serviços. O comércio de rua agrega uma heterogeneidade e complexidade de categorias e de formas diferenciadas de trabalhadores, que na maioria das vezes não são renumeradas segundo a lógica do trabalho formal, ou seja, do trabalho assalariado. Nos desafios do debate acerca dos trabalhadores de rua, resta compreender as estratégias destes trabalhadores frente às crises da economia capitalista, ou seja, problematizar suas ações na apropriação de territórios urbanos para assegurar o acesso à sobrevivência e o direito à cidade. (CUNHA, 2007, p.12-13).

A Praça da Bíblia pode servir de exemplo de espaço público onde os serviços informais exercem poder. Durante o dia, um comércio de produtos como roupas, calçados, salgados, biscoitos, artigos eletrônicos, CDs e DVDs piratas, artigos de cama, mesa e banho dinamiza aquele espaço, ao passo que compromete a circulação de pessoas, com calçadas ocupadas por barracas. À noite, é a “Praça de Alimentação”, através de suas barracas, que atrai pessoas, ao oferecer um cardápio variado, que inclui pastéis, cachorros-quentes, churros, acarajé, macaxeiras, carnes, macarrões, caldos, bebidas, etc). A Praça Castro Alves (Praça dos Leões) segue o mesmo modelo, embora em menor quantidade de serviços oferecidos.

Outra forma de privatização dos espaços públicos bastante comum nos espaços públicos teixeirenses são as atividades de guardadores de carros. Estes se apropriam de tais espaços, principalmente nas ruas e avenidas de maior movimento, como a avenida Marechal Castelo Branco (foto abaixo), e intimidam os donos dos veículos exigindo “gorjetas” para cuidar dos veículos.

Foto 6 - Avenida Marechal Castelo Branco



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Em áreas que por direito é pública, portanto de todos, eles colocam papelão no vidro do carro e aguardam o retorno dos donos dos automóveis e motocicletas, exigindo, muitas vezes, por meio da força, da violência (seja ela física ou verbal) e do constrangimento receber pelo “serviço prestado”, mesmo que este não tenha sido procurado/solicitado. Frequentemente ameaçam quem não paga ou não deseja o “serviço” oferecido, e em muitos casos, danificam os veículos:

Em lugares de grande influência, eles “autorizam” o estacionamento e ocupam as calçadas, colocando acessos para os carros conseguirem subir no meio-fio. Muitas vezes se vangloriam de ter acertos com as autoridades públicas e, dessa forma, recriam regras e constituem novos poderes. Tudo isso ocorre sobre um espaço que presumidamente é público e tem suas regras de ocupação ditadas pela lei, que na maioria das vezes restringe justamente o estacionamento de veículos. (GOMES, 2012, p. 178).

As ruas da cidade também são vistas como um perigo quando a questão é trânsito. Cenas de desrespeito, provocadas por condutores de veículos e/ou pedestres, são vistas e vivenciadas diariamente, culminando em acidentes e desordem, fruto de um trânsito desorganizado (sinalização insuficiente/ precária, faixas de pedestres de difícil visualização/apagadas, etc), com fiscalização precária, onde imprudências, desrespeitos, xingamentos e engavetamentos são frequentes (veja anexo N). Segundo o portal Jornal Alerta (2013), a cidade que, possui uma frota de mais de 30 mil veículos e mais de 15 mil motos, além de centenas de veículos de cidades vizinhas e aqueles que trafegam pela BR 101, registrou somente no ano de 2011, mais de 1800 acidentes de trânsito:

De acordo com a matéria que divulgamos em 2012, Teixeira de Freitas, em 2011, registrou 1.804 acidentes de trânsito – a maioria deles acontecida na principal avenida da cidade, a Presidente Getúlio Vargas. Nos acidentes registrados naquele ano, estavam envolvidos 2.050 automóveis e 792 bicicletas, além do envolvimento também de cerca de 80 bicicletas e duas carroças. Quanto à inclusão de pedestres nos dados, ocorreram 70 atropelamentos, dos quais três resultaram em vítimas fatais, 25 ocasionadas por motocicletas e 45 por carros. Ao todo, 401 pessoas foram lesionadas e 15 perderam suas vidas no trânsito da cidade no ano passado – as motocicletas foram responsáveis por 11 das mortes, e os veículos, quatro. Apenas nesse ano [2012], já aconteceram 215 acidentes e 2 mortes, causadas por colisão envolvendo motocicletas. Na época fomos informados que 3.127 veículos foram notificados em 2011, dentre os quais, foram flagrados 459 motoristas sem habilitação, 897 estacionados em local proibido e 441 sem portar o Certificado de Registro e Licenciamento de Veículos (CRLV). [...] veem-se muitos motoristas falando ao celular, motoqueiros idem – com o aparelho dentro do capacete, conversões proibidas, desrespeito à faixa e/ou, quando o motorista para, os motoqueiros ultrapassam e atropelam o pedestre, como acontece muito por aqui. Somam-se a isso os ciclistas que insistem em andar sempre na contramão e pedestres que preferem se arriscar atravessando em locais impróprios, enfim, tudo o que é aprendido no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) é desrespeitado. Espera-se que medidas mais duras sejam tomadas pelos órgãos responsáveis, aqui e no país, e uma fiscalização mais efetiva ocorra, porque isto já diminuiria os erros mais comuns vistos em Teixeira. (PORTAL JORNAL ALERTA, 07/2014).

Segundo o Mapa da Violência 2014, "Juventude Viva - Os Jovens do Brasil", somente em 2008, 18 jovens (entre 15 a 29 anos) morreram vítimas de acidentes de transporte em Teixeira de Freitas. Em 2009, o número de vítimas caiu para 14, enquanto nos três anos seguintes estes números corresponderam respectivamente a 16(2010),15(2011) e 18(2012). A

taxa de 56,4 (por 100 mil) colocou a cidade na 44ª posição no ranking dos municípios com mais de 20 mil jovens que apresentaram os maiores números e taxas de óbitos no país.

A cidade de Teixeira de Freitas possui muitas praças, muito embora cada uma delas apresente uma dinâmica e conteúdo peculiar. Generalizar os espaços livres públicos da cidade seria negar a dialética, pois entendemos que na cidade essas complexas interações que existem entre os lugares, coisas, pessoas e comportamentos “só podem ser analisadas se mantivermos em sua base uma visão dialética, em suas mais variadas combinações, ou seja, evitando –se tomá-las como se estivessem simplesmente dispostas em um círculo de determinações. ” (GOMES, 2012, p.27), pois, conforme Gomes afirma:

A dialética pode nos ajudar a compreender conceitos que se exprimem por meio de jogos de oposições e confrontos, tais como de moderno e tradicional, de velho e novo, de público e privado, de relações contratuais e relações contextuais e, sobretudo, de forma e conteúdo. (IDEM, 2012, p.29).

O espaço geográfico é, simultaneamente, o terreno onde as práticas sociais se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as limita e lhes dá sentido. Desse ponto de vista, um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ele passa então a ser visto como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais. É justamente sob esse ângulo que a noção de espaço público pode vir a se constituir em uma categoria de análise geográfica. Aliás, essa parece ser a única maneira de se estabelecer uma relação direta entre a condição de cidadania e o espaço público, ou seja, sua configuração física, seus usos e sua vivência efetiva. (GOMES, .2012, p. 172).

Apesar de reconhecermos a complexidade da dialética das praças da cidade, somos categóricos ao afirmar, por meio das nossas visitas, que a exceção da Praça da Bíblia e da Praça dos Leões e, em fins de semana, da Praça Hilton Chicon, onde é comum o encontro de jovens, as demais praças da cidade não são bem frequentadas pela população, sobretudo no período noturno. Entretanto, cabe destacar que em ocasiões isoladas, o poder público realizou atividades nas principais praças da cidade que contribuíram para o avivamento de tais espaços.

Figura 7 - Praça da Bíblia



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 8 - Praça dos Leões



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 9 – Praça Hilton de Chicon



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Em 08 de março de 2013, Dia Internacional da Mulher, por exemplo, a Prefeitura Municipal, administrada pelo médico João Bosco, realizou uma homenagem a todas as mulheres, com várias atrações musicais locais, orquestra sinfônica e uma estrutura de som, luzes, cadeiras e mesas, contando com um público significativo na Praça da Bíblia. No período natalino do mesmo ano, a prefeitura realizou o “Natal Luzes de Teixeira”. A abertura aconteceu na mesma praça, com participação da Orquestra, Coral 9 de maio, coral da Igreja Batista Central e cantores locais de MPB, com entrega das chaves da cidade pelo prefeito João Bosco ao Papai Noel. Na Praça Hilton Chicon, localizada ao lado do Shopping Teixeira Mall Center uma estrutura contendo enfeites, luzes, presépios, árvores de natal “gigantes”, oficina de brinquedos, coral de ursos cantores, trenó, soldadinhos de chumbo, Vila do Noel, com a casa do Papai Noel, garantiu a presença em massa de crianças e adultos durante as últimas semanas do fim daquele ano. Foi um momento ímpar de avivamento daquele espaço, que nos últimos anos comumente é associado à ideia de apatia e abandono da população local e do poder público. Entretanto, apesar deste evento não ter acontecido nos anos seguintes, as “casas de madeiras” permanecem na paisagem da praça, suscitando questionamentos sobre sua utilidade.

Figura 10 - As casas da Vila do Noel na Praça Hilton de Chicon



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Outro momento importante a ser destacado foi o período da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, em que a Prefeitura Municipal montou um telão, no palco principal da Praça da Bíblia, para que a população pudesse assistir aos jogos da copa e estrutura contendo barracas com comidas típicas e ornamentação temática, além de contar com atrações culturais locais ao término dos jogos. Nos jogos da seleção brasileira a praça viveu momentos ímpares, com grande presença dos teixeirenses, tal como enfatiza a reportagem do anexo R. Com a saída do Brasil nas oitavas de final, o movimento da praça diminuiu consideravelmente durante os jogos.

Figura 11 - Praça da Bíblia lotada durante partida da seleção brasileira na Copa do Mundo 2014



Fonte: <<http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/n/praca-da-copa-aguarda-teixeirenses-para-torcer-pelo-brasil/>> Acessado em: 09/06/2015

Cabe destacar também que em um período marcado pelas tecnologias, onde as relações sociais são cada vez mais virtualizadas, os espaços públicos da cidade também sofrem

transformações nas suas formas de usos. Na praça da Bíblia, por exemplo, a Prefeitura Municipal, através do Projeto Teixeira Digital, disponibiliza uma rede de *Wifi* gratuita, com intuito de atrair pessoas. Assim, é possível que estes usuários se comuniquem com pessoas de diferentes lugares, tornando –se invisíveis ou inacessíveis para o contato social. O uso do celular em espaços públicos e coletivos é cada vez mais comum, aumentando ainda mais os muros da inacessibilidade para o contato social. Logicamente que as novas tecnologias (televisão, internet, serviços bancários pelo celular, etc) desempenham uma grande função no que diz respeito à transformação dos usos e consumos dos espaços livres públicos, pois elas, na maioria das vezes, contribuem para uma vivência cada vez menor do espaço da cidade e o uso.

O uso da via pública se restringe progressivamente ao seu valor instrumental primário, a circulação. Saímos cada vez menos e quando o fazemos, em geral por absoluta necessidade, devemos usar um automóvel, que nos levará a um lugar preciso, onde, habitualmente, reproduz-se a ideia de confinamento e de segurança. (GOMES, 2012, p.183).

Além de possibilitar o lazer dentro de casa, as novas tecnologias também distanciam as pessoas no próprio espaço público, limitando, na maioria dos casos, a comunicação entre elas. No caso de Teixeira de Freitas, face ao contexto de medo e violência que a sociedade enfrenta, em nome da segurança e da proteção, a classe média da cidade se divide entre os dois shoppings existentes, o Teixeira Mall Center e o Pátio Mix e em outros estabelecimentos privados (restaurantes, pizzarias, churrascarias, bares, etc) na busca por lazer e diversão, enquanto as camadas populares consomem nas barracas de lanches da Praça da Bíblia, Praça dos Leões e barracas de lanches montadas nas ruas, um fenômeno de “ocupação dos espaços públicos por aqueles que, não tendo meios para reproduzir privadamente esse estilo de vida, estão condenados a desfilar sua condição por esse espaço: Os pobres. (GOMES, 2012, p. 185).

Apesar de todas as dificuldades/problemas que os Espaços Livres Públicos (ELP's) vivenciam na cidade, acreditamos que eles, se geridos de maneira correta, podem propiciar: diversão, entretenimento, troca de experiência entre as pessoas, prática de esportes, prática do turismo, da sociabilidade, descanso, contemplação, atividades recreativas, culturais, festivas, dentre outras coisas, atividades que podem aproximar o cidadão da cidadania.

Atualmente, estes espaços têm se limitado às práticas de consumo e, esporadicamente, a algumas atividades culturais. Um documento disponibilizado pelo superintendente de desenvolvimento econômico da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas lista a existência de 117 praças na cidade. Porém, a vivência e as constantes visitas que fizemos a muitas delas permite-nos afirmar que a maioria delas não cumpre a sua função social.

Dentre vários problemas desses ELP's, podemos destacar que além de não dispor de parques, a cidade não oferece áreas públicas para o desenvolvimento de práticas esportivas, como caminhada, e, com exceção de poucas praças na cidade, como a Praça da Bíblia e a Praça dos Leões, a iluminação é precária, faltam bancos, equipamentos para desenvolver atividades, faltam guardas para garantir a segurança, são lugares vistos por muitos como propícios a atos ilícitos, como o consumo de drogas, assaltos e prostituição. Por tais fatores, a juventude tem optado por desenvolver suas práticas de lazer em ambientes fechados, como shoppings, restaurantes, pizzarias, ou até mesmo em casa, conforme aponta o terceiro capítulo intitulado: As diferentes formas de ver e viver a cidade são assuntos abordados no próximo capítulo.

4. AS DIFERENTES FORMAS DE VER E VIVER A CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS PELA JUVENTUDE

Em um contexto de medo, individualismo e reclusão em que a juventude e a sociedade teixeirense como um todo vive, aplicar entrevistas e questionários junto a este, tornou-se um desafio. Por ser a juventude uma das mais vulneráveis às práticas das violências na cidade, a escolhemos como público-alvo da pesquisa e, por entendermos que a escola exerce um forte poder sobre as práticas de sociabilidade entre os jovens, a selecionamos para ser o espaço de aplicação dos questionários. De igual modo, acreditamos que as concepções nas formas de ver e viver a cidade podem variar de acordo com o lugar de origem das pessoas e da classe social a que pertence. Objetivando abarcar essa heterogeneidade, aplicamos questionários com 416 alunos do ensino médio, oriundos de quatro instituições de ensino distintas, sendo uma delas pública, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), onde entrevistamos 211 jovens, de faixas etárias compreendidas entre 13 a 18 anos e três instituições de ensino privadas, o Colégio Miguel Afonso, Colégio Anchieta e Centro Educacional Integração, que juntas totalizaram 205 jovens (70, 67 e 68, respectivamente), com idades entre 13 e 19 anos.

A escolha da primeira instituição (IFBAIANO) se deu por diferentes fatores, dos quais podemos destacar: proximidade dos pesquisados com a instituição (já que o pesquisador é professor efetivo de componente curricular Geografia); o destaque exercido por esta no campo educacional na região e por ser *lócus* de encontro de estudantes de diferentes bairros da cidade e polo de atração dos alunos oriundos, sobretudo das classes sociais menos favorecidas. Quanto à escolha das demais instituições de ensino, para as três instituições particulares seguimos os seguintes critérios: Elas estão localizadas em diferentes bairros da cidade, o que amplia o horizonte geográfico da pesquisa, e se diferenciam com a sua clientela, visto que os preços das mensalidades variam muito de uma instituição para outra, fato que facilitou a pesquisa chegar as diferentes classes sociais.

Ao todo, jovens de 47 bairros da cidade participaram da pesquisa, conforme mostram as tabelas a seguir:

Tabela 6 – Distribuição de entrevistados por bairros - Rede pública

Bairros	Quantidade de alunos
Arara	01
Arco verde	04
Bela Vista	17
Beira Rio	02
Bom Jesus	01
Bonadiman	04
Caminho do Mar	01
Castelinho	03
Centro	21
Eixo Sul	01
Estância Biquine	04
Jardim Beira Rio	02
Jardim Caraípe	11
Jardim dos Pássaros	01
Jardim Europa	04
Jardim Liberdade	01
Jardim Planalto	02
Kaikan	04
Kaikan Sul	02
Liberdade Sul	01
Liberdade II	01
Monte Castelo	10
Monte Serrat	01
Nova América	02
Nova Canaã	01
Nova Jerusalém	01
Ouro Verde	06
Pesque e Pague	01
Recanto do Lago	07
Redenção	10
Residencial dos Pinheiros	02
Santa Rita	10
Santa Rosa de Lima	02
São Lourenço	16
Tancredo Neves	03
Teixeirinha	02
Ulisses Guimarães	01
Universitário	03
Urbis	08
Vila Caraípe	13
Vila Vargas	05
Vila Verde	04
Wilson Brito	02
Wilson Guimarães	01
Sem resposta	12
Total:	211

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 7 – Distribuição de entrevistados por bairros - Rede privada

Bairros	Quantidade de alunos
Bela Vista	15
Bom Jesus	03
Bonadiman	03
Castelinho	01
Centro	19
Colina Verde	01
Eixo Sul	02
Estância Biquine	07
Jardim Beira Rio	01
Jardim Caraípe	14
Jardim Europa	03
Jardim Liberdade	02
Jardim Planalto	03
Kaikan	07
Kaikan Sul	02
Liberdade	01
Liberdade Sul	01
Monte Castelo	23
Nova América	01
Nova Canaã	01
Ouro Verde	07
Pioneiro	01
Polo Industrial	01
Portal Sul	03
Recanto do Lago	05
Redenção	06
Residencial dos Pinheiros	02
São José	01
São Lourenço	05
São Pedro	01
Santa Rita	12
Santa Rosa de Lima	01
Tancredo Neves	01
Teixeirinha	05
Urbis	04
Vila Caraípe	09
Vila Vargas	05
Vila Verde	01
Wilson Brito	01
Sem resposta:	24
Total:	205

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

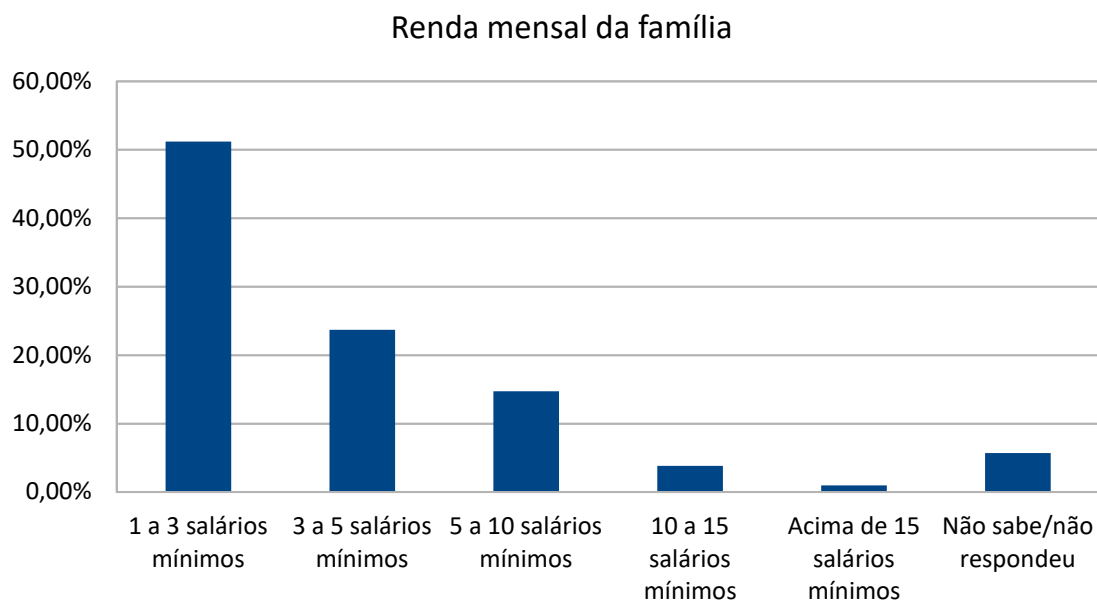
Através da primeira pergunta da entrevista pudemos confirmar, como já supunhamos, que o nível de renda dos entrevistados da rede pública de ensino está bem abaixo daqueles que estudam na rede privada, evidenciando a segregação através da escola brasileira, pois quem tem as melhores rendas geralmente pagam escolas para os filhos.

Tabela 08 – Renda familiar dos alunos da Rede Pública (em salário-mínimo)

Renda mensal da família (rede pública)	qtd	%
1 a 3 salários mínimos	108	51,18%
3 a 5 salários mínimos	50	23,70%
5 a 10 salários mínimos	31	14,69%
10 a 15 salários mínimos	8	3,79%
Acima de 15 salários mínimos	2	0,95%
Não sabe/não respondeu	12	5,69%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 2 - Renda familiar dos alunos da Rede Pública (em salário-mínimo)



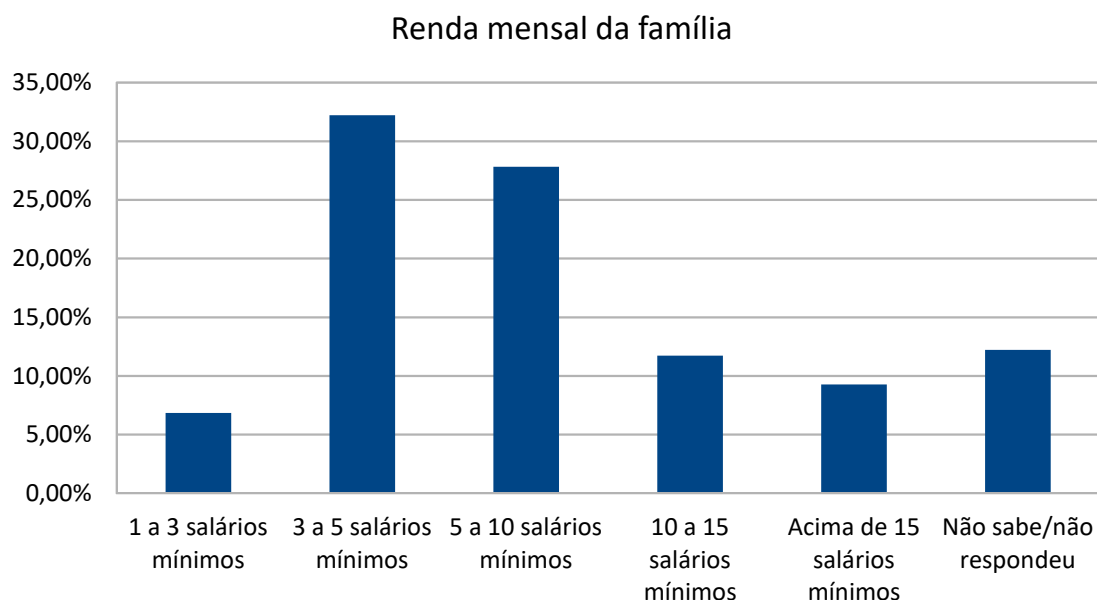
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 9 – Renda familiar dos alunos da Rede Privada (em salário-mínimo)

Renda mensal da família (rede privada)	qtd	%
1 a 3 salários mínimos	14	6,83%
3 a 5 salários mínimos	66	32,20%
5 a 10 salários mínimos	57	27,80%
10 a 15 salários mínimos	24	11,71%
Acima de 15 salários mínimos	19	9,27%
Não sabe/não respondeu	25	12,20%
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 3 - Renda familiar dos alunos da Rede Privada (em salário-mínimo)



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Os dados dos gráficos acima evidenciam que mais da metade dos entrevistados da rede pública (51,18%) declaram rendimento familiar entre 1 a 3 salários-mínimos, enquanto entre os alunos da rede privada, esta renda mensal não chega a 7% dos entrevistados. Em sentido contrário, menos 5% dos entrevistados da rede pública declaram rendimentos mensais superiores a 10 salários-mínimos, enquanto este percentual ultrapassa 20% entre os alunos da rede privada.

No que tange à distribuição dos alunos por idade, constatamos uma situação semelhante entre os alunos da rede pública e privada: Em ambos os casos, os entrevistados apresentam idade variando entre 13 a 18 anos, a exceção de um aluno, que, no momento da pesquisa, já

tinha 19 anos completos. Também constatamos tanto com alunos da rede pública quanto com aqueles da rede privada a idade concentra-se nos 16 e 17 anos (corresponde a mais de 50% dos entrevistados em ambas).

Tabela 10 – Idade dos alunos da Rede Pública

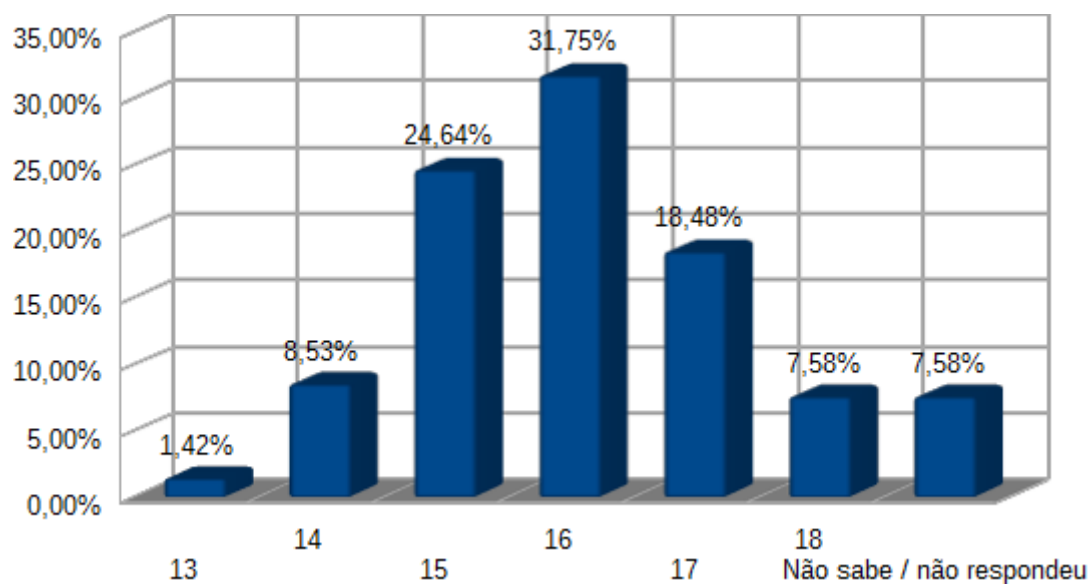
Faixa etária dos alunos – Rede pública

Idade	Quantidade	%
13	3	1,42%
14	18	8,53%
15	52	24,64%
16	67	31,75%
17	39	18,48%
18	16	7,58%
Não sabe / não respondeu	16	7,58%

211

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 4 - Idade dos alunos da Rede Pública



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 11 - Idade dos alunos da Rede Privada

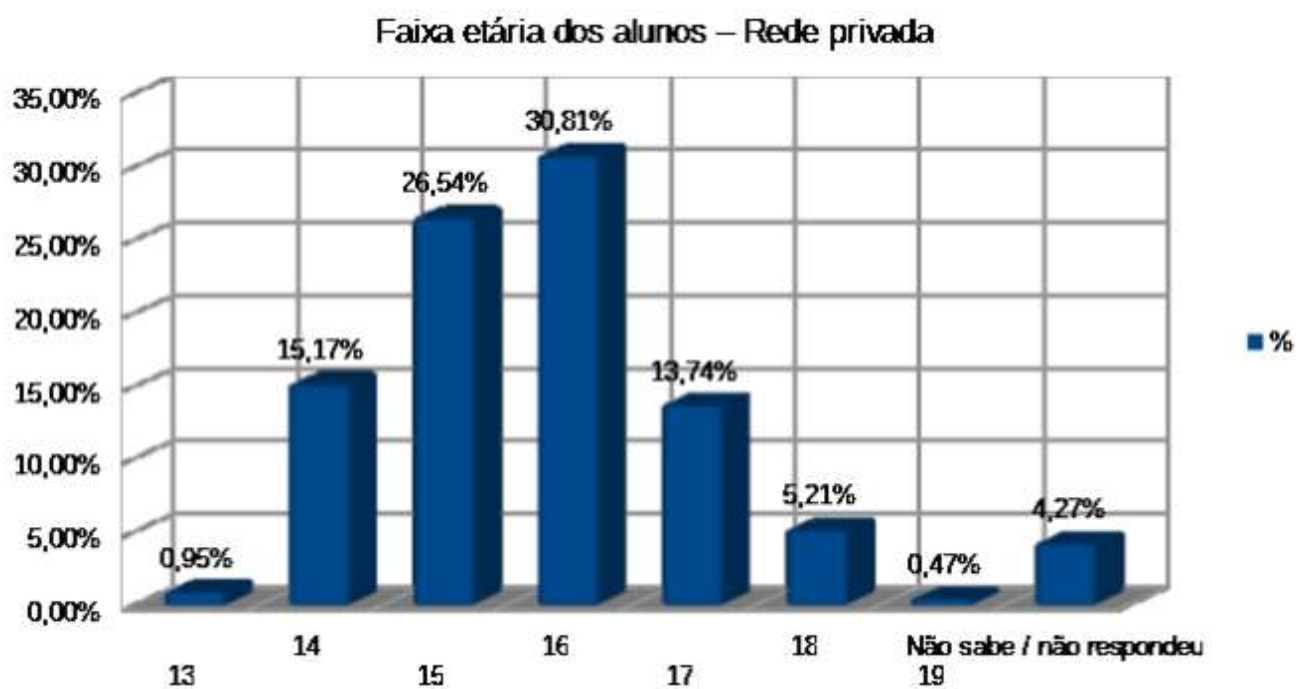
Faixa etária dos alunos – Rede privada

Idade	Quantidade	%
13	2	0,95%
14	32	15,17%
15	56	26,54%
16	65	30,81%
17	29	13,74%
18	11	5,21%
19	1	0,47%
Não sabe / não respondeu	9	4,27%

205

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 5 - Idade dos alunos da Rede Privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

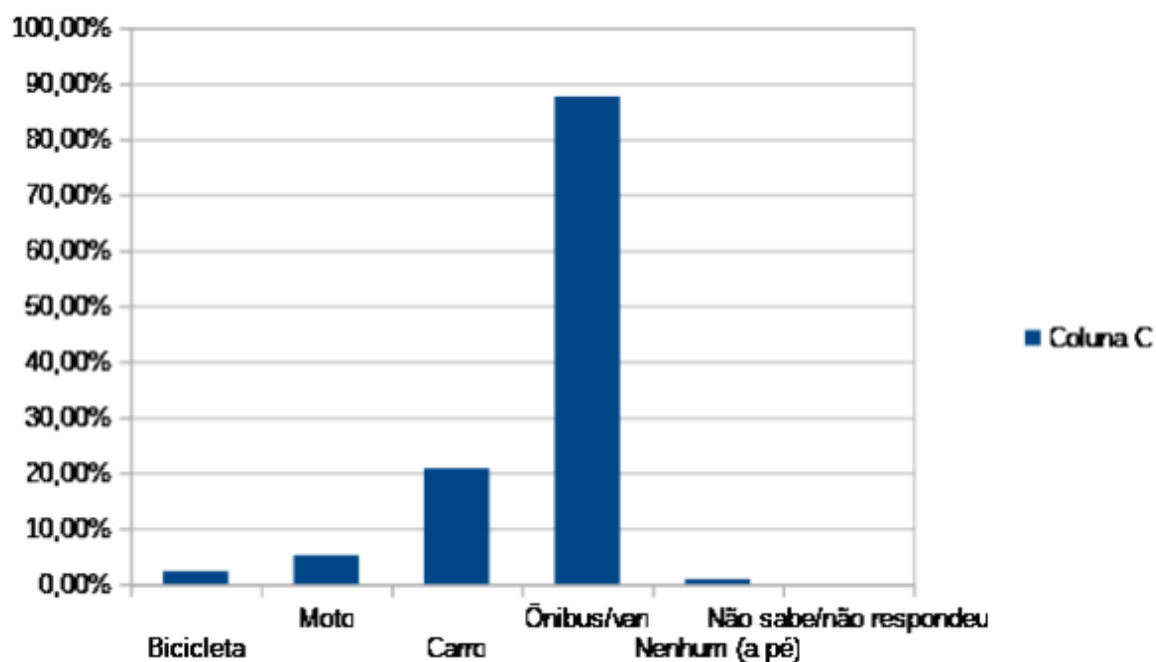
Quanto ao tipo de transporte que os jovens utilizam para ir à escola, constatamos que o meio de transporte usado pela maioria dos alunos da rede privada é o carro (64,39% dos alunos utilizam esse meio de transporte). Já entre os alunos da rede pública, o ônibus ou van predominam (87,68% dos alunos os utilizam para ir à escola). Em conversas informais, muitos do primeiro grupo criticam o serviço de transporte público, alegando, dentre outras coisas, a superlotação do ônibus e a precariedade da infraestrutura e dos serviços oferecidos pela empresa Santa Clara através de seus veículos que fazem linha da área urbana para o Instituto Federal Baiano, localizado às margens da BR 101. Há de se destacar que a distância do instituto para o centro da cidade compromete a utilização de transportes alternativos, como bicicleta ou até mesmo ida e volta a pé, fato que justifica o pequeno percentual de utilização destes pelos alunos (menos de 3 e 1%, respectivamente). Em sentido contrário, ir à escola a pé é rotina de um número considerável de alunos da rede privada (27,80% do total), fato justificado pela maior proximidade destas com as suas residências, já que todas elas estão localizadas na zona urbana da cidade. (Nesta pergunta o aluno poderia marcar mais de uma alternativa, portanto o percentual de cada meio de transporte representa o número de usuários, independente das formas de uso de outros meios).

Tabela 12 – Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede pública

Tipo de transporte utilizado para ir a escola	qtd	%
Bicicleta	5	2,37%
Moto	11	5,21%
Carro	44	20,85%
Ônibus/van	185	87,68%
Nenhum (a pé)	2	0,95%
Não sabe/não respondeu	0	0,00%
SOMA	247	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 6 – Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede pública: Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede pública



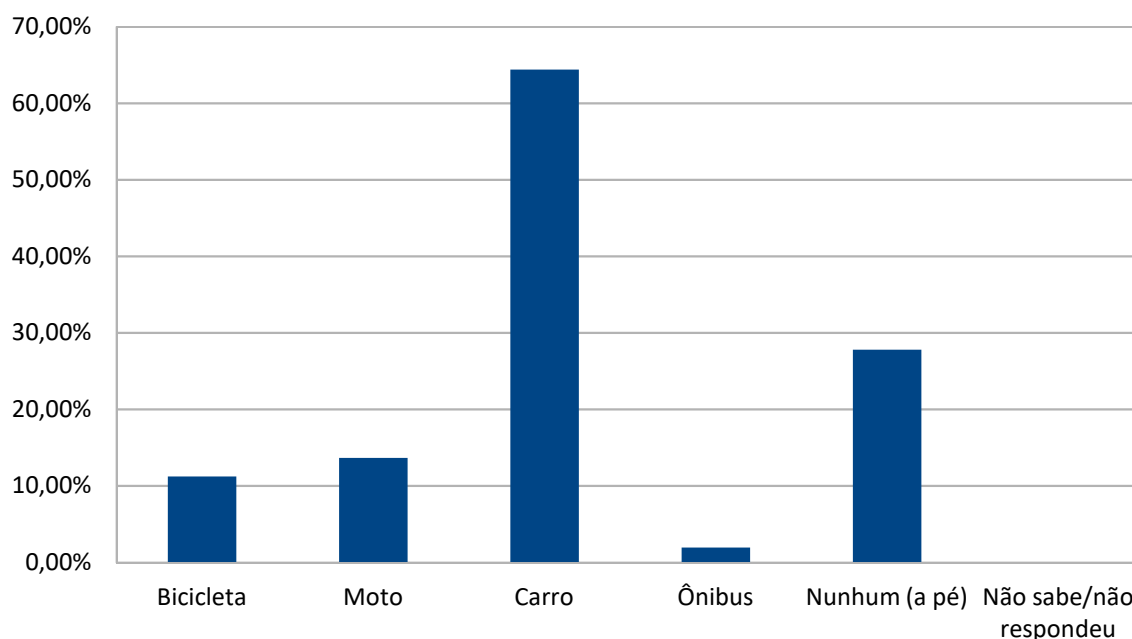
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 13 – Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede privada

Tipo de transporte utilizado para ir a escola	qtd	%
Bicicleta	23	11,22%
Moto	28	13,66%
Carro	132	64,39%
Ônibus	4	1,95%
Nunhum (a pé)	57	27,80%
Não sabe/não respondeu	0	0,00%
SOMA	244	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 7 - Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede privada: Tipo de transporte utilizado para ir à escola – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

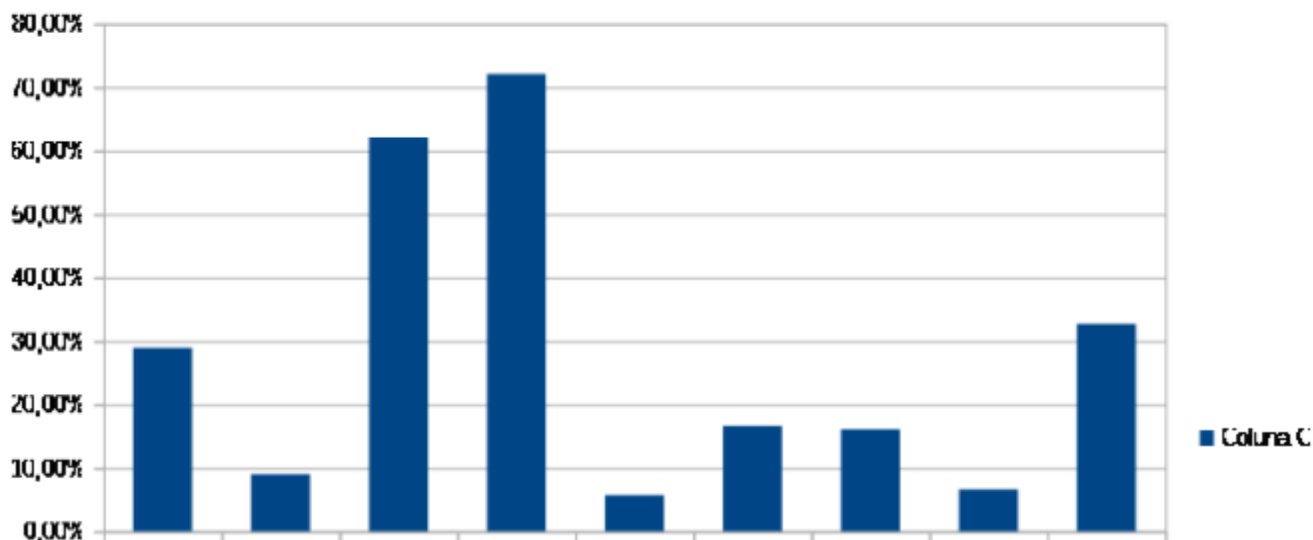
Ao serem indagados sobre o uso do tempo livre, fora da escola, a maioria dos jovens tanto da rede pública quanto da rede privada, afirmaram que passam a maior parte do tempo (fora da escola) conectados à internet e usando o celular. 72,04% dos entrevistados da rede pública, ou seja, 152 dos 211 entrevistados utilizam a internet no tempo livre. Na rede privada este item alcança a preferência de 54,15% dos entrevistados, ou seja, de 111 jovens, dos 205 entrevistados. Já o celular é o passatempo de 62,09% dos jovens da rede pública, ou seja, de 131 deles, e de 50,73% da rede privada (de 104, dos 205 jovens). Embora seja comum entre os jovens o uso da internet através do celular, distinguimos as duas atividades pois a navegação em rede não ocorre unicamente por meio deste aparelho, podendo existir através de outros equipamentos eletrônicos, como computadores, *tablets* e notebooks. Além disso, o celular desempenha outras funções, que não precisam necessariamente estarem ligadas à rede de internet, como ligações telefônicas, troca de mensagens, jogos eletrônicos, aplicativos de edição de fotografias, etc. Um fato curioso é que as praças ocupam o último lugar no passatempo dos jovens, tanto da rede pública quanto da rede privada. As praças ocupam a preferência de apenas 6,64% dos entrevistados da rede pública e de menos de 1% (0,98%) daqueles da rede privada. Espaços privados de lazer, como shoppings, pizzarias, lanchonetes, bares e clubes, ocupam uma posição mediana no passatempo dos jovens.

Tabela 14 – Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede pública

Com que/onde que passa a maior parte do tempo, fora da escola	qtd	%
Televisão	61	28,91%
Vídeo game	19	9,00%
Celular	131	62,09%
Internet	152	72,04%
Bares e clubes	12	5,69%
Shoppins	35	16,59%
Pizzarias,lanchonetes e restaurantes	34	16,11%
Praças	14	6,64%
Outro(s)	69	32,70%
SOMA	527	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 8 – Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede pública



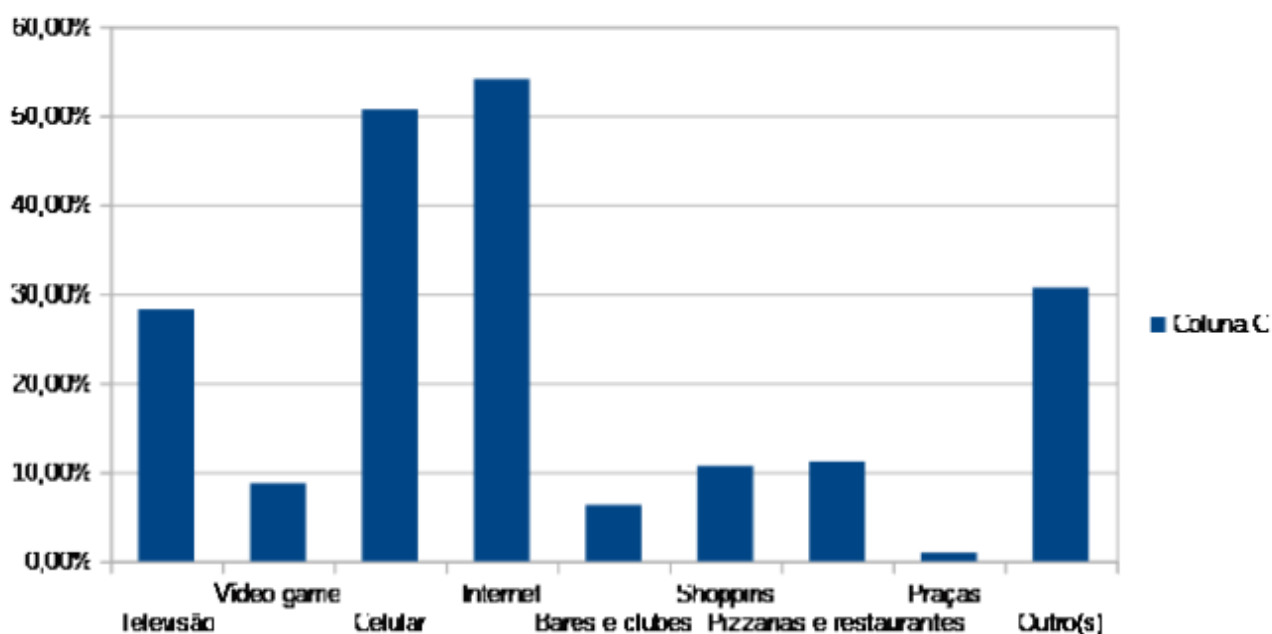
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 15 – Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede privada

Com que/onde que passa a maior parte do tempo, fora da escola	qtd	%
Televisão	58	28,29%
Vídeo game	18	8,78%
Celular	104	50,73%
Internet	111	54,15%
Bares e clubes	13	6,34%
Shoppins	22	10,73%
Pizzarias e restaurantes	23	11,22%
Praças	2	0,98%
Outro(s)	63	30,73%
SOMA	414	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 9 – Com o que/onde passa a maior parte do tempo fora da escola– Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Resultado semelhante foi obtido por meio da pergunta: qual seu principal meio de diversão? A internet e o celular mais uma vez lideraram o ranking de preferência. Para 114 e 85 jovens das redes pública e privada respectivamente (54,03% e 41,46% deles), a internet é o seu principal meio de diversão, enquanto o celular obteve a preferência de 101 e 74 entrevistados, valores que correspondem a 47,87% e 36,10% do total de entrevistados das respectivas redes. Com relação aos espaços livres públicos, como as praças, o número foi

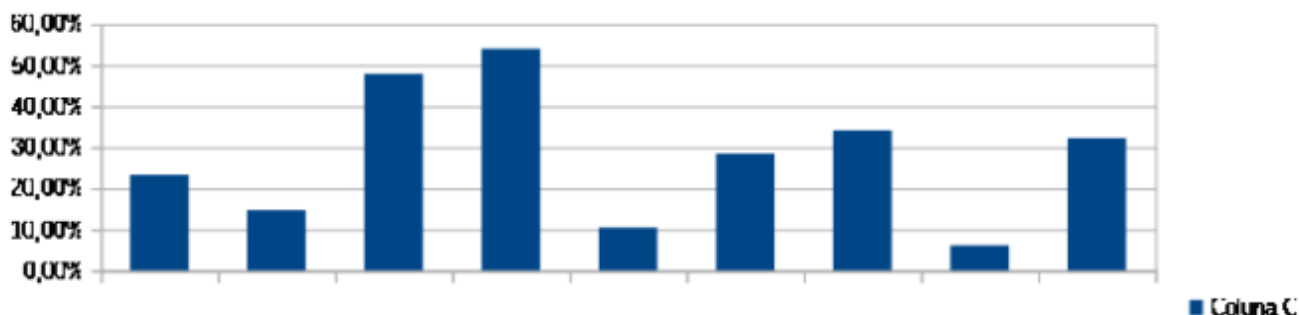
novamente inexpressivo. A praça mais uma vez ocupou o último lugar, obtendo a preferência de apenas 6,16% e 2,44% dos entrevistados (13 jovens da rede pública e 5 da rede particular de ensino). Os espaços coletivos, privados (shoppings, bares, clubes, pizzarias, lanchonetes e restaurante) alcançam números parecidos com a questão anterior.

Tabela 16 – Principal meio de diversão – Rede pública

Principal meio de diversão	qtd	%
Televisão	49	23,22%
Vídeo game	31	14,69%
Celular	101	47,87%
Internet	114	54,03%
Bares e clubes	22	10,43%
Shoppings	60	28,44%
Pizzarias, lanchonetes e restaurantes	72	34,12%
Praças	13	6,16%
Outro(s)	68	32,23%
SOMA	530	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 10 – Principal meio de diversão – Rede pública



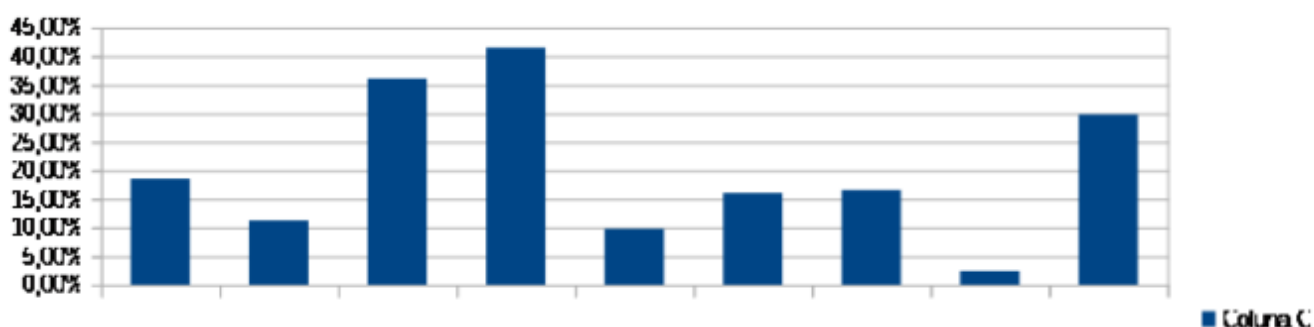
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 17 – Principal meio de diversão – Rede privada

Principal meio de diversão	qtd	%
Televisão	38	18,54%
Vídeo game	23	11,22%
Celular	74	36,10%
Internet	85	41,46%
Bares e clubes	20	9,76%
Shoppings	33	16,10%
Pizzarias, lanchonetes e restaurantes	34	16,59%
Praças	5	2,44%
Outro(s)	61	29,76%
SOMA	373	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 11: Principal meio de diversão – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Essa influência que o celular e a internet exercem sobre a juventude é algo constante, percebida em todas as escalas espaciais (embora em graus diversos) por essa geração, caracterizada por preocupar-se menos com o futuro e viver o presente em busca de felicidade e prazer ao alcance de suas mãos, oferecidos pelo mercado de consumo. No *cyberespaço*, este espaço virtualizado, o contato face a face é constantemente substituído pelo contato através das telas, sejam de celulares, computadores, notebooks, entre outros equipamentos. “numa vida de

contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a ‘vida real’”. (BAUMAN, 2011, p. 23).

A semelhança nas respostas foi também obtida quando perguntamos sobre a participação dos jovens em grupos artísticos/culturais, religiosos, esportivos e políticos. Aproximadamente 60% do total de entrevistados afirmaram participar de algum desses grupos (conforme apontam as tabelas e gráficos seguintes). Essa expressiva participação da juventude em grupos sociais é reflexo do momento atual, já que:

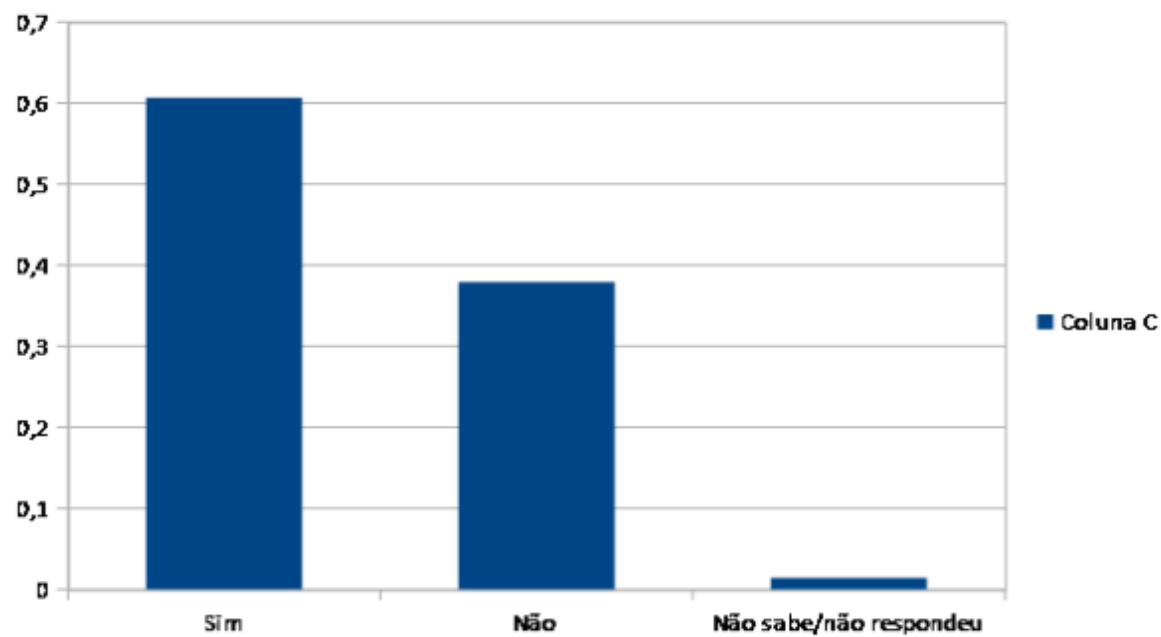
Num mundo globalizado que ao mesmo tempo homogeneiza e fragmenta, no qual se embotam as referências éticas e se rotinizam os dramas humanos, as pessoas necessitam cada vez mais de um porto seguro para (re) construir sua identidade e (re) encontrar o sentido de sua vida. Na falta de soluções globais para as misérias do mundo, os indivíduos e os próprios grupos sociais sentem-se impotentes para transformá-lo como um todo, dedicando-se, no máximo, ao enfrentamento dos problemas imediatos do seu entorno. Fragmentados e desenraizados, refugiam-se frequentemente em guetos fechados, muitos deles de caráter religioso e fundamentalista, enquanto outros se lançam em movimentos humanitários nem sempre devidamente articulados. (CORRÊA, 2010, p.15-16).

Tabela 18 – Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político – Rede pública.

Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político	qtd	%
Sim	128	60,66%
Não	80	37,91%
Não sabe/não respondeu	3	1,42%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 12 – Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político - Rede pública



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

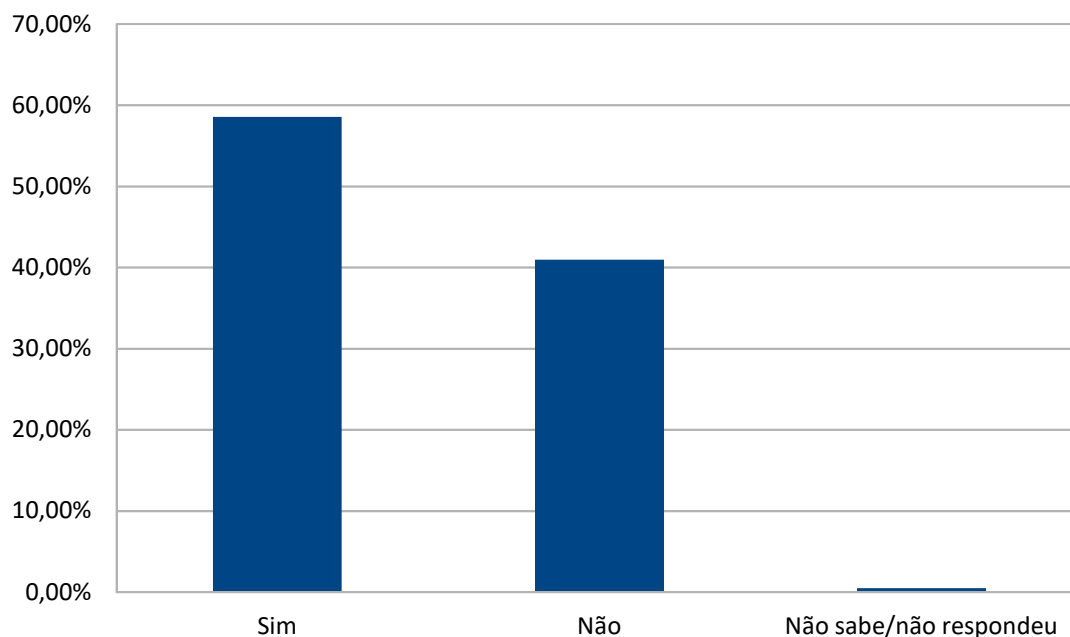
Tabela 19 – Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político - Rede privada

Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político	qtd	%
Sim	120	58,54%
Não	84	40,98%
Não sabe/não respondeu	1	0,49%

SOMA **205**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 13 – Participação em grupo artístico/cultural, religioso, esportivo ou político - Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Dos entrevistados que participam de grupos sociais, 77,34% da rede pública e 80,83% da rede privada integram grupos de cunho religioso, enquanto, na mesma ordem, 17,19 e 27,50% fazem parte de grupos esportivos, 10,16 e 8,33% de grupos artísticos/culturais. Já na modalidade “política” apenas dois entrevistados da rede privada de ensino afirmaram fazer parte de algum grupo voltado para essa finalidade.

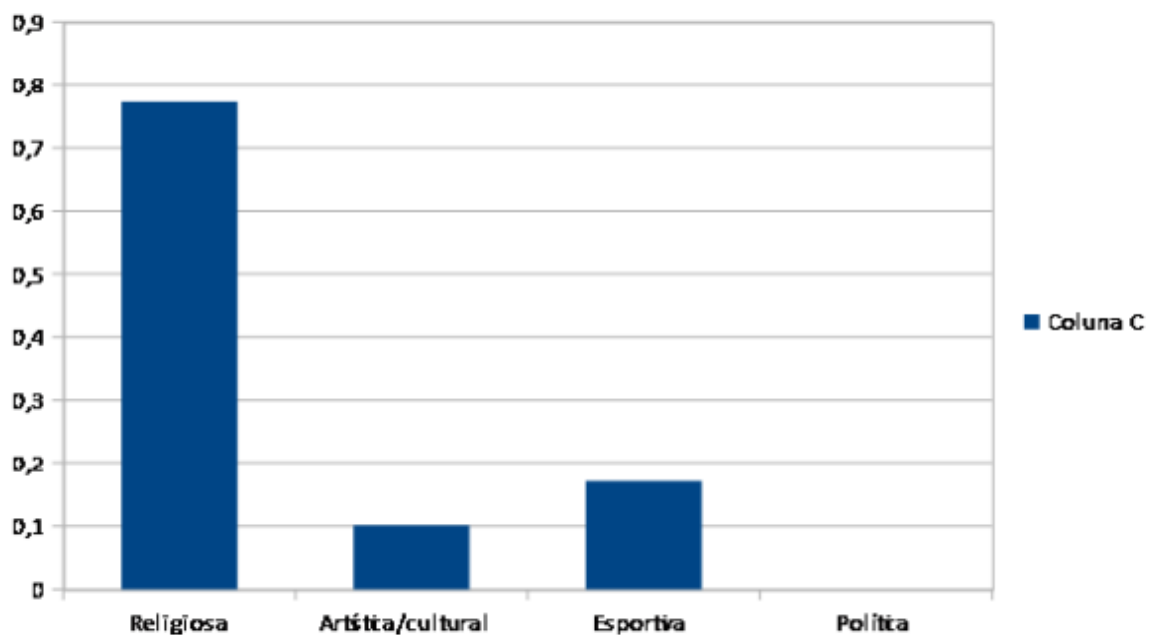
Tabela 20 – Modalidade do grupo social que participa – Rede pública

Modalidade do grupo social que participa	qtd	%
Religiosa	99	77,34%
Artística/cultural	13	10,16%
Esportiva	22	17,19%
Política	0	0,00%

SOMA **134**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 14 – Modalidade do grupo social que participa – Rede pública



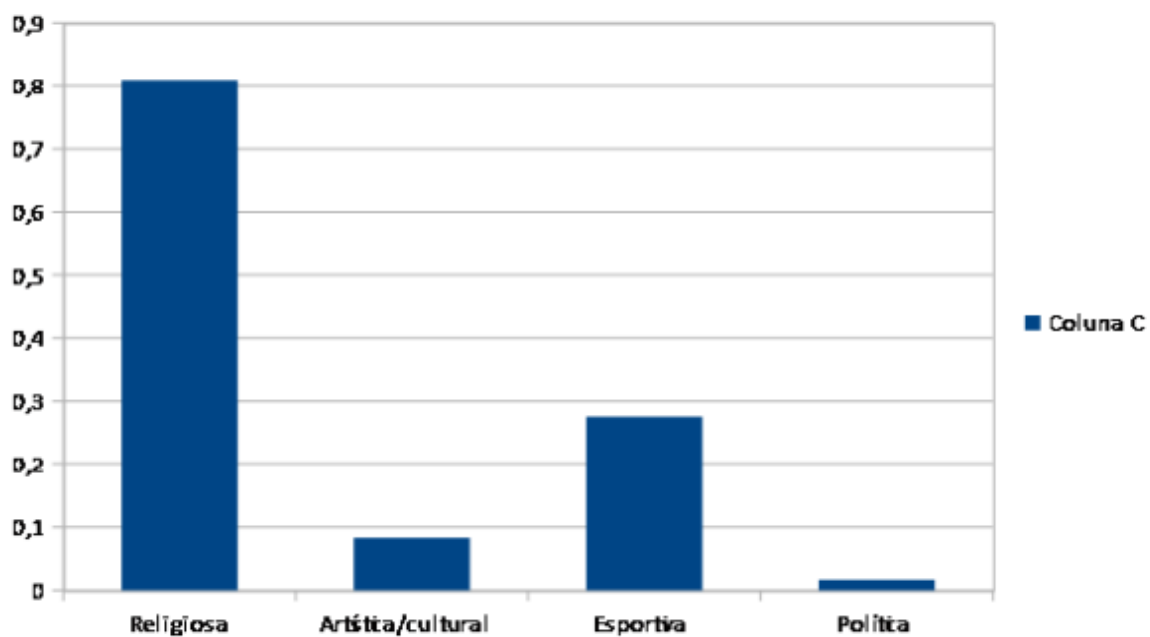
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 21 – Modalidade do grupo social que participa – Rede privada

Modalidade do grupo social que participa	qtd	%
Religiosa	97	80,83%
Artística/cultural	10	8,33%
Esportiva	33	27,50%
Política	2	1,67%
SOMA	142	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 15 – Modalidade do grupo social que participa – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

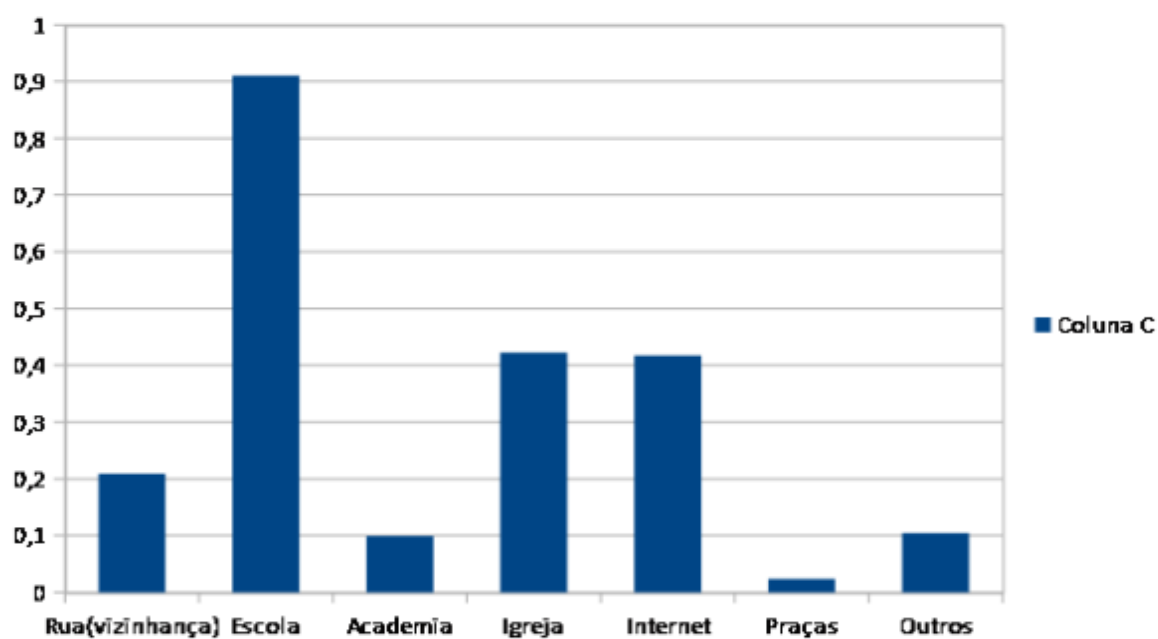
Apesar da forte influência que a igreja e a internet exercem sobre a vida dos entrevistados, a escola foi citada como o principal lugar para se construir amizades e se relacionar com outras pessoas. Ela foi a resposta de 91% dos entrevistados da rede pública (192, dos 211 entrevistados) e de 76,59% dos alunos da rede privada (157, de 205). A internet e a igreja, tecnicamente empatadas, ocuparam a segunda e a terceira colocação obtendo respostas de 41,71 e 23,41% e de 42,18 e 23,41% dos entrevistados das redes públicas e privadas. A praça é o lugar onde os jovens menos constroem amizades ou se relacionam com outras pessoas. Apenas 2,37 e 1,46% dos alunos da rede pública e privada a utilizam como principal lugar para interação e/ou relacionamento com outras pessoas, conforme apontam as tabelas 22 e 23 e os gráficos 16 e 17 a seguir.

Tabela 22 – Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede pública

	qtd	%
Rua(vizinhança)	44	20,85%
Escola	192	91,00%
Academia	21	9,95%
Igreja	89	42,18%
Internet	88	41,71%
Praças	5	2,37%
Outros	22	10,43%
SOMA	439	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 16 – Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede pública



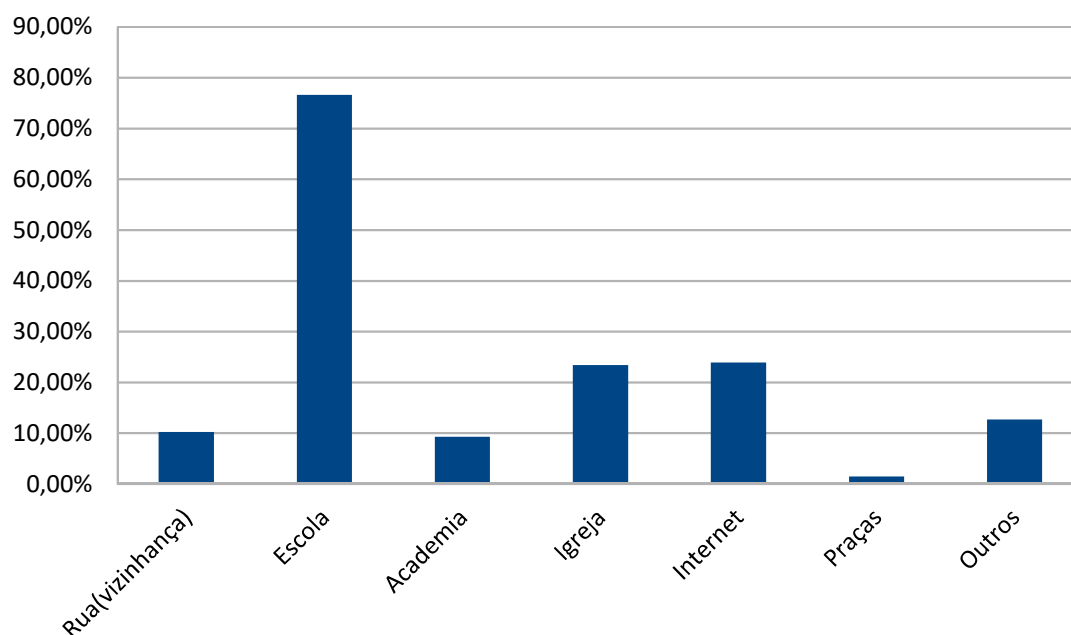
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 23 – Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede privada

	qtd	%
Rua(vizinhança)	21	10,24%
Escola	157	76,59%
Academia	19	9,27%
Igreja	48	23,41%
Internet	49	23,90%
Praças	3	1,46%
Outros	26	12,68%
SOMA	297	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 17 – Principal lugar onde constrói amizades ou se relaciona com outras pessoas– Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A facilidade no acesso à internet, sobretudo depois da popularização do celular, possibilitou o uso cada vez maior das redes sociais pelos jovens. Assim,

Uma vez que finquem seus pés numa escola ou numa comunidade, seja ela física ou eletrônica, os sites de “rede social” se espalharam à velocidade de uma “infecção virulenta ao extremo”. Com muita rapidez, deixaram de ser apenas uma opção entre muitas para se tornarem o endereço *default* de um número crescente de jovens, mulheres e homens. Obviamente, os inventores e promotores das redes eletrônicas tocaram uma corda sensível – ou num nervo exposto e tenso que há muito esperava o tipo certo de estímulo. Eles podem ter motivos para se vangloriar de terem satisfeito uma necessidade real, generalizada e urgente. E qual seria ela? “no cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais.” Os usuários ficam felizes por “revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais”, fornecerem informações precisas” e “compartilharem fotografias”. (BAUMAN, 2008, p.8).

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional - uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado do público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública quer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confienciá-las. (BAUMAN, 2008, p.9-10).

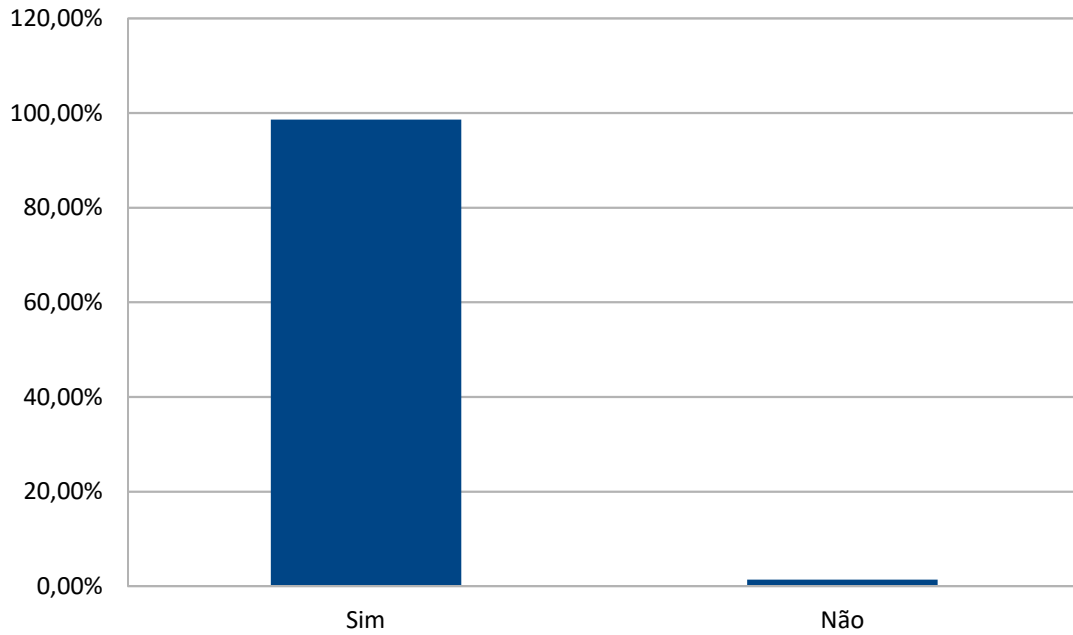
A pesquisa de campo apontou que tais redes participam direta e intensamente da vida dos jovens entrevistados. Constatamos que 98,58% dos entrevistados da rede pública (208 jovens) e 97,56% da rede privada (total: 200) as utilizam:

Tabela 24 – Uso de redes sociais – Rede pública

Uso de redes sociais		qtd	%
Sim		208	98,58%
Não		3	1,42%
SOMA		211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 18 – Uso de redes sociais – Rede pública



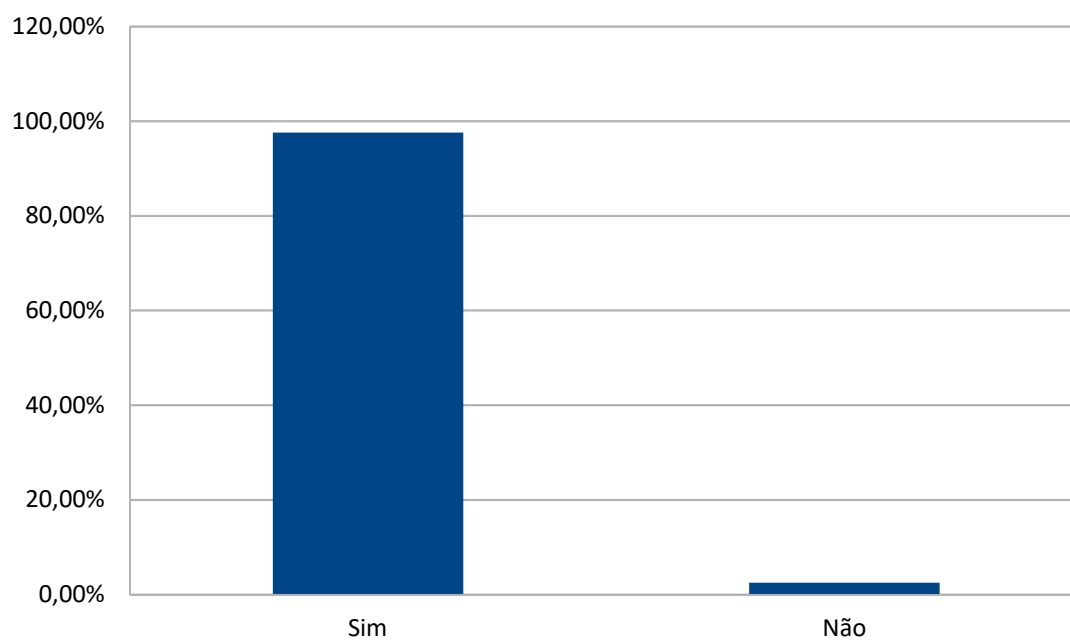
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 25 – Uso de redes sociais – Rede privada

	Uso de redes sociais	qtd	%
Sim		200	97,56%
Não		5	2,44%
SOMA		205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 19 – Uso de redes sociais – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

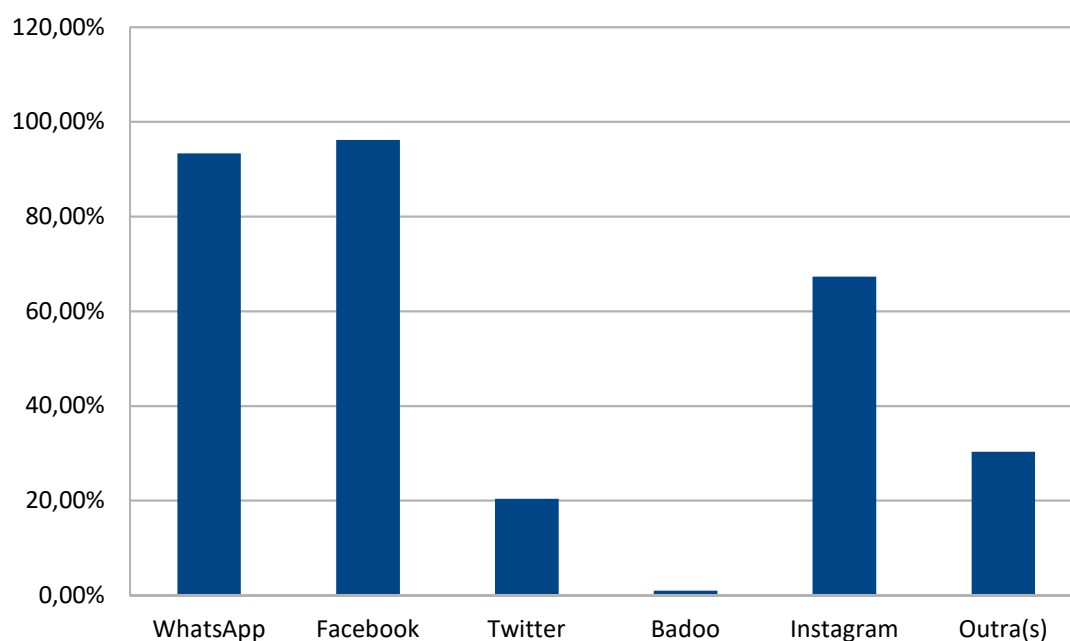
A pesquisa revelou ainda que as redes sociais mais populares entre os jovens são o WhatsApp (utilizado por 93,36% dos jovens da rede pública e por 91,71% da rede privada) e o Facebook (96,21% dos jovens da rede pública e por 90,73% da rede privada), conforme apontam as tabelas e os gráficos abaixo:

Tabela 26 – Redes sociais utilizadas – Rede pública

Redes sociais utilizadas	qtd	%
WhatsApp	197	93,36%
Facebook	203	96,21%
Twitter	43	20,38%
Badoo	2	0,95%
Instagram	142	67,30%
Outra(s)	64	30,33%
SOMA	651	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 20 – Redes sociais utilizadas – Rede pública



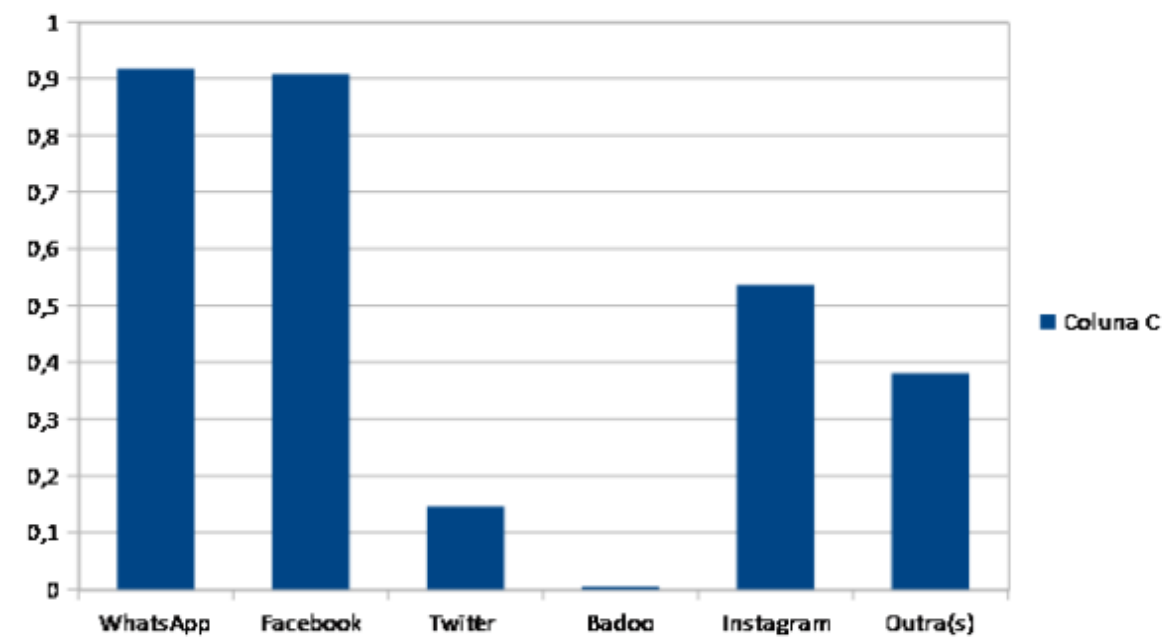
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 27 – Redes sociais utilizadas – Rede privada

Redes sociais utilizadas	qtd	%
WhatsApp	188	91,71%
Facebook	186	90,73%
Twitter	30	14,63%
Badoo	1	0,49%
Instagram	110	53,66%
Outra(s)	78	38,05%
SOMA	593	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 21 – Redes sociais utilizadas – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

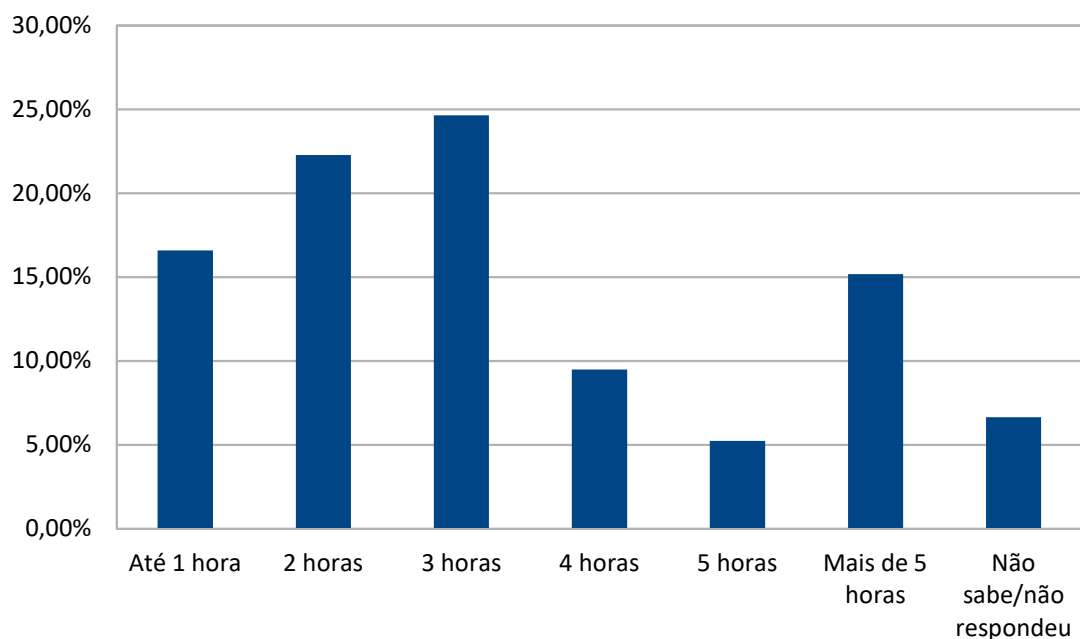
Em relação ao tempo médio diário de utilização dessas redes, chamou-nos a atenção o fato de um número expressivo dos jovens as utilizarem três horas ou mais durante o dia. Neste quadro encontra-se 54,5% dos jovens da rede pública e 67,7% da rede privada.

Tabela 28 – Tempo médio diário na utilização de redes sociais– Rede pública

Tempo medio diário na utilização de redes sociais	qtd	%
Até 1 hora	35	16,59%
2 horas	47	22,27%
3 horas	52	24,64%
4 horas	20	9,48%
5 horas	11	5,21%
Mais de 5 horas	32	15,17%
Não sabe/não respondeu	14	0,066351
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 22 – Tempo médio diário na utilização de redes sociais– Rede pública



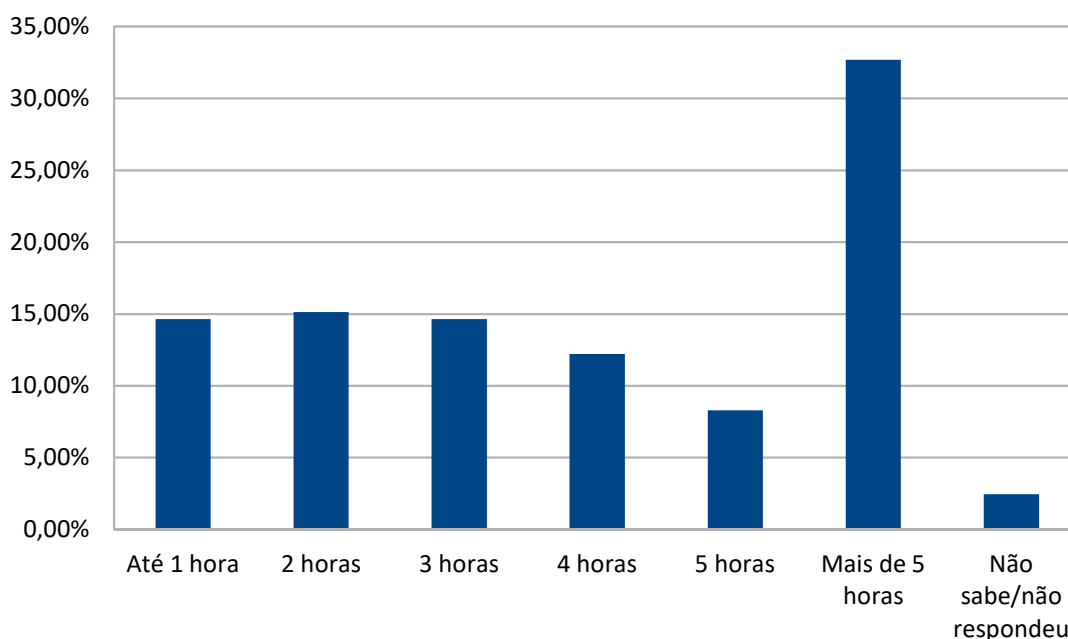
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 29 – Tempo médio diário na utilização de redes sociais - Rede privada

Tempo medio diário na utilização de redes sociais	qtd	%
Até 1 hora	30	14,63%
2 horas	31	15,12%
3 horas	30	14,63%
4 horas	25	12,20%
5 horas	17	8,29%
Mais de 5 horas	67	32,68%
Não sabe/não respondeu	5	0,02439
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 23 – Tempo médio diário na utilização de redes sociais - Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Reconhecemos a importância das redes sociais no contexto atual. Dentre muitas das suas vantagens, podemos destacar que elas proporcionam a comunicação social entre as pessoas de diferentes partes do mundo de forma instantânea. Além disso, são canais de entretenimento, onde há possibilidade para troca de informações, notícias, leitura de artigos acadêmicos, etc. Porém, há de se destacar a importância de se fazer bom uso dela, através da moderação, foco e bom senso, para que não se percam as concentrações necessárias para o desenvolvimento das atividades diárias e/ou estas não sejam procrastinadas com rotina. Sobre essa questão, Bauman nos alerta:

Isso será o paraíso na Terra? Nosso sonho enfim realizado? Será esta a solução definitiva para a pungente ambivalência da interação humana, a um só tempo confortadora e estimulante, mas incômoda e cheia de ciladas? As opiniões se dividem a esse respeito. O que parece estar fora de dúvida é que pagamos um preço por tudo isso – um preço que pode se revelar alto demais. Se você está sempre “conectado”, pode ser que nunca esteja verdadeira e completamente só. Se você nunca está só, então[...] “tem menos chance de ler um livro por prazer, de desenhar um retrato, de contemplar a paisagem pela janela e imaginar outros mundos diferentes do seu. É menos provável que você estabeleça comunicação com pessoas reais em seu meio imediato. Quem vai querer conversar com parentes quando os amigos estão a um clique do teclado?” (E esses amigos são incontáveis, de uma diversidade fascinante, há cerca de quinhentos ou mais “amigos” no Facebook.). Fugindo da solidão, você deixa escapar a chance de *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar- e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da *solitude* talvez nunca venha saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu. (BAUMAN, 2011, p.16-17).

E continua:

Os telefones celulares são fundamento técnico da *suposição de constante acessibilidade e disponibilidade*. A suposição de que a condição humana em geral da modernidade líquida, a condição de “lobos solitários sempre em contato”, já foi viabilizada e se converteu em “norma”, tanto no segundo quanto no primeiro aspecto. Aplicada de modo seletivo, “a disponibilidade constante” é amplamente usada hoje para organizar o espaço público: dividi-lo em áreas de “conectividade” e de “não conectividade”. Agora todo mundo *pode* estar sempre à disposição para qualquer contato telefônico, mas ainda é preciso *se tornar disponível* – e fazemos isso somente para um *grupo selecionado* de pessoas. Tornar-se disponível é uma ferramenta de construção de redes: de unificação e separação, de “entrar em contato” e “ficar fora de contato”. Integrar-se à rede pela troca de números telefônicos presume uma promessa recíproca de que alguém “sempre estará lá para você”, uma obrigação de sempre recorrer a essa presença interessada e pronta a atender (embora, como acontece em todos os padrões e estratégias de reciprocidade, este também possa se opor, e com frequência o faz, a suposições explícitas, exploradas de modo unilateral, para desapontamento e irritação do parceiro suposto ou presumido). (BAUMAN, 2011, p.45).

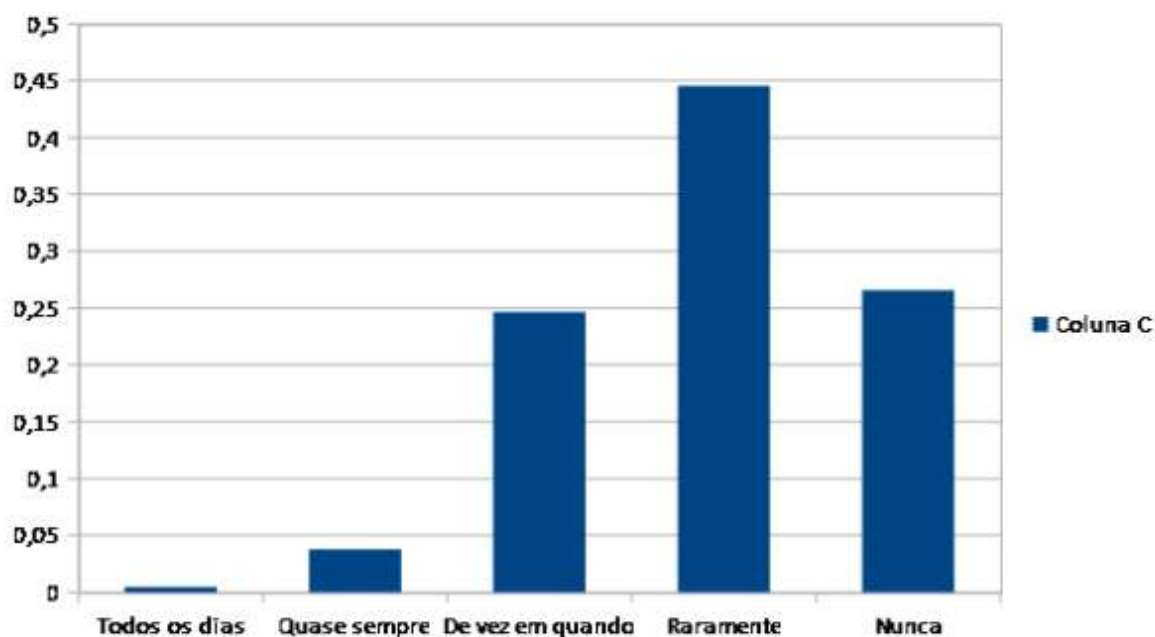
Quando questionados sobre a frequência no uso das praças da cidade, em um universo de 416 jovens, apenas dois deles (um da rede pública e um da rede privada) afirmaram frequentá-las diariamente. As baixas estatísticas se repetem entre aqueles que afirmavam frequentá-las quase sempre: menos de 4% dos jovens da rede pública (3,79%), correspondente a 8 entrevistados, e da rede privada (3,41%), somando respostas de 7 deles. 52 jovens da rede pública, o equivalente a 24,64% dos entrevistados e 55 da rede privada, corresponde a 26,83% afirmaram frequentar as praças apenas de vez em quando. O número mais expressivo da questão foi obtido entre aqueles que raramente frequentam as praças: 44,55% rede pública (94 entrevistados) e 45,37% da rede privada (93 deles). O número também é expressivo entre aqueles que nunca frequentaram as praças: 26,54% dos jovens da rede pública (56 entrevistados) e 22,93% da rede privada (47 deles) .

Tabela 30 – Frequência no uso das praças da cidade – Rede pública

Frequencia no uso das praças na cidade	qtd	%
Todos os dias	1	0,47%
Quase sempre	8	3,79%
De vez em quando	52	24,64%
Raramente	94	44,55%
Nunca	56	26,54%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 24 – Frequência no uso das praças da cidade – Rede pública



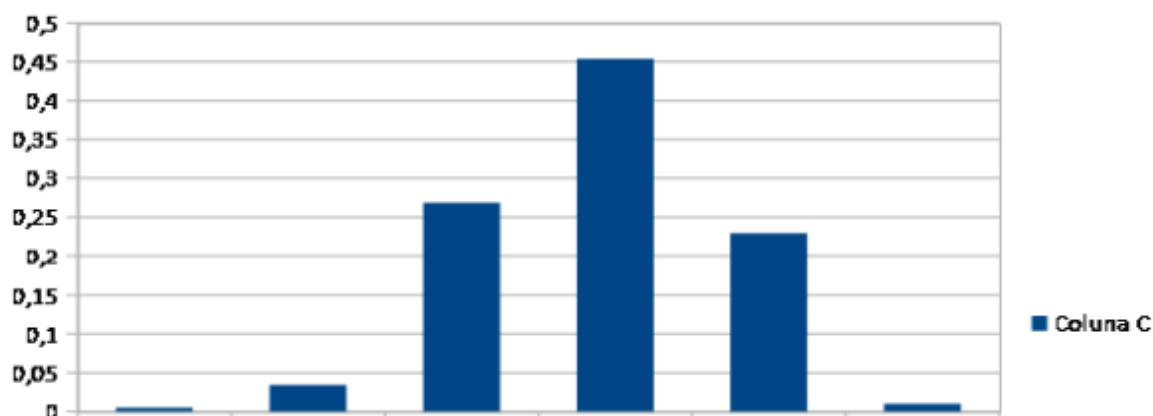
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 31 – Frequência no uso das praças da cidade – Rede privada

Frequencia no uso das praças na cidade	qtd	%
Todos os dias	1	0,49%
Quase sempre	7	3,41%
De vez em quando	55	26,83%
Raramente	93	45,37%
Nunca	47	22,93%
Não sabe/não respondeu	2	0,98%
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 25 – Frequência no uso das praças da cidade – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Sobre a importância dos Espaços Livres Públicos, Silva afirma que estes, principalmente quando na forma de praças e parques,

constituem-se em ótimas alternativas para a vivência do lúdico, logo para a vivência do lazer no ambiente extra doméstico. São, por sua vez, lugares propícios à socialização, contemplação, ao relaxamento, às práticas intelectuais, manuais e artísticas, à prática de esportes, bem como podem assumir uma conotação artística. Enfim, são espaços destinados à prática do lazer a qual, por sua vez, auxilia no desenvolvimento intelectual, psicológico e social do ser humano. Inclusive com importância no processo de inclusão social no âmbito urbano. (SILVA, 2012, p.19).

O conceito acima, apesar de coerente, quando aplicado à realidade teixeirense apresenta muitas limitações e inconsistências. A começar, a cidade não dispõe de parques, nem de áreas para o desenvolvimento de práticas esportivas, como caminhada. Com exceção de poucas praças na cidade, como a da Bíblia e a dos Leões, a iluminação é precária, faltam bancos, faltam guardas para garantir a segurança, são lugares vistos por muitos como propícios a prática de atos ilícitos, como o consumo de drogas, assaltos e prostituição, conforme podemos conferir em depoimentos. Por tais fatores, a juventude tem optado por desenvolver suas práticas de lazer em ambientes fechados, como shoppings, restaurantes, pizzarias, ou até mesmo ficar em casa. Em outras palavras, a pouca frequência da juventude de Teixeira de Freitas às praças da cidade está intimamente relacionada ao aumento da violência na cidade e à sensação de insegurança destes e da população da cidade em relação a estes espaços, conforme afirmam os entrevistados:

A todo o momento estamos vulneráveis à violência e a assaltos e nessas praças não tem segurança nenhuma. (Estudante “1”)

Não me sinto seguro em utilizar as praças da cidade, porque com tantos assaltos ocorridos na cidade, nunca se sabe quando acontecerá com você. Não dá para andar com tranquilidade. (Estudante “2”)

Já fui assaltada na praça. E, por ter sido assaltada, tenho receio de ser novamente. (Estudante “3”)

As praças de Teixeira de Freitas são utilizadas para comercializar drogas, na maioria das vezes e por esse motivo e não me sinto segura de ir a praças para socializar, pois tenho medo de sofrer alguma violência. (Estudante “4”)

É muito perigoso ir às praças, nestas sempre aparecem usuários de drogas, assaltantes, dentre outros perigos. (Estudante “5”)

Há vários índices de roubo, morte e quando estou em área livre sinto um perigo, pois há pessoas de todo tipo, como na Praça da Bíblia, onde tem gente fumando e pedindo esmolas. (Estudante “6”)

A maioria dos roubos acontece em espaços públicos e há falta de polícias nesses locais. (Estudante “7”)

Falta guardas municipais em praças. Instalação de câmeras de trânsito também pode ajudar. Além de lugares escuros que são em grandes quantidades. (Estudante “8”)

Não me sinto seguro em locais públicos, em praças e no próprio centro da cidade. Além disso, as ruas também são bastante perigosas. (Estudante “9”)

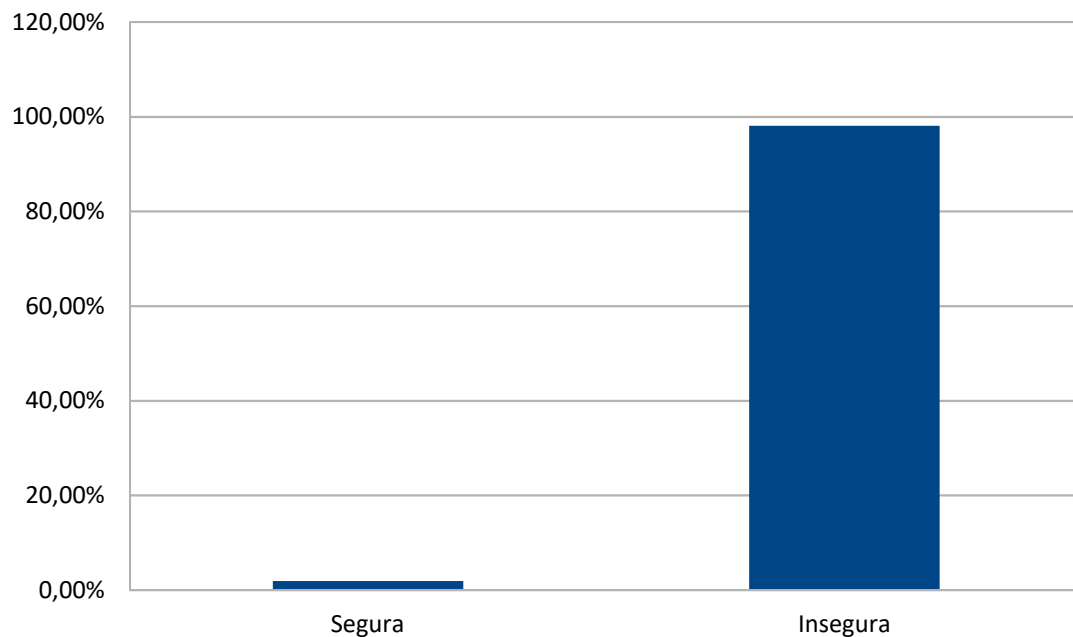
Tais afirmativas e depoimentos são reforçados quando constatamos, em pesquisa de campo, que 98% dos jovens da rede pública e 99% da rede privada consideram a cidade de Teixeira de Freitas “insegura”.

Tabela 32 – Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede pública

Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas	qtd	%
Segura	4	1,90%
Insegura	207	98,10%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 26 – Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede pública



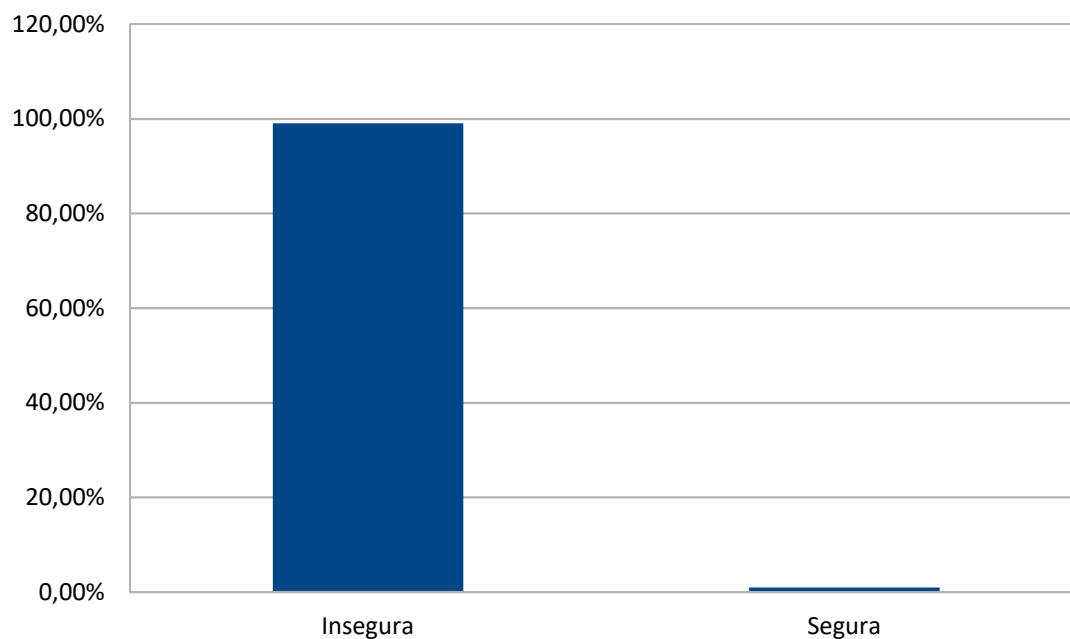
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 33 – Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede privada

Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas	qtd	%
Segura	203	99,02%
Insegura	2	0,98%
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 27 – Concepção de segurança da cidade de Teixeira de Freitas – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

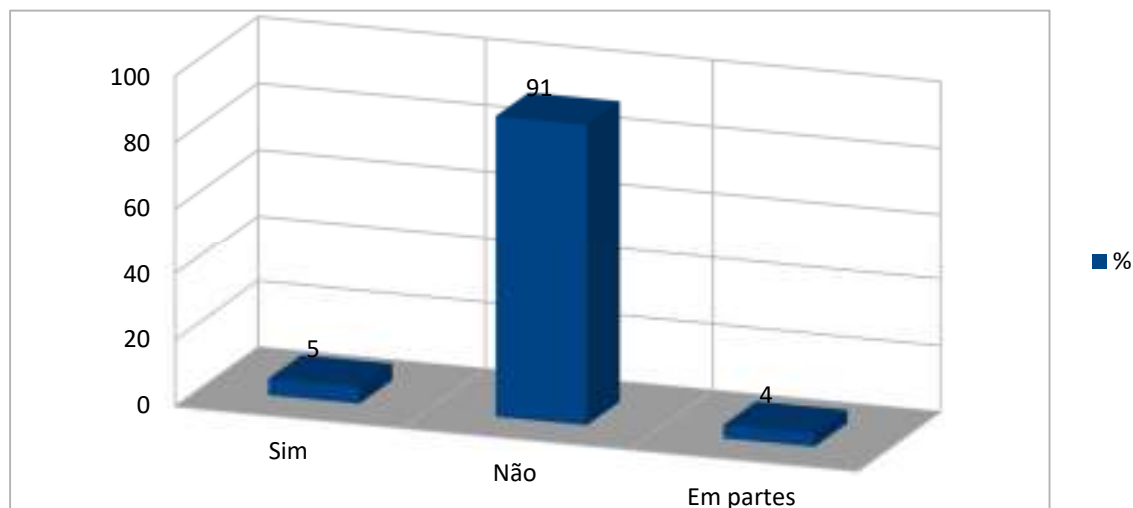
Tal sentimento é similar quando relacionamos o sentimento de segurança dos jovens ao uso dos Espaços Livres Públicos (ELP's) da cidade, com ênfase nas praças: Apenas 5% dos alunos da rede pública (11) e 8,7% da rede privada (18) sentem-se seguros ao frequentarem os Espaços Livres Públicos (ELPs) da cidade, como as praças:

Tabela 34 – Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede pública

	Resposta	Nº	%
Sim		11	5
Não		192	91
Em partes		8	4

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 28 – Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) de Teixeira de Freitas – Rede pública



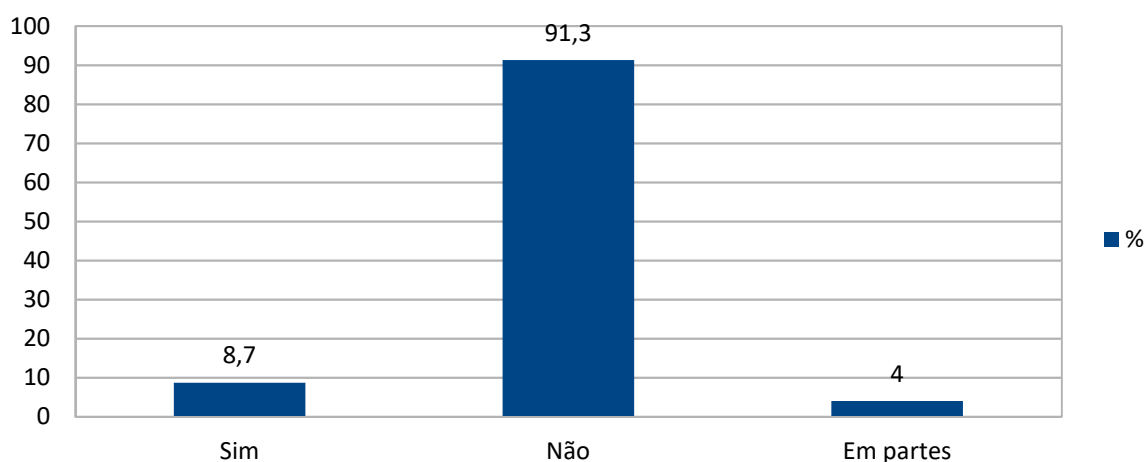
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 35 – Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) da cidade – Rede privada

	Resposta	Nº	%
Sim		18	8,7
Não		186	91,3
Em partes		0	4

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 29 - Sentimento de segurança ao frequentar os Espaços Livres Públicos (ELP's) da cidade – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Muito mais do que apresentado em números, os depoimentos de alguns jovens reforçam o sentimento de insegurança e o medo da juventude em relação à criminalidade na cidade são realidades concretas, tornando-se parte da rotina:

Não me sinto segura em Teixeira de Freitas. Ultimamente a cidade está muito perigosa. Pessoas andam com celulares escondidos no corpo por medo de serem roubados, menores de idade na criminalidade e sendo mortos, acidentes constantes por falta de consciência de segurança ou falta de cuidado. (Estudante “10”)

Teixeira de Freitas é uma cidade na qual os cidadãos não podem “ser livres”, afinal não se pode ficar na rua à noite ou sair com um bem na mão, tendo um risco de assalto e homicídio constantes. (Estudante “11”)

A criminalidade tem se espalhado dentro da cidade e já não podemos ter a liberdade que tínhamos antes, nas ruas, pois haverá riscos de roubos, furtos, etc. (Estudante “12”)

O índice de criminalidade só cresce. Aumenta o número de assaltos, mortes, enfim. Melhor ficar em casa com seus objetos de valor a andar na rua e voltar para casa sem eles. (Estudante “13”)

Existem muitos assaltos e desrespeitos aos direitos humanos, onde não se pode portar objetos de valor em lugares públicos ou deixar as residências abertas, pois os assaltos são constantes. (Estudante “14”)

A ocorrência de mortes e assaltos só vem aumentando com o passar dos dias, ainda mais onde moro, já que é considerada uma das mais perigosas da cidade. Hoje em Teixeira nem traficante tem medo de passar droga de dia. O terror corre solto. (Estudante “15”)

A qualquer momento posso ser abordada por um assaltante ou um matador e me agredir. (Estudante “16”)

O medo tomou conta da cidade e até dos vizinhos temos medo não havendo assim confiança. (Estudante “17”)

Nos dias de hoje, ninguém confia, ajuda ou se importa com o próximo. Talvez seja por medo. (Estudante “18”)

Por conta dos assaltos, moro no condomínio fechado por conta da falta de segurança pública. (Estudante “19”)

O medo traduzido nos depoimentos dos jovens é evidenciado e aguçado quando constatamos que muito mais de que ouvir dizer, muitos deles foram vítimas de violência na cidade:

Já fui assaltada três vezes, duas vezes quando criança e uma vez agora na adolescência. Vivemos em uma cidade que não podemos andar tranquilo nas ruas. (Estudante “20”)

Teixeira de Freitas está muito perigosa. Já fui assaltada três vezes e há muitas mortes em Teixeira. (Estudante “21”)

Já sofri três assaltos e uma tentativa. (Estudante “22”)

Diariamente pessoas são assassinadas brutalmente em Teixeira de Freitas, fora o fato de já ter sido assaltada e ter presenciado assaltos. (Estudante “23”)

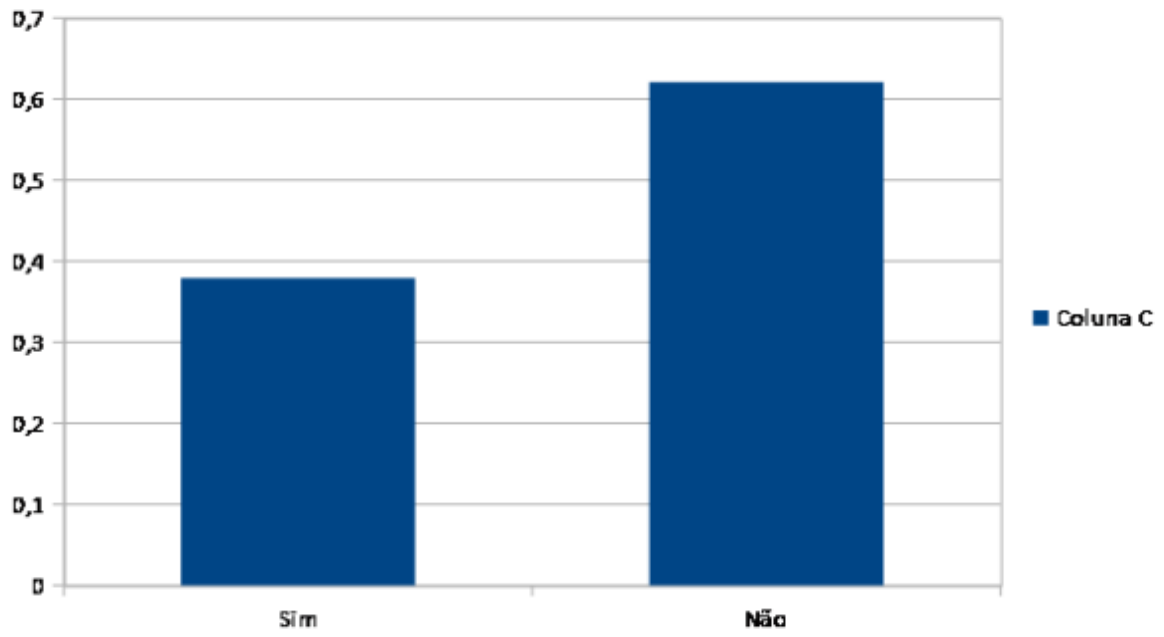
A insegurança e o medo dos entrevistados estão cada vez mais ligados à ascensão da violência na cidade e também ao sensacionalismo de uma mídia local tendenciosa, que amplifica esta “atmosfera sufocante” de pânico coletivo de jovens e demais cidadãos, desfigurando e entorpecendo, muitas vezes, a realidade. São muitos os noticiários de sites que (re) produzem matérias sensacionalistas, narrando fatos e ocorrências policiais com fotografias de pessoas mortas, ensanguentadas, esquartejadas e em outras condições. Entretanto, não podemos culpar a mídia quando esta cumpre o seu papel de transmitir informações e narrar fatos. E se tratando de fatos, a violência é uma realidade evidenciada na vida dos entrevistados: Em números absolutos, 146 entrevistados, ou seja, 35% deles (80 da rede pública e 66 da rede privada) afirmaram ter sofrido algum tipo de violência em Espaços Livres Públicos da cidade, conforme aponta os números das tabelas abaixo.

Tabela 36 – Vitimíssismo de algum tipo de violência em ELP’s da cidade– Rede pública

Você já sofreu algum tipo de violência em ELP’s da cidade?	qtd	%
Sim	80	37,91%
Não	131	62,09%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 30 – Vitimismo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede pública



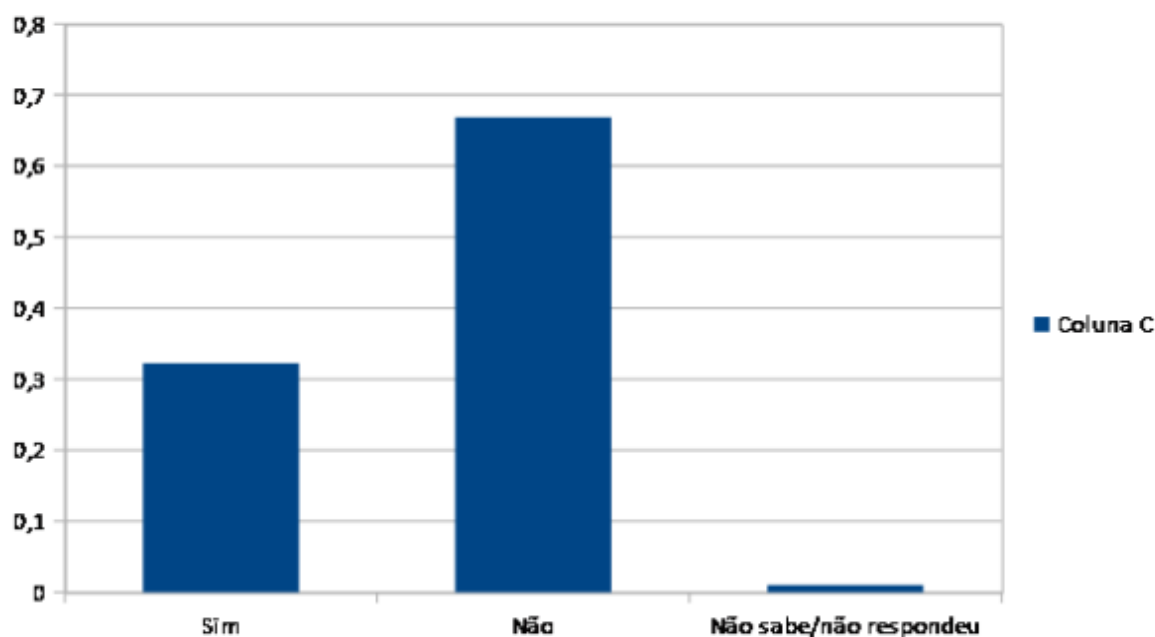
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 37 – Vitimismo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede privada

Você já sofreu algum tipo de violência em ELP's da cidade?	qtd	%
Sim	66	32,20%
Não	137	66,83%
Não sabe/não respondeu	2	0,98%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 31 – Vitimíssimo de algum tipo de violência em ELP's da cidade– Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

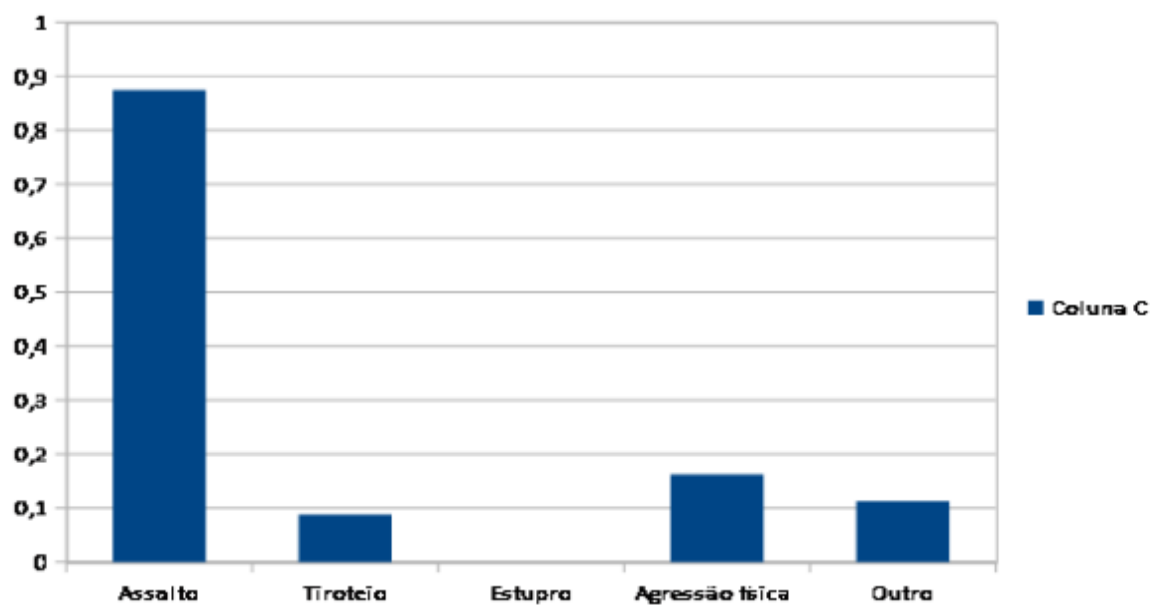
Em relação ao tipo de violência sofrida, dos 80 alunos da rede pública que afirmaram ter sido vítimas de violência em Espaços Livres Públicos da cidade, como ruas e praças, 70 deles (87,50% da total) afirmaram terem sofrido assalto e sete (8,75%) e treze (16,25%) sofreram agressão física. Já entre aqueles da rede privada, sessenta e duas afirmaram já terem sofrido assalto (do total de 71- número representa 93,94% dos entrevistados) e duas delas terem sofrido agressão física (3,03%) .

Tabela 38 – Tipo de violência sofrida – Rede pública

Tipos de violência sofrida	qtd	%
Assalto	70	87,50%
Tiroteio	7	8,75%
Estupro	0	0,00%
Agressão física	13	16,25%
Outro	9	11,25%
SOMA	99	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 32 – Tipo de violência sofrida – Rede pública



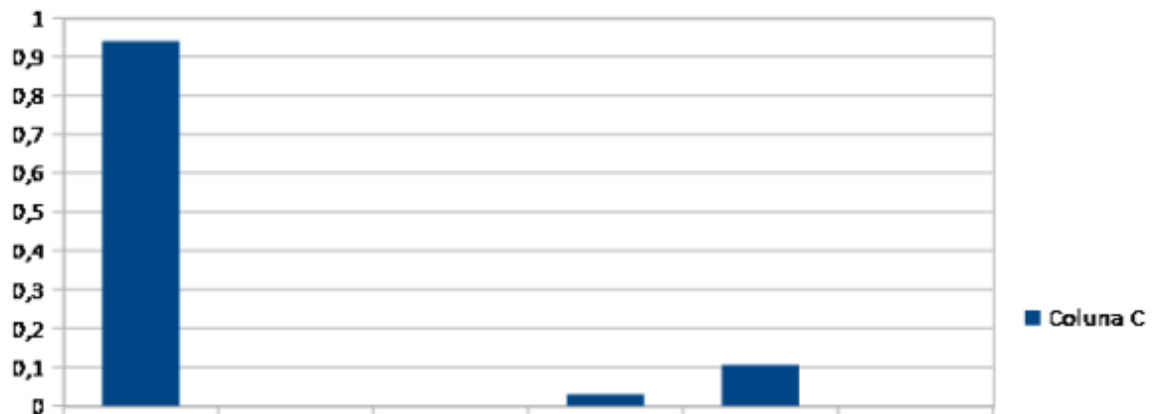
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 39 – Tipo de violência sofrida – Rede privada

Tipos de violência sofrida	qtd	%
Assalto	62	93,94%
Tiroteio	0	0,00%
Estupro	0	0,00%
Agressão física	2	3,03%
Outro	7	10,61%
Não sabe/não respondeu	0	0,00%
SOMA	71	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 33 – Tipo de violência sofrida – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Este grave quadro de violência urbana torna-se ainda mais assustador quando constatamos que 89,57% dos jovens da rede pública conhece alguém que já sofreu algum tipo de violência urbana. Este número também é expressivo nas respostas obtidas na rede privada: 85,37%:

Tabela 40 – Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede

Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de violência urbana?	qtd	%
Sim	189	89,57%
Não	22	10,43%

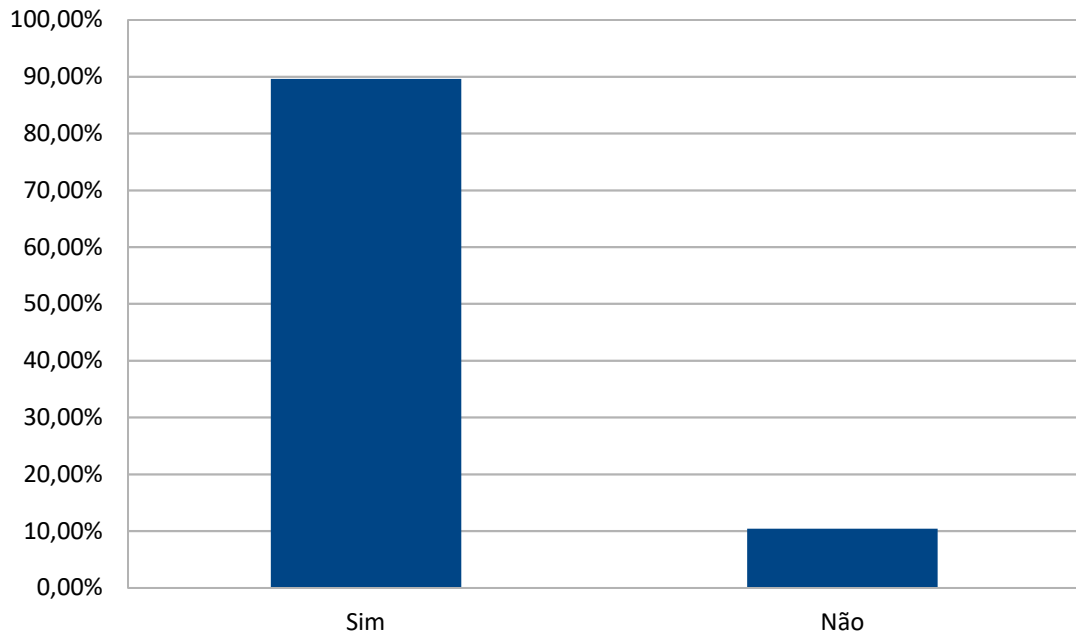
SOMA

211

pública

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 34 – Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede pública



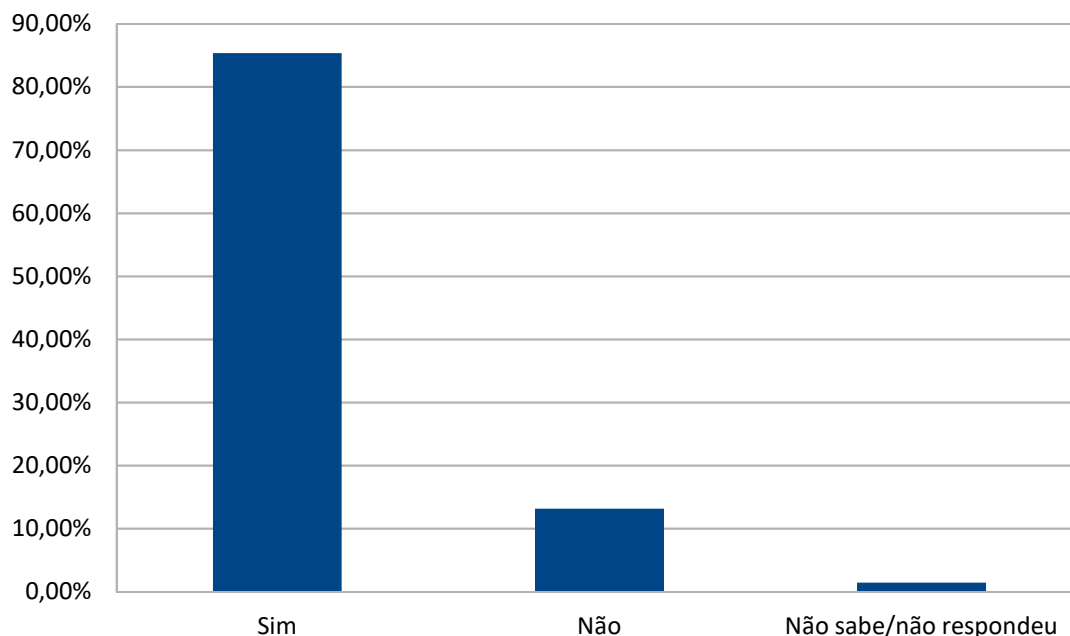
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 41 – Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede privada

Você conhece alguém que já sofreu alguém tipo de violência urbana?	qtd	%
Sim	175	85,37%
Não	27	13,17%
Não sabe/não respondeu	3	1,46%
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 35 – Conhecimento de alguém que já sofreu violência urbana em Teixeira de Freitas– Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Neste contexto, é salutar acrescentar os seguintes depoimentos dos jovens:

Há assaltos constantes e presenciei uma cena em meu bairro no dia 19/04/2015: Tentaram assassinar o meu vizinho na porta da casa dele às 20h30, foi bem em frente a minha casa e deu para ouvir completamente os disparos e o carro fugindo.(Estudante “24”)

Chamei uma amiga para me visitar às 14 horas e ela ainda foi assaltada. Fora a quantidade exorbitante de assassinatos e atrocidades em nossa região. (Estudante “25”)

Mataram um homem em frente a minha casa. Muitos amigos meus foram assaltados. (Estudante “26”)

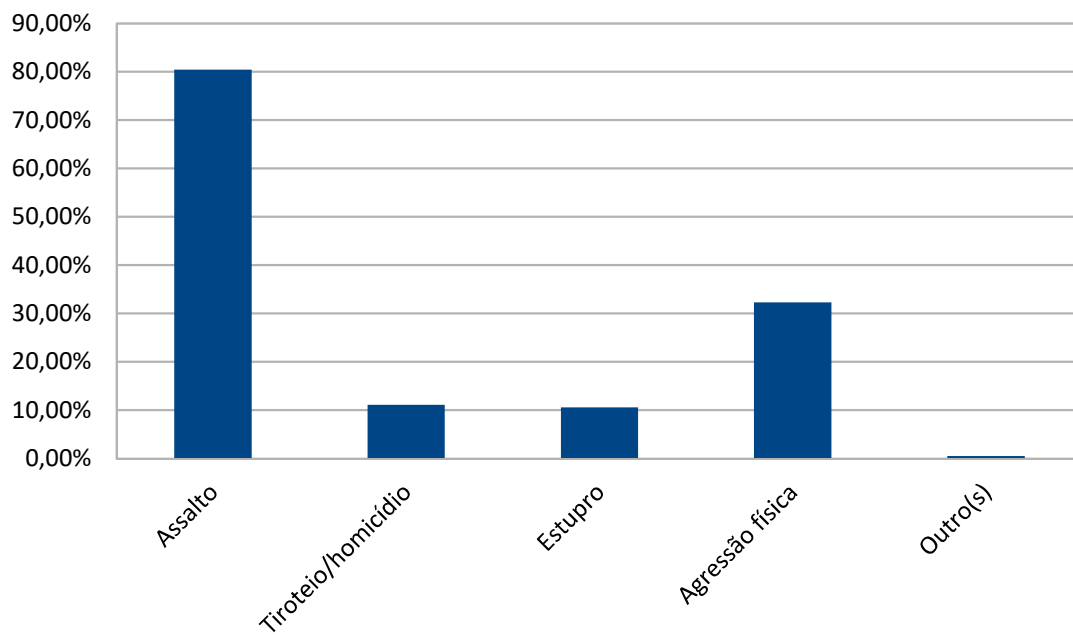
No que se refere à tipologia da violência sofrida, 80,42% e 84% dos jovens das redes pública e privada (do total de 189 e 175 que afirmaram conhecer vítimas de violência urbana) respectivamente, afirmaram conhecer vítimas de assalto, enquanto estes números representam respectivamente 11,11% e 4,57% em tiroteios , 10,58 e 8% em caso de estupro e 32,28% e 27,43% em casos de agressão física:

Tabela 42 – Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede pública

Tipos de violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados	qtd	%
Assalto	152	80,42%
Tirroteio/homicídio	21	11,11%
Estupro	20	10,58%
Agressão física	61	32,28%
Outro(s)	1	0,53%
SOMA	255	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 36 – Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede pública



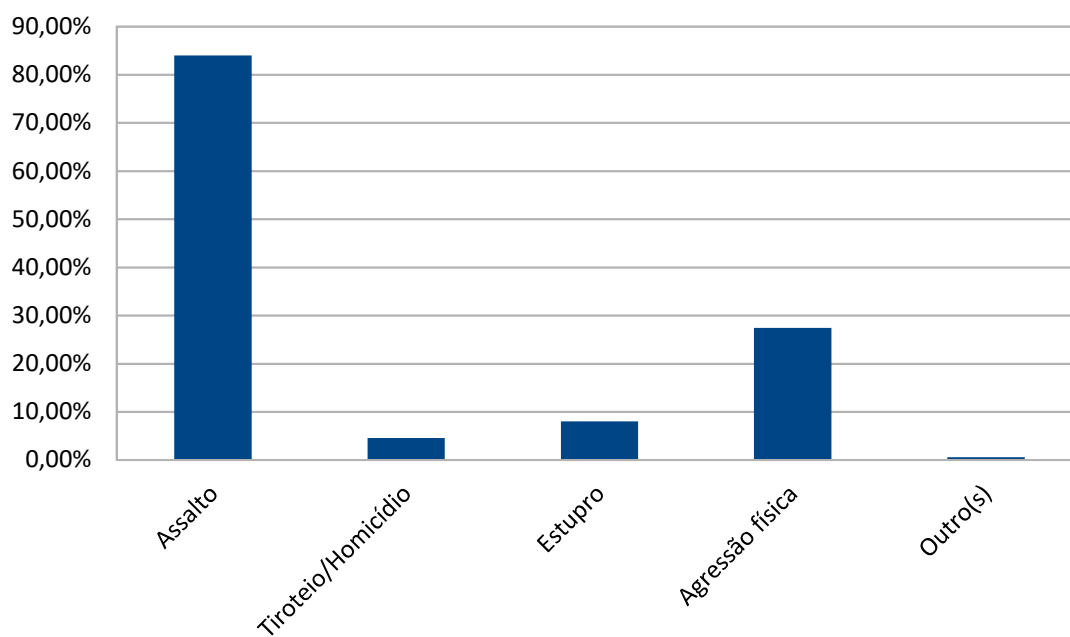
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 43 – Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede privada

violência sofrida pelos conhecidos dos entr	qtd	%
Assalto	147	84,00%
Tiroteio/Homicídio	8	4,57%
Estupro	14	8,00%
Agressão física	48	27,43%
Outro(s)	1	0,57%
SOMA	218	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 37 – Tipologia da violência sofrida pelos conhecidos dos entrevistados – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O grave quadro de insegurança e medo da juventude é também acompanhado do descrédito no poder público quanto à sua eficiência no combate à criminalidade na cidade, através das suas políticas públicas. Tal fato é evidenciado nas respostas obtidas diante da pergunta: Você acredita na eficiência das políticas públicas no combate à violência e à criminalidade em Teixeira de Freitas? Para 88,73% dos entrevistados (183) da rede pública a resposta foi “não”, enquanto apenas 11,37 afirmaram “sim”. Em situação similar, 84,88% (174 entrevistados) dos alunos da rede privada também não acreditam na eficiência da política

publica de combate à violência e a criminalidade na cidade, ao ponto que ao passo que apenas 13,66 % afirmaram acreditar:

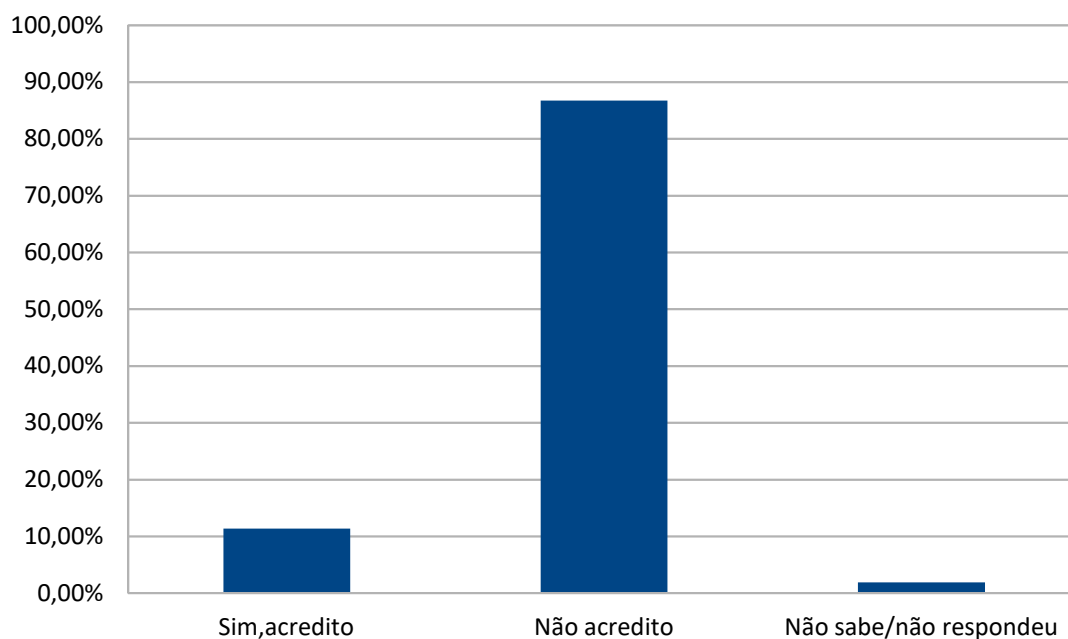
Tabela 44 – Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede pública

Crença dos entrevistados quanto à eficiência das políticas públicas de combate à violência e à criminalidade, em Teixeira de Freitas	qtd	%
Sim, acredito	24	11,37%
Não acredito	183	86,73%
Não sabe/não respondeu	4	1,90%

SOMA **211**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 38 – Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede pública



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

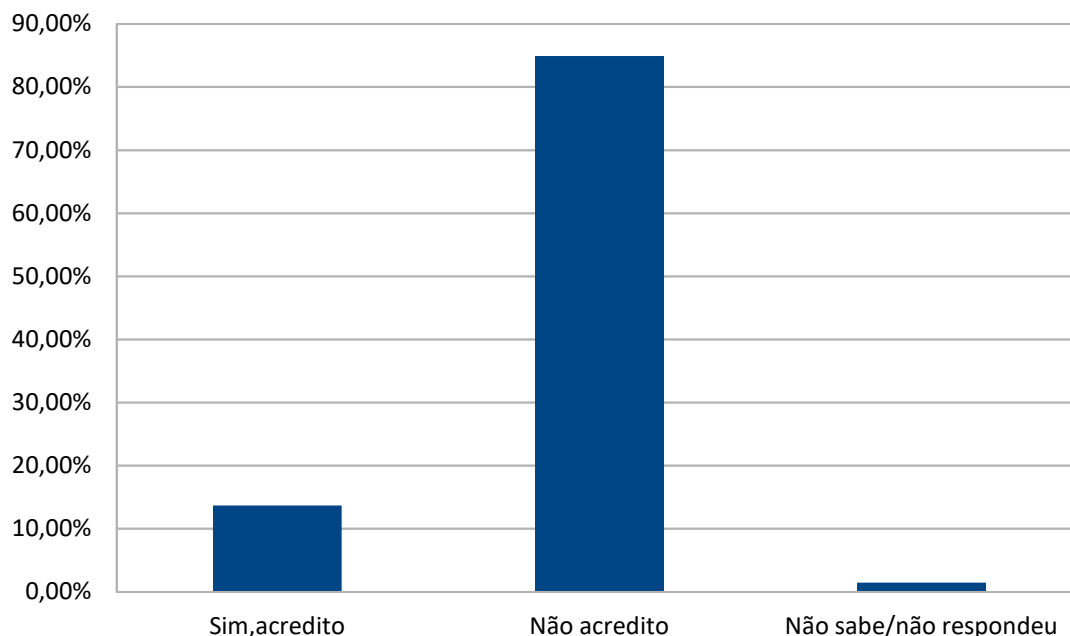
Tabela 45 – Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede privada

Crença dos entrevistados quanto à eficiência das políticas públicas de combate à violência e à criminalidade, em Teixeira de Freitas	qtd	%
Sim, acredito	28	13,66%
Não acredito	174	84,88%
Não sabe/não respondeu	3	1,46%

SOMA **205**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 39 – Crença dos entrevistados na eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade – Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Sobre as razões para tal descrédito, os (a) entrevistados(as) destacam, dentre outros fatores, a incapacidade da polícia de conter o tráfico de drogas (que para muitos é a principal causa do aumento da criminalidade na cidade), as limitações de patrulhamento e fiscalização da polícia, a insuficiência no número de policiais e viaturas, conforme apontam os depoimentos:

De certo modo, os moradores são dotados de medo. A falta de segurança aterroriza uma boa parte da população que aqui reside. Faltam postos policiais em bairros menos centrados e isso torna a cidade insegura e faz com que as políticas públicas não funcionem. (Estudante “27”)

A cidade cresceu e com isso a violência, mas o sistema público de segurança não se adaptou a este crescimento, por isso a insegurança. (Estudante “28”)

Acontecem vários assaltos, assassinatos e sequestros e, na maioria das vezes, as autoridades competentes simplesmente não fazem nada para resolver. (Estudante “29”)

A atual situação da cidade demonstra a incompetência do governo (polícia, exército, etc) no combate à criminalidade e o tráfico de drogas em nosso município. (Estudante “30”)

Falta patrulhamento e fiscalização na cidade, além de um número suficiente de policiais. (Estudante “31”)

Aqui há muito assalto, insegurança ao sair de casa, roubo a qualquer hora do dia e a falta de policiais nos bairros fazendo a segurança. (Estudante “32”)

Falta policiamento em alguns bairros, faltam guardas municipais em praças. Instalação de câmeras de trânsito também pode ajudar. (Estudante “33”)

O tráfico de drogas é grande, em Teixeira, e a polícia não consegue conter os traficantes. O tráfico de drogas é grande, em Teixeira, e a polícia não consegue conter os traficantes. (Estudante “34”)

Se fosse as políticas de combate à criminalidade na cidade fossem eficientes, a cidade não seria uma das mais violentas do estado e do Brasil e os casos de morte não estariam num grau tão elevado. (Estudante “35”)

Raramente vemos rondas policiais na cidade e mesmo que eu fique dentro de casa, a falta de eficácia é vista nos noticiários. (Estudante “36”)

Em praças públicas não notamos presença ativa de policiais, ou guardas públicos. Além disso, ruas escuras e terrenos baldios são motivos para assaltos à população. Falta também patrulhamento nos bairros. (Estudante “37”)

Quanto mais há ocorrência de leis e descuido das “políticas públicas” mais aumenta a incidência de mortes e assaltos e qualquer outro tipo de violência. O povo de Teixeira já não aguenta e quanto mais promessas de pacificação, maior violência e devastação. (Estudante “38”)

Se as políticas públicas de combate à criminalidade fossem eficientes, não teríamos medo de ficar em praças públicas e não optaríamos em morar nos condomínios, pois acreditamos que tem mais segurança. (Estudante “39”)

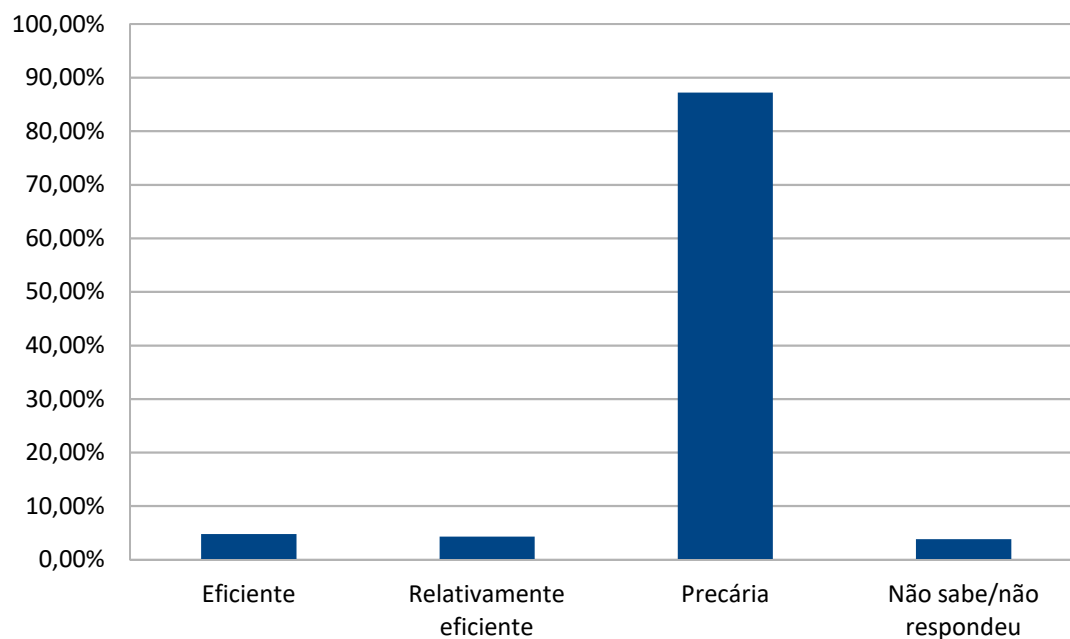
A insatisfação da juventude em relação à eficiência do poder público não foi sentida apenas na área da segurança pública, mas também ao acesso de vários direitos do cidadão que são negados no cotidiano da cidade:

Tabela 46 – Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede pública

Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas	QTD	%
Eficiente	10	4,74%
Relativamente eficiente	9	4,27%
Precária	184	87,20%
Não sabe/não respondeu	8	3,79%
SOMA	211	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 40 – Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede pública



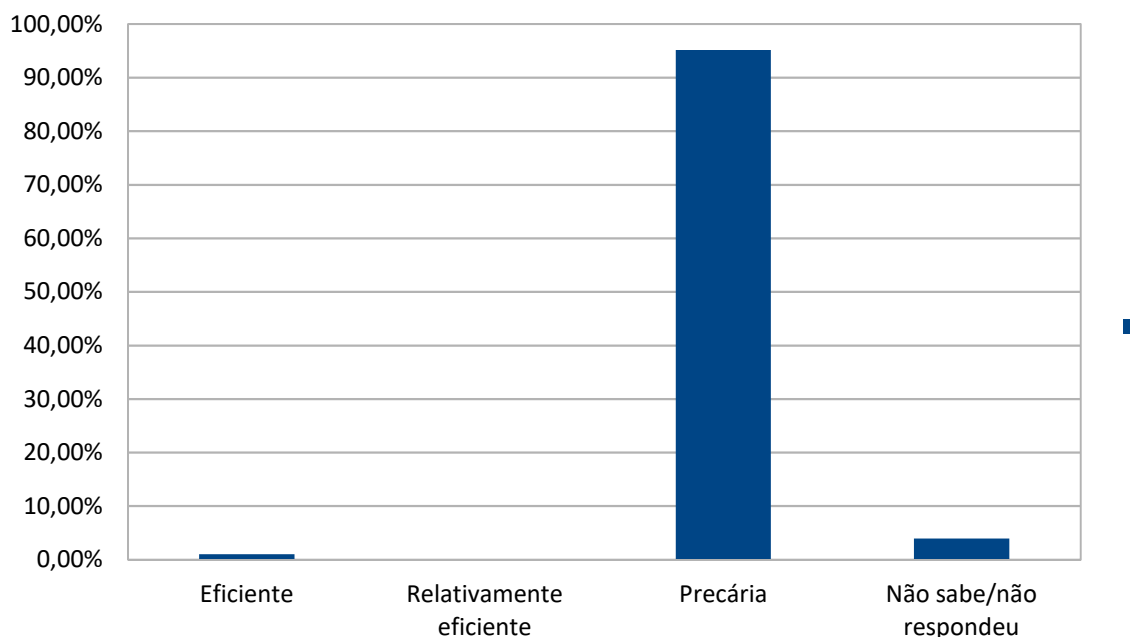
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Tabela 47 – Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede privada

Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas	QTD	%
Eficiente	2	0,98%
Relativamente eficiente	0	0,00%
Precária	195	95,12%
Não sabe/não respondeu	8	3,90%
SOMA	205	

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Gráfico 41 – Percepção de cidadania na cidade de Teixeira de Freitas– Rede privada



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Os dados estatísticos apontam que para 87% dos jovens da rede pública (184 entrevistados) a cidadania é precária, enquanto para apenas 5% (10 entrevistados) ela é eficiente e para 4% relativamente eficiente. O quadro não apenas se repete, como se agrava entre os alunos da rede privada: 95,12% deles (o equivalente a 195, de 205 entrevistados) percebem a cidadania teixeirense de forma precária, enquanto para menos de 1% deles, 0,98%(dois entrevistados) ela é eficiente e para apenas 4% (9 entrevistados), relativamente eficiente. Dentre os motivos que comprometem a cidadania em Teixeira de Freitas, os entrevistados destacaram que:

A cidadania aqui é precária. As relações entre indivíduo, sociedade e governo influem principalmente em como as pessoas veem umas às outras, ou seja, a falta de compaixão das pessoas e a naturalidade como isso é tratado demonstra que a atual cultura do “eu”, onde cada um é por si e Deus por todos reinam, a cidadania não existe. (Estudante “40”)

A Cidade é inconsciente e estímulos ineficazes. Os órgãos que deveriam nos trazer tais valores, são os primeiros a jogá-los na lata do lixo e a população aceita passivamente cada crime sofrido, sejam eles cometidos por criminosos declarados ou por lobos disfarçados de ovelhas. (Estudante “41”)

Ninguém toma uma atitude, está virando normal para todos já. As pessoas estão vendo o crime acontecer, porém, não existe iniciativa, tanto por parte do prefeito, quanto pela sociedade. (Estudante “42”)

Parece que a cidade está jogada ao léu, nenhuma autoridade se importa com a cidade. (Estudante “43”)

Teixeira tem uma cidadania precária, porque a população fica em casa com medo da violência urbana, não tem projeto de cultura e se tem não são divulgados. (Estudante “44”)

Vejo os direitos da sociedade teixeirense sendo violados, tanto na educação, como na segurança e saúde. (Estudante “45”)

Diariamente temos os nossos direitos violados na área da educação, saúde, lazer ... Vemos uma precariedade enorme na cidade. Mas, mesmo assim, precisamos reconhecer nossos deveres e isso muita gente desconsidera. (Estudante “46”)

Em Teixeira, muitos dos direitos de um cidadão são violados diariamente, como a falta de segurança; precariedade na saúde, entre outros, assim como nossos deveres que não cumprimos, como quando jogamos lixo na rua, ou somos negligentes no trânsito. (Estudante “47”)

Poucas pessoas têm os seus direitos validados e poucos exercem seus reais deveres como cidadão. (Estudante “48”)

Nós cidadãos teixeirenses não temos nada a nosso favor, pagamos impostos e não recebemos nada em troca, pois temos uma saúde precária e uma infraestrutura também. (Estudante "49")

Em Teixeira de Freitas nota-se uma evidência gritante na precariedade de condições de saúde básica, segurança pública, qualidade da educação e ausência de uma cultura local. (Estudante “50”)

Essa percepção de cidadania precária, defasada, e/ou inoperante em relação à cidade de Teixeira de Freitas não existe apenas nos depoimentos dos jovens entrevistados nesta pesquisa. A insatisfação popular em relação à cidadania, seja por meio de serviços públicos oferecidos e com as ações políticas/sociais desenvolvidas são evidenciadas nas falas do cotidiano e em outros meios de comunicação, como nas redes sociais, por diferentes faixas etárias da população. A título de exemplo, em resposta a uma matéria publicada em um portal local (Sul Bahia Notícias), dia 09 de maio de 2012, reverenciando 27 anos de emancipação política da cidade, alguns internautas teceram os seguintes comentários:

São 27 anos, esse ano está uma vergonha. Cidade suja, cheia de buracos, ruas imundas, escuras, trânsito desorganizado, sem fiscalização, e malconservado. Que aniversário é esse, nem as ruas foram varridas e os meios fios pintados de branco. Teixeiraenses, estamos entregues a ratos e urubus. (Janielle Souza)

Na verdade, Teixeira de Freitas não tem o que comemorar. E o prefeito da mesma forma, porque ele nada fez para que isso pudesse acontecer (Nilton Ramos)

Hoje seria a comemoração do aniversário da nossa querida cidade, mas infelizmente no lugar de celebrar apenas lamentamos por tudo o que ocorre de negativo. A corrupção, o descaso e a violência reinam absoluto em Teixeira e tão pior do que isso, é a ausência de soluções e interesses de gestores dos governos em tirar nossa cidade do caos.... Apenas o feriado é algo positivo pra gente ficar em casa. Mas amanhã a gente trabalha e graças a Deus por isso. Fuiii”””””!!! (Anônimo)

Lamentável como anda nossa cidade...só buraco e lama (Ireneide Silva)

Ficando mais velha. Pouca segurança e a violência aumentando (Mara Nogueira)

Em um contexto parecido, os altos índices de violência, somados ao descaso do poder público com questões sociais primordiais despertam nos teixeirenses um sentimento de medo, evidenciado claramente em discursos em redes sociais, como este, escrito por uma jovem professora na rede social “*Facebook*”:

É preciso, mais do que nunca, reconquistar a vida! Teixeira de Freitas foi a cidade da minha infância, mas já não é a cidade da infância dos meus sobrinhos... Nos jornais, nenhuma novidade...É corriqueiro, mas não podemos em côro, dizer "mais um". Gente é para viver, e não para ser abatida, exterminada. Perde-se a vida, mesmo estando vivo, para o tráfico, para o trivial, para o desentendimento no trânsito...Na verdade, perde-se a vida por nada - o estopim é nada, pois não há motivo para a morte. Nenhum ser..... Nenhum ser..... Nenhum ser..... Custa dizer.... Humano! Nenhum SER HUMANO tem o direito de ceifar a vida de um OUTRO. Será eu, humana, demasiadamente humana, por não suportar ler os jornais, não suportar virar a esquina de minha infância, e acordar adulta e pronta para o que já nem sei... (Professora, 04 de fevereiro de 2015).

Apesar da cidadania em Teixeira de Freitas apresentar-se de forma precária durante toda sua história, atingindo principalmente as populações de baixa renda, e a sociedade ter participado da vida política do município geralmente de forma passiva, nos últimos anos, alguns movimentos sociais (embora a maioria deles tenham contando com poucas pessoas), servem de exemplo para o empoderamento da população junto às decisões políticas da cidade, podendo transformar o medo em esperança, evidenciando o desejo de mudança, rumo a conquista da cidadania dos teixeirenses.

4.1 Os protestos sociais e a busca de cidadania

Em 19 de junho de 2013, acompanhando uma onda de protestos ocorridos em diferentes cidades do Brasil, cerca de 5 mil pessoas em Teixeira de Freitas, segundo o portal Teixeira no ar, de diferentes bairros, foram às ruas da cidade em um protesto chamado “Vem pra Rua”, com um objetivo de exigir um país e uma cidade melhor, sem corrupção, escândalos, violência, com melhoria nos serviços de saúde, educação, segurança e lazer e punição para políticos corruptos. Muitas faixas e cartazes tomaram conta das principais ruas e avenidas da cidade, algumas questionando os altos investimentos da copa, os milhões investidos na construção de estádios

de futebol, enquanto os hospitais e escolas careciam de investimentos. Exigiram também melhoria e eficiência de ações nas três esferas de governo:

Ao som do Hino Nacional milhares de pessoas saíram às ruas agora há pouco em Teixeira de Freitas. Com faixas, cartazes, máscaras e gritos como “vem pra rua” a população protestava contra o fim da corrupção, o fim do monopólio da Viação Santa Clara no município, além de melhores condições na saúde, educação, segurança e transporte público. A manifestação que segue o exemplo de várias cidades do país mostrou a força do povo que fez questão de pintar os rostos e ir para rua soltar a voz. Gente de todas as idades, jovens, crianças e até idosos e bebês. *“Fiz questão de trazer meu filho pra rua, é para ele crescer sabendo que tem direitos e que faz parte da história do país, ”* disse a estudante Gisa Cristina Pedroso. As classes alta, média e baixa também se uniram para reivindicar melhores condições de vida. Da Praça da Prefeitura até o cruzamento da Avenida São Paulo com a Getúlio Vargas havia patrões, empregados, estudantes, donas de casa, representantes da Ordem dos Advogados do Brasil e do ciclismo local. O assistente jurídico Eliabe Gomes resumiu os sentimentos de muitos que estavam no protesto pacífico. *“Viemos para rua gritar pelos nossos direitos, queremos saúde, educação, segurança e infraestrutura de qualidade, a MRM, por exemplo, precisa saber que ela não pode simplesmente abrir buracos por aí e ficar por isso mesmo, ”* afirmou. (Portal Notícia Agora, acessado em: 27/03/2015).

Figura 12 - Manifestantes no primeiro movimento “Vem pra Rua”, de Teixeira de Freitas- BA



Fonte: < <http://noticiaagora.net.br/blog/?p=8984> > Acessado em: 27/03/2015.

Figura 13 - Manifestantes com bandeiras no primeiro movimento “Vem pra Rua”, de Teixeira de Freitas- BA



Fonte: <<http://noticiaagora.net.br/blog/?p=8984>> . Acessado em: 27/03/2015.

Enquanto em São Paulo os manifestantes reivindicavam o aumento de 0,20 centavos, nas tarifas de ônibus, dentre outros direitos, nesta manifestação reivindicaram o fim do monopólio exercido pela empresa de transporte Santa Clara, que domina o transporte público local a mais de 20 anos. Seis dias depois, um segundo ato do movimento “Vem pra Rua” foi realizado, iniciado nas redes sociais com concentração na Praça da Prefeitura, no início da noite, chegando à Câmara dos Vereadores, sob fortes gritos de protesto, culminando no término da sessão ordinária.

Figura 14 – Manifestantes no segundo movimento “ Vem pra Rua”, em Teixeira de Freitas



Fonte: <<http://teixeiranoar.com.br/manifestacao-segundo-ato-ganha-as-ruas-e-termina-na-camara-de-vereadores/>> Acessado em: 27/03/2015.

Figura 15 – Manifestantes no segundo movimento “Vem pra Rua”, na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas



Fonte: <<http://teixeiranoar.com.br/manifestacao-segundo-ato-ganha-as-ruas-e-termina-na-camara-de-vereadores/>> . Acessado em: 27/03/2015.

Figura 16 - Manifestantes no segundo movimento “Vem pra Rua”, na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas



Fonte: <<http://teixeiranoar.com.br/manifestacao-segundo-ato-ganha-as-ruas-e-termina-na-camara-de-vereadores/>> Acessado em: 27/03/2015.

Esse movimento, que tinha objetivos semelhantes ao do protesto anterior, além de reivindicar o passe livre para estudantes, contou com cerca de 500 pessoas, um número consideravelmente menor em relação ao primeiro ato, segundo portal g1.globo. Nele, uma de suas representantes usou a tribuna para reivindicar melhorias na educação, segurança pública e na saúde, exigindo maior transparência do poder executivo e sugeriu a criação de um projeto de lei que possa trazer transparência à gestão do serviço público municipal, obrigando o

município a divulgar os detalhes dos contratos administrativos e obrigue o município a divulgar as contas públicas.

Historicamente, a sociedade civil de Teixeira de Freitas, salvo exceções, não se une frente às questões sociais e políticas, e quando há mobilização, geralmente conseguem atrair poucas pessoas. Esta afirmação é confirmada quando destacamos algumas passeatas realizadas nos últimos anos, sobretudo aquelas direcionadas ao combate à criminalidade da/cidade. Uma delas, realizada na manhã de sábado dia 29/11/2014, intitulada “Caminha da Paz”, foi promovida pela igreja Assembleia de Deus, liderada pelo pastor Otávio Luiz de Almeida Rendeiro, e uma de suas mensagens foi pedir para o poder público agilizar as investigações acerca do assassinato da adolescente Cassiane Lima dos Santos, 15 anos.

Figura 17 – Manifestantes na “Caminhada da Paz”, pelas ruas de Teixeira de Freitas- BA



Fonte: <<http://opovonews.com.br/igreja-assembleia-de-deus-promove-caminhada-da-paz-e-lembra-desaparecimento-de-cassiane/>>. Acessado em: 27/03/2015.

Figura 18 – Manifestantes na “Caminhada da Paz”, pelas ruas de Teixeira de Freitas- BA



Fonte: <<http://opovonews.com.br/igreja-assembleia-de-deus-promove-caminhada-da-paz-e-lembra-desaparecimento-de-cassiane/>>. Acessado em: 27/03/2015.

O evento, já programado para acontecer meses antes, ganhou mais sentido com a morte da jovem, que também era membro da UMADETEF (União de Mocidade de Teixeira de Freitas). Faixas, cartazes, apresentação de peças teatrais, retratando a violência e palavras de evangelização se fizeram presentes durante a passeata. Além do tema violência, outras questões ligadas ao combate ao aborto e à preservação da família se fizeram presentes. O evento terminou nas dependências da Praça da Bíblia.

Outra passeata com objetivo de promover paz e justiça na cidade, foi realizada na manhã do dia 07/02/2015, tendo como ponto de concentração a Praça da Prefeitura e ponto de chegada a Praça da Bíblia. O evento “Teixeira Pede Socorro” contou com aproximadamente 100 pessoas, muitas segurando faixas e cartazes e conclamando a sociedade a lutar pelo direito à vida, à paz e à liberdade, através de um trio elétrico, comandado por professores, jornalistas e locutores, que se revezavam com discursos voltados para promoção da justiça e o exercício da cidadania.

Figura 19 – Manifestantes na passeata “Teixeira Pede Socorro!”



Fonte: Arquivo pessoal, 07/02/2015.

Figura 20 – Manifestantes na concentração final do movimento, na praça de Bíblia



Fonte: Arquivo pessoal, 07/02/2015.

Com objetivos semelhantes e na mesma data (07/02/2015), no período vespertino, outro grupo de manifestantes tomou conta das ruas, com concentração em frente à Panificadora Pão Gostoso e ao Posto Gef.

Figura 21 – Movimento “Flashmob”, nas ruas de Teixeira de Freitas



Fonte: Página do Evento no Facebook, 10/02/2015.

Figura 22 – Movimento “Flashmob”, nas ruas de Teixeira de Freitas



Fonte: Página do Movimento no Facebook, 10/02/2015.

O movimento intitulado “FlashMob” foi promovido por um grupo de jovens evangélicos e contou com aproximadamente 50 pessoas, vestidos de preto e segurando cruzes, que simbolizavam a violência e a morte, presentes no cotidiano da cidade. O evento contou com dramatização e distribuição de cartões com mensagens reflexivas.

Entendemos que o combate à violência e ao medo que assola as cidades brasileiras, em especial a cidade de Teixeira de Freitas, se fortalecerá por meio de processos participativos da sociedade organizada, que possibilite a socialização de informações inerentes ao contexto da criminalidade e questões afins e discussões coletivas objetivando o enfrentamento real do problema alicerçado em princípios sociais, éticos, políticos e humanitários, como esses movimentos mencionados. Acreditamos ser a mobilização popular uma ferramenta indispensável na busca da cidadania efetiva, e o espaço público o local propício para esta busca.

A luta por melhores condições de vida e por espaços democráticos, propícios à promoção do encontro, da tolerância e do respeito, está diretamente ligada ao direito à cidade, que é o maior de todos os direitos (direito à liberdade, segurança, sociabilização, individualidade, habitar, etc.) e deve ser pensada e realizada em conjunto. O fortalecimento da mobilização social dar-se sobretudo a partir da conscientização das pessoas e esta, tende a aumentar à medida em que a educação avança. Assim, a educação constitui-se num poderoso instrumento de emancipação social e de combate à violência. Sobre esta questão, Santarém

indaga-nos:

Uma vez que a efetiva participação contribui para formar uma personalidade democrática, há de se perguntar quando se exercita a democracia nas escolas e universidades, se a arrogância do saber de alguns é imposta e sequer a escuta é praticada. Que espécie de cidadania é estimulada, experimentada e promovida nas instituições de ensino e em todos os demais espaços de educação, se sequer se tem consciência dos próprios direitos? Em quais desses espaços são praticados e fomentados o respeito, o diálogo e a tolerância ao diferente, para que mais tarde os profissionais também se tornem arautos desses valores? (SANTARÉM, 2016, p. 42).

Quando o sistema de ensino negligencia questões essenciais como o respeito às diferenças, além de não cumprir a sua função social, ele gera e reproduz violência dentro e fora dos muros das instituições. Neste sentido, cabe-nos refletir sobre as limitações do “progresso” e dessa cultura numérica, sobretudo enfatizando as perdas sociais e humanitárias que acumulamos ao longo dos anos. Um texto, encontrado após a Segunda Guerra Mundial, num campo de concentração nazista, evidencia a necessidade dessa educação humanitária que acreditamos ser indispensável no combate aos diferentes tipos de violência:

Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e saber aritmética só são importantes se fizerem nossas crianças mais humanas.

A educação de resultados imediatos, voltada para competição, individualismo e consumo, bastante presente na cultura brasileira, impõe desafios para a formação ética e moral da sociedade brasileira, tais como: ausência ou pequena participação das famílias nos processos educativos, a educação mercantilizada, através da fragmentação do ensino e da aprendizagem, guiados frequentemente pelos interesses do mercado, raramente associando a leitura ao seu poder de emancipação, ampliação de conhecimento e prazer e uma sociedade.

A educação voltada para o consumo, frequentemente despida de valores humanos, empobrece o espírito humano, aumenta a competitividade entre as pessoas, bem como as desigualdades sociais e espaciais, suscitando inúmeros tipos de violência. Nestas situações, faz-se necessária a:

formação de pessoas capazes de entender a relação de cada indivíduo com o gênero humano, resultando assim no respeito pelos diferentes – e, justamente por conta desta diferença, a valorização do outro -, seja em termos de uma visão positiva ou segundo os preceitos da integridade cultural proposta por Geertz, em que valorizar é deixar que as diferenças continuem a existir. No entanto, o trabalho com a diversidade abrange também o desafio de, no âmbito educacional, formar profissionais capazes de multiplicar a necessidade da convivência respeitosa com os mais variados tipos de diferenças encontradas, como, por exemplo, no ambiente escolar. A escola, na

verdade, constitui-se como um microcosmo da sociedade, *locus* de encontro das mais variadas classes sociais, etnias e outras diferenças, como no caso das crianças denominadas especiais. Ante as diferenças, o trabalho pedagógico deve ser direcionado para a inclusão, para uma política e ética da convivência respeitosa, para a valorização das diferenças e não a exclusão destas por conta de um paradigma totalitário, que define como padrão correto apenas um tipo, excluindo aqueles que divergem desse padrão. (MELO, 2012, p.126-127).

A educação de valores, que aqui defendemos, que caminha em direção oposta àquela que é frequentemente ensinada no mundo e que tem ganhado espaço com a mundialização do capitalismo e o avanço do neoliberalismo, é capaz de diminuir a violência e transformar vidas. Este tipo de educação é capaz de derrubar muros de violência e criar espaços para esperança e solidariedade.

Necessitamos de uma educação humanitária que: veja no (a) estudante o seu potencial humano e não apenas cognitivo; Uma educação voltada para vida, que contenha ferramentas capazes de combater os diferentes tipos de violência dentro e fora da sala da aula, como a discriminação racial, sexual, socioeconômica e religiosa, diferentes tipos de preconceitos, o consumismo e a corrupção; Uma educação capaz de nos dar condições para buscar o exercício da cidadania, nos conduzindo à reflexão dos nossos direitos e deveres e, por fim, uma educação onde o oprimido do sistema seja capaz de buscar soluções para sua vida, ao conquistar emancipação e mudança de comportamentos, ações, pensamentos e atitudes.

Em outras palavras, uma educação focada em valores, que trabalhe a afetividade, a solidariedade e a tolerância e não um conjunto de números e de informações fragmentadas e manipuladas, que na visão de Santos (2000) em vez de esclarecer, nos confunde, sendo resultado de manipulação das classes dominadoras do sistema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto de criminalidade nacional, o município de Teixeira de Freitas é apontado como um dos mais violentos do país, principalmente em relação à violência juvenil, fato evidenciado no “Mapa da Violência 2015”, que o classificou como 13º município do país com a maior taxa média de homicídio (por 100 mil) de jovens de 16 e 17 anos de idade.

As crescentes taxas de homicídios no período de 10 anos (2006-2015), em Teixeira de Freitas, acompanharam uma tendência nacional, pois o crescimento da criminalidade foi sentido principalmente nas cidades médias do interior, polos de atração de investimentos, emprego e renda, e por tais motivos, atrativos às práticas de criminalidade, diante da ausência ou deficiência de sistemas de segurança pública

A urbanização acelerada e sem planejamento, somadas as dificuldades no acesso aos serviços, a emprego e infraestrutura contribuíram para o alargamento das desigualdades sociais, para a formação de periferias e conseqüentemente para o aumento do tráfico e consumo de drogas, um dos principais fatores que ocasionam violência na cidade. O quantitativo baixo de policiais, viaturas e equipamentos de segurança, às deficientes políticas públicas na garantia dos direitos básicos do cidadão, localizada nas proximidades dos limites de fronteiras interestaduais, construída às margens da BR e polo de passagem para imigrantes, contribuíram para o crescimento da violência na cidade, que ganhou proporções a ponto de ser classificada entre as mais violentas do país nos últimos anos, sobretudo para a juventude

Este crescimento da criminalidade repercutiu diretamente nas formas de uso e consumo dos espaços públicos pela população teixeirense. A busca de segurança ergueu muros de casas e de condomínios, sendo ela a principal responsável pela expansão desses conjuntos habitacionais na cidade, resultando numa imobilidade e isolamento forçados. O lazer tornou-se cada vez mais privativo, com o uso intensivo das técnicas e os espaços cada vez menos frequentados tornam os espaços livres públicos da cidade de Teixeira de Freitas ainda mais perigosos.

Fragmentações espaciais são sentidas diretamente na cidade e os espaços públicos são cada vez mais associados à ideia de perigo, visto com apatia e como sinônimo de inferioridade, principalmente pela classe média e alta. Os fins de semana na cidade evidenciam estas separações: enquanto as classes de maior poder aquisitivo procuram diversão nos shoppings

Teixeira Mall e Pátio Mix, em churrascarias, pizzarias, restaurantes e demais espaços privativos, as duas praças mais frequentadas da cidade, a Praça da Bíblia e dos Leões recebem as camadas populares. Políticas de reavivamento desses espaços são prementes. Atividades culturais/artísticas, aumento da arborização, melhoria nas condições dos equipamentos das praças e na iluminação pública e segurança, por meio de guardas, são alternativas para atratividade da população a esses espaços.

A pesquisa revelou, através da aplicação de questionários e entrevistas com 416 estudantes, que os principais passatempos dos jovens fora da escola são a internet (72,04% dos entrevistados da rede pública e 54,15% dos entrevistados) e o celular (62,09% e 50,73%, respectivamente). Enquanto isso, as praças ocupam o último lugar, alcançando respostas de apenas 6,64% dos entrevistados da rede pública e de menos de 1% (0,98%) daqueles da rede privada. O mesmo quadro se repete quando a pergunta é sobre o principal meio de diversão: A internet e o celular mais uma vez lideraram o ranking de preferência. (para 114 e 85 jovens das redes pública e privada, respectivamente 54,03% e 41,46% deles, a internet é o seu principal meio de diversão, enquanto o celular obteve a preferência de 47,87% e 36,10% do total de entrevistados das respectivas redes). As praças mais uma vez ocuparam o último lugar, obtendo a preferência de apenas 6,16% e 2,44% dos entrevistados.

A praça também obteve o último lugar entre os espaços propícios à prática da construção de amizades e relacionamentos com outras pessoas, enquanto a escola ocupou o primeiro, sendo a resposta de 91% dos entrevistados da rede pública (192, dos 211 entrevistados) e de 76,59% dos alunos da rede privada (157, de 205). A internet e a igreja, tecnicamente empatadas, ocuparam a segunda e a terceira colocação.

À medida em que a violência avança nos Espaços Livres Públicos (ELP's) urbanos teixeirenses, as novas tecnologias, como computadores, celulares e televisores, aproximam a juventude do privado. A pesquisa revelou a forte influência exercida pelas redes sociais entre os jovens, como o WhatsApp e o Facebook (as mais populares), alcançando quase a totalidade (98,58% dos entrevistados da rede pública e 97,56% da rede privada) dos entrevistados, sendo utilizadas pela maioria deles por três horas ou mais durante o dia (neste quadro encontra-se 54,5% dos jovens da rede pública e 67,7% da rede privada). Em sentido contrário, as praças sofrem abandono e apatia pela juventude, sendo pouco frequentada por este público. Em um universo de 416 jovens, apenas dois deles (um da rede pública e um da rede privada) afirmaram frequentá-las diariamente, enquanto o percentual é bastante significativo entre aqueles que

raramente (44,55% rede pública e 45,37% da rede privada) ou nunca as frequentam (26,54% dos jovens da rede pública e 22,93% da rede privada).

Vários fatores contribuem para apatia e abandono da juventude aos Espaços Livres Públicos da cidade. Na maioria das praças, a iluminação é precária, faltam bancos e equipamentos, assim como guardas para garantir a segurança. Além disso, são lugares vistos por muitos como propícios a prática de atos ilícitos, como o consumo de drogas, prática de assaltos e prostituição. A pouca frequência está relacionada à sensação de insegurança dos jovens em relação à cidade e aos Espaços Livres Públicos: 98% dos jovens entrevistados da rede pública e 99% da rede privada consideram a cidade de Teixeira de Freitas “insegura”, enquanto estes valores correspondem a 91 e 91,3% quando nos referimos a sensação de segurança em relação aos Espaços Livres Públicos (ELP’s).

Esta insegurança e medo dos entrevistados estão cada vez mais ligados ao sensacionalismo de uma mídia local tendenciosa e a assustadora violência sofrida pelos jovens e seus conhecidos. 146 entrevistados, ou seja, 35% deles (80 da rede pública e 66 da rede privada) afirmaram terem sofrido algum tipo de violência em Espaços Livres Públicos da cidade, enquanto estes números sobem para 89,57% e 85,37% (rede pública e privada) quando a pergunta é direcionada ao conhecimento de vítimas de violência pelos entrevistados. Assaltos, homicídios e agressão física foram os mais citados entre os tipos de crime.

O aumento da criminalidade e o grave quadro de insegurança e medo em utilizar Espaços Livres Públicos (ELP’s) ajudam-nos a entender o descrédito da juventude em relação à eficiência das políticas públicas no combate à criminalidade: 88,73% dos entrevistados da rede pública não acreditam na efetividade dessas políticas, enquanto este percentual corresponde a 84,88% entre os alunos da rede privada. Dentre as razões para tal descrédito, os (a) entrevistados (as) destacaram a incapacidade da polícia de conter o tráfico de drogas (que para muitos é a principal causa do aumento da criminalidade da cidade), as limitações de patrulhamento e fiscalização da polícia e a insuficiência no número de policiais e viaturas.

A insatisfação da juventude em relação ao cumprimento de apenas um dos seus direitos sociais assegurados na forma de lei, a segurança, foi sentida em relação à cidadania. 87% dos jovens da rede pública (184 entrevistados) a cidadania é precária. O quadro se repete e se agrava entre os alunos da rede privada: 95,12% deles (o equivalente a 195, de 205 entrevistados).

A precariedade da cidadania na cidade é sentida desde o início de sua formação. Apesar disso, apenas nos últimos anos parte da população tem participado da vida política do município, através de movimentos sociais, constituindo-se em exemplo de emponderamento na busca pela conquista da cidadania. A mobilização popular é uma ferramenta indispensável na busca da cidadania efetiva, e o espaço público o local propício para esta busca. A luta por melhores condições de vida e por espaços democráticos, propícios à promoção do encontro, da tolerância e do respeito, está diretamente ligada ao direito à cidade, que é o maior de todos os direitos (direito à liberdade, segurança, sociabilização, individualidade, habitar, etc.) e deve ser pensada e realizada em conjunto.

Acredita-se que vários fatores que contribuem para o aumento da violência na cidade e o medo dos cidadãos em frequentar Espaços Livres Públicos (ELP'S), como praças e parques (desestruturação familiar, desigualdade social, educação escolar insuficiente/precária, ausência de princípios morais e éticos, mercado de trabalho insuficiente, mídia tendenciosa e negligência e/ou incompetência do Estado em se fazer valer os direitos básicos do cidadão, como o de ir e vir e a segurança) e que o enfrentamento da violência deve considerar a educação como um dos seus pilares, por ser ela a principal formadora de pessoas instruídas e capazes de transformar o seu espaço e a integração de forças do poder público e da sociedade civil.

A educação aqui mencionada é a educação de valores, diferente da ensinada no mundo neoliberal, capaz de diminuir a violência e transformar vidas: Uma educação pautada no ser humano e a serviço dele e não dos mercados, como tem sido, uma educação de possibilidades, capaz de transformar vidas, reduzir desigualdades sociais e espaciais e criar espaços de cooperação e esperança, para o enfrentamento da crise urbana brasileira e teixeirense, marcada pela violência, o medo e a negação dos direitos sociais básicos à população, como o de ir e vir.

Acreditamos que a base para construção dos “espaços de esperança” é a compreensão dos seus entraves e a busca pela sua superação. Neste caso, os profissionais da educação ocupam lugar privilegiado, por ser agente de transformação social. Assim, antes de mais nada, deverá pautar suas ações na preparação de pessoas autônomas e críticas através de metodologias e atividades voltadas para aquisição de conhecimentos, valores e habilidades para compreensão do seu papel na construção da cidadania

Os esforços deverão envolver todos os setores da sociedade, exigindo, inclusive, uma participação cada vez maior da população nas decisões políticas e administrativas. A construção dessa nova sociedade dependerá da participação popular na luta pelos seus direitos

e exercício dos seus deveres e de um poder público norteado de princípios de lealdade, honestidade e respeito com todos os espaços e pessoas da cidade, que executem políticas públicas capazes de criar oportunidades de emprego, renda e inclusão social e de reverter a crise moral em que estamos submersos. Políticas norteadas por valores humanitários, capazes de colocar em prática aquilo que, na maioria das vezes, ainda permanece apenas na teoria.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Conflitualidade e Violência:** Reflexões sobre anomia na contemporaneidade. Revista Sociológica Tempo Social. São Paulo: USP, v. 10, n° 1, p. 19-47, 1998.

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana:** Memórias, Rugosidades e Metamorfoses. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGeo/UFPE, 2006.

ALMEIDA, Erika Audet. **A Articulação dos Espaços Públicos no Recife do Século XIX.** 2001. Tese (Tese em Geografia). – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGeo/UFPE, 2001.

ANHUCCI, Valdir & SUGUIHIRO, Vera Lúcia Tieko. **O Espaço Público Ameaçado:** O Neoliberalismo versus a Dimensão Política dos Conselhos na Definição do Orçamento Público. Londrina- PR: UNESPAR/Uel, 2010.

ARENT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ARENDT, Hanna. **Da Violência.** Tradução: Maria Cláudia Drummond. São Paulo: Sabotagem, 1970.

ARENT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

ARENDT, Hannah. **Poder e violência.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência.** Rio de Janeiro: Relumbre – Dumará, 1994.

BANCO DO NORDESTE. As Origens. Teixeira de Freitas. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste, 1985.

BARROS, Fernanda. Milhares de manifestantes participaram da manifestação pacífica em Teixeira. **Notícia Agora**, Teixeira de Freitas, 10 de fevereiro. 2015. Disponível em: <<http://noticiaagora.net.br/blog/?p=8984>> Acesso em: 10/02/2015.

BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade Individualizada:** Vivas Contadas e Histórias Vividas. Tradução: José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade.** Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo: A transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERARDI (BIFO), Franco. **A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da *New Economy***. Orlando dos Reis (tradução). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CALDEIRA, Tereza P. do R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2003.

CAMPOS, Heleniza Ávila. **A conservação dos Conjuntos Históricos em Áreas Centrais Urbanas a Partir do Uso de seus Espaços Públicos Abertos: Um recorte no centro expandido da cidade do Recife**. 1995. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PRODEMA/UFPE, 1995.

CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços Livres de Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife. UFPE, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERQUEIRA, Daniel [et al]. **Atlas da Violência 2016**. Brasília-DF: IPEA, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso e outras falas**. 11 ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Cortez, 2006.

CORRÊA, Darcísio. **Estado, cidadania e espaço público: as contradições da trajetória humana**. Ijuí-RS: Unijuí, 2010.

CORREIA, João Carlos. **A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos**. 2010. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acessado em: 06/04/2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **A Cidade em Fragmentos: Uma análise das metamorfoses espaciais em Campina Grande – PB no período histórico atual**. 2010. Tese (doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

CRUZ, Luciana Maria da. **Morfologias urbanas do medo: A materialização da (in)segurança em bairros nobres do Recife**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Recife: PPGE/UFPE, 2010.

CUNHA, Aurineida Maria. **A Lógica da Apropriação dos Espaços Públicos na Cidade de Fortaleza pelo Trabalhador de Rua**. 2007. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: CCHL/UFPE, 2007.

CUNHA, Maria Soares. **Análise da Inclusão Social dos Alunos** – As Contribuições das Políticas de Assistência Estudantil Implementadas pelo Instituto Federal Baiano, Campus Teixeira de Freitas. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional. Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus-ES, 2015.

DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? Em Daniel Mato (coord.). **Políticas de ciudadanía y sociedad civil em tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004. p. 95-110.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FRANCH, Mónica & QUEIROZ, Teresa (orgs). **Da Casa à Praça**– Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

FERNANDES, Antônio. Espaço social e suas representações. **Revista da Faculdade de Letras**. Sociologia. Universidade do Porto. I Série, Vol.2, 1992.

GOMES, Paulo César Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolíticas da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOMES, P, C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. **IBGE**, Brasília, 25 de maio.2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 25/05/2016.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JORNAL ALERTA. **Os Capixabas: da exploração de madeira à exploração do intelecto**. Teixeira de Freitas: Jornal Alerta, 2009.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em Risco** – Sobre a Vulnerabilidade no Brasil Urbano. Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, Nº 63, julho de 2002, pp. 9 e 30.

KOOPMANS, José. **Além do eucalipto** – o papel do Extremo Sul. Teixeira de Freitas: Centro de Defesa dos Direitos Humanos, 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica. In: **Revista Conceitos**, julho/dezembro de 2002. P. 120-126.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão [et al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkain, 1990.

LIMA, Francisco Denílson Santos de & SÁ, Alcindo José de. A Reterritorialização da Festa Campinense: Um Olhar para a Civilidade do Balança Campina em Campina Grande-PB. In: **Revista de Geografia**. UFPE/DCG-NPA, Recife, v.23, n.3, p.66-78, set/dez. 2009.

LIMA, Francisco Denílson Santos de & SÁ, Alcindo José de. As Novas Territorialidades da Festa Campinense: Civilidade ou Premência de uma Política Territorial Incluyente? In: **Dos Espaços do Medo à Psicoesfera da Civilidade, a Premência de uma Nova Economia Política/Territorial**. Editora Universitária UFPE: Recife, 2010.

LIMA, Francisco Denílson Santos de. **Espaço e Cidadania no Semiárido Piauiense** : Um olhar para os Incluídos-Excluídos de Francisco Santos-PI. 2005. Monografia (Graduação em Geografia). –Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: CEDUC/DHG/UEPB, 2005.

MELO, Alessandro de. **Fundamentos Socioculturais da Educação**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MUMFORD, Lewis. **Cidade na História** – Suas Origens, Transformações e Perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, Paulo César de. **A violência e o Medo na Configuração Socioespacial do Bairro do Ibura de Cima (COHAB)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGeo/ UFPE, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: UNIC, 2009.

PEDRAZZINE, Yves. **A Violência das Cidades**. Tradução: Giselle Unti. Petropolis-RJ:Vozes, 2006.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Violência Urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.

Portal Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas. Praça da Copa aguarda teixeirenses para torcer pelo Brasil. **Teixeira de Freitas.ba**, Teixeira de Freitas, 12 de mai.2015. Disponível em: <http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/n/praca-da-copa-aguarda-teixeirenses-para-torcer-pelo-brasil/> Acesso em: 12/05/2015.

Redação do Jornal. **Feira de Sábado: retrato da má educação do motorista teixeirense**. **Jornal Alerta**, Teixeira de Freitas, 11 de mai.2015. Disponível em <http://www.jornalalerta.com.br/feira-de-sabado-retrato-da-ma-educacao-do-motorista-teixeirense/> Acesso em: 11/05/2015.

Redação do Portal. Forças de segurança ocupam as ruas de Teixeira de Freitas. **Teixeira News**, Teixeira de Freitas, 10 de fev.2015. Disponível em: ≤ www.teixeiranews.com.br/forcas-de-seguranca-ocupam-as-ruas-de-teixeira-defreitas/ ≥ Acesso em: 10/02/2015.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ROCHA, Daniel. Especial Teixeira de Freitas 30 anos – Alguns fatos históricos. **Tirabanha**, Teixeira de Freitas, 11 de nov.2015. Disponível em :< http://tirabanha.blogspot.com.br/2015_03_01_archive.html> Acesso em: 11/11/2015.

SÁ, Alcindo José de & CRUZ, Luciana Maria da. “**Medo Urbano**” e suas Formas Geográficas. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

SÁ, Alcindo José de. **Por uma Geografia sem Cárceres Públicos ou Privados**. Fotolaser Reproduções Gráficas: Recife, 2007.

SÁ, Alcindo José. O ressurgimento dos espaços de cidadania, civilidade e liberdade no Brasil: uma via com saídas nas encruzilhadas dos labirintos das geografias da violência e do medo? In: **Nas Geografias da Violência... o renascer dos espaços de civilidade?** CCS-UFPE: Recife, 2009.

SÁBATO, Ernesto. **Homens e Engrenagens** – Reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso te/7mpo. Janer Cristoldo (tradução). Campinas – SP: Papyrus, 1993.

SANTARÉM, Robson. **Precisa-se (de) ser humano**: valores humanos – educação e gestão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 2º edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 2º Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Os Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização** – Do Pensamento único à Consciência Universal. São Paulo: Record, 2000.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe — São Paulo; Companhia das Letras, 1988.

SERPA, Ângelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Elton Pereira da. **Análise Socioespacial do Parque Camaragibe e da Praça Coimbra, Camaragibe – PE: Nexos entre lazer, espaços livres públicos, violência e medos urbanos.** 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGEU/UFPE, 2013.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Revista Sociedade e Estado** [on line]. Volume 19. Edição 1. Rio de Janeiro: Soc.estado, 2004, janeiro/junho. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000100004> ISSN: ISSN 0102-6992 *On-line version* ISSN 1980-5462

SILVA, Marli Néri da. **A educação em Teixeira de Freitas-Bahia: relação escola e cidade.** Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** Tradução por Ricardo Ferreira Henrique. Organização por Carlos Roberto Monteiro de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Carlos Alberto Duarte de. **A Configuração do Espaço como Ocorrência da Violência e do Medo: A Questão de Áreas de Baixa Renda no Bairro de Iputinga – Recife (PE).** 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGEU/ UFPE, 2012.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia - Contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: UNESP, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão & GÓES, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial.** São Paulo: Editora UNESP, 2013.

TELLES, Vera S. "Questão social: afinal do que se trata?". **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo: Fundação Seade, vol.10, nº 4, 1996, pp. 85 e 90.

VIEIRA, Yolanda Aparecida de Castro Almeida. **Os Homicídios e o Medo de Vitimação dos Moradores do Município de Teixeira de Freitas-BA.** Tese (Doutorado em Geografia). - Programa de Pós Graduação em Geografia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte-ES, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015 – Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil.** Rio de Janeiro-RJ: FLACSO Brasil, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014 – Juventude Viva – Os Jovens do Brasil.** Brasília-DF: Juventude Viva, 2014.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013 – Os Jovens do Brasil.** Brasília-DF: Juventude Viva, 2013.

WERNECK, Felipe & LEAL, Luciana Nunes. IBGE: 77 milhões de pessoas têm medo de andar na rua. **Estadão**, São Paulo, 22 de abr. 2017 Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-77-milhoes-de-pessoas-tem-medo-de-andar-na-rua,654076>> Acesso em: 22/04/2016.

APÊNDICE A



QUESTIONÁRIO PARA TESE DE DOUTORADO DO PPGeo- UFPE

PESQUISADOR: FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

Entrevista (a): _____ Turma: _____

Idade: ____ Bairro que mora: _____ Cidade: _____

1. Qual a renda média mensal da sua família?
 - 1 a 3 salários mínimos
 - 3 a 5 salários mínimos
 - 5 a 10 salários mínimos
 - 10 a 15 salários mínimos
 - Acima de 15 salários mínimos

2. Tipo de transporte que utiliza para vir a escola?
 - Bicicleta
 - Moto
 - Carro
 - Ônibus
 - Nenhum (a pé)

3. Fora da escola, onde/com que você gasta a maior parte do tempo?
 - Televisão
 - Video game
 - Celular
 - Internet
 - Bares e clubes
 - Shopping
 - Pizzarias e restaurantes
 - Praças e parques
 - Outro (s)

4. Qual seu principal meio de diversão?
 - Televisão
 - Video game
 - Celular
 - Internet
 - Bares e clubes
 - Shopping
 - Pizzarias, lanchonetes e restaurantes
 - Praças
 - Outro (s)

5. Qual o seu lugar preferido para lazer?
 - Casa
 - Casa dos amigos
 - Shoppings
 - Igreja
 - Bares e clubes
 - Pizzarias e restaurantes
 - Praças e parques
 - Outro (s)

6. Participa de algum grupo artístico/cultural/religioso/esportivo ou político?
 - Sim Não

Se sim, de que modalidade? Religiosa
 artístico/cultural esportiva política

7. Qual o principal lugar onde você faz amizade ou se relaciona com outras pessoas?
 - Rua (vizinhança)
 - Escola
 - Academia
 - Igreja
 - Internet
 - Praças
 - Outro

8. Você acha a cidade de Teixeira de Freitas segura?
 - Sim Não

Justifique: _____

9. Com que frequência você utiliza as praças da cidade?
- Todos os dias
 - Quase sempre
 - De vez enquanto
 - Raramente
 - Nunca
10. Você se sente seguro(a) ao frequentar os espaços livre públicos da cidade (como as praças)?
- Sim
 - Não
- Justificativa: _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
11. Você usa alguma rede social?
- Sim
 - Não
12. Quais redes sociais você usa?
- Whats app
 - Facebook
 - Twitter
 - Badoo
 - Instagram
 - Outra (s)
13. Qual tempo médio diário você utiliza as redes sociais?
- 1 hora
 - 2 horas
 - 3 horas
 - 4 horas
 - 5 horas
 - Mais de 5 horas
14. Você já sofreu algum tipo de violência em espaços livres públicos (como ruas ou praças), em Teixeira de Freitas?
- Sim Não
15. Que tipo de violência você sofreu?
- Assalto
 - Tiroteio
 - Estupro
 - Agressão física
 - Outro
16. Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de violência urbana?
- Sim
 - Não
- Qual? _____
17. Você acredita na eficiência das políticas públicas no combate à violência e à criminalidade, sobretudo em Teixeira de Freitas?
- Sim
 - Não
- Justificativa: _____
- _____
- _____
- _____
- _____
18. Como você ver a cidadania na cidade de Teixeira de Freitas?
- Eficiente
 - Precária
- Justificativa: _____
- _____
- _____

Obrigado!

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO: DOUTORADO

PESQUISADOR/ DISCENTE: FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

TEMA: O MEDO E A VIOLÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NO USO E CONSUMO DOS
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA

NOME DO ENTREVISTADO: _____

FUNÇÃO: _____

1. Como o senhor avalia o quadro atual de violência e medo na Bahia e em Teixeira de Freitas?

2. O senhor acredita que a violência na cidade tem relação direta com as formas de uso e o consumo dos espaços livres públicos, por parte da população?

3. Que medidas estão sendo adotadas no combate à criminalidade na cidade de Teixeira de Freitas – BA?

4. Que medidas estão sendo tomadas para diminuição da sensação de insegurança e medo da população, ao frequentar espaços livres públicos?

5. Qual o atual quadro efetivo de policial na cidade? Você acredita que o quadro é suficiente?

6. Quais as maiores dificuldades encontradas pela polícia no enfrentamento de questões ligadas à criminalidade?

7. Para o senhor, quais as principais causas para o aumento da violência na cidade?

8. Como você acredita que podemos combater a violência na cidade e aumentar a sensação de segurança entre os cidadãos?

Obrigado!

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO: DOUTORADO
PESQUISADOR/ DISCENTE: FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA
TEMA: O MEDO E A VIOLÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NO USO E CONSUMO DOS
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA
NOME DO ENTREVISTADO: _____
FUNÇÃO: _____

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA PESQUISA

Solicito ao senhor _____:

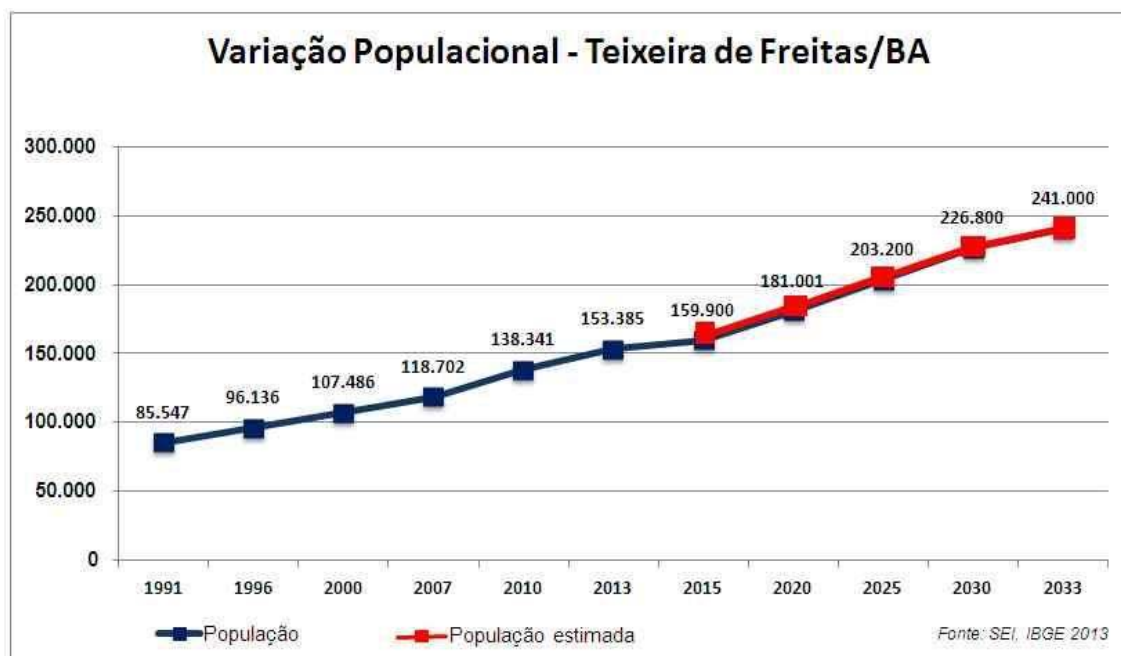
- Mapa, quadro, tabela e/ou gráfico com dados sobre violência na cidade das últimas décadas;
- Informações, mapa, quadro, tabela e/ou gráfico com números e tipos de ocorrências na cidade de Teixeira de Freitas- BA e na Bahia;
- Documentos que retratem questões ligadas à criminalidade na cidade de Teixeira de Freitas.

Atenciosamente,

Francisco Denílson Santos de Lima
Doutorando em Geografia pelo PPGeo- UFPE

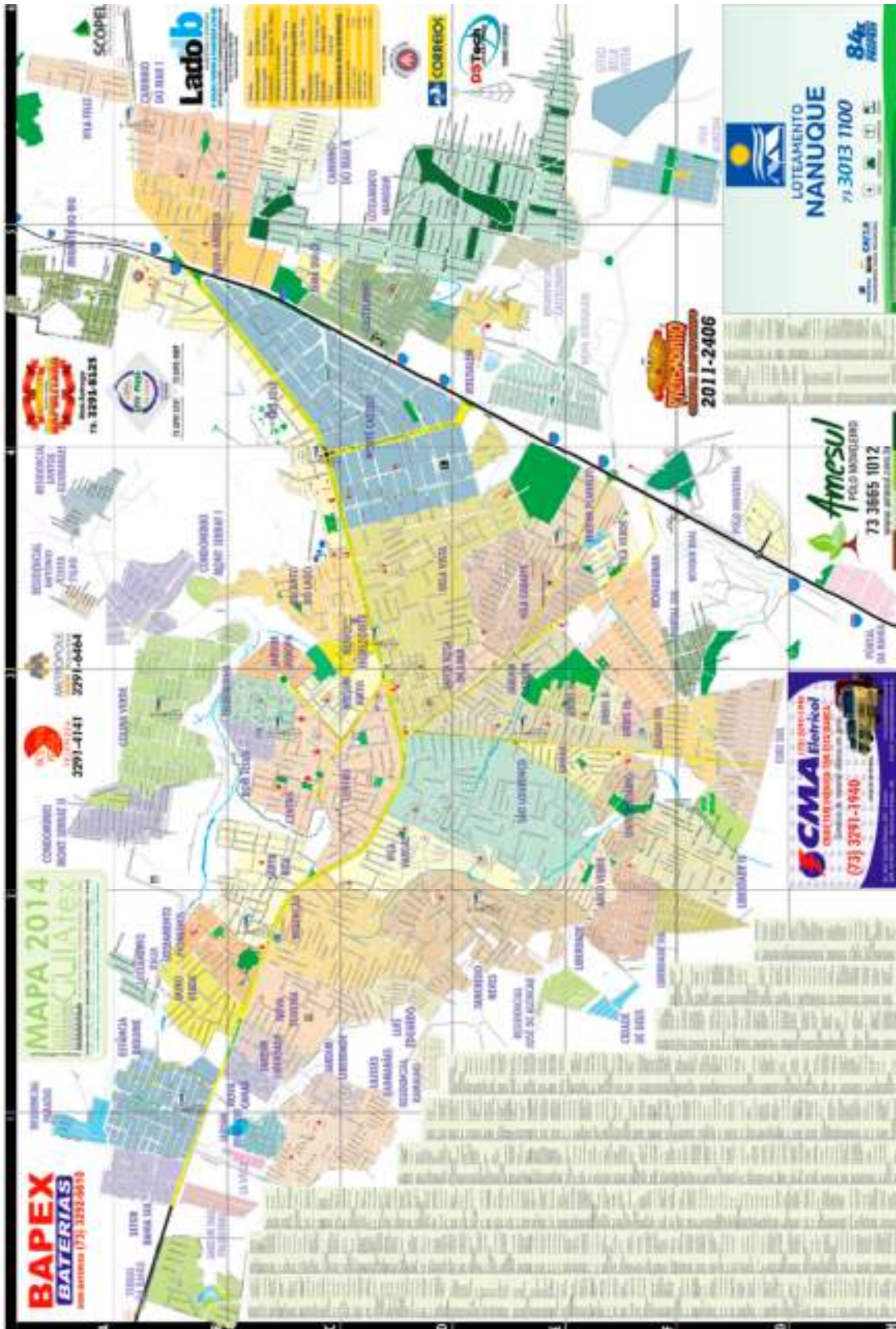
Teixeira de Freitas – BA, _____ de _____ 2015.

ANEXO A



Fonte: Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, 2013.

ANEXO B



ANEXO C

TEIXEIRA DE FREITAS ESTÁ NA LISTA ENTRE OS 10 MUNICÍPIOS

O índice considerou as taxas de violência a que os jovens de 12 a 29 anos de idade estão expostos



A Bahia concentra cinco dos dez municípios com os maiores índices de vulnerabilidade juvenil à violência (IVJ-Violência), segundo apuração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Eunápolis está no topo da lista, em primeiro lugar. Também estão entre os mais vulneráveis Porto Seguro, Paulo Afonso, Lauro de Freitas e Teixeira de Freitas. Além da Bahia, os estados de Alagoas, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul e Goiás têm municípios entre os dez mais vulneráveis do país.

O índice considerou as taxas de violência a que os jovens de 12 a 29 anos de idade estão expostos, considerando homicídios; mortalidade no trânsito; pobreza, desigualdade socioeconômica; frequência dos jovens nas escolas e o acesso ao mercado de trabalho. O levantamento comparou os dados de 2007 e 2010, em 283 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes em 2010.

Em situação contrária à Bahia, o Rio de Janeiro esbanja bom resultado, sendo a capital brasileira que mais reduziu a vulnerabilidade juvenil à violência. Considerando todas as cidades, o Rio avançou 153 colocações, ocupando agora a posição 193. São Paulo também não fica atrás: é capital onde os jovens são, proporcionalmente, menos vulneráveis à violência. O

estado de São Paulo também conta com sete das dez cidades com melhor posição no ranking. A capital com maior IVJ – Violência é Maceió, que ocupa a 12ª posição na classificação geral.

De modo geral, a maior parte das cidades avaliadas reduziu a vulnerabilidade à violência entre 2007 e 2010. Entre os 283 municípios avaliados, apenas 13 se tornaram mais vulneráveis, sendo eles Águas Lindas de Goiás; Araucária (33°), no Paraná; Porto Seguro; Bento Gonçalves (92°), no Rio Grande do Sul; Paulo Afonso; Alvorada; Itapipoca (19°), no Ceará; Parintins (104°), no Amazonas; Guarapuava (60°), no Paraná; Abaetetuba (31°), no Pará; Nossa Senhora do Socorro (99°), em Sergipe; Araras (164°), em São Paulo; e Pinhais (30°), no Paraná.

FONTE:

REDAÇÃO. **Teixeira de Freitas está na lista entre os 10 municípios.** Disponível em <<http://www.teixeiraverdade.com.br/teixeira-de-freitas-esta-na-lista-entre-os-05-municipios-mais-vulneraveis-a-violencia-juvenil-do-brasilia/>> Acesso em: 11/05/2016.

ANEXO D

TEIXEIRA ESTÁ ENTRE AS CIDADES BRASILEIRAS MAIS VIOLENTAS PARA A MULHER, DIZ ESTUDO.

Sábado, 18 Julho 2015 14:06

Escrito por Edvaldo Alves



Teixeira de Freitas: Nossa cidade mais uma vez é destaque no cenário nacional. Mais uma vez Teixeira de Freitas aparece no topo da lista da violência, desta vez contra a mulher. A Assembleia Legislativa da Bahia vai receber parlamentares da Comissão Permanente Mista de Combate à Violência Contra a Mulher da Câmara Federal para debater políticas públicas para as mulheres nestes casos.

A Bahia ocupa o sexto lugar entre os estados brasileiros em assassinatos contra mulheres. O requerimento é da deputada federal Alice Portugal (PCdoB/Bahia). A violência contra a mulher no estado da Bahia vem crescendo constantemente e chega a superar a média nacional. De acordo com os dados do Mapa da Violência 2012, enquanto a média de todo país é de 4,6 assassinatos a cada 100 mil mulheres, na Bahia a taxa é de 6,1.

Essa média deixa nosso estado ocupando o sexto lugar entre os estados brasileiros. Quatro cidades baianas estão na lista das cidades brasileiras com maiores índices de violência contra a mulher: Porto Seguro, Simões Filho, Lauro de Freitas e Teixeira de Freitas. Cenário preocupante também em Salvador. Com uma taxa de 8,3, a capital baiana é a quinta colocada em número de homicídio feminino.

A média nacional das capitais é de 5,4. A parlamentar pediu a criação de um observatório da violência contra as mulheres no país. A proposta é fazer um painel, no âmbito do Congresso e nas capitais brasileiras, para mostrar os números mensais do feminicídio (homicídio contra a mulher), a fim de chamar a atenção da sociedade e do poder público sobre

o tema, de bastante relevância, inclusive com respaldo na legislação brasileira como crime hediondo.

O feminicídio é um crime praticado com requintes de crueldade e terror pela carga de ódio, na sua grande maioria, deflagrados quando as mulheres optam pela separação. Muitos homens não aceitam o direito delas de decidir sobre as suas vidas, bem como a relação afetiva vai terminar. Segundo Mapa da Violência 2012, o Brasil ocupa a 7ª posição de maior número de assassinatos de mulheres no mundo, em um ranking com 84 países.

Teixeira de Freitas vergonhosamente aparece nesta lista, com um número de violência contra as mulheres, bastante considerável. Embora reconheçamos a dedicação da especializada, sabemos que muito pouco ainda tem sido feito para inibir esse tipo de crime. As delegacias pelo estado sofrem com a falta de recursos materiais e humanos, impactados pela sensação de impunidade, que levam muitas mulheres a não denunciar seus agressores.

Infelizmente em nossa cidade, a maioria dos crimes contra a mulher não foram elucidados e quem sabe nem mesmo investigados. Além do combate rigoroso, é preciso um trabalho de base, elevando os valores femininos e seu direito a igualdade e liberdade, que deve começar em casa, continuar na escola e por ai vai. Algo precisa ser feito, o que não é aceitável é esse número exorbitante de crimes contra a mulher, a mãe, esposa, avó, filha, irmã, seja lá quem for.

Não é possível que a morte violenta das mulheres seja vista como algo natural ou inexistente. É preciso considerar a violência e o feminicídio como eventos atípicos, como expressões de práticas cruéis a serem coibidas com toda a força da lei. Você também pode ajudar. Se conscientize, lute contra o preconceito e a violência doméstica. Denuncie. Não se pode falar em uma sociedade civilizada, onde os direitos femininos não são respeitados.

Por: Edvaldo Alves/LiberdadeneWS.

FONTE:

Alves, Edvaldo. **Teixeira está entre as cidades brasileiras mais violentas para a mulher, diz estudo.** Disponível em:< <http://liberdadeneWS.com.br/index.php/policia/12947-teixeira-esta-entre-as-cidades-brasileiras-mais-violentas-para-a-mulher-diz-estudo>> Acessado em: 21/07/2015.

ANEXO E

TEIXEIRA DE FREITAS É A 17ª CIDADE MAIS VIOLENTA DO PAÍS PARA JOVENS E PORTO SEGURO A 9ª.



Dos 30 municípios do País com as maiores taxas de homicídios de jovens em 2011, onze são baianos. No topo do ranking nacional está Simões Filho (Grande Salvador), com taxa de 378,9 (por 100 mil habitantes). Os dados são do estudo Mapa da Violência – Assassinato de Jovens, realizado pelo Instituto Sangari/Ministério da Justiça, e que foi publicado oficialmente nesta quinta-feira (18/07).

No estudo anterior, divulgado em março deste ano, Simões Filho apresentava índice de 141,5 homicídios por 100 mil habitantes, já no primeiro lugar no ranking dos municípios com mais de 20 mil habitantes (sem especificar a idade) com as mais altas taxas de homicídios em 2010.

O estudo atual leva em consideração 100 municípios do País de população com mais de 20 mil jovens (15 a 24 anos). Entre os 30 primeiros, não há cidades do Rio de Janeiro nem de São Paulo.

Na Bahia, Lauro de Freitas está em 8º lugar, seguida de Porto Seguro (9º), Itabuna (11º), Camaçari (16º), Teixeira de Freitas (17º), Eunápolis (23º), Alagoinhas (24º), Valença (25º), Ilhéus (29º) e Salvador (30º).

Por meio da assessoria, a Secretaria da Segurança Pública (SSP/BA) informa que não comenta os dados porque não teve acesso ao estudo. Mas destaca que crimes contra a vida na capital tiveram redução de 14%, de janeiro a maio de 2013, em relação ao mesmo período de 2012. Na região metropolitana, aponta redução de 26,3% no comparativo dos mesmos períodos.

Em cidades como Lauro de Freitas, Porto Seguro e Itabuna, onde foram instaladas bases comunitárias de segurança, a SSP informa que os “índices de violência reduziram em cerca de 15%”.

Ainda segundo a SSP, as reduções foram fruto do “trabalho das polícias Militar, Civil e Técnica, e da execução das ações do programa Pacto Pela Vida, como a implantação de 12 bases comunitárias de segurança e do Departamento de Homicídios e Proteção a Pessoa (DHPP)”.

Pesquisador - “Isto demonstra fragilidade do nosso sistema de segurança e da justiça. Dizer que é por causa do tráfico não pode ser justificativa. Tem que investigar mais a fundo”, opina o pesquisador do Programa de Gestão e Estudo de Segurança Pública da Universidade Federal da Bahia, coronel Antônio Jorge Ferreira. Questões hormonais e psicológicas da juventude, aliadas à fragilização de controles sociais (família, escola, religião) são apontadas por ele como razões para homicídios de jovens.

FONTE:

REDAÇÃO. Teixeira de Freitas é a 17ª cidade mais violenta do país para jovens e Porto Seguro a 9ª. Disponível em: < <http://teixeiranoar.com.br/teixeira-de-freitas-e-a-17a-cidade-mais-violenta-do-pais-para-jovens-e-porto-seguro-a-9a/> > Acesso em: 11/06/2015.

ANEXO F

FORÇAS DE SEGURANÇA OCUPAM AS RUAS DE TEIXEIRA DE FREITAS

5 de fevereiro de 2015 POLÍCIA – Portal Radar 101 - Por Athylla Borborema



As forças de segurança pública da região se integraram e ocuparam as ruas de Teixeira de Freitas na tarde desta quinta-feira (05/02), especialmente nos bairros com maiores incidências de crimes de morte. O bairro Liberdade está ocupado por brigadas e tropas de homens fardados objetivando restabelecer a ordem e a paz dos moradores, principalmente depois das ocorrências que vitimaram na localidade 5 das 8 pessoas mortas por arma de fogo nas últimas horas em Teixeira de Freitas.

O 13º Batalhão da Polícia Militar de Teixeira de Freitas convocou até seus policiais de férias e do administrativo para ocupar as ruas, além de ter recebido policiais de reforços da 44ª CIPM de Medeiros Neto, da 43ª CIPM de Itamaraju e tropas de Salvador. A CAEMA – Companhia de Ações Especiais da Mata Atlântica de Posto da Mata enviou 10 viaturas e 60 policiais que também ocuparam as ruas dos bairros teixeirenses.

A 8ª Coordenadoria Regional da Polícia Civil também convocou seus policiais das unidades vizinhas e formou duas equipes de agentes que estão participando das operações. Segundo o comandante do 13º Batalhão da Polícia Militar de Teixeira de Freitas, tenente-coronel Paulo Silveira, a finalidade é buscar a ordem e a paz da população e principalmente, prender nas próximas horas todos estes indivíduos que perpetraram tais crimes e espalharam terror na cidade por disputas de poder na comercialização de drogas e entorpecentes.

Lembra o comandante que a polícia já conhece os mentores e os autores e é só uma questão de tempo para apresentá-los a sociedade. Pelo menos 6 pessoas já foram recolhidas a prisão no final da tarde desta quinta-feira (05). Na tarde desta última quarta-feira (04), o prefeito de Teixeira de Freitas, João Bosco Bittencourt (PT), se reuniu em Salvador com o secretário de Estado de Relações Institucionais Josias Gomes e, com o secretário de Estado da Segurança

Pública, Maurício Barbosa, na pauta esteve à insegurança estabelecida em Teixeira de Freitas que tem colocado a população em estado de alerta com os últimos acontecimentos de assassinatos em série. A resposta teria sido uma ocupação imediata das forças de segurança nos principais bairros da cidade com a chegada de reforços policiais como forma de solucionar a problemática, o que acabou acontecendo hoje (05), dia seguinte. (Por Athylla Borborema).

FONTE:

BORBOREMA, Athylla. **Forças de segurança ocupam as ruas de Teixeira de Freitas.** Disponível em: < <http://radar101.com.br/2015/02/forcas-de-seguranca-ocupam-ruas-de-teixeira-de-freitas/> > Acesso em: 10/02/2015.

ANEXO G

TEIXEIRA DE FREITAS É A 26ª CIDADE MAIS VIOLENTA DO PAÍS, APONTA RELATÓRIO DA UNESCO

Viviane Moreira / Opovonews

Destaque – 15/05/2015

Um relatório divulgado pela Unesco, (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no último dia 13 de maio de 2015, aponta as cidade mais violenta do País, em mortes matadas por arma de fogo.

De acordo com o relatório, a cidade mais violenta do País é a cidade baiana de Simões Filho, na área metropolitana de Salvador, seguido por Lauro de Freitas e Mata de São João, também na região metropolitana do estado, ocupando a 3ª e 5ª posição respectivamente.

Teixeira de Freitas ocupa a 8ª posição no estado em número de mortes por arma de fogo, e a 26ª posição no cenário nacional.

Confira as 10 primeiras colocações das cidades baianas:

BA	Brasil
1º – Simões Filho	1º
2º – Lauro de Freitas	3º
3º – Mata de São João	5º
4º – Porto Seguro	7º
5º – Itabuna	11º
6º – Itaparica	14º
7º – Valença	25º
8º – Teixeira de Freitas	26º
9º – Eunápolis	27º

10º Feira de Santana

35º

Maiores informações disponíveis em www.juventude.gov.br/juventudeviva

FONTE:

MOREIRA, VIVIANE. **Teixeira de Freitas é a 26ª cidade mais violenta do país, aponta relatório da Unesco.** Disponível em: <<http://opovonews.com.br/teixeira-de-freitas-e-a-26a-cidade-mais-violenta-do-pais-aponta-relatorio-da-unesco/>> Acesso em: 17/05/2015.

ANEXO H

TEIXEIRA DE FREITAS ESTÁ ENTRE AS CIDADES MAIS VIOLENTAS DO BRASIL

Por Raíssa Félix / Jornal Alerta. Em: 22 de julho de 2012

Teixeira de Freitas – Muito além das especulações, pode ser não apenas considerada como uma cidade violenta, mas, também, como uma das mais violentas da Bahia e do Brasil, segundo mostra o Mapa da Violência 2012 – estudo realizado pelo Instituto Sangari, que aborda as especificidades e evolução da mortalidade violenta nos municípios brasileiros, desde 1998 –, o qual apontou Teixeira de Freitas como a 6.^a cidade mais violenta da Bahia, e, dentre 5.565 municípios do país, como o 35.^o com maior taxa de homicídios.

O estudo leva em consideração as informações do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, em especial as certidões de óbito, visto que nenhum sepultamento pode ser realizado sem a certidão de óbito correspondente, feita no local da morte – em que conste, necessariamente, os dados relativos à idade, sexo, local de residência – sendo um documento imprescindível para a localização espacial dos falecimentos e identificação das zonas sazonais, além disso, o estudo considera não só os homicídios, mas também outras modalidades de violências letais, como suicídios e mortes em acidentes de transporte, para traçar a evolução da mortalidade violenta nos municípios.

De acordo com o Instituto Sangari, Teixeira de Freitas, que, em 2008, ocupava a 88.^a posição no Mapa da Violência, superou 53 posições, passando a ser, conforme os dados de 2010, o 35.^o município no ranking dos mais violentos. Em 2008 foram registradas 73 mortes violentas para cada 100 mil habitantes, sendo que esse número subiu para 101 mortes em 2009 e voltou a crescer para 121 homicídios em 2010 – vale salientar que a média nacional, que já é considerada alta, é de apenas 26,2 homicídios em 100 mil moradores, enquanto a taxa teixeirense é quatro vezes maior.

A pesquisa aponta a Bahia em 7.^o lugar no ranking de crescimento da violência no país. Outras cidades baianas também foram [negativamente] destaque, como Eunápolis (15.^o), Itabuna (8.^o) e Porto Seguro (5.^o), no extremo sul, e Simões Filho (1.^o) – região metropolitana, que ficaram entre as quinze cidades com maior taxa de homicídios. Enquanto a capital baiana aparece em 86.^o lugar, com 1.484 mortes violentas em 2010 (86 homicídios para cada 100 mil moradores).

Mesmo como 6.^a cidade mais violenta, Polícia Civil indica diminuição de homicídios em Teixeira

Contudo, embora Teixeira seja, de acordo os dados supracitados, uma cidade de destaque no ranking dos municípios brasileiros mais violentos, dados da Comissão Setorial da Secretaria de Segurança Pública do Estado, em Salvador – conforme divulgação feita pelo

delegado-coordenador Marcus Vinícius Almeida, da 8.^a Coordenadoria Regional de Polícia do Interior (Coorpin), em coletiva de imprensa realizada na última sexta-feira (13) –, apontam aumento da produtividade da Polícia Civil em Teixeira de Freitas, e, surpreendentemente, queda na taxa de crimes contra a vida.

O delegado divulgou que, comparando-se o ano de 2011 ao primeiro semestre de 2012, houve crescimento no número de inquéritos policiais instaurados e resolvidos, de prisões em flagrante, assim como de prisões efetuadas a partir da investigação de homicídios, e também cresceu o volume de armas e drogas apreendidas, volume este que teria suplantado até mesmo os números da própria Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (DTE). O que chamou atenção, contudo, foi a redução de 35,7% no número de homicídios, tendo como base a comparação entre o 2011 e os seis primeiros meses deste ano.

Marcus Vinícius atribuiu o aumento da produtividade e redução do número de crimes contra a vida em Teixeira de Freitas ao combate qualificado ao tráfico de drogas, e, também, à parceria estabelecida entre os principais agentes da segurança pública, como Polícia Civil, Polícia Militar, polícias rodoviárias Estadual e Federal, além do Poder Judiciário e Ministério Público, o que teria possibilitado, através de ações conjuntas, maior eficácia no combate ao crime.

Números contradizem a diminuição de homicídios

Muito embora a produtividade da força policial tenha aumentado, como demonstrou o delegado, ao que parece, esses esforços ainda estão aquém do necessário para diminuição, de fato, da criminalidade, sobretudo da ocorrência de crimes contra a vida, posto que, levando-se em consideração dados obtidos no site da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, e no próprio cartório da 8.^a Coorpin, percebe-se que o número de homicídios tem sofrido acentuado aumento se relacionados forem os anos de 2008 a 2011: em 2008 aconteceram 59 homicídios, em 2009 foram 67, chegando a 105 no ano seguinte, e, em 2011, já foram registrados 121.

Adianta-se ser inválida a justificativa de que as ações e progressos anunciados referem-se ao ano corrente, haja vista que apenas nesses seis primeiros meses já foram registrados, aproximadamente, 65 homicídios, praticamente mesma quantidade que no ano de 2009 – computando-se os doze meses, obviamente, o que demonstra que os crimes contra a vida, estão, em 2012, numa velocidade duas vezes superior ao ano comparado – o que leva à inevitável reflexão de que, se nossa força policial está um passo mais à frente de sua atuação no ano anterior, nossas congratulações, mas ao que parece, a criminalidade deu, ao menos, outros dois passos à sua frente – a partir do que se conclui, mesmo em face ao aumento de produtividade da Polícia Civil, Teixeira de Freitas continua a trilhar o caminho que a define como uma das cidades mais violentas do Brasil.

FONTE:

FÉLIX, Raíssa. **Teixeira de Freitas está entre as cidades mais violentas do Brasil.** Disponível em: <http://www.jornalalerta.com.br/teixeira-de-freitas-esta-entre-as-cidades-mais-violentas-do-brasil/> Acesso em: 11/05/2015.

ANEXO I

TEIXEIRA É A 14ª CIDADE MAIS VIOLENTA PARA JOVENS NEGROS DA BAHIA

Por Sulbahianews/Uinderlei Guimarães - 4/05/2015 18h05 - Atualizado em 17/05/2015 11h05



A informação foi repassada pela deputada estadual Maria Del Carmem, durante uma audiência pública que tratava sobre a promoção da igualdade racial por meio de políticas públicas, na noite desta quarta-feira, 13 de maio, na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas.

Durante seu discurso, a deputada afirmou que Teixeira de Freitas ocupa a 14ª colocação como a cidade considerada mais violenta para jovens negros da Bahia. O estado é o mais negro do Brasil e o local com maior concentração de negros fora da África.

No ranking nacional, segundo o Mapa da Violência de 2014, Teixeira está na 23ª colocação, dentre os 100 municípios com mais de 50 mil habitantes com as maiores taxas de homicídios negros com vítimas entre 15 e 29 anos.

Mas a situação já foi bem pior, no mapa da violência de 2012, por exemplo, a Bahia tinha oito das 20 cidades com maiores índices de homicídios contra negros no país, Os dados eram referentes aos crimes cometidos no ano de 2010, em que Teixeira ficava como a 16ª mais violenta com 110 homicídios negros num total de 114 assassinatos.

A audiência de quarta-feira, foi provocada pelo vereador local, Gilberto do PT, segundo ele, provocar o debate é consequência da demanda gritante de políticas públicas nas periferias de Teixeira de Freitas, que tem tido como resultado, o crescimento da violência e o que ele chama de extermínio de jovens.

O evento também contou com a participação do secretário de Políticas de Ações Afirmativas da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, Ronaldo Barros, apresentou o sistema de implantação de políticas públicas afirmativas e valorativas. Ele explica que essas políticas tendem a criar condições de oportunidades para uma população que historicamente fica em situações desprivilegiadas da sociedade.

FONTE:

GUIMARÃES, Uinderlei. **Teixeira é a 14ª cidade mais violenta para jovens negros da Bahia.** Disponível em:< <http://www.sbn.jor.br/policia/teixeira-e-14a-cidade-mais-violenta-para-jovens-negros-da-bahia>> Acesso em: 18/05/2015.

ANEXO J

TEIXEIRA DE FREITAS: UMA DAS CIDADES MAIS VIOLENTAS DA BAHIA

Por Sulbahianews/Natália Medeiros, 24/09/2013



Teixeira de Freitas está entre as cidades mais violentas do Estado da Bahia. Órgãos do sistema de proteção social como a Polícia Militar, Polícia Rodoviária Federal, Corpo de Bombeiros, o Departamento de Polícia Técnica e Secretaria de Segurança com Cidadania estão realizando um estudo onde apontam as principais causas do crescimento da violência no município.

Em entrevista na manhã desta segunda-feira, 23 de setembro, com o secretário de segurança pública, Coronel Bartolomeu Correia Calheiros, ele nos informou que a Secretaria tem procurado meios para minimizar a violência na cidade. Segundo ele, há um estudo feito dos últimos três meses, junto com os órgãos de proteção social, que indica através das pesquisas sobre os homicídios na cidade, a avaliação da população em relação ao policiamento, a opinião da população sobre a segurança pública do município, entre outros assuntos envolvendo a população, para tentarem através dos dados da pesquisa, tomar medidas eficientes para mudar a estatística.



Segundo Calheiros, há vários projetos em desenvolvimento no município, desde palestras e oficinas de conscientização e alertas de seguranças, com temas como drogas, consciência no

trânsito, além de dicas de segurança. Ele destacou ainda que há um projeto para o trânsito, onde será implantado na cidade um controle de velocidade, através de um foto sensor com o objetivo de reduzir o número de acidentes. O projeto já foi apresentado ao Ministério Público e ao Conselho de Trânsito, e ainda este mês será apresentado ao prefeito da cidade para licitação.



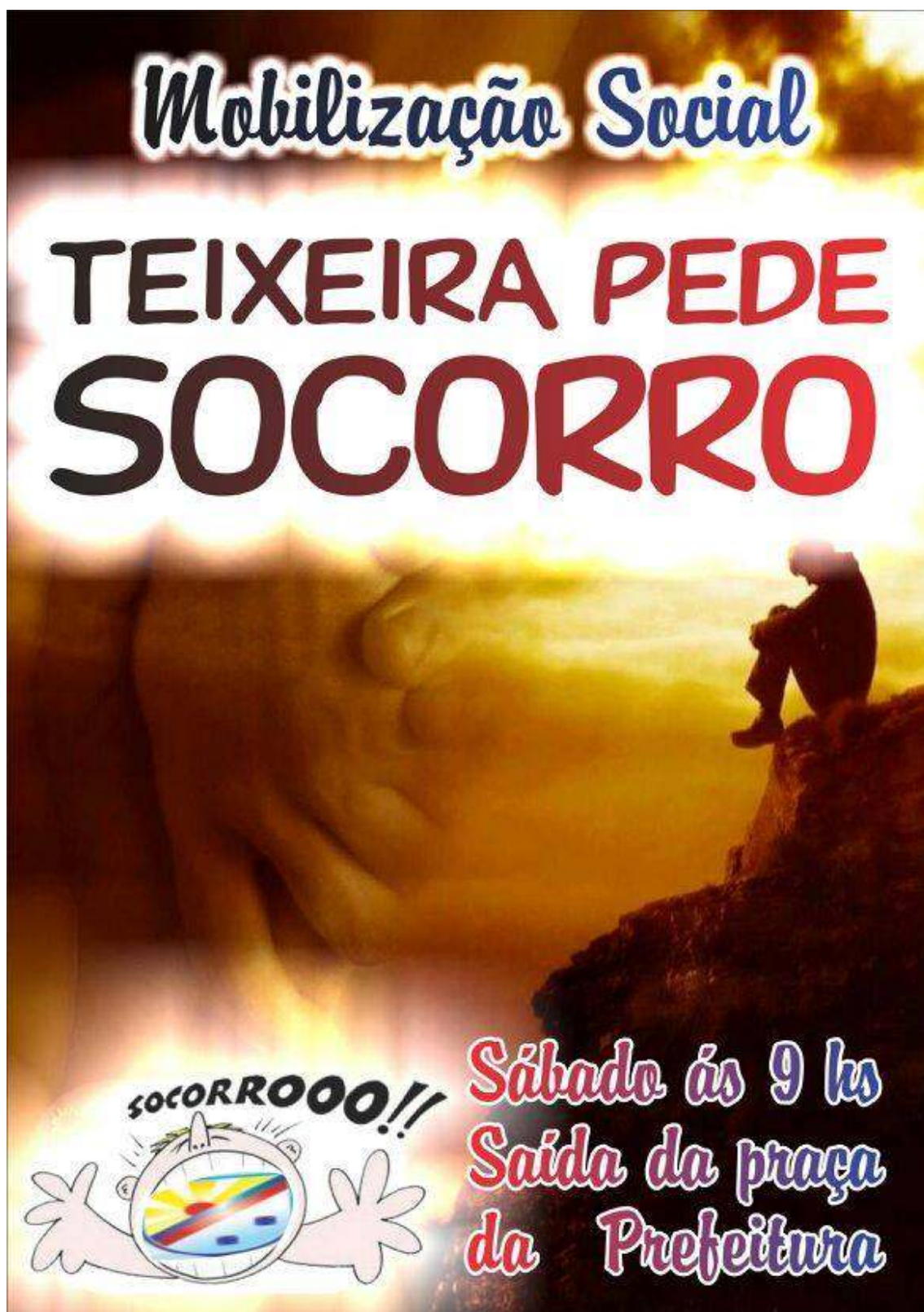
“A população em geral deve ficar atenta aos cuidados simples de segurança para evitar “golpes velhos”, em relação à saída do banco, ao estacionar o carro e não deixá-lo aberto, ou crianças esperando dentro do veículo, entre outros muitos conhecidos, evitando assaltos e roubos”, disse Coronel Calheiros.

O cidadão pode participar através de denúncias pelos telefones 190 e 3292-4569 (Polícia Militar), e 3011-2733 (Secretaria de Segurança com Cidadania).

FONTE:

MEDEIROS, Natália. **Teixeira de Freitas: Uma das cidades mais violentas da Bahia.** Disponível em: <<http://www.sulbahianews.com.br/policia/teixeira-de-freitas-uma-das-cidades-mais-violentas-da-bahia>> Acesso: 26/09/2013.

ANEXO L



Mobilização Social

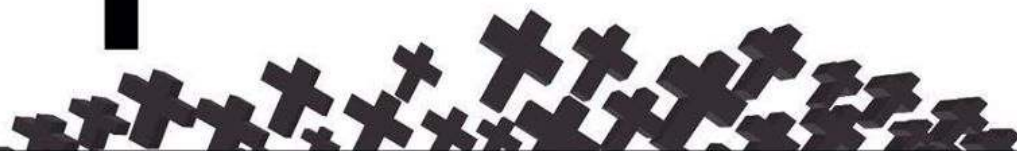
**TEIXEIRA PEDE
SOCORRO**

SOCORROOO!!

Sábado às 9 hs
Saída da praça
da Prefeitura

ANEXO M

é hora de parar!



A violência em Teixeira de Freitas
mata pessoas todos os dias!

Deus tenha misericórdia das famílias que ficam...

SÁBADO - 13h - Trevo da Pad. Pão Gostoso
07/02 **Venha de Preto**

#mobilização #teixeiradeluto #teixeiradefreitas

www.facebook.com/m.multiforme



ANEXO N

FEIRA DE SÁBADO: RETRATO DA MÁ EDUCAÇÃO DO MOTORISTA
TEIXEIRENSE

Da redação do Jornal Alerta. – 24 de julho de 2014



Carros e motos vêm de ambos os lados e se encontram na divisa formada pelo ônibus, não sendo possível romper esta barreira sem que um ou outro desista de passar, dê ré e ceda; enquanto o isso: o motorista do ônibus ninguém viu.

Teixeira de Freitas – Segundo relatório divulgado pela Tomtom – empresa holandesa de tecnologia de transporte – divulgado em 12 de novembro de 2013 sobre as piores cidades para dirigir no mundo, Rio de Janeiro e São Paulo aparecem no ranking das “10 mais” em 3º e 7º lugares, respectivamente; a capital fluminense perde apenas para Moscou e Istambul.

Conforme informações divulgadas na “Folha” na época, 169 países foram estudados com base em dados enviados por usuários de GPS da Tomtom que concordaram em ceder as informações de localização anonimamente. A matéria diz ainda: “A empresa não divulga o número de aparelhos que foram usados para o estudo, mas libera que 1,1 bilhão de ‘corridas’ compuseram os dados relacionados à capital paulista e 200 milhões os do Rio de Janeiro. A base são as ‘principais vias’ de cada metrópole. Compara-se a diferença entre a média de velocidade dos horários de pico (entre as 7h e as 11h e entre as 18h e as 22h) e a dos horários de trânsito livre”.

Trânsito mais violento do mundo

O Brasil é o terceiro país com o trânsito mais violento do mundo, tendo a imprudência como principal causa de acidentes. Teixeira de Freitas, embora não incluída no estudo da empresa holandesa, poderia, facilmente, estar entre as dez mais, tendo em vista o caos que é nosso trânsito, sobretudo, em locais como a Feira de Sábado, no Mercado Municipal, onde nossa equipe de reportagem flagrou diversas cenas de desrespeito às leis de trânsito que culminam em acidentes e desordem.

Mudaremos o tom de nossas matérias nesta, ao escrever com base em nossa opinião, que é consonante a de muitos usuários de trânsito que ouvimos ao longo de um mês – período em que nos dedicamos a ir à feira e analisar o comportamento dos motoristas –, além do que vivenciamos diariamente ao longo dos anos, seja como pedestres, seja como motoristas, somos participantes ativos deste trânsito. Verificamos na feira que as pessoas estacionam seus carros, muitos de porte grande, no meio da via, inviabilizando a passagem de outros veículos. Elas, parecendo alheias ao Código de Trânsito, se embrenham feira adentro e, enquanto isso, buzinações, xingamentos, engavetamentos ocorrem por conta do veículo erroneamente estacionado no meio da rua e – ainda – em local de muito movimento. Cabe citar ainda motoristas de ônibus que agem da mesma forma, muitas vezes, em ruas estreitas, “trancando” a via, causando confusão, pois, carros e motos vêm de ambos os lados e se encontram na divisa formada pelo ônibus, não sendo possível romper esta barreira sem que um ou outro desista de passar, dê ré e ceda; enquanto o isso: o motorista do ônibus ninguém viu.

Estes relatos são poucos e sucintos sobre tudo que acontece na Feira de Sábado e representam apenas a raiz dos males em nosso trânsito, eles deixam claro quão mal educados são nossos motoristas e, com isso, sabemos o porquê de tantos acidentes com vítimas fatais em Teixeira, cuja frota é de mais de 30 mil veículos e 15.507 (quinze mil e quinhentas) motos, além dos veículos de mais 12 municípios que aqui concentram suas compras. Há, também, aqueles que passam pela BR-101 e percorrem ruas da cidade, o que pode elevar para, aproximadamente, 70 mil este número – entre motos e carros. Entretanto, a falta de atenção de motociclistas e pedestres ainda é uma causa constante de acidentes, o que eleva as estatísticas nos hospitais e IML. De acordo matéria que divulgamos em 2012, Teixeira de Freitas, em 2011, teve registrado 1.804 acidentes de trânsito – a maioria deles acontecida na principal avenida da cidade, a Presidente Getúlio Vargas. Nos acidentes registrados naquele ano, estavam envolvidos “2.050 automóveis e 792 motocicletas, além do envolvimento também de cerca de 80 bicicletas e duas carroças. Quanto à inclusão de pedestres nos dados, ocorreram 70 atropelamentos, dos quais três resultaram em vítimas fatais, 25 ocasionados por motocicletas e 45 por carros. Ao todo, 401 pessoas foram lesionadas e 15 perderam suas vidas no trânsito da cidade no ano passado – as motocicletas foram responsáveis por 11 das mortes, e os veículos, quatro. Apenas nesse ano [2012], já aconteceram 215 acidentes e 2 mortes, causadas por colisão envolvendo motocicletas”.

Na época, fomos informados que 3.127 veículos foram notificados em 2011, “dentre os quais, foram flagrados 459 motoristas sem habilitação, 897 estacionados em local proibido e 441 sem portar o Certificado de Registro e Licenciamento de Veículos (CRLV)”, todavia, o número de motoristas sem habilitação não responde a uma de nossas indagações: os usuários de trânsito desconhecem o conteúdo do Código de Trânsito? Os dados apenas confirmam o que

sabemos: os habilitados (com Carteira Nacional de Habilitação) passaram por autoescola em sua grande maioria, mas, parecem ter esquecido e/ou não entendido a aplicabilidade das leis, bem como os riscos que assumem ao dirigir de forma irresponsável. A quantidade que dirige sem ter tirado CNH é ínfima diante da enorme frota de motos e carros que o município possui, restando a dúvida sobre a qualidade dos cursos de formação de condutores aqui ofertados, uma vez que, a grande maioria habilitada tirou a carteira nos últimos 10 anos, ou seja, está a par das alterações e sanções previstas nas leis de trânsito, exceto se a base – a formação – não está dando subsídios para formar um condutor cidadão. Ainda assim, fica a pergunta: para onde vai o que as pessoas estudam para passar na prova teórica do Detran? Estariam apenas decorando as leis, o que é passível de esquecimento, e não aprendendo, de fato?

Problema cultural / de geração em geração



Trânsito de terceiro mundo na Feira de Sábado em torno do Mercado.

Ao que parece, está se tornando um problema cultural – como tudo aquilo que começa a se arraigar no povo e é passado como herança maldita de geração em geração. No caso de nosso trânsito, não apenas decorar o CTB, que é diferente de aprender, comprovando a baixa maturidade dos recém-habilitados, a frase: “dirijo por mim e pelos outros” dita por 90 % dos condutores comprova a ciência da maioria sobre os perigos de trafegar em Teixeira, entretanto, demonstra a aceitação diante deste fato; o que é um problema. Ao aceitar, pouco é feito para dirigir diferente, aprender a forma correta, pois, tende-se a se adequar a uma maneira errada e defensiva de conduzir a fim de sanar os problemas impostos pelos “irresponsáveis”, embora contribua para não elevar ainda mais o número de acidentes. Veem-se muito motoristas falando

ao celular, motoqueiros idem – com o aparelho dentro do capacete, conversões proibidas, desrespeito à faixa e/ou, quando o motorista para, os motoqueiros ultrapassam e atropelam o pedestre, como acontece muito por aqui. Somam-se a isso os ciclistas que insistem em andar sempre na contramão e pedestres que preferem se arriscar atravessando em locais impróprios, enfim, tudo que é aprendido no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) é desrespeitado.

Esperança de que medidas mais duras sejam tomadas

Espera-se que medidas mais duras sejam tomadas pelos órgãos responsáveis, aqui e no país, e uma fiscalização mais efetiva ocorra, porque isto já diminuiria os erros mais comuns vistos em Teixeira, como dirigir e falar ao celular e as conversões em locais proibidos, por exemplo. Em âmbito nacional, o Projeto de Lei 3068/2011 do deputado Roberto de Lucena, por exemplo, altera a redação do art. 306 do CTB para permitir a prisão em flagrante do motorista que, em caso de embriaguez evidente, se recusar a prestar exame de aferição de alcoolemia. A prisão é feita mediante depoimento de duas testemunhas que confirmem a embriaguez evidente.

Também de sua autoria, o PL 2782/2011 aumenta as penas previstas no Código de Trânsito em um terço e prevê a cassação do documento de habilitação para motorista alcoolizado que estiver transportando criança com menos de doze anos. Por sua vez, o PL 2246/2011 autoriza a comutação da penalidade de suspensão do direito de dirigir em prestação de serviços comunitários na área de proteção e preservação ambiental conforme análise do prontuário do infrator.

FONTE:

REDAÇÃO. **Feira de Sábado:** retrato da má educação do motorista teixeirense. Disponível em <<http://www.jornalalerta.com.br/feira-de-sabado-retrato-da-ma-educacao-do-motorista-teixeirense/>> Acesso em: 11/05/2015.

ANEXO O

CHUVA FORTE VOLTA A ALAGAR SHOPPING TEIXEIRA MALL CENTER EM TEIXEIRA DE FREITAS

Portal SBN | Sistema Brasileiro de Notícias. 13/01/2016 17h50 - Atualizado em 13/01/2016 18h06



A tarde desta quarta-feira de 13 de janeiro de 2016 terminou com muita chuva forte em Teixeira de Freitas. Choveu bastante desde as 16h da tarde por toda a cidade e diversas ruas já estão alagadas. A situação é crítica no Shopping Teixeira Mall Center, localizado no centro de Teixeira de Freitas, onde comerciantes e populares ficaram ilhados depois de uma chuva de apenas 20 minutos que caiu no início da tarde.

Por telefone o prefeito de Teixeira de Freitas João Bosco que se encontra em Salvador buscando recurso na área de saúde para cidade, nos informou que esta situação é uma herança antiga, e que esta área foi contemplada com as obras do PAC2, obra que vai acabar de vez com o caos dos alagamentos em vários pontos da cidade inclusive este do centro.



FONTE:

REDAÇÃO. **Chuva forte volta a alagar Shopping Teixeira Mall Center em Teixeira de Freitas.** Disponível em: < <http://www.portalsbn.com.br/ba/noticia/chuva-forte-volta-a-alagar-shopping-teixeira-mall-center-em-teixeira-de-freitas> > Acesso em: 13/11/2016.

ANEXO P**PONTOS DE ALAGAMENTO EM TEIXEIRA DE FREITAS VIRAM RECLAMAÇÃO E ZOMBARIA NAS REDES SOCIAIS***20/08/2013 - às 15:08h**Por Repórter Coragem*

O problema da falta de infraestrutura que suporte uma chuva de pequena proporção é antigo, as reclamações e chacotas nas redes sociais postadas no final da manhã desta terça-feira, 20 de agosto, é que são novas.

Diversas fotos e publicações reclamando e ironizando pontos de alagamento registrados após uma chuva de poucos minutos, foram publicadas no Facebook, por moradores de vários bairros

de Teixeira de Freitas.



Além dos locais periféricos, as imagens também retratam problemas causados pela chuva na região central da cidade, nas ruas próximas a Praça Hilton Chicon, nas imediações do shopping.



Em um dos registros, o volume de água quase cobriu um veículo, em outras fotos, alguns carros precisaram invadir as calçadas para fugir da correnteza da enxurrada.

No bairro Bela Vista, onde a situação é bastante crítica em épocas de chuva, um morador encontrou a solução para se locomover. Com as ruas inundadas, o popular resolveu andar de canoa na rua Visconde Abaeté.



Nesse momento comprando peixe na mão do pescador, rua visconde abaete bela vista !!!



Curtir · Comentar · Compartilhar · há 51 minutos próximo a Japira · 🌐

👍 16 pessoas curtiram isso.

A foto se tornou zombaria, e um dos usuários da rede social, disse que o morador estava pescando no local. Outra usuária que precisava ir à Caixa Econômica, também brincou e disse que iria usar uma bóia para chegar até agência.



kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

há 26 minutos · Curtir

vou a e na caixa vo ter que leva minha boia

A lama também é outra reclamação das ruas não pavimentadas, durante os programas de rádio, os moradores aproveitaram os espaços cedidos pelos apresentadores para reclamar e pedir uma

solução para a falta de infraestrutura.



De acordo com a secretaria de Infraestrutura, o município possui um projeto para pavimentação de todas as ruas da cidade já contempladas com obras de esgotamento sanitário. O projeto, alçado em R\$ 214 milhões, que também abrange obras de requalificação de Áreas de Proteção Permanente, já teria sido cadastrado junto ao Ministério das Cidades em 05 de abril deste ano. A previsão para firmação de convênios para início das obras é para meados do ano de 2014.

Fonte Sul Bahia News

FONTE:

MENDES, Jotta. **Pontos de alagamento em Teixeira de Freitas viram reclamação e zombaria nas redes sociais.** Disponível em: <http://reportercoragem.com.br/geral/pontos-de-alagamento-em-teixeira-de-freitas-viram-reclamacao-e-zombaria-nas-redes-sociais/> Acesso em:22/08/2013.

ANEXO Q

CHUVAS: ESGOTO TRANSBORDA E ALAGA RUAS DO BAIRRO BELA VISTA

27/10/2011 12h10 - Atualizado em 08/03/2015 21h03 - Por Sulbahianews/Raíssa Félix



Há quase uma semana de chuvas constantes em Teixeira de Freitas, a deficiente infraestrutura de boa parte de suas vias começa a trazer grandes prejuízos aos moradores, conforme constatado por este portal de notícias nesta quarta-feira, 26 de outubro.

Uma localidade que tem enfrentado dificuldades em razão das chuvas é o bairro Bela Vista, especificamente nas ruas Graciliano Viana e Jequitibá, que inclusive já foram tema de reportagem, no mês de julho, devido ao esgoto que corre a céu aberto, e na ocasião interditava uma das vias.

O que ocorre é que as ruas ficam sempre intransitáveis quando chove forte, ou constantemente, e a água chega a invadir casas. “Essas duas ruas aqui enchem de água que você não consegue nem passar”, disse a moradora Lindalva Ribeiro.



O mais preocupante, entretanto, é fato de a água da chuva se misturar ao esgoto, que ainda não foi canalizado. “A água acaba carregando lixo para a boca de lobo, que entope e transborda. Aí, para você chegar em casa, tem que enfiar o pé nessa mesma água, misturada ao esgoto”, comentou transtornado Anderson dos Santos Pardino.

Na ocasião da primeira matéria veiculada acerca da citada localidade, o secretário de Infraestrutura de Teixeira de Freitas, Flávio Sampaio, afirmou que a Secretaria tem ciência dos casos de alagamento, e, por isso, procura manter sempre o local ‘limpo’.

É importante salientar que, embora a falta de planejamento e infraestrutura, ausência de esgotamento sanitário e pluvial das vias gerem o transtorno acima mencionado, o comportamento dos moradores e transeuntes que descartam irregularmente seu lixo é crucial para o agravamento dos problemas já existentes, causando, por exemplo, entupimento do único escape (boca de lobo) para a água que cai, represando-a.



Os moradores temem que a água contaminada venha a trazer doenças e contribuam para a proliferação de insetos. “A situação é horrível, o cheiro é insuportável. Nós já agüentamos

isso por muito tempo, mas alguém precisa tomar uma atitude e resolver esse problema de vez”, reclamou Anderson.

O secretário foi novamente procurado por nossa equipe, a fim de ceder informações sobre medidas que possam atenuar a situação vivida pelos moradores, mas o mesmo não foi encontrado.

FONTE:

FÉLIX, Raíssa. **Chuvas:** Esgoto transborda e alaga ruas do bairro Bela Vista. Disponível em:
< <http://sbn.jor.br/noticias/chuvas-esgoto-transborda-e-alaga-ruas-do-bairro-bela-vista> >
Acesso em: 09/03/2015.

ANEXO R

**MILHARES DE MANIFESTANTES PARTICIPARAM DA MANIFESTAÇÃO
PACÍFICA EM TEIXEIRA DE FREITAS**

Publicado por Fernanda Barros em: 19/06/2013







Ao som do Hino Nacional milhares de pessoas saíram às ruas agora há pouco em Teixeira de Freitas. Com faixas, cartazes, máscaras e gritos como “vem pra rua” a população protestava contra o fim da corrupção, o fim do monopólio da Viação Santa Clara no município, além de melhores condições na saúde, educação, segurança e transporte público.

A manifestação que segue o exemplo de várias cidades do país mostrou a força do povo que fez questão de pintar os rostos (foto 3) e ir para rua soltar a voz. Gente de todas as idades, jovens, crianças e até idosos e bebês. *“Fiz questão de trazer meu filho pra rua, é para ele crescer sabendo que tem direitos e que faz parte da história do país,”* disse a estudante Gisa Cristina Pedroso (foto 2).

As classes alta, média e baixa também se uniram para reivindicar melhores condições de vida. Da Praça da Prefeitura até o cruzamento da Avenida São Paulo com a Getúlio Vargas havia patrões, empregados, estudantes, donas de casa, representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (foto 4) e do ciclismo local (foto 5).

O assistente jurídico Eliabe Gomes resumiu o sentimentos de muitos que estavam no protesto pacífico. “Viemos para rua gritar pelos nossos direitos, queremos saúde, educação, segurança e infraestrutura de qualidade, a MRM, por exemplo, precisa saber que ela não pode simplesmente abrir buracos por aí e ficar por isso mesmo,” afirmou.

Mais detalhes da manifestação serão postadas nas primeiras horas de amanhã (20).

FONTE:

BARROS, Fernanda. **Milhares de manifestantes participaram da manifestação pacífica em Teixeira.** Disponível em: <<http://noticiaagora.net.br/blog/?p=8984>> Acesso em: 21/06/2013.

ANEXO S

PRAÇA DA COPA AGUARDA TEIXEIRENSES PARA TORCER PELO BRASIL

Teixeira de Freitas - Bahia | 23 de junho de 2014 - 14:40 |

Portal PMTX



A emoção promete ser forte hoje, a Seleção Brasileira enfrentará Camarões em busca da classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo 2014. E, em Teixeira de Freitas a emoção será maior ainda. Os teixeirenses têm local marcado para torcer, a Praça da Copa, onde será formado um único coro pela vitória do Brasil.

A Praça da Copa funciona na Praça da Bíblia com tela e som de cinema, estrutura coberta e decorada com o clima verde-amarelo. Espaço para quem quer levar a família, se encontrar com os amigos, torcer junto pelo Brasil.



O convite está feito, leve sua torcida, se cubra de verde amarelo e participe da maior torcida da região. É lazer, diversão, cultura. O jogo é as 17h e a transmissão acompanhará também o pré-jogo, sendo que as 16h, haverá apresentação do teatro de bonecos de Amaro Vicente Sant'Anna, do Departamento de Cultura da Prefeitura. Faça desta oportunidade uma festa e compareça à Praça da Copa.

FONTE:

Portal Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas. **Praça da Copa aguarda teixeirenses para torcer pelo Brasil.** Disponível em: <<http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/n/praca-da-copa-aguarda-teixeirenses-para-torcere-pelo-brasil/>> Acesso em: 12/05/2015.

ANEXO T

CRIANÇAS INDÍGENAS VOLTAM A FICAR VULNERÁVEIS EM PRAÇAS DA CIDADE

Por Sulbahianews/Petrina Nunes 08/04/2015 18h04 - Atualizado em 10/04/2015 14



O Sulbahia News flagrou, na manhã dessa quarta-feira, dia 08 de abril, crianças indígenas que montaram acampamento nos bancos e árvores da Praça da Bíblia, Centro de Teixeira de Freitas. No momento das fotos elas estavam acordando e, de acordo com informações, passaram a noite juntas na rua.

Naquele momento havia cerca de 10 crianças, entre bebês e adolescentes. Ainda foi informado que os pais estariam por perto, sendo que algumas adolescentes já eram mães de alguns bebês. Também recebemos a denúncia que elas realizam higiene pessoal em praça pública, e que fazem uso de álcool.



Os índios vêm constantemente para a cidade à procura de alimentos e roupas. Eles ficam em situação de mendicância e muitos não querem voltar para as tribos de origem. Algumas vezes, em outros momentos, fomos informados que a Secretaria de Assistência Social coloca os índios em um ônibus e os manda de volta para a suposta tribo de origem.

Dessa vez a equipe de reportagem ligou para o Conselho Tutelar e tentou denunciar a situação das crianças, mas fomos informados que o Conselho nem recebe mais esse tipo de denúncia, pois supostamente foram aconselhados a não lidar com crianças indígenas.

Tentamos contato por telefone com a FUNAI, às 16h30min e às 17 horas e não conseguimos ser atendidos. Fomos em busca do Ministério Público, para ter informações ou para denunciar os abusos a que essas crianças estão sujeitadas.



Criança indígena amarrada na Praça da Bíblia pela mãe em junho de 2014

Na promotoria da infância fomos informados que a FUNAI de Governador Valadares já está tomando providências junto às prefeituras do extremo Sul baiano para resolver o problema dessas tribos que migram para essa rota.

FONTE:

NUNES, Petrina. **Crianças indígenas voltam a ficar vulneráveis em praças da cidade.** Disponível em: < <http://www.sulbahianews.com.br/cidadania/criancas-indigenas-voltam-ficar-vulneraveis-em-pracas-da-cidade> > Acesso em: 10/04/2015.